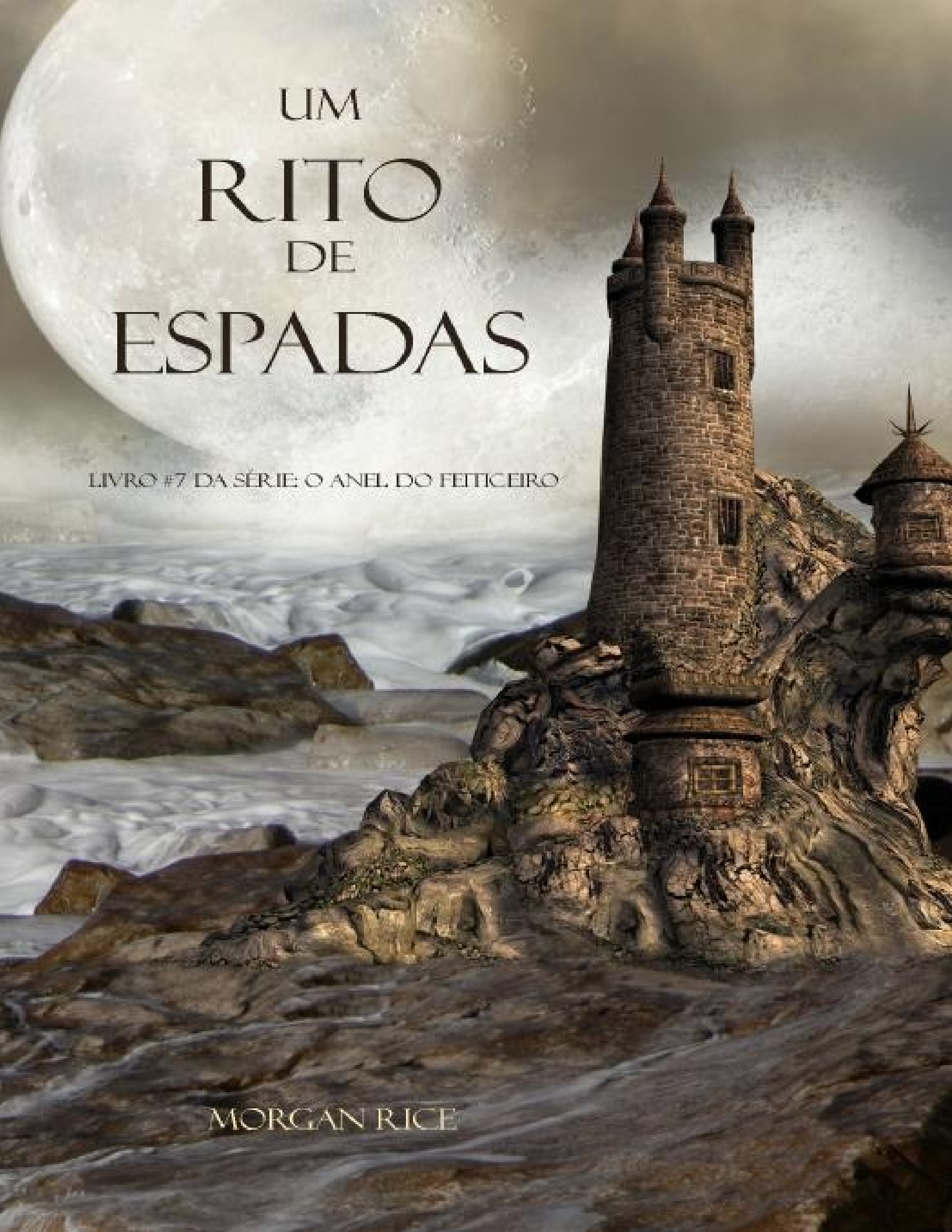

UM
RITO
DE
ESPADAS
LIVRO #7 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO
MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

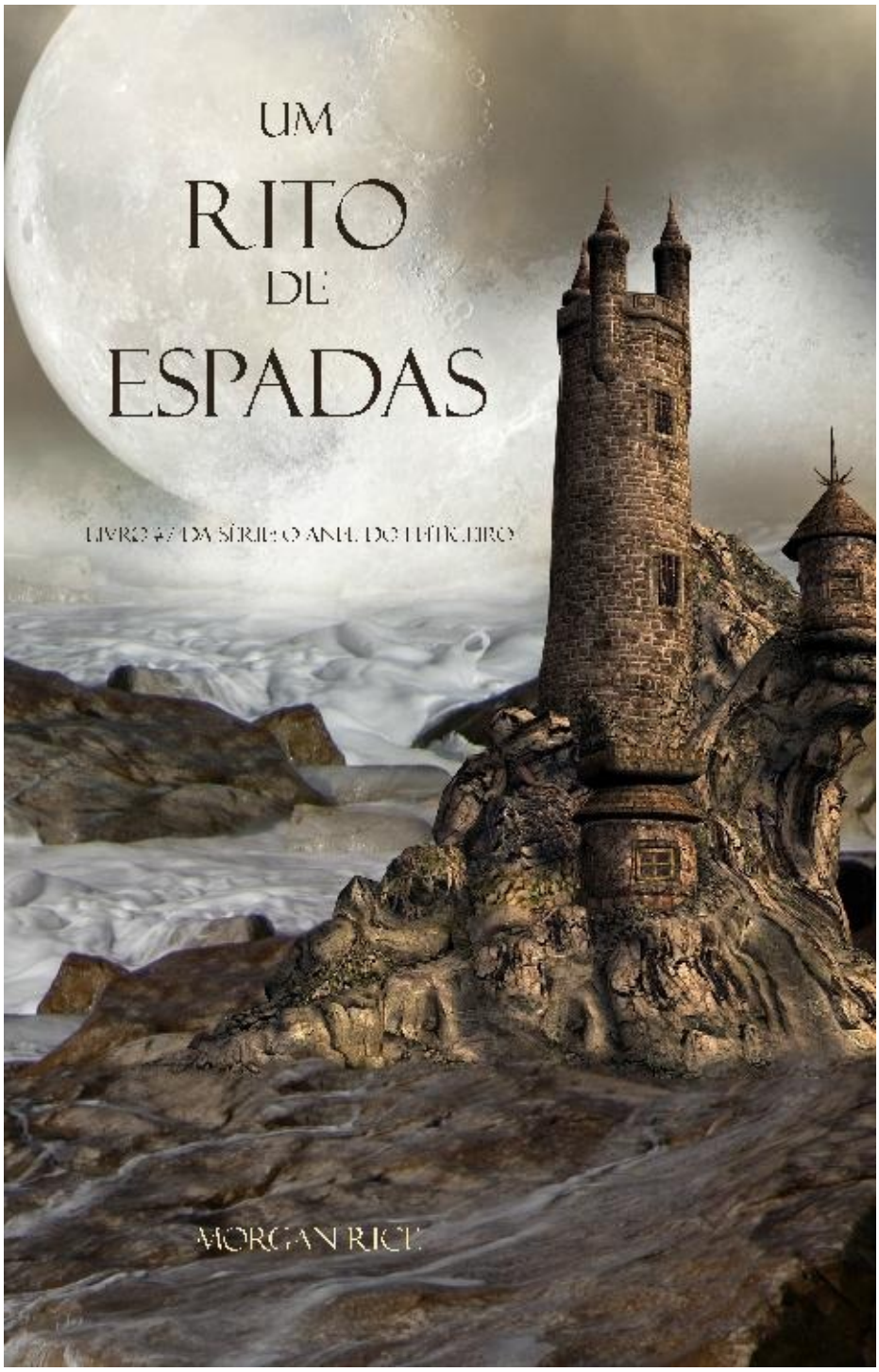
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Um R I T O d e E S P A

D A S

(LIVRO #7 DA SÉRIE: O ANEL DO

FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1

DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série #1 e best-seller - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); da série #1 e best-seller - O ANEL DO FEITICEIRO, composta por quatorze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: Alemão, Francês, Italiano, Espanhol, Português, Japonês, Chinês, Sueco, Holandês, Turco, Húngaro, Checo e Eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

TRANSFORMADA (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com, faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira

mão, conecte-se ao Facebook e Twitter e permaneça em contato!

Crítica aclamada sobre Morgan Rice

“Uma fantasia vivaz que tece elementos de mistério e intriga em sua linha de história. EM BUSCA DE HERÓIS se enfoca em armar-se de coragem e viver uma vida com propósito que leva ao crescimento, a maturidade e a excelência... Para aqueles que buscam aventuras e fantasia substanciais, os protagonistas; o estratagema e a ação fornecem um conjunto vigoroso de encontros que se concentram na evolução de Thor, de um garoto sonhador para um jovem adulto que enfrentará enormes adversidades para sobreviver... Isso é apenas o começo do que promete ser uma série épica juvenil.

Midwest Book Review (D. Donovan, e-Book Reviewer)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, enganos e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia”

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

“Uma divertida fantasia épica Morgan Rice [O ANEL DO FEITICEIRO] inclui traços clássicos do gênero e uma ambientação consistente fortemente inspirada na Escócia antiga e sua história, além de uma boa dose de intrigas da corte.”

— *Kirkus Reviews*

“Eu amei a maneira como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. A paisagem e as criaturas que a ocupam foram muito bem descritas… Eu gostei muito [da trama]. Ela é curta e doce… A quantidade de personagens secundários é simplesmente a adequada, assim eu não me confundo com eles. Há aventuras e momentos angustiantes, mas a ação descrita não chega a ser grotesca. O livro seria perfeito para um leitor adolescente… O início de algo notável está ali…”

--*San Francisco Book Review*

“Neste primeiro livro cheio de ação, da série de fantasia épica O Anel do Feiticeiro, (composta atualmente por 14 ótimos livros), Morgan Rice apresenta aos leitores um jovem de 14 anos de idade: Thorgrin “Thor” McLeod,

cujo sonho é juntar-se à Legião do Exército

Prata, os cavaleiros de elite que servem ao rei...

O estilo de Rice é sólido e a premissa é

intrigante. ”

--*Publishers Weekly*

“[EM BUSCA DE HERÓIS] é uma série rápida e fácil de ler. Os finais dos capítulos estão

escritos de maneira a instigar você a seguir

lendo para ver o que acontece e fazem com que

você não queira soltar o livro. Há alguns erros no livro e alguns nomes estão misturados, mas

isso não distrai da narrativa geral. O final do livro me fez querer começar a ler o seguinte

livro imediatamente, e foi isso o que eu fiz.

Todos os nove livros da série O Anel do

Feiticeiro podem ser comprados atualmente na

loja do Kindle e Em Busca de Heróis já está

disponível em forma gratuita para que você

possa começar sua leitura! Se você estiver

buscando uma leitura rápida e divertida durante as férias, este livro vai lhe proporcionar isso perfeitamente.”

--*FantasyOnline.net*

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS

(Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

DESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)

JURADA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)





Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO

em formato audiobook!!

Agora disponível em:

Amazon

Audible

iTunes

Copyright © Morgan Rice 2013

Todos os direitos reservados. Exceto os

permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta

publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu

usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje

compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia.

Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens,

empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são

utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem da capa é de justdd, e usada sob

licença da Shutterstock.com

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

“Que tendes a confiar-me?
Sendo assunto do bem público,
em frente de um dos olhos me pões a
honra
e diante do outro a feia morte,
e eu olharei para ambas
indiferentemente.
Sejam-me em tudo os deuses favoráveis,
como a honra prezo e a morte eu não
receio.”

--William Shakespeare

Júlio César

CAPÍTULO UM

Thorgrin estava montado nas costas
de Mycoples, ela voava através da
enorme extensão dos campos do Anel,
rumo ao Sul, dirigindo-se ao lugar onde
Gwendolyn pudesse estar. Thor agarrava

fortemente a Espada do Destino, ele olhou para baixo e viu esparramada, a expansão infinita composta por um milhão de homens do exército de Andronicus, ela cobria o anel como se fosse uma praga de gafanhotos. Ele sentiu o pulsar da espada na palma da mão e sabia o que ela estava pedindo-lhe para fazer. Proteger o Anel. Expulsar os invasores. Era quase como se a espada estivesse ordenando-o a fazer isso — algo que Thor faria de bom grado. Muito em breve, Thor daria a volta e faria com que todos e cada um dos invasores pagassem caro. Agora que o escudo protetor havia sido restaurado, Andronicus e seus homens estavam presos; já não era possível que mais reforços do Império pudessem ingressar ao Anel e Thor não descansaria até matar todos e cada um dos homens do Império.

Mas ainda não era o tempo de matar. A prioridade de Thor era o seu único e verdadeiro amor, a mulher por quem ele

havia estado ansiando desde que tinha
havia deixado aquelas fronteiras:
Gwendolyn. Thor morria de vontade de
vê-la mais uma vez, morria de vontade de abraçá-la e de saber que ela estava
viva. Dentro do bolso de sua camisa, o
anel de sua mãe ardia e ele mal podia
esperar para dá-lo a Gwen, ele mal
podia esperar para professar seu amor e
pedi-la em casamento. Ele queria que
ela soubesse que nada havia mudado
entre eles, independentemente do que
pudesse ter acontecido com ela. Thor
ainda a amava tanto ou ainda mais do
que antes e ele precisava que Gwen se
convencesse disso.
Mycoples roncou suavemente e Thor
pôde sentir a vibração através das
escamas dela. Thor percebia que
Mycoples também estava ansiosa para
chegar até Gwendolyn, antes que algo
acontecesse com ela. Mycoples descia e ia traçando seu caminho dentro e fora
das nuvens, batendo suas grandes asas.
Ela parecia contente de estar ali, dentro
do Anel, levando Thor. O vínculo entre
ela e Thor simplesmente ia ficando cada

vez mais forte; Thor sentia que
Mycoples compartilhava todos os seus
pensamentos e desejos. Era como
montar em uma extensão de si mesmo.
Os pensamentos de Thor foram se
desviando de Gwendolyn enquanto ele
voava entrando e saindo das nuvens. As
palavras da ex-rainha dominavam seus
pensamentos e se repetiam em sua
mente, por mais que Thor desejasse
calá-las. A revelação da ex-rainha lhe
doía muito além do que ele poderia imaginar. Andronicus? Seu pai?
Não era possível. Uma parte de Thor
esperava que fosse apenas mais um dos
jogos psicológicos e cruéis da ex-
rainha, quem, afinal, o havia odiado
desde o início. Talvez ela quisesse
inculcar falsos pensamentos em sua
mente para poder perturbá-lo e mantê-lo
longe de sua filha, qualquer que fossem
os seus motivos. Thor queria
desesperadamente acreditar que as
coisas eram assim.
Mas bem no fundo, quando a ex-
rainha havia dito aquelas palavras, elas

tinham ressoado dentro do corpo e da alma de Thor. Ele sentia que tais palavras podiam ser verdadeiras. Por mais que desejasse pensar o contrário, Thor soube — no exato segundo em que a ex-rainha as havia pronunciado — que Andronicus, de fato, era o seu pai.

O pensamento pairava sobre Thor como um pesadelo. Ele sempre havia esperado e rezado, em algum lugar no fundo de sua mente, para que o seu verdadeiro pai fosse o Rei MacGil e também havia rezado para que de alguma forma Gwen não fosse realmente filha do Rei, assim os dois poderiam ficar juntos. Thor sempre tinha esperança de que no dia em que ele soubesse quem seu pai realmente era, tudo faria sentido no mundo e o seu destino se tornaria claro.

Saber que seu pai não era um herói era uma coisa. Ele poderia aceitar isso. Mas ao saber que seu pai era um monstro — o pior de todos os monstros — o homem que Thor, mais do que tudo queria ver morto, era demais para ele.

Thor tinha o sangue de Andronicus em

suas veias. O que isso poderia significar? Será que isso significava que ele, Thor, também estava destinado a se tornar um monstro? Isso significaria que ele tinha alguma má inclinação oculta em suas veias? Será que Thor estava destinado a se tornar como ele? Ou seria possível que ele pudesse ser diferente do pai, apesar de compartilhar seu sangue? Será que o destino viajava através do sangue? Ou será que cada geração traçava o seu próprio destino?

Thor também se esforçava para entender como tudo isso se relacionava com a Espada do Destino. Se a lenda fosse verdadeira ao afirmar que só um MacGil poderia empunhá-la, significaria então que Thor era um MacGil? Se assim fosse, como poderia Andronicus ser seu pai? Não seria possível que Andronicus, de alguma forma, fosse um MacGil?

Pior ainda, como poderia Thor compartilhar uma notícia dessas com Gwendolyn? Como ele poderia dizer-lhe

que ele era o filho de seu inimigo mais odiado? O filho do homem que a havia atacado? Certamente, ela odiaria Thor.

Ela iria ver o rosto de Andronicus toda vez que ela olhasse para Thor. Mesmo assim, Thor tinha de contar-lhe, ele jamais conseguiria ocultar esse segredo dela. Será que ele arruinaria seu relacionamento?

O sangue de Thor fervia de raiva.

Ele queria golpear Andronicus por ser seu pai, por ter feito tanto mal a ele.

Enquanto voavam, Thor olhava para baixo e examinava a terra. Ele sabia que Andronicus estava lá embaixo, em algum lugar. Muito em breve, Thor iria vê-lo cara a cara. Ele iria encontrá-lo, confrontá-lo e matá-lo.

Mas primeiro ele tinha de encontrar Gwendolyn. Eles atravessavam a Floresta do Sul e Thor sentia que ela estava perto. Ele tinha uma sensação de vazio no peito, a sensação de que algo horrível estava prestes a acontecer com ela. Ele pediu a Mycoples para voar mais e mais rápido, sentindo que qualquer momento poderia ser o último

momento de Gwendolyn.

CAPÍTULO DOIS

Gwendolyn estava sozinha no parapeito superior da Torre de Refúgio, vestida com as vestes pretas que as freiras tinham lhe dado. Ela já estava sentindo como se tivesse estado ali por toda a vida. Ela havia sido recebida em silêncio por apenas uma freira, sua guia, a qual havia falado com ela apenas uma vez, para instruí-la sobre as regras do lugar: não estava permitido falar, nem interagir com nenhuma das mulheres. Cada mulher vivia ali em seu próprio universo separado. Cada mulher queria estar sozinha. Aquela era uma torre de refúgio, um lugar para aquelas que buscavam a cura. Ali, Gwendolyn estaria a salvo de todos os males do mundo. Mas também estaria sozinha. Completamente sozinha.

Gwendolyn entendeu tudo muito bem. Ela também desejava estar sozinha.

Ela ficou ali, no topo da torre, olhando para a vista deslumbrante das copas das árvores da floresta do Sul do

Anel e se sentia mais sozinha do que nunca. Ela sabia que deveria ser forte, sabia que ela era uma lutadora. Ela era a filha de um rei e mulher, ou quase mulher de um grande guerreiro.

Mas Gwendolyn tinha de admitir que por mais que ela desejasse ser forte, seu coração e seu espírito ainda estavam feridos. Ela morria de saudades de Thor e temia que ele nunca voltasse para ela.

E mesmo que ele voltasse, Gwen temia que ele nunca mais desejasse estar ao seu lado novamente, quando ele descobrisse o que tinha acontecido com ela.

Gwen também sentia um grande vazio sabendo que Silésia tinha sido destruída, que Andronicus tinha sido vitorioso e que todos os seus entes queridos ou haviam sido capturados ou já estavam mortos. Andronicus estava em toda parte agora. Ele havia ocupado o Anel completamente e não restava mais nenhum lugar para onde ir. Gwen se sentia sem esperanças, exausta; muito esgotada para alguém de sua idade. Pior

ainda, ela sentia que havia
decepcionado todo mundo; ela sentia
que era como se já tivesse vivido muitas vidas, ela já não queria ver mais nada.
Gwendolyn deu um passo à frente e
subiu na borda, na borda do parapeito,
além dos limites onde ela poderia estar.
Ela abriu os braços lentamente e
estendeu as palmas das mãos para cima.
Ela sentiu uma rajada de vento frio, dos
ventos gelados do inverno. Eles
afetaram o seu equilíbrio e ela balançou
à beira do precipício. Ela olhou para
baixo e viu a o abismo profundo aos
seus pés.
Gwendolyn olhou para o céu e
pensou em Argon. Ela se perguntava
onde ele estaria, se ele estaria preso em
seu próprio universo, cumprindo sua
punição por causa dela. Ela daria
qualquer coisa para vê-lo ali, para ouvir a sabedoria dele por última vez. Talvez
isso a salvasse e fizesse com que ela
desse a volta.
Mas ele se havia ido. Ele também
tinha pagado um alto preço e não podia
voltar.

Gwen fechou os olhos e pensou mais uma vez em Thor. Se tão somente ele estivesse ali, ele poderia mudar tudo. Se ao menos houvesse uma pessoa viva no mundo que realmente a amasse, talvez isso lhe desse uma razão para continuar a viver. Ela olhou para o horizonte, esperando além da razão, poder ver Thor. Quando olhou para as nuvens que se moviam rapidamente, Gwen pensou ter ouvido vagamente, em algum lugar no horizonte, o rugido de um dragão. Era tão distante, tão suave, ela devia estar imaginando coisas. Era apenas sua mente pregando peças nela. Ela sabia que não era possível que algum dragão estivesse ali, dentro do Anel. Da mesma forma que ela sabia que Thor estava longe, perdido para sempre no Império, em algum lugar de onde ele nunca mais voltaria.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Gwen enquanto ela pensava em Thor, na vida que poderiam ter tido. Eles haviam estado tão unidos antes. Ela imaginou o olhar em seu rosto, o som de sua voz,

seu riso. Ela tinha estado tão segura de que eles eram inseparáveis, segura de que nada nunca iria arrancar um do outro.

"THOR!" Gwendolyn jogou a cabeça para trás e gritou, balançando na borda. Ela desejou ardentemente que ele voltasse para ela.

Mas a voz dela ecoou no vento e desvaneceu. Thor estava a um mundo de distância.

Gwendolyn se inclinou e segurou o amuleto que Thor havia lhe dado, aquele que tinha salvado sua vida uma vez. Ela sabia que sua única chance tinha sido utilizada. Agora, não havia mais chances.

Gwendolyn olhou para baixo por cima da borda e viu o rosto de seu pai.

Ele estava cercado por uma luz branca e estava sorrindo para ela.

Ela se inclinou para frente e ficou com um pé pendurado sobre a borda, enquanto fechava os olhos para a brisa.

Ela pairava ali, presa entre dois mundos, entre os vivos e os mortos. Ela estava perfeitamente equilibrada, mas

ela sabia também que a próxima rajada de vento iria decidir por ela, em que direção ela iria.

Thor, pensou ela. *Perdoe-me.*

CAPÍTULO TRÊS

Kendrick cavalgava diante do vasto e crescente exército de MacGils, silesianos e conterrâneos libertos do Anel enquanto todos eles saíam pelos portões principais de Silésia em direção à estrada larga que os levava ao Leste, para encontrar o exército de Andronicus. Ao lado dele cavalgavam Srog, Brom, Atme e Godfrey e atrás deles, Reece, O'Connor, Conven, Elden e Indra, além de milhares de guerreiros. Enquanto cavalgavam, eles passavam ao lado dos corpos carbonizados de milhares de soldados do Império, eles estavam negros e rijos, queimados pelo sopro das labaredas do dragão; os outros jaziam mortos, marcados pela Espada do Destino. Thor havia desencadeado ondas de destruição, como se fosse um exército de um homem só. Kendrick processava os acontecimentos e estava

completamente admirado com o alcance da destruição de Thor, o poder de Mycoples e da Espada do Destino. Kendrick estava maravilhado com o rumo dos acontecimentos. Há apenas alguns dias, todos tinham sido presos sob o jugo de Andronicus e forçados a admitir a derrota; Thor ainda se encontrava no Império, a Espada do Destino não passava de um sonho perdido e havia pouca esperança de seu retorno. Kendrick e os outros tinham sido crucificados e abandonados para morrer na cruz e parecia que tudo estava perdido. Mas agora eles cavalgavam novamente como homens livres, como soldados e cavaleiros, todos revigorados pela chegada de Thor e a maré dos acontecimentos agora era favorável para eles. Mycoples tinha sido uma dádiva de Deus, uma força de destruição que havia caído do céu; a cidade de Silésia agora permanecia livre e o interior do Anel, em vez de estar repleto de soldados do Império,

estava cheio com os cadáveres de seus homens. A estrada que levava ao Leste estava coberta com seus cadáveres, até onde a vista alcançava.

No entanto, por mais encorajador que tudo isso fosse, Kendrick sabia que meio milhão de homens de Andronicus estava à espera deles, do outro lado das montanhas. Eles tinham sido repelidos temporariamente, mas ainda não tinham sido totalmente exterminados. Kendrick e os outros não iriam se contentar com ficar esperando sentados em Silésia que Andronicus se reagrupasse e atacasse mais uma vez. Eles tampouco lhe dariam a menor chance de escapar e recuar para o Império. O Escudo estava ativo e mesmo que Kendrick e os outros estivessem superados em número pelos homens do Império, pelo menos agora eles teriam uma chance de lutar. Agora, o exército de Andronicus estava em fuga e Kendrick e os outros estavam determinados a continuar com a série de vitórias que Thor tinha começado.

Kendrick olhou por cima do ombro para os milhares de soldados e homens

livres que cavalgavam com ele e viu a determinação em seus rostos. Todos eles tinham provado a escravidão, provado o sabor da derrota e agora ele podia ver o quanto todos eles apreciavam mais uma vez sua liberdade. Liberdade não apenas para si mesmos, mas também para suas esposas e famílias. Todos e cada um deles estavam amargurados e determinados a fazer com que Andronicus pagasse por tudo o que havia feito, além de assegurar-se de que ele não atacaria novamente. Aquele era um exército de homens prontos para lutar até a morte e todos cavalgavam como se fossem um só. Em todos os lugares por onde cavalgavam, eles libertavam mais e mais homens, livrando-os de suas obrigações enquanto absorviam novos membros e formavam um exército imenso que ficava cada vez maior.

O próprio Kendrick ainda estava se recuperando de seu tempo na cruz. Seu corpo ainda não estava tão forte como era antes e a dor em seus pulsos e

tornozelos, machucados pelas cordas,
ainda era muito persistente. Ele olhou
para Srog, Brom e Atme, seus vizinhos
durante o tempo em que ele esteve na
cruz, ele viu que eles também já não
eram tão fortes quanto tinham sido
anteriormente. A crucificação tinha cobrado um alto tributo sobre todos
eles. No entanto, todos eles ainda
cavalgavam orgulhosamente, animados.
Não havia nada como a chance de lutar
pela vida e a chance de obter vingança,
para fazer com que alguém se
esquecesse de seus ferimentos.
Kendrick estava radiante por ter seu
irmão mais novo Reece e os outros
irmãos da Legião, os quais haviam
regressado de sua missão, todos
cavalgando ao seu lado, mais uma vez.
Ele tinha ficado destroçado ao observar
o massacre dos soldados da Legião ali
em Silésia, então ter aqueles homens de
regresso a casa aliviava um pouco a sua
dor. Ele sempre esteve perto de Reece
enquanto ele crescia, Reece havia sido seu protetor e tinha assumido o papel de
um segundo pai para ele, durante todo o

tempo em que o Rei MacGil tinha estado muito ocupado. Em alguns aspectos, o fato de que Reece era apenas seu meio-irmão tinha permitido a Kendrick achegar-se mais a ele; não havia nenhuma pressão para que eles fossem mais unidos, então eles se tornaram achegados de uma maneira totalmente natural. Kendrick nunca tinha sido capaz de achegar-se aos seus outros irmãos mais jovens — Godfrey havia passado seu tempo com aqueles desajustados na taverna e Gareth, bem Gareth era Gareth. Reece tinha sido o único dos irmãos que tinham abraçado o campo de batalha e que queria levar a mesma vida que Kendrick também tinha escolhido. Kendrick não poderia estar mais orgulhoso dele.

No passado, quando Kendrick tinha cavalgado com Reece, ele sempre tinha sido seu protetor, sempre tinha estado de olho nele; mas desde o seu retorno, Kendrick podia ver que Reece tinha se tornado um verdadeiro guerreiro, ele estava mais aguerrido, por isso

Kendrick já não sentia a necessidade de estar pendente dele. Ele se perguntava que tipo de penúrias Reece devia ter sofrido no Império para que ele fosse transformado em um guerreiro tão endurecido e habilidoso. Kendrick estava ansioso para sentar-se com ele e ouvir suas histórias.

Kendrick estava radiante por ver que Thor também estava de volta, não só porque Thor os havia libertado, mas também porque ele gostava e respeitava Thor imensamente e se preocupava com ele como se fosse seu irmão. Kendrick ainda reproduzia em sua mente a imagem de Thor dando a volta e empunhando a espada. Ele não conseguia superar isso. Era uma visão que ele jamais esperava ver em sua vida; na verdade, ele nunca esperou poder ver *alguém* empunhar a Espada do Destino, muito menos Thor, seu próprio escudeiro, um menino franzino e humilde de uma aldeia agrícola da periferia do Anel. Um forasteiro. Alguém que nem sequer era um MacGil.

Ou seria?

Kendrick ficou imaginando. A lenda continuou dando voltas em sua mente: apenas um MacGil poderia empunhar a espada. No fundo de seu coração, Kendrick tinha de admitir que ele sempre esperou que ele mesmo pudesse ser o único capaz de empunhá-la. Ele esperava que isso fosse o selo final sobre sua legitimidade como um verdadeiro MacGil, como o filho primogênito. Ele sempre tinha sonhado que de alguma forma, um dia, as circunstâncias lhe permitiriam tentar. Mas ele nunca tinha tido essa chance e tampouco invejava Thor por ter realizado tal façanha. Kendrick não era mesquinho; pelo contrário, ele maravilhava-se com o destino de Thor. No entanto, ele não podia compreendê-lo. A lenda seria falsa? Ou Thor seria um MacGil? Como isso era possível? A menos que Thor também fosse filho do rei MacGil. Kendrick ponderava. Seu pai tinha sido conhecido por dormir com muitas mulheres fora de seu casamento, e de fato, foi em uma dessas aventuras

que o próprio Kendrick tinha sido concebido.

Seria por isso que Thor havia saído correndo de Silésia, depois de falar com sua mãe, a ex-rainha? O que eles haviam discutido, exatamente? Sua mãe não lhe diria. Aquela era a primeira vez que ela ocultava um segredo dele, de todos eles. Por que agora? Que segredo ela estaria escondendo? O que ela poderia ter dito, que tinha feito Thor fugir assim, deixando a todos sem dizer uma palavra?

Tudo isso fez Kendrick pensar em seu próprio pai, em sua própria linhagem. Por mais que ele desejasse o contrário, ele queimava por dentro com a ideia de que ele era um filho ilegítimo. Pela milionésima vez ele se perguntou quem seria sua verdadeira mãe. Ele tinha ouvido vários rumores ao longo de sua vida sobre diferentes mulheres com quem o seu pai, o Rei MacGil, tinha dormido, mas ele nunca soube ao certo.

Kendrick decidiu que quando tudo se

acalmasse — se é que isso sucederia —
e as coisas no Anel voltassem ao
normal, ele iria descobrir com certeza
quem era sua mãe. Então ele iria
confrontá-la. Ele iria perguntar-lhe por
que ela o havia deixado, porque ela
nunca tinha sido uma parte de sua vida.
Como ela conheceu seu pai. Ele
realmente só queria conhecê-la; queria
simplesmente ver o rosto dela; ver se
ele se parecia com ela e fazer com que
ela lhe dissesse que ele era de fato um
filho legítimo, tão legítimo como
qualquer outra pessoa.
Kendrick estava contente com o fato
de que Thor tinha voado para longe para
recuperar Gwendolyn, mas uma parte
dele também desejava que Thor tivesse
ficado. Eles estavam lançando-se em uma batalha contra dezenas de milhares
de homens de Andronicus e o número de
seus soldados era bem menor. Kendrick
sabia que eles precisavam de Thor e de
Mycoples agora mais do que nunca.
Mas Kendrick nasceu e foi criado
como um guerreiro e ele não era homem

de sentar-se e esperar que os outros
travassem suas batalhas no lugar dele.
Em vez disso, ele fez o que seu instinto
lhe mandou fazer: cavalgar para
enfrentar e conquistar o máximo do
exército do Império que fosse possível,
com seus próprios homens. Ele não tinha
armas especiais, tais como Mycoples ou
a Espada do Destino, mas ele tinha suas
próprias mãos, as mesmas que ele tinha
usado desde que era um garoto. E isso sempre tinha sido suficiente.
Eles subiram uma colina e ao chegar
ao topo, Kendrick olhou para o
horizonte e viu ao longe uma pequena
cidade MacGil: Lúcia, a primeira
cidade ao leste de Silésia. Os cadáveres
do Império bordejavam a estrada, era
evidente que a onda de destruição
causada por Thor tinha terminado ali.
No horizonte distante, Kendrick podia
ver um batalhão de homens do exército
de Andronicus recuando, cavalgando
para o Leste. Ele supôs que eles estavam
voltando para o acampamento principal
de Andronicus, para a segurança do

outro lado das montanhas. O corpo
principal do exército estava em retirada,
mas eles tinham deixado para trás uma divisão menor para tomar Lúcia.
Milhares de homens de Andronicus
estavam estabelecidos na cidade,
montando guarda diante dela. Igualmente
visíveis estavam os seus cidadãos,
escravizados pelos soldados.
Kendrick se lembrou do que tinha
acontecido com os cidadãos de Silésia,
de como eles tinham sido tratados e seu
rosto ficou vermelho devido ao seu
desejo de vingança.
“ATACAR!” Kendrick exclamou.
Ele levantou sua espada bem alto e
atrás dele ouviram-se os gritos
vigorosos de milhares de soldados.
Kendrick esporou seu cavalo e todos
eles correram simultaneamente,
descendo a colina, indo para Lúcia. Os dois exércitos se prepararam para
enfrentar-se e apesar de estarem
igualados em termos de números,
Kendrick sabia muito bem que eles não
estavam igualados em termos de
motivação. Essa divisão remanescente

do exército de Andronicus era formada
por invasores em fuga, ao passo que
Kendrick e seus homens estavam prontos
para lutar por suas próprias vidas,
prontos para proteger sua terra natal.
Seu grito de guerra subiu aos céus
quando eles avançaram para os portões
de Lúcia. Eles vieram tão rápido que
várias dezenas de soldados do Império
que estavam montando guarda, se
viraram e se entreolharam em total
confusão. Era evidente que eles não esperavam aquele ataque. Os soldados
do Império deram a volta, correram para
dentro dos portões e giraram
furiosamente as manivelas para baixar a
ponte levadiça.
Mas eles não foram suficientemente
rápidos. Vários dos arqueiros de
Kendrick lideravam o caminho, eles
dispararam habilmente suas flechas, as
quais atingiam certeiramente o peito, as
costas e os pontos fracos das armaduras
dos homens do Império, matando-os
instantaneamente. Kendrick arremessou
uma lança e o mesmo fez Reece ao lado

dele. Kendrick encontrou seu alvo: um grande guerreiro que apontava com um arco. Ele ficou impressionado ao ver a facilidade com que Reece arremessou sua lança e atravessou o coração de outro soldado. O portão permaneceu aberto e os homens de Kendrick não hesitaram. Com um grande grito de guerra, eles irromperam pelos portões, dirigindo-se diretamente para o coração da cidade, não dispostos a recuar diante de um confronto.

Ouviu-se um grande ruído de metal contra metal quando Kendrick e os outros levantaram espadas, machados, lanças e alabardas ao encontrar-se com milhares de soldados do Império que avançaram contra eles em seus cavalos. Kendrick foi o primeiro a fazer impacto, ele levantou seu escudo e bloqueou um golpe, ao mesmo tempo em que brandia sua espada e matava dois soldados. Sem hesitar, ele se virou e bloqueou outro golpe de espada, logo depois ele enfiou a espada na barriga de um soldado do Império. Enquanto o homem morria, Kendrick pensava em vingança; ele

pensava em Gwendolyn, em seu povo,
em todas as pessoas do Anel que haviam
sofrido.
Reece, ao lado dele, balançou sua
maça e golpeou um soldado em um lado
de sua cabeça, derrubando-o do cavalo,
logo depois ele levantou seu escudo e
bloqueou um golpe lateral. Ele girou sua
maça ao redor e abateu o seu atacante.
Elden, ao lado dele, correu para a frente
com seu grande machado e desceu-o
sobre um soldado que apontava para
Reece, o machado perfurou o escudo do soldado e atingiu seu peito.
O'Connor disparou várias flechas
com uma precisão mortal, mesmo para
uma distância tão pequena, já Conven
lançava-se para a batalha e lutava de
forma imprudente, ele ia avançando
mais que todos os demais homens, sem
nem mesmo se preocupar em levantar
seu escudo. Ao invés disso, ele brandia
duas espadas enquanto se dirigia para o
grosso dos soldados do Império, como
se quisesse morrer. Mas,
surpreendentemente, ele não morria. Em

vez disso, ele abatia os homens a torto e
à direita.
Indra os seguia não muito atrás. Ela
era destemida, muito mais do que a
maioria dos homens. Ela usava o punhal com habilidade e astúcia, abrindo
caminho através das fileiras e
apunhalando os soldados do Império na
garganta. Ao fazer isso, ela pensava em
sua terra natal, pensava em quanto seu
próprio povo tinha sofrido sob a bota
opressora do Império.
Um soldado do Império veio
descendo seu machado para a cabeça de
Kendrick e ele não teve tempo de evitá-
lo, então ele se preparou para o golpe;
porém Kendrick ouviu um grande
estrondo e viu quando seu amigo Atme,
quem se encontrava ao lado dele,
absorvia o golpe com seu escudo. Logo
depois, Atme usou sua lança curta e
perfurou os intestinos de seu atacante.
Kendrick sabia que mais uma vez ele lhe devia sua vida.
Quando outro soldado apontou
diretamente contra Atme com um arco e
flecha, Kendrick avançou, levantou sua

espada e desferiu um golpe que atingiu o arco e o fez voar pelos ares, a flecha saiu disparada, sem rumo, voando por cima da cabeça de Atme. Kendrick golpeou o cavalete do nariz do soldado com o punho de sua espada, derrubando-o do seu cavalo e fazendo com que ele fosse pisoteado até a morte. Agora ele e Atme estavam quites.

E assim prosseguiu a batalha, cada exército ia golpe a golpe, homens caíam em ambos os lados, porém os que mais caíam eram os homens do Império, enquanto os homens de Kendrick, alimentados pela raiva, avançavam mais e mais cidade adentro. Finalmente, seu ímpeto varreu a todos como uma maré. Os homens do Império eram guerreiros fortes, mas eles estavam acostumados apenas a atacar e foram pegos de surpresa; assim, eles não foram capazes de organizar-se e conter a onda destrutiva do exército de Kendrick. Eles sofriam as investidas e caíam em enormes quantidades.

Depois de quase uma hora de intensos combates, as perdas do Império ocasionaram uma retirada em grande escala. Alguém do seu lado tocou uma corneta e um por um, os soldados começaram a retirar-se cavalgando para longe, tentando sair da cidade.

Com um grito ainda mais alto, Kendrick e seus homens se lançaram atrás deles, perseguindo-os por todo o caminho através de Lúcia e perseguindo-os fora dos portões traseiros.

O restante do batalhão do Império, talvez uma centena de homens, cavalgavam por suas vidas em um caos semiorganizado, enquanto corriam em direção ao horizonte. Ouviu-se outro grande grito em Lúcia, eram os cativos MacGil que haviam sido libertados. Os homens de Kendrick cortaram suas cordas e os libertaram enquanto prosseguiam. Os ex-cativos não perderam tempo: eles rapidamente tomaram os cavalos e as armas dos cadáveres dos soldados do Império e juntaram-se aos homens de Kendrick.

O exército de Kendrick aumentou
para quase o dobro do seu tamanho e
milhares de seus homens agora
perseguiam os soldados do Império.
Eles subiam e desciam as colinas
fechando o cerco sobre eles. O'Connor
e os outros arqueiros conseguiram
derrubar alguns deles, seus corpos
caíam aqui e ali.
A perseguição continuou, Kendrick
se perguntava para onde eles estariam
indo, quando ele e seus homens subiram
uma colina particularmente alta. Ao
olhar para baixo ele viu uma das
maiores cidades MacGil ao leste de Silésia: Vinésia, ela estava situada entre
duas montanhas, alojada no vale. Era
uma cidade importante, muito maior do
que Lúcia, com suas grossas muralhas
de pedra e seus sólidos portões de ferro.
Era para lá, Kendrick percebeu, que os
homens restantes do batalhão do Império
tinham fugido, visto que a cidade estava
protegida por dezenas de milhares de
homens de Andronicus.
Kendrick fez uma pausa com os seus

homens no topo da colina e avaliou a
situação. Vinésia era uma cidade grande
e eles estavam em número bem menor.
Ele sabia que seria temerário tentar e
que a medida mais segura a tomar seria
voltar para Silésia e estar gratos pela sua vitória naquele dia.
Mas Kendrick não estava com
disposição para decisões seguras e
tampouco estavam seus homens. Eles
queriam sangue. Eles queriam vingança.
E em um dia como aquele, as
probabilidades já não importavam mais.
Já era hora de que os homens do Império
soubessem de que os MacGils estavam
feitos.
“ATACAR!” Kendrick gritou.
Um forte grito se ouviu e milhares de
homens correram para a frente,
avançando de forma imprudente, morro
abaixo, em direção à cidade grande e ao
seu maior oponente, todos preparados
para renunciar às suas vidas e para arriscar tudo pela honra e pelo valor.

CAPÍTULO QUATRO

Gareth tossia e ofegava enquanto ia
percorrendo tropegamente seu caminho

através da paisagem desolada. Os lábios
ele estavam rachados devido à falta de
água, seus olhos estavam fundos e com
olheiras. Ele havia passado por dias
angustiantes durante os quais, mais de
uma vez, ele pensou que morreria.
Gareth tinha escapado por um triz
dos homens de Andronicus em Silésia,
ele havia se escondido em uma
passagem secreta metida na parede e
ficou ali aguardando. Ele havia
permanecido ali, metido como um rato
dentro da escuridão, à espera de um
momento oportuno. Ele sentia que tinha
estado ali por vários dias. Ele havia testemunhado tudo, tinha visto com
descrença quando Thor tinha chegado
montado em um dragão, tinha visto
também quando ele matou todos aqueles
homens do Império. No meio da
confusão e do caos que se seguiu, Gareth
encontrou a sua chance de escapar.
Gareth tinha se esgueirado para fora
através do portão traseiro de Silésia,
enquanto ninguém estava olhando e tinha
tomado a estrada Sul. Ele havia traçado

o seu caminho ao longo da borda do Canyon, caminhando sempre pela floresta, de modo a não ser detectado. Já não era necessária tanta precaução. As estradas estavam desertas, mesmo. Todo mundo estava fora no Leste, lutando na grande batalha pelo Anel. Enquanto prosseguia, Gareth observava os corpos carbonizados dos homens de Andronicus, eles cobriam todo o caminho, então ele percebeu que as batalhas ali no Sul, já tinham sido travadas.

Gareth fez o seu caminho avançando cada vez mais para o Sul, seu instinto o conduzia de volta à Corte do Rei, ou para o que restasse dela. Ele sabia que ela havia sido devastada pelos homens de Andronicus e que provavelmente estivesse em ruínas, mas ainda assim, ele queria ir para lá. Ele queria ficar longe de Silésia e ir para o lugar que ele sabia que poderia ser um porto seguro.

O único lugar que todos os outros tinham abandonado. O único lugar do qual ele, Gareth, uma vez havia sido rei supremo.

Após dias de caminhada, já se

encontrando fraco e delirante de fome, Gareth finalmente tinha saído do bosque e visto à distância, a Corte do Rei. Lá estava ela, suas paredes ainda estavam de pé, pelo menos parcialmente, embora estivessem carbonizadas e em ruínas. Ao seu redor estavam os cadáveres dos homens de Andronicus, evidenciando que Thor havia estado ali. Com exceção dos cadáveres, a corte se encontrava vazia, não havia nada mais, além do assobio do vento.

Tudo isso era perfeito para Gareth.

De todas as maneiras, ele não estava pensando em entrar na cidade. Ele tinha ido ali em busca de uma pequena estrutura escondida do lado de fora dos muros da cidade. Era um lugar que ele havia frequentado quando criança, uma estrutura circular de mármore, que se elevava apenas alguns metros acima do solo e estava adornada com estátuas talhadas sobre seu teto. Ela sempre parecia antiga, devido a sua pouca altura parecia que havia brotado da terra. E

era assim. Era a cripta dos MacGils. O lugar onde seu pai e seu avô, tinham sido enterrados.

A cripta era a única estrutura que Gareth sabia que seria deixada intacta. Afinal, quem iria se preocupar em atacar um túmulo? Aquele era o único lugar que lhe restava, ele sabia que ninguém jamais se preocuparia em procurar por ele ali, aquele era o lugar onde ele poderia procurar abrigo. Era um lugar onde ele poderia se esconder e permanecer completamente sozinho. Era um lugar onde ele poderia estar com seus antepassados. Por mais que Gareth odiasse seu pai, curiosamente, ele se encontrou desejando estar mais perto dele ultimamente.

Gareth cruzou apressadamente o campo aberto, uma rajada de vento frio lhe fez estremecer e ele enrolou o manto esfarrapado apertadamente ao redor de seus ombros. Ele ouviu o grito estridente de um pássaro de inverno e quando ele olhou para cima viu uma enorme e terrível criatura preta voando em

círculos no alto, certamente com cada grito, ela antecipava a queda dele, sua próxima refeição. Gareth não podia culpá-la. Ele sentia que já estava nas últimas e tinha certeza que ele parecia ser uma bela refeição para o pássaro.

Gareth finalmente chegou ao edifício, ele agarrou a maçaneta da porta de ferro maciço com as duas mãos e puxou-a com toda a força, o mundo girava, Gareth estava quase delirante de exaustão. A porta rangeu e ele precisou usar toda a sua força para erguê-la.

Gareth se meteu rapidamente na tumba escura, a porta de ferro bateu com força e ecoou atrás dele.

Ele retirou a tocha apagada do suporte que estava na parede, golpeou sua pederneira e acendeu-a, ela brindava apenas a luz suficiente para iluminar os degraus enquanto Gareth mergulhava cada vez mais fundo na escuridão. À medida que ele descia os degraus, o lugar se tornava cada vez mais frio e as correntes de ar se intensificavam, o vento assobiava ao

penetrar pelas pequenas rachaduras. Ele não podia evitar sentir que eram seus antepassados quem estavam uivando para ele, repreendendo-o.

“DEIXEM-ME EM PAZ!” Ele gritou em resposta.

Sua voz ecoou novamente pelas paredes da cripta.

“VOCÊ VAI TER O SEU PRÊMIO EM BREVE!”

Ainda assim o vento persistia.

Gareth, enfurecido, desceu mais fundo, até que finalmente chegou à grande câmara de mármore, escavada com o seu teto de três metros de altura. Todos os seus antepassados jaziam ali, sepultados em sarcófagos de mármore.

Gareth marchou solenemente pelo corredor, seus passos ecoavam no mármore, em direção ao final da cripta, onde seu pai jazia.

O velho Gareth teria esmagado o sarcófago de seu pai. Mas agora, por alguma razão, ele estava começando a sentir apreço por ele. Ele mal conseguia

entender. Talvez fosse porque o efeito
do ópio estava passando; ou talvez fosse
porque Gareth sabia que em breve, ele mesmo também estaria morto.
Gareth chegou ao alto sarcófago,
debruçou-se sobre ele e inclinou sua
cabeça para baixo. Ele surpreendeu a si
mesmo quando começou a chorar.
“Eu sinto sua falta, pai.” Gareth
gemia, sua voz ecoou no vazio.
Ele chorava sem cessar, as lágrimas
escorriam pelo seu rosto, até que
finalmente seus joelhos ficaram fracos,
ele cedeu à exaustão e caiu ao lado do
mármore, ele ficou ali, sentado no chão,
encostado na tumba. O vento uivava
como resposta e Gareth baixou a tocha,
cuja chama se extinguia cada vez mais
na escuridão. Gareth sabia que logo tudo
seria escuridão e que, em breve, ele iria
se juntar a todos aqueles que ele mais amava.

CAPÍTULO CINCO

Steffen caminhava taciturno pela
estrada solitária da floresta, enquanto
regressava lentamente da Torre de
Refúgio. Seu coração estava destroçado

ao deixar Gwendolyn, a mulher a quem
ele havia jurado proteger, lá sozinha.
Sem ela, ele não era nada. Desde que
Stephen a conhecera, ele sentia que tinha
finalmente encontrado um propósito na
vida: proteger Gwendolyn, dedicar sua
vida a recompensá-la por permitir que
ele, um mero servo, pudesse ascender, e
acima de tudo, recompensá-la por ser a
primeira pessoa na sua vida a não
detestá-lo nem a subestimá-lo com base
em sua aparência.

Steffen tinha se sentido orgulhoso por ajudá-la a alcançar a Torre em
segurança. Mas deixá-la ali fez com que
ele ficasse sentindo-se vazio por dentro.
Para onde ele iria agora? O que ele
faria?

Sem Gwen para proteger, sua vida
se encontrava sem rumo mais uma vez.
Ele não podia voltar à Corte do Rei ou a
Silésia: Andronicus tinha derrotado a
ambas e ele recordava a destruição que
tinha visto quando fugiu de Silésia. Era
a última coisa de que ele se lembrava:
todo o seu povo era cativo ou escravo.

Não fazia sentido voltar. Além disso, Steffen não queria atravessar o Anel novamente e ficar tão longe de Gwendolyn.

Steffen caminhou sem rumo por horas, percorrendo as trilhas sinuosas da floresta, meditando até que lhe ocorresse um lugar para onde ir. Ele seguiu a estrada do Norte e subiu até o topo de uma colina, desde aquele ponto de observação, ele avistou à distância uma pequena aldeia, no topo de outra colina. Ele dirigiu-se para lá e quando ele chegou, ele virou-se para trás e viu que aquela aldeia tinha o que ele precisava: uma visão perfeita da Torre de Refúgio. Se Gwendolyn alguma vez quisesse sair dela, ele queria estar por perto para assegurar-se de que ele estaria lá para acompanhá-la e protegê-la. Afinal, sua lealdade era para com ela agora. Ele não devia sua lealdade a um exército ou a uma cidade, mas sim a Gwendolyn. Ela era sua nação.

Ao chegar à pequena e humilde aldeia, Steffen decidiu que ficaria ali,

naquele lugar, onde ele poderia sempre ver a Torre e estar pendente de Gwendolyn. Ao passar através de seus portões, ele viu que era uma cidadezinha pobre e sem graça, outra pequena aldeia nos arredores mais distantes do Anel. Ela estava tão escondida na floresta do Sul que os homens de Andronicus, certamente, nem sequer se incomodariam em chegar até ali.

Steffen chegou sob os olhares de surpresa de dezenas de moradores, seus rostos estavam marcados pela ignorância e falta de compaixão, todos olhavam para ele boquiabertos revelando o desprezo e escárnio tão familiares que ele tinha recebido desde que tinha nascido. Ele podia sentir os olhos zombeteiros de todos sobre ele, enquanto todos eles examinavam sua aparência.

Steffen queria dar a volta e correr, mas ele se obrigou a não fazer isso. Ele precisava estar perto da Torre e por amor a Gwendolyn, ele suportaria

qualquer coisa.

Um morador, um homem corpulento em seus quarenta anos e vestido com roupas esfarrapadas, tal como os outros, se virou e dirigiu-se a Stephen ameaçadoramente.

“O que nós temos aqui, uma espécie de homem deformado?”

Os outros riram, deram a volta e se aproximaram.

Steffen manteve a calma, ele já contava com aquele tipo de saudação, a qual ele tinha recebido durante toda sua vida. Ele havia descoberto que quanto mais provincianas eram as pessoas, mais alegria elas sentiam em ridicularizá-lo.

Steffen recostou-se e assegurou-se de que seu arco estivesse pronto, caso aqueles aldeões fossem além de cruéis, violentos. Ele sabia que se fosse preciso, ele poderia abater vários deles em um piscar de olhos. Mas ele não estava ali em prol da violência. Ele estava ali para encontrar abrigo.

“Ele pode ser mais do que apenas uma simples aberração, não é?”

Perguntou outro homem, enquanto um
grupo grande e crescente de aldeões
ameaçadores começou a rodeá-lo.
“Pelas suas divisas, eu diria que ele
é.” Disse outro. “Isso parece uma
armadura real.”
“E o arco — é de couro fino.”
“Sem mencionar as flechas. A ponta
delas é de ouro, não é?”
Eles pararam a escassos metros de
distância e olhavam para ele
carrancudos e de forma ameaçadora.
Eles lhe fizeram lembrar os valentões
que o atormentavam quando ele era criança.
“Então, quem você é, seu bicho
estranho?” Um deles perguntou
zombeteiramente.
Steffen respirou fundo, determinado
a manter a calma.
“Eu não quero fazer dano a
ninguém.” Ele começou a dizer.
O grupo caiu na gargalhada.
“Dano? Você? E que dano você
poderia nos causar?”
“Você não seria capaz de fazer dano

nem às nossas galinhas!” Riu outro
homem.
Steffen ficou vermelho enquanto as
risadas aumentavam; mas ele não se
deixaria levar pelas provocações.
“Eu preciso de um lugar para ficar, e de comida. Tenho as mãos calejadas e as
costas fortes para o trabalho. Deem-me
um trabalho e eu me ocuparei nele. Eu
não preciso de muito. Apenas do mesmo
que qualquer pessoa.”
Steffen queria mergulhar no trabalho
braçal de novo, tal como ele havia feito
durante todos aqueles anos nos porões
do castelo, servindo ao Rei MacGil.
Isso distrairia sua mente da situação. Ele
poderia realizar um trabalho duro e
viver uma vida de anonimato, já que ele
havia estado acostumado a fazer isso
muito antes de conhecer Gwendolyn.
“Você se considera um homem?” Um
deles gritou, rindo.
“Talvez possamos encontrar alguma utilidade para ele.” Exclamou outro.
Steffen olhou para ele com
esperança.
“Isso mesmo, ele pode lutar contra

nossos cães ou galinhas!”

Todos riram.

“Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso!”

“Há uma guerra lá fora, caso vocês não tenham notado.” Disse Steffen friamente. “Eu tenho certeza de que, mesmo em uma cidade provincial e rudimentar como esta, vocês podem precisar de ajuda para armazenar provisões.”

Os aldeões se entreolharam, perplexos.

“Claro que sabemos da guerra.” Disse um deles. “ Mas nossa aldeia é muito pequena. Os exércitos não vão se incomodar em vir até aqui.”

“Eu não gosto do jeito que você fala.” Disse outro. “Todo cheio de prosa! Parece que você teve alguma instrução. Você acha que é melhor do que nós?”

“Eu não sou melhor do que ninguém.” Disse Steffen.

“Isso é mais do que óbvio.” Riu

outro.

“Chega de brincadeira!” Gritou um dos moradores em um tom sério.

Ele se adiantou e empurrou os outros para o lado com sua mão forte. Ele era mais velho do que os outros e parecia ser um homem sério. A multidão acalmou-se em sua presença.

“Se você estiver falando sério...” Disse o homem com sua voz profunda e brusca. “... Eu posso usar um par de mãos extra em meu moinho. O pagamento é um saco de grãos por dia e uma jarra de água. Você dorme no celeiro, junto com o resto dos rapazes da aldeia. Se isso for de seu agrado, eu lhe darei trabalho.”

Steffen assentiu com a cabeça, satisfeito ao ver finalmente, um homem sério.

“Eu não peço mais do que isso.” Disse Stephen.

“Venha por aqui.” Disse o homem, abrindo caminho entre a multidão.

Steffen o seguiu e foi levado até uma enorme moenda feita de madeira, ao

redor da qual havia adolescentes e homens. Cada um deles suava e estava coberto de terra, eles estavam posicionados nas pistas lamacentas e empurravam a roda de madeira maciça, cada um pegava um raio e avançava com ele. Steffen ficou ali, examinando o trabalho, ele percebeu que seria um trabalho extenuante. Um trabalho realmente esgotante.

Steffen virou-se para dizer ao homem que ele aceitaria o trabalho, mas o homem já tinha ido embora, supondo que ele faria isso. Os moradores, depois de dizer suas últimas pilhérias, voltaram aos seus afazeres enquanto Steffen olhava para a frente, para a roda, para a nova vida que estava diante dele.

Por um vislumbre no tempo, ele tinha sido fraco, tinha se permitido sonhar. Tinha imaginado uma vida de castelos, de realeza e de classe. Tinha visto a si mesmo sendo uma pessoa importante, a mão direita da Rainha. Ele deveria ter pensado melhor antes de sonhar tão alto. Ele, é claro, não estava

destinado a isso. Ele nunca tinha estado.

Tudo o que tinha acontecido com ele, ter conhecido Gwendolyn, tinha sido um mero golpe de sorte. Agora, sua vida estaria relegada ao trabalho braçal.

Mas, pelo menos, essa era a vida que ele conhecia. Uma vida a qual ele estava habituado. Uma vida de dificuldades. E mesmo que Gwendolyn não estivesse presente nela, essa vida estaria bem para ele.

CAPÍTULO SEIS

Thor instou Mycoples a voar mais rápido enquanto corriam por entre as nuvens, chegando cada vez mais perto da Torre de Refúgio. Thor sentia com cada célula de seu ser que Gwen estava em perigo. Ele sentia uma vibração que corria desde as pontas de seus dedos e percorria todo o seu corpo, dizendo-lhe, advertindo-o: Vá mais rápido. A vibração sussurrava para ele:

Mais rápido.

“Mais rápido!” Thor pressionou Mycoples.

Mycoples rugiu baixinho em

resposta e bateu suas grandes asas com mais força. Thor não teve nem sequer a necessidade de proferir as palavras - Mycoples entendeu tudo antes mesmo que ele dissesse isso, mas ele falou as palavras mesmo assim. Elas fizeram com que ele se sentisse melhor. Ele estava se sentindo impotente. Ele sentia que algo andava mal com Gwen e que cada segundo contava.

Eles finalmente saíram de um bloco de nuvens e ao fazer isso, Thor foi invadido por uma sensação de alívio quando ele avistou à distância a Torre de Refúgio. Era uma obra de arquitetura antiga e misteriosa, uma torre estreita e perfeitamente cilíndrica que se elevava direto para o céu, atingindo uma altura próxima a das nuvens. A torre estava construída com uma antiga e brilhante pedra negra e Thor podia sentir o poder que emanava dela até mesmo ali, onde ele se encontrava.

Quando eles voaram mais perto dela, de repente Thor avistou algo no alto, no topo da torre. Era uma pessoa.

Ela estava em pé no parapeito, com os
braços abertos e as palmas das mãos
estendidas. Seus olhos estavam fechados
e ela estava balançando ao vento.
Thor soube imediatamente de quem
se tratava.
Gwendolyn.
Seu coração disparou quando ele a
viu de pé, lá. Ele sabia o que ela estava
pensando. E ele sabia o porquê. Thor
pensou que ela tinha desistido de viver e
ele não podia deixar de sentir que era o culpado disso.
“MAIS RÁPIDO!” Thor exclamou.
Mycoples bateu suas asas ainda mais
fortemente e então eles voaram tão
rápido que Thor ficou quase sem fôlego.
Enquanto se aproximavam, Thor viu
quando Gwen deu um passo para trás,
para fora da borda, e voltou para a
segurança do telhado. Seu coração se
encheu de alívio. Sem nem sequer vê-lo,
Gwen mudou de ideia por conta própria
e decidiu não saltar.
Mycoples rugiu e Gwen olhou para
cima e viu Thor pela primeira vez. Seus

olhos se encontraram mesmo desde
aquela grande distância e ele viu quando
a surpresa inundou o rosto dela.
Mycoples pousou no telhado, e
assim que ela fez isso Thor pulou, ele
mal esperou que ela assentasse, ele
correu imediatamente para Gwendolyn.
Gwen virou-se e olhou para ele,
seus olhos estavam arregalados em
completa surpresa. Parecia que ela
estava vendo um fantasma.
Thor correu para ela, seu coração
estava aos pulos, inundado com a
emoção, ele estendeu seus braços. Eles
se abraçaram fortemente, então Thor a
agarrou fortemente, a levantou em seus
braços e girou-a uma vez após outra.
Thor a ouviu chorar em seu ouvido,
ele sentiu as lágrimas quentes dela
escorrendo pelo seu pescoço, ele mal
podia acreditar que estava realmente ali,
abraçando-a, em carne e osso. Ele mal podia acreditar que isso estava
realmente acontecendo. Aquele era o
sonho que ele tinha visto em sua mente,
dia após dia, noite após noite, enquanto

ele estava nos confins do Império, quando ele tinha tido a certeza de que nunca mais voltaria e que jamais poria os olhos em Gwendolyn novamente. E ali estava ele agora, segurando-a em seus braços.

Por haver estado longe dela por tanto tempo, tudo sobre ela parecia novidade. Parecia perfeito. E ele jurou que ele nunca mais daria por sentado um momento com ela novamente.

“Gwendolyn.” Ele sussurrou em seu ouvido.

“Thorgrin.” Ela sussurrou em resposta.

Eles se abraçaram por um tempo que Thor não soube calcular, então, lentamente, eles se inclinaram e se beijaram. Foi um beijo longo e apaixonado, nenhum deles queria se afastar.

“Você está vivo.” Disse ela “Você está aqui. Eu não acredito que você esteja aqui.”

Mycoples resfolegou e Gwendolyn

olhou por cima do ombro de Thor, então Mycoples bateu as asas uma vez. O rosto de Gwen corou com medo.

“Não tenha medo.” Disse Thor. “O nome dela é Mycoples. Ela é minha amiga. E ela vai ser sua amiga também. Deixe-me mostrar-lhe.”

Thor pegou a mão de Gwen e guiou-a lentamente pelo parapeito. Ele podia sentir o medo de Gwen enquanto eles se aproximavam. Ele compreendia. Afinal, aquele era um dragão de verdade e estava mais perto do que Gwen jamais tinha estado de um deles em toda sua vida.

Mycoples olhou para Gwen com seus enormes olhos vermelhos, ela resfolegou delicadamente, bateu suas asas e arqueou seu pescoço para trás. Thor percebeu algo parecido com ciúmes e, talvez, curiosidade.

“Mycoples, eu lhe apresento Gwendolyn.”

Mycoples virou a cabeça para longe, orgulhosamente.

Então, de repente ela se aproximou

novamente e ao fazer isso, ela olhou
bem nos olhos de Gwendolyn, como se
estivesse vendo através dela. Ela
inclinou-se para tão perto que seu rosto
estava quase tocando o rosto de
Gwendolyn.
Gwen engasgou de surpresa,
espanto, e talvez de medo. Ela estendeu
a mão trêmula, colocou-a suavemente no
longo nariz de Mycoples e tocou suas
escamas roxas.
Depois de alguns segundos de
tensão, Mycoples finalmente piscou os
olhos, baixou o nariz e esfregou-o contra
o ventre de Gwen em um sinal de afeto.
Mycoples ficou esfregando o nariz contra o ventre de Gwen, como se
tivesse uma fixação com ele, Thor não
conseguia entender por que ela atuava
assim.
Em seguida, com a mesma rapidez,
Mycoples virou a cabeça e desviou o
olhar para o horizonte.
“Ela é linda.” Gwen sussurrou.
Ela se virou e olhou para Thor.
“Eu havia perdido as esperanças de

que você voltasse.” Disse ela. “Eu não
pensei que você voltaria.”
“Nem eu.” Disse Thor. “Pensar em
você foi o que me sustentou. Deu-me
razão para sobreviver. Para retornar.”
Eles se abraçaram novamente,
apertando-se com força enquanto a brisa
os acariciava, então, finalmente, eles se separaram.
Gwendolyn olhou para baixo e notou
a Espada do Destino no quadril de Thor,
seus olhos se arregalaram. Ela engasgou
com a surpresa.
“Você trouxe de volta a espada.”
Disse ela. Ela olhou para ele, incrédula.
“Foi *você* quem a ergueu.”
Thor assentiu com a cabeça.
“Mas como…?” Ela começou a
falar, então parou. Ela estava,
claramente, perplexa.
“Eu não sei.” Disse Thor. “Eu
simplesmente fui capaz de levantá-la.”
Seus olhos se abriram com
esperança quando ela percebeu algo
mais.
“Então o escudo está ativo outra vez.” Ela disse esperançosa.

Thor acenou de volta solenemente.

“Andronicus está preso.” Disse ele.

“Nós já libertamos a Corte do Rei e Silésia.”

O semblante de Gwendolyn levantou-se com alegria e alívio.

“Foi você.” Ela disse ao perceber tudo. “Você libertou nossas cidades.”

Thor deu de ombros, modestamente.

“Foi principalmente obra de Mycoples. E da espada. Eu apenas segui o curso dos eventos.”

Gwen estava radiante.

“E nosso povo? Ele está a salvo? Alguém sobreviveu?”

Thor assentiu com a cabeça.

“A maioria está viva e se encontra bem.”

Ela sorriu, parecendo mais jovem novamente.

“Kendrick espera por você em Silésia.” Disse Thor. “... Junto com Godfrey, Reece, Srog e muitos, muitos outros. Eles estão todos vivos e bem, e a cidade está livre.”

Gwendolyn correu e abraçou Thor,

segurando-o firmemente. Ele podia sentir o enorme alívio percorrendo-a.

“Eu pensei que tudo havia acabado...” Disse ela chorando baixinho. “... Que tudo estava perdido para sempre.”

Thor balançou a cabeça.

“O Anel sobreviveu.” Disse ele. “Andronicus está em fuga. Nós vamos voltar e eliminá-lo de uma vez por todas. E então vamos reconstruir tudo.”

De repente, Gwendolyn virou as costas para ele e desviou o olhar, ela olhava para o céu enquanto enxugava uma lágrima. Ela envolveu seus ombros apertando o seu manto ao redor deles, seu rosto estava cheio de apreensão.

“Eu não sei se eu poderei regressar.” Ela disse hesitante. “Algo me sucedeu enquanto você estava longe.”

Thor se virou e olhou para ela, segurando seus ombros.

“Eu sei o que aconteceu com você.” Disse ele. “Sua mãe me contou. Não há nada do qual você deva sentir

vergonha.” Disse ele.

Gwendolyn olhava para ele, os olhos dela estavam cheios de surpresa e admiração.

“Você já *sabe*?” Ela perguntou, perplexa.

Thor assentiu com a cabeça.

“Isso não me afeta.” Disse ele. “Eu amo você da mesma maneira. Ou ainda mais. O nosso amor — isso é o que realmente importa. Ele é inquebrantável. Eu vou vingar você. Eu vou matar Andronicus com minhas mãos. E o nosso amor, ele nunca vai morrer.”

Gwen correu e abraçou Thor apertadamente, as lágrimas escorriam pelo seu pescoço. Ele podia sentir como ela estava aliviada.

“Eu amo você.” Gwen disse no ouvido dele.

“Eu também a amo.” Respondeu ele.

Thor ficou ali, abraçando-a, seu coração estava acelerado com a emoção. Ele queria ali, naquele momento, mais do que nunca, pedi-la em casamento. Mas ele sentia que não

podia, não antes de revelar-lhe o seu segredo, não antes que ele lhe contasse quem era seu pai.

Esse pensamento o encheu de vergonha e humilhação. Ali estava ele, a pessoa que havia acabado de jurar que mataria o homem que ambos mais odiavam. Como era possível então, que suas palavras revelassem que Andronicus era seu pai?

Thor tinha certeza de que se ele fizesse isso, Gwendolyn o odiaria para sempre. E ele não podia arriscar-se a perdê-la. Não depois de tudo o que tinha acontecido. Ele a amava muitíssimo.

Assim, em vez disso, Thor meteu a mão em um bolso interior de sua camisa e com as mãos trêmulas, tirou o colar, o que ele tinha encontrado entre os tesouros do dragão. Era um cordão de ouro brilhante com um pingente de ouro em forma de coração cravejado com diamantes e rubis. Ele segurou-o contra a luz e Gwen ficou sem palavras ao vê-lo.

Thor veio por trás dela e abotoou-o em volta do pescoço.

“Uma pequena amostra de meu amor

e afeto.” Disse ele.

Ele pendia maravilhosamente no

pescoço dela, o ouro brilhava na luz,

refletindo tudo.

O anel queimava no bolso de Thor.

Ele prometeu a si mesmo que iria dá-lo

a ela quando fosse o momento certo.

Quando ele conseguisse reunir a

coragem de lhe dizer a verdade. Mas

aquele não era o momento apropriado,

por mais que ele desejasse que fosse.

“Então como você pode ver, você

pode retornar.” Thor disse, acariciando

o rosto dela com as costas da mão.

“Você tem de voltar. O seu povo precisa

de você. Eles precisam de um líder. O

Anel, sem um líder não é nada. Eles

esperam que você os oriente.

Andronicus ainda habita metade do

Anel. Nossas cidades ainda precisam

ser reconstruídas.”

Ele olhou nos olhos dela e podia ver

que ela estava pensando.

“Diga que sim.” Thor insistiu. “Volte
comigo. Esta torre não é o lugar ideal
para que uma mulher jovem viva o resto
de seus dias. O Anel precisa de você.
Eu preciso de você.”
Thor estendeu uma mão e esperou.
Gwendolyn olhou para baixo,
hesitante.
Então, finalmente ela estendeu a mão
e tomou a mão dele. Seus olhos
brilhavam mais e mais, irradiando amor e carinho. Ele podia vê-la lentamente
voltando a ser a velha e querida
Gwendolyn que ele tinha conhecido:
cheia de vida, de amor e de alegria. Era
como se ela fosse uma flor que estava
desabrochando diante de seus olhos.
“Sim.” Ela disse suavemente,
sorrindo.
Eles se abraçaram e ele a apertou
fortemente, então Thor jurou nunca mais
deixá-la ir embora outra vez.

CAPÍTULO SETE

Erec abriu os olhos para encontrar-
se deitado nos braços de Alistair,
olhando para seus olhos azuis e

cristalinos, os quais brilhavam com amor e carinho. Ela exibia um pequeno sorriso no canto dos lábios e ele sentia o calor que irradiava de suas mãos e percorria seu corpo. Ao verificar seu estado, ele sentiu-se completamente curado, renascido, era como se ele nunca tivesse sido ferido. Ela o havia trazido de volta da morte.

Erec se sentou e olhou nos olhos de Alistair com surpresa, ele encontrou-se mais uma vez perguntando-se quem ela realmente era e como ela poderia ter tais poderes.

Erec se sentou e coçou a cabeça, ele imediatamente se lembrou: os homens de Andronicus; o ataque; a defesa da ravina; o rochedo.

Erec ficou de pé e viu todos os seus homens olhando na direção dele, como se estivessem à espera de sua ressurreição e de seu comando. Seus rostos estavam cheios de alívio.

“Por quanto tempo eu estive inconsciente?” Ele se virou e perguntou para Alistair, ansioso. Ele se sentia

culpado por ter abandonado seus homens por tanto tempo.

Mas ela sorriu docemente para ele.

“Por menos de um Segundo.” Disse ela

Erec não podia compreender como isso poderia ser possível. Ele se sentia tão revigorado, era como se ele tivesse dormido por anos. Ele sentia uma nova força em seu passo, então ele ficou de pé, virou-se e correu para a entrada da ravina e viu sua obra: a enorme pedra que ele havia golpeado agora estava imóvel, impedindo que os homens de Andronicus pudessem passar. Eles haviam conseguido o impossível: tinham repelido um exército muito maior. Pelo menos por enquanto.

Antes que Erec pudesse comemorar, ele ouviu um grito repentino vindo do alto. Ele olhou para cima e viu quando um de seus homens, lá no topo do penhasco, deu um grito e em seguida caiu para trás, dando voltas sobre si mesmo, até cair no chão já morto.

Erec olhou para baixo e viu uma lança incrustada no corpo do homem.

Ele olhou para cima novamente e em seguida percebeu que havia uma grande agitação ali, ele ouvia gritos e mais gritos ecoando por todos os lugares. Ele avistou dezenas de homens de Andronicus ali no topo, lutando corpo a corpo com os homens do Duque, todos iam golpe a golpe. Erec percebeu logo o que tinha acontecido: o comandante do Império havia dividido suas forças, enviando alguns homens através da ravina e enviando outros para a parte alta da montanha.

“PARA CIMA!” Erec ordenou.

“SUBAM!”

Os homens do Duque o seguiam enquanto ele corria pelas paredes da montanha, de espada na mão, tentando escalar a subida íngreme de rocha e poeira. A cada vários metros ele escorregava e se apoiava com a palma da mão, raspando-a contra a pedra, ele se agarrava firmemente, fazendo tudo o que podia para não cair para trás. Ele corria, mas a parede era tão íngreme que a corrida se assemelhava mais a uma

escalada; cada etapa era uma luta árdua,
as armaduras tiniam ao redor dele
enquanto seus homens resfolegavam e
arfavam pelo caminho, como cabras montesas, direto para o penhasco.
“ARQUEIROS!” Gritou Erec.
Abaixo, várias dezenas de arqueiros
do Duque, os quais também estavam
escalando a montanha, pararam e
apontaram para o topo do penhasco.
Eles lançaram uma saraivada de flechas
e vários soldados do Império gritaram e
caíram para trás, despencando pela
lateral do penhasco. Um corpo
despencou na direção de Erec; ele se
esquivou e quase foi atingido por ele.
Um dos homens do Duque não teve tanta
sorte, já que um cadáver o atingiu e o
derrubou de costas no chão, ele caiu no
chão com um grito, morrendo esmagando
pelo peso.
Os arqueiros do Duque atacaram e se posicionaram em cima e na parte de
baixo da montanha, eles disparavam
suas flechas cada vez que um soldado do
Império colocava a cabeça sobre a
borda do penhasco e assim os

mantinham à distância.
Mas a luta lá em cima estava difícil,
havia combate corpo a corpo e nem
sempre as flechas atingiam o seu alvo;
uma flecha perdida feriu acidentalmente
as costas de um dos homens do Duque.
O soldado gritou e arqueou as costas,
então um soldado do Império
aproveitou-se da situação e o apunhalou,
fazendo-o cair de costas, o soldado
gritava enquanto caía pelo penhasco.
Mas como o soldado do Império estava
exposto, outro arqueiro acertou uma flecha em seu ventre e o abateu também,
o cadáver dele caiu de cara pela borda.
Erec redobrou seus esforços, assim
como aqueles em torno dele, ele corria o
mais rápido que podia para cima do
penhasco. Quando estava a poucos
metros de distância do topo, ele
escorregou e começou a cair; ele se
debateu, estendeu a mão e agarrou uma
raiz grossa que emergia entre as pedras.
Ele se aferrava a sua vida enquanto
pendurava-se na raiz, pouco depois ele
conseguiu recuperar o equilíbrio,

levantou-se e continuou subindo até o
topo.
Erec alcançou o topo antes dos
outros e correu para a frente com um
grito de guerra e sua espada levantada bem alto. Ele estava ansioso para ajudar
a defender seus homens, os quais
estavam aguentando em seus postos no
topo, mas estavam sendo forçados a
recuar. Havia apenas algumas dezenas
de seus homens ali em cima e cada um
estava envolvido em um combate corpo
a corpo com os soldados do Império. Os
homens de Erec estavam em franca
desvantagem, eram dois contra um. A
cada segundo que passava, mais e mais
soldados do Império iam aparecendo no
topo.
Erec lutava como um louco,
atacando e apunhalando dois soldados
de uma só vez, enquanto liberava seus
homens. Não havia ninguém mais rápido
do que ele no campo de batalha e tampouco havia em todo o Anel. Com
suas duas espadas na mão e desferindo
golpes por todos os lados, Erec usava
suas habilidades únicas como campeão

do Exército Prata para combater os soldados do Império. Erec era uma verdadeira máquina de destruição, ele girava, se abaixava e golpeava, avançando cada vez mais para o núcleo dos soldados do Império. Ele se esquivava, dava cabeçadas e se defendia e ia tão rápido que ele simplesmente optou por não usar seu escudo.

Erec ia abrindo alas através deles como o vento, derrubando dezenas de soldados antes que eles praticamente tivessem a chance de se defender. E todos os homens do Duque, ao seu redor, se uniram a ele.

Logo o resto dos homens do Duque, que vinham atrás de Erec, também chegou ao topo. Brandt e o Duque lideravam o caminho, lutando ao lado com Erec. Em breve a situação se inverteu e eles se encontraram repelindo os homens do Império, seus cadáveres iam se acumulando ao redor deles.

Erec se defendeu do último soldado

do Império que ainda restava ali no topo
e foi fazendo com que ele recuasse para
a borda do precipício, em seguida, Erec
inclinou-se para trás e chutou-o,
mandando-o pelo abismo, o soldado
gritava enquanto caía para trás.
Erec e seus homens ficaram ali, recuperando o fôlego. Erec avançou e
caminhou por todo o amplo patamar, até
chegar à beira do lado do Império do
penhasco. Ele queria ver o que havia
abaixo. O Império, sabiamente, tinha
parado de enviar homens ali em cima,
mas Erec tinha a terrível sensação de
que eles ainda poderiam ter algum
contingente de reserva. Seus homens
aproximaram-se dele e olharam para
baixo, também.
Nada na imaginação de Erec o havia
preparado para o que ele viu a seguir.
Seu coração afundou no peito. Apesar
das centenas de homens que eles tinham
conseguido matar; apesar do fato de que
eles haviam bloqueado com sucesso a
ravina e tomado o terreno elevado, ali abaixo ainda havia dezenas de milhares
de soldados do Império.

Erec mal podia acreditar. Eles
haviam usado todos os seus recursos
para chegar onde estavam e todo o dano
que tinham causado não tinha feito a
menor diferença no exército
interminável do Império. O Império
simplesmente continuaria enviando mais
e mais homens ali. Erec e seus homens
poderiam matar dezenas, talvez até
centenas deles. Mas no final das contas,
milhares deles iriam avançar.
Erec ficou ali, sentindo-se
completamente sem esperança. Pela
primeira vez em sua vida, ele sabia que
estava prestes a morrer ali, naquela
terra, naquele dia. Não havia nenhuma maneira de que ele pudesse contornar
aquela situação. Ele não se arrependia.
Ele tinha montado uma defesa heróica, e
se ele tivesse de morrer, não haveria
melhor maneira, ou lugar para fazer isso.
Ele agarrou sua espada e preparou-se, a
única coisa que o fazia hesitar era o fato
de que Alistair devia estar a salvo.
Talvez, ele pensou, na próxima vida
ele pudesse passar mais tempo com ela.

“Bem, foi bom enquanto durou.”

Disse uma voz.

Erec se virou e viu Brandt de pé ao seu lado, com a mão no punho da sua espada, também resignado. Os dois lutaram inúmeras batalhas juntos, haviam sido superados em número muitas vezes e ainda assim Erec nunca tinha visto aquela expressão no rosto do seu amigo. Ela devia estar refletindo a sua própria: ela indicava que a morte estava ali.

“Pelo menos nós morreremos empunhando nossas espadas.” Disse o Duque.

Aquelas palavras eram o eco exato dos pensamentos de Erec.

Lá embaixo, os homens do Império pareciam perceber isso, eles olharam para cima. Milhares deles começaram a se reunir para marchar em uníssono, em direção ao penhasco, de armas em punho. Centenas de arqueiros do Império começaram a se ajoelhar e Erec sabia que em poucos momentos o derramamento de sangue começaria. Ele se preparou e respirou fundo.

De repente, ouviu-se um barulho
estridente que provinha de algum lugar
do céu, fora do horizonte. Erec olhou
para cima e examinou os céus,
perguntando a si mesmo se ele não
estaria ouvindo coisas. Uma vez, ele
tinha ouvido o grito de um dragão e ele
pensou que talvez ele soasse assim.
Havia sido um som que ele nunca tinha
esquecido, um som que ele tinha ouvido
durante seu treinamento, durante a
Centena. Era um grito que ele jamais
pensou que ouviria novamente. Não era
possível. Um dragão? Ali no Anel?
Erec esticou o pescoço e à distância,
através das nuvens que se dispersavam,
ele teve uma visão que ficaria marcada em sua mente para o resto de sua vida:
voando em direção a eles e batendo suas
grandes asas, havia um enorme dragão
roxo com olhos vermelhos, enormes e
brilhantes. A visão encheu Erec de
terror, mais do que qualquer exército
poderia fazer.
Mas quando ele olhou mais de perto,
sua expressão passou a ser de total

confusão. Ele pensou que tinha visto duas pessoas montadas nas costas do dragão. Erec entrecerrou os olhos e as reconheceu. Será que seus olhos estavam lhe pregando uma peça?

Lá, montado nas costas do dragão, estava Thorgrin e atrás dele, agarrando sua cintura, a filha do rei MacGil. Gwendolyn.

Antes que Erec pudesse começar a processar o que estava vendo, o dragão voou em picada e mergulhou em direção ao chão como uma águia. Ele abriu a boca e emitiu um som horrível, um som tão agudo que fez com que uma pedra que estava ao lado de Erec começasse a rachar. A terra inteira tremeu quando o dragão mergulhou, abriu a boca e soltou um fogo diferente de qualquer coisa que Erec já tinha visto.

O vale ficou repleto de gritos e berros de milhares de soldados do Império, quando onda após onda de fogo os engolia. Todo o vale se iluminou com as chamas. Thor dirigia o dragão para

cima e para baixo ao longo das fileiras dos homens de Andronicus e ia acabando com dezenas deles em um piscar de olhos.

Os soldados restantes deram a volta e fugiram, correndo para o horizonte.

Thor os perseguiu também e ordenou ao seu dragão que lançasse mais e mais fogo.

Em poucos instantes, todos os homens que se encontravam abaixo de Erec — os homens que ele tinha tanta certeza de que causariam sua morte, eles próprios estavam mortos. Já nada mais restava deles, exceto seus cadáveres carbonizados, fogo, chamas e suas almas extintas. Todo o batalhão do Império já não existia mais.

Erec olhou ao redor boquiaberto, em estado de choque, ele viu quando o dragão subiu para o alto, bateu suas grandes asas e voou sobre eles. Ele seguiu para o Norte. Seus homens proferiram gritos de grande alegria, quando o dragão passou por eles.

Erec ficou sem palavras e com uma enorme admiração pelo heroísmo de

Thor; por seu destemor; por seu controle sobre aquela fera e seu controle sobre o poder dela. Erec tinha recebido uma segunda chance na vida, ele e todos os seus homens, pela primeira vez em muito tempo, estavam se sentindo otimistas. Agora eles poderiam vencer. Vencer até mesmo o milhão de homens de Andronicus. Com uma criatura como aquela, eles realmente poderiam *vencer*.

"Homens, marchem!" Ordenou Erec.

Ele estava determinado a seguir o rastro do dragão, o cheiro de enxofre, o fogo no céu, para onde quer que isso os levasse. Thorgrin havia retornado e era hora de se juntar a ele.

CAPÍTULO OITO

Kendrick marchava em seu cavalo, cercado por seus homens, milhares deles se concentravam fora de Vinésia, a grande cidade onde o batalhão de Andronicus havia se refugiado. Uma alta ponte levadiça, de ferro, barrava os portões da cidade, cujas muralhas de pedra eram grossas. Milhares de homens de Andronicus fervilhavam dentro e fora

da cidade, seu número ultrapassava amplamente o exército de Kendrick. Ele já não contava mais com o fator surpresa.

Para piorar a situação, ele avistou os milhares de homens de Andronicus, enviados como reforços, aproximando-se pela parte de trás da cidade, inundando as planícies. Justo quando Kendrick pensava que os havia posto em fuga, a situação foi rapidamente revertida. Na verdade, o exército que agora marchava em direção à Kendrick era uma força ordenada e disciplinada, era uma enorme onda de destruição.

A única alternativa agora era a recuar para Silésia, para mantê-la temporariamente até que o Império a tomasse mais uma vez, até que todos eles fossem escravizados novamente. Isso era algo que ele jamais poderia permitir.

Kendrick nunca tinha sido homem de recuar diante de um confronto, mesmo que estivesse superado em número. O mesmo se podia dizer dos outros bravos guerreiros do exército de MacGil, de

Silésia e do Exército Prata. Kendrick sabia que todos lutariam com ele até a morte. Enquanto ele apertava ainda mais o punho de sua espada, ele soube que lutar até a morte era precisamente o que ele teria de fazer naquele dia.

Os homens do Império soltaram um grito de guerra e os homens de Kendrick responderam com outro grito de guerra, ainda mais alto.

Kendrick e seus homens correram ladeira abaixo, ao encontro do exército que se aproximava, sabendo que era uma batalha que não poderiam vencer, entretanto, eles estavam determinados a travá-la de qualquer maneira. Os homens de Andronicus aceleraram e também correram em direção a eles.

Kendrick sentiu o vento correndo por seu cabelo, sentiu a vibração do cabo da espada na mão, então ele soube que seria apenas uma questão de tempo até que ele se visse perdido naquele grande clangor de metal, naquele grande rito, um familiar rito de espadas.

Kendrick ficou surpreso ao ouvir

algo parecido com um forte grito, acima de sua cabeça; ele esticou o pescoço, olhou para o céu e viu algo irrompendo entre as nuvens, ele teve de olhar duas vezes. Ele já tinha visto aquilo antes — Thor aparecendo montado em Mycoples — ainda assim a visão lhe tirou o fôlego. Especialmente porque, dessa vez, Gwendolyn também estava montada nas costas de Mycoples.

O coração de Kendrick se inflou enquanto os observava mergulhar, percebendo o que estava prestes a acontecer. Ele deu um sorriu largo, levantou a espada bem alto e avançou ainda mais rápido, percebendo pela primeira vez que naquele dia a vitória, finalmente, seria deles.

*

Thor e Gwen voavam montados em Mycoples, traçando seu caminho por entre as nuvens, o dragão batia suas grandes asas cada vez mais rápido, em obediência ao pedido de Thor. Thor percebeu que Kendrick e os outros lá embaixo estavam em perigo, então ele mergulhou para o solo, atravessando

rapidamente as nuvens. Diante dele, a paisagem se abria em uma vista panorâmica: ele viu, entre as colinas do Anel, a vasta extensão da divisão de Andronicus correndo para os homens de Kendrick pelas planícies abertas.

Thor pediu a Mycoples que descesse rapidamente.

“Para baixo!” Sussurrou ele.

Mycoples mergulhou em um voo rasante, chegando tão perto do chão que se Thor quisesse ele até poderia saltar, em seguida, ela abriu a boca e soprou fogo, o calor das chamas quase chamuscou Thor. Ondas e ondas de fogo rolavam através das planícies. Logo se ouviram os gritos aterrorizados dos homens do Império. Mycoples causou uma destruição jamais vista pelo homem, fazendo o campo arder em chamas por vários quilômetros, milhares dos homens de Andronicus foram abatidos.

Aqueles que sobreviveram deram a volta e fugiram. Thor deixaria o resto deles a cargo de Kendrick.

Thor se virou em direção à cidade e viu milhares de soldados do Império lá dentro. Ele sabia que não podia manobrar Mycoples em uma área tão confinada, com paredes íngremes e estreitas, seria muito arriscado fazê-la descer ali. Thor viu centenas de soldados que apontavam para o céu com flechas e lanças, ele temia os danos que eles podiam fazer a Mycoples desde uma distância tão curta. Ele não gostava nada disso. Ele sentiu o pulsar da Espada do Destino em sua mão e sabia que aquela era uma batalha que ele próprio teria de travar.

Thor dirigiu Mycoples para baixo, para a frente da cidade, fora das enormes portas levadiças de ferro. Quando Mycoples pousou, ele se inclinou e sussurrou no ouvido dela. “O portão. Queime-o e eu atacarei por lá.”

Mycoples permaneceu ali e gritou de volta para ele, batendo suas asas em desafio. Era evidente que ela queria ficar com Thor e lutar ao seu lado dentro da cidade. Mas Thor não lhe daria essa chance.

“Esta batalha é minha.” Insistiu ele.

“Eu preciso que você leve Gwendolyn para um lugar seguro.”

Mycoples pareceu ceder. De repente, ela se inclinou para trás e soprou fogo no portão de ferro, até fazer com que ele se dissipasse totalmente.

Thor inclinou-se para Mycoples.

“Vá!” Ele sussurrou para ela. “Leve Gwendolyn para um lugar seguro.”

Thor pulou das costas dela e assim que fez isso, ele sentiu o pulsar da Espada do Destino em sua mão.

“Thor!” Exclamou Gwen.

Mas Thor já estava correndo para os portões derretidos. Ele ouviu Mycoples decolar e sabia que ela estava levando Gwen para um lugar seguro.

Thor correu pelas portas abertas e avançou pelo o pátio, direto para o coração da cidade, em direção à massa de milhares de homens. A Espada do Destino vibrava na mão de Thor como uma coisa viva, levando-o como se ele fosse mais leve que o ar. Tudo o que ele tinha a fazer era segurá-la.

Thor sentia seu braço, pulso e corpo movendo-se freneticamente, cortando e atacando em todas as direções. A espada ecoava através do ar atravessando os homens como se eles fossem de manteiga, matando dezenas com um único golpe. Thor girava e causava danos em todas as direções. A princípio, os soldados do Império tentaram atacá-lo de volta, porém ao ver que Thor cortava seus escudos; penetrava suas armaduras; cortava suas armas como se elas nem sequer existissem e depois de ver que Thor matava fileira após fileira de homens, eles perceberam que estavam lutando contra um turbilhão mágico e imparável de destruição.

A cidade foi invadida pelo caos. Os milhares de soldados do Império deram a volta e tentaram fugir e escapar de Thor. Mas não havia nenhum lugar para onde eles pudessem ir. Liderado pela espada, Thor era muito rápido, era como um raio espalhando-se pela cidade. Os soldados, em pânico, corriam para as

muralhas da cidade, pisoteando-se em debandada, tentando sair.

Thor não iria deixá-los escapar. Ele corria por todos os cantos da cidade, a espada o transportava a uma velocidade jamais sentida por ele. Ao pensar em Gwendolyn e no que Andronicus tinha feito com ela, ele matava soldado após soldado, tomando vingança. Era hora de corrigir os erros que Andronicus tinha infligido ao Anel.

Andronicus era seu pai. Esse pensamento queimava através dele como um incêndio. Com cada golpe de espada Thor imaginava que o estava matando, acabando com sua linhagem. Thor queria ser outra pessoa, queria descender de outro alguém. Ele queria um pai de quem ele pudesse se orgulhar. Qualquer um, menos Andronicus. E se ele matasse o suficiente daqueles homens, talvez, apenas talvez, ele pudesse livrar-se dele.

Thor lutava em transe, ele girava em todas as direções, até que finalmente percebeu que não estava golpeando mais nada. Ele olhou em volta e viu que cada

soldado, cada um dos milhares dos homens de Andronicus, jazia no chão, morto. A cidade estava cheia de corpos. Não havia mais ninguém para matar.

Thor ficou sozinho na praça da cidade, respirando com dificuldade, a espada brilhava em sua mão, nem uma alma se mexia.

Thor ouviu um grito de alegria distante; ele saiu de seu devaneio e correu para o portão da cidade. Ele viu ao longe, os homens de Kendrick, atacando e perseguindo o restante do exército, fazendo-os bater em retirada.

Quando Thor correu para fora do portão da cidade, Mycoples o viu e desceu, ela estava à espera de seu retorno, Gwen ainda se encontrava montada em suas costas. Thor montou o dragão e eles subiram mais uma vez pelo ar.

Eles sobrevoaram o exército de Kendrick e Thor os viu: dali de cima, eles eram como formigas abaixo dele. Eles comemoraram a vitória enquanto

voavam sobre eles. Finalmente, eles
estavam na frente do exército de Kendrick, na frente da grande massa de
homens, cavalos e poeira. Mais adiante
estava o restante das legiões de
Andronicus, totalmente disperso.
“Para baixo.” Thor sussurrou.
Eles mergulharam e surgiram na
retaguarda dos homens de Andronicus,
ao fazer isso, Mycoples lançou
labaredas de fogo, acabando com uma
fileira de soldados após outra, uma
grande muralha de fogo avançava sobre
eles cada vez mais rápido. Os gritos se
ouviam bem alto, em pouco tempo, Thor
havia dizimado toda a retaguarda.
Finalmente, não havia mais ninguém
para matar.
Eles continuaram a voar, cruzando as planícies extensas, Thor queria
assegurar-se de que não havia restado
mais nenhum soldado do Império. À
distância, Thor viu a grande cordilheira,
as Highlands separando o Leste do
Oeste. Entre eles e as Highlands não
havia um único soldado do Império
vivo. Thor estava satisfeito.

Todo o reino Ocidental do Anel
havia sido liberado. Os assassinatos já
tinham sido suficientes para o dia. O sol
começou a se pôr e tudo o que estava à
frente, no lado oriental das Highlands,
poderia permanecer ali por enquanto.
Thor voou em um círculo e dirigiu-
se de volta para Kendrick. O campo
corria abaixo dele, logo ele ouviu os
gritos e aplausos dos homens que olhavam para o céu e diziam o seu nome
em coro.
Ele pousou diante do exército,
desmontou e ajudou Gwendolyn a descer
do dragão.
Eles foram abraçados pelo grande
grupo, todos eles correram para a frente,
um grande grito de júbilo pela vitória
foi ouvido entre os soldados que se
amontoavam por todos os lados.
Kendrick, Godfrey, Reece, seus irmãos
da Legião e do Exército Prata e todos os
que Thor apreciava correram para
abraçá-lo e para abraçar Gwendolyn.
Todos estavam finalmente unidos.
Finalmente, eles eram livres.

CAPÍTULO NOVE

Andronicus atravessava seu acampamento pisando firme e em um ataque impulsivo de fúria, ele estendeu suas longas garras e cortou a cabeça do jovem soldado que, para sua própria desgraça estava de pé nas proximidades.

Enquanto marchava, Andronicus decapitava um soldado após outro, até que finalmente seus homens perceberam seu mau humor e correram para ficar longe dele. Eles sabiam muito bem que não era prudente ficar perto dele quando ele estava em um estado de ânimo como aquele.

Os soldados se separaram quando Andronicus irrompeu por seu acampamento de dezenas de milhares, todos mantinham uma distância prudente.

Até mesmo seus generais ficaram a uma distância segura, caminhando devagar atrás dele, eles sabiam muito bem que era melhor nem chegar perto quando ele estava furioso daquele jeito.

A derrota era uma coisa. Mas uma derrota como a que ele havia sofrido era

algo sem precedentes na história do Império. Andronicus jamais havia provado o sabor da derrota antes. Sua vida tinha sido uma longa sequência de vitórias, cada uma mais brutal e satisfatória do que a outra. Antes, ele não sabia o que se sentia ao ser derrotado. Agora ele sabia; e ele não gostava nada disso.

Os últimos acontecimentos davam voltas e mais voltas na mente de Andronicus. Como era possível que as coisas tivessem dado tão errado? Ainda ontem, parecia que sua vitória havia sido completa, parecia que o Anel era seu. Ele tinha destruído a Corte do Rei e conquistado Silésia; ele tinha subjugado todos os MacGils e humilhado seu líder, Gwendolyn; ele tinha torturado seus melhores soldados no alto das cruzes; ele já havia assassinado Kolk e estava prestes a executar Kendrick e os outros. Argon havia se intrometido em seus assuntos, tinha arrebatado Gwendolyn para longe antes que ele pudesse matá-la. Andronicus estava prestes a corrigir

isso, ele iria recuperá-la e executá-la,
juntamente com todos os outros. Ele tinha estado a um dia de uma completa
vitória e da grandeza.
E então tudo mudou tão rapidamente
e, para pior. Thor e aquele dragão
tinham aparecido no horizonte como uma
má aparição, eles tinham descido como
uma nuvem e com suas grandes chamas e
a Espada do Destino tinham conseguido
acabar com divisões inteiras de homens.
Andronicus havia testemunhado tudo
desde uma distância segura; ele teve o
bom senso próprio da batalha, de
retirar-se para aquele lado das
Highlands, enquanto suas patrulhas
continuavam a trazer-lhe relatórios ao
longo do dia, informando os danos que
Thor e o dragão tinham feito. No Sul,
nas proximidades de Savária, um batalhão inteiro havia sido dizimado; as
coisas na Corte do Rei e em Silésia era
igualmente ruins. Agora todo o Reino
Ocidental do Anel, o qual uma vez tinha
estado sob seu controle, estava livre.
Isso era inconcebível.
Ele fervia de raiva quando pensava

na Espada do Destino. Ele tinha ido tão
longe para tirá-la de dentro do Anel e
agora ela havia regressado e com isso, o
escudo havia sido ativado. Isso
significava que ele estava preso ali com
os homens que ele tinha; ele podia ir
embora, é claro, mas ele não poderia
mais mandar reforços para o interior.
Ele calculava que ainda tinha meio
milhão de soldados ali, daquele lado
das Highlands, eles eram mais do que suficiente para superar os MacGils; mas
contra Thor, a Espada do Destino e o
dragão, os números já não importavam.
Agora as probabilidades, ironicamente,
estavam contra ele. Era uma situação na
qual ele nunca tinha se visto antes.
E como se as coisas não pudessem
piorar ainda mais, seus espiões também
tinham trazido relatos de distúrbios em
sua terra, a capital do Império, eles lhe
informaram que Romulus estava
conspirando para tomar-lhe o seu trono.
Andronicus rosnava de raiva
enquanto caminhava com fúria por seu
acampamento, ponderando suas opções,

procurando alguém, alguém para culpar. Ele sabia como um comandante que era, que a coisa mais sábia a fazer taticamente, seria retirar-se e deixar o Anel antes que Thor e seu dragão o encontrassem. Seria melhor que ele reservasse todas as forças que lhe restavam, embarcasse em um de seus navios e navegasse de volta para o Império sofrendo sua vergonha e tentasse manter seu trono. Afinal, o Anel era apenas um pontinho na imensidão do Império e cada grande comandante tinha direito a pelo menos uma derrota. Ele ainda iria governar noventa e nove por cento do mundo e ele sabia que deveria estar mais do que satisfeito com isso.

Mas o Grande Andronicus não procedia assim. Andronicus não era um homem prudente nem se contentava facilmente. Ele sempre tinha seguido suas paixões e embora soubesse que era arriscado, ele não estava pronto para deixar aquele lugar, admitir a derrota, nem permitir que o anel escorregasse de seu punho de ferro. Mesmo que tivesse

de sacrificar todo o seu Império, ele iria encontrar uma maneira de esmagar e dominar aquele lugar, sem importar o que isso lhe custasse.

Andronicus não podia controlar o dragão ou a Espada do Destino. Mas Thorgrin... Essa era uma questão diferente. Ele era seu filho.

Andronicus parou e suspirou com o pensamento. Que ironia: o seu próprio filho, o último obstáculo para sua dominação do mundo. De alguma forma parecia adequado. Até mesmo inevitável. Andronicus sabia muito bem que as pessoas mais achegadas a alguém são justamente as que mais lhe causam dano.

Ele se lembrou da profecia. Deixar seu filho viver tinha sido um erro, é claro. Seu grande erro na vida. Mas Andronicus tinha um fraco por ele, mesmo sabendo que a profecia declarava que isso poderia levar a sua própria morte. Ele tinha deixado Thor vivo e agora havia chegado a hora de

pagar o preço por isso.

Andronicus continuou avançando furioso pelo acampamento, seguido por seus generais, até que finalmente ele chegou à periferia e se deparou com uma tenda menor do que as outras: era uma tenda escarlate em um mar de tendas pretas e douradas. Havia apenas uma pessoa que teria a audácia de ter uma tenda de cor diferente, a única pessoa que seus homens temiam.

Rafi.

Ele era o feiticeiro pessoal de Andronicus, a criatura mais sinistra que ele já havia encontrado. Rafi tinha aconselhado Andronicus durante cada passo do caminho, o havia protegido com sua energia malévola e tinha sido o responsável por sua ascensão mais do que ninguém. Andronicus odiava ter de recorrer a ele agora, odiava ter de admitir o quanto precisava dele. Mas quando ele encontrava um obstáculo que não era terrenal, algo que requeria a magia, era sempre a Rafi a quem ele recorria.

Andronicus se aproximou da tenda,

duas criaturas do mal, altas e magras, ocultas em capas vermelhas, olharam para ele com seus olhos amarelos e brilhantes que se projetavam através de seus capuzes. Eram as únicas criaturas em todo aquele acampamento que se atreviam a não inclinar a cabeça em sua presença.

“Eu convoco Rafi.” Andronicus declarou.

As duas criaturas, sem se virar, estenderam a mão e cada uma delas puxou uma das abas da tenda.

Assim que elas fizeram isso, um odor horrível saiu de dento da tenda, Andronicus recuou ao senti-lo.

Houve uma longa espera. Todos os generais pararam atrás de Andronicus e aguardaram expectantes, o mesmo ocorreu em todo o acampamento, todos haviam se virado para ver. O acampamento caiu em um pesado silêncio.

Finalmente, do lado de fora da tenda escarlate surgiu uma criatura alta e magra, ela era duas vezes mais alta que

Andronicus e tão magra como o ramo de
uma oliveira. A criatura estava vestida
com a túnica escarlate mais escura que
existia, seu rosto não era visível, ele
estava escondido em algum lugar na escuridão por trás de sua capa.
Rafi ficou ali e olhava fixamente
para Andronicus quem podia ver apenas
os olhos amarelos olhando-o de volta
sem piscar, metidos em sua carne muito
pálida.
Seguiu-se um silêncio tenso.
Finalmente, Andronicus deu um
passo adiante.
“Eu quero que Thorgrin morra.”
Andronicus disse.
Após um longo silêncio, Rafi riu.
Foi um som profundo e perturbador.
“Pais e filhos.” Disse ele. “É sempre
a mesma história.”
Andronicus queimava por dentro,
impaciente.
“Você pode ajudar?” Insistiu ele.
Rafi ficou ali em silêncio por muito
tempo, tempo suficiente para que
Andronicus considerasse a

possibilidade de matá-lo. Mas ele sabia
que isso seria estúpido. Certa vez, em
um acesso de raiva, Andronicus tentou
apunhalá-lo impetuosamente, mas a
espada tinha derretido na sua mão em
pleno golpe. O cabo da espada tinha
queimado a mão dele também; foram
necessários vários meses para que ele
se recuperasse da dor.
Então Andronicus ficou parado ali,
rangendo os dentes e suportando o
silêncio.
Finalmente, Rafi ronronou debaixo
de seu capuz.
“As energias que cercam o rapaz são muito fortes.” Disse Rafi lentamente.
“Mas todo mundo tem um ponto fraco.
Ele foi elevado com magia. Ele pode ser
derrubado com magia também.”
Andronicus deu um passo à frente,
intrigado.
“De que magia estamos falando?”
Rafi fez uma pausa.
“De um tipo que você jamais
encontrou. Respondeu ele. “De um tipo
reservado apenas para um ser como

Thor. Ele é sua semente, mas ele é mais do que isso. Ele é muito poderoso, muito mais do que você mesmo. “Se ele viver para ver esse dia.”

Andronicus enfureceu.

“Diga-me como eu posso capturá-lo.” Exigiu ele.

Rafi balançou a cabeça.

“Essa sempre foi sua fraqueza.” Disse ele. “Você escolhe capturar e não matá-lo.”

“Primeiro vou capturá-lo.” Andronicus rebateu. “Então eu vou matá-lo. Existe uma maneira diferente de fazer isso ou não?”

Seguiu-se outro longo silêncio.

“Existe uma maneira de tirar-lhe o seu poder, sim.” Disse Rafi. “Sem a sua preciosa espada e sem o seu dragão, ele será igual a qualquer outro garoto.”

“Mostre-me como.” Ordenou Andronicus.

Houve um longo silêncio.

“Por um preço.” Rafi finalmente respondeu.

“Seja qual for.” Andronicus disse.

“Eu lhe pagarei o preço que for.”

Ouviu-se então uma risada longa e sinistra.

“Acho que um dia você vai se arrepender disso.” Respondeu Rafi.

“Muito, muito mesmo.”

CAPÍTULO DEZ

Romulus marchava pela estrada meticulosamente pavimentada com ladrilhos de ouro, ela o conduzia até Volúsia, a capital do Império, os soldados, vestidos com seus melhores uniformes batiam continência para ele. Romulus ia à frente do restante de seu exército, o qual havia sido reduzido a algumas poucas centenas de soldados, eles se encontravam abatidos e derrotados em sua luta contra os dragões.

Romulus fervia de raiva. Era uma caminhada humilhante. Durante toda a sua vida, ele sempre tinha regressado vitorioso, tinha desfilado como um herói; agora ele voltava em silêncio, em total constrangimento, trazendo de volta, em vez de troféus e prisioneiros,

soldados que tinham sido derrotados.
Ele queimava por dentro. Tinha sido
tão estúpido da sua parte ir tão longe em
busca da espada, ousar travar uma
batalha contra os dragões. Ele se deixou
levar por seu ego; ele deveria ter usado
de discernimento. Ele teve a tremenda
sorte de escapar, e mais ainda, com
alguns de seus homens ilesos. Ele ainda
podia ouvir os gritos de seus homens,
ainda podia sentir o cheiro de carne
queimada.
Seus homens haviam lutado
bravamente, marchando com disciplina
para a morte, sob seu comando. Mas,
depois de ter visto milhares deles sendo reduzidos a algumas centenas, ele soube
que deviam recuar e fugir. Ele ordenou
uma retirada precipitada e o restante de
suas forças tinha deslizado para dentro
dos túneis e ficado a salvo das
labaredas de fogo dos dragões. Eles
tinham permanecido em lugares
subterrâneos e tinham feito todo o
caminho de volta para a capital a pé.
Agora, ali estavam eles marchando

através dos portões da cidade, os quais
se elevavam a uma altura de trinta
metros em direção ao céu. Logo eles
entraram naquela cidade lendária,
belamente adornada inteiramente com
ouro. Milhares de soldados do Império
cruzavam em todas as direções,
marchando em formações ao longo das ruas, batendo continência enquanto ele
passava. Afinal, com Andronicus
ausente, Romulus era o líder *de facto* do Império, além de ser o mais respeitado
de todos os guerreiros. Havia sido assim
até a derrota daquele dia. Agora, depois
de seu fracasso, ele não sabia como as
pessoas iriam encará-lo.
A derrota não poderia ter acontecido
em pior momento. Era o momento em
que Romulus estava preparando o seu
golpe, preparando-se para tomar o
poder e derrubar Andronicus. Enquanto
ele percorria o seu caminho através da
cidade, passando por fontes; trilhas de
jardins meticulosamente pavimentadas;
por servos e escravos em toda parte, ele
se admirava do fato de que estava voltando em uma posição de fraqueza,
em vez de voltar, como ele havia

imaginado, com a Espada do Destino nas mãos e com mais poder do que nunca. Agora, em vez de ser capaz de reivindicar o poder que merecidamente era dele, ele teria de justificar-se perante o Conselho e esperava não perder sua posição.

O Grande Conselho. Só de pensar nisso ele se retorcia por dentro.

Romulus não era homem de prestar contas a ninguém, muito menos a um Conselho formado por cidadãos que nunca tinham empunhado uma espada.

Cada uma das doze províncias do Império tinha enviado dois representantes, vinte e quatro líderes de todos os cantos do Império.

Tecnicamente, eles governavam o Império; mas na verdade, Andronicus governava como ele bem desejava e o Conselho fazia o que ele mandava.

Mas quando Andronicus tinha partido para o Anel, ele havia dado ao Conselho muito mais autoridade da que ele já tinha. Romulus supunha que Andronicus tinha feito isso para se

proteger e para mantê-lo sob controle, certificando-se de que ele ainda teria um trono para o qual regressar. Sua jogada tinha encorajado o Conselho; agora eles agiam como se tivessem autoridade real sobre Romulus. Então Romulus tinha de, por enquanto, sofrer a indignidade de ter de responder àquelas pessoas. Eram todos comparsas escolhidos a dedo por Andronicus, pessoas que Andronicus tinha entrincheirado para garantir que o trono seria seu para sempre. O Conselho procurava qualquer desculpa para fortalecer Andronicus e debilitar qualquer ameaça dirigida a ele, especialmente Romulus. E a derrota de Romulus brindava-lhes a ocasião perfeita para isso.

Romulus marchou por todo o caminho até chegar ao edifício do Conselho, cuja estrutura redonda, brilhante, enorme e preta se elevava até o céu. O prédio estava rodeado por colunas de ouro e tinha uma cúpula dourada brilhante; a bandeira do Império ondulava sobre ela e a imagem de um leão de ouro com uma águia em

sua boca estava talhada em sua enorme
porta de entrada.
Enquanto Romulus subia os cem
degraus de ouro, seus homens
esperavam na base da praça. Ele
caminhava sozinho, dirigindo-se para as
portas do Conselho, subindo três
degraus de cada vez, suas armas
tilintavam contra sua armadura enquanto
ele avançava.
Foram necessários doze servos para
abrir as portas maciças no topo dos
degraus, cada porta tinha quinze metros
de altura, estava feita de ouro brilhante e
continha apliques pretos por toda parte,
em cada um deles estava gravado o selo
do Império. Eles abriram as portas totalmente e Romulus sentiu o vento frio
irromper e arrepiar sua pele enquanto
ele marchava para o interior escuro. As
enormes portas se fecharam atrás de
Romulus e como sempre sucedia quando
ele entrava naquele prédio, ele teve a
sensação de que estava entrando em uma
tumba.
Romulus caminhava pomposamente

sobre os pisos de mármore, suas botas ecoavam, ele contraía sua mandíbula, querendo acabar logo com aquele encontro e dedicar-se a coisas mais importantes. Ele tinha ouvido um boato sobre uma arma fantástica, justo antes de ir ali e precisava saber se isso era verdade. Se assim fosse, isso mudaria tudo e inclinaria a balança ao seu favor. Se essa arma realmente existisse, então tudo isso — Andronicus e o Conselho — já não significariam nada para ele. De fato, todo o Império finalmente seria seu. Pensar naquela arma era a única coisa que mantinha Romulus confiante e seguro enquanto ele subia outro conjunto de degraus e atravessava outro par de portas enormes, até finalmente ingressar na sala redonda que abrigava o Grande Conselho.

No interior daquela vasta câmara havia uma mesa preta de formato circular com um círculo oco em seu centro e uma estreita passagem que conduzia a ele. Em torno do círculo

estava o Conselho, todos os vinte e
quatro membros vestidos com suas túnicas pretas, sentados solenemente ao
redor da mesa. Eram todos homens de
idade com chifres cinzentos e olhos
escarlates, injetados de vermelho
devido aos muitos anos de idade. Era
humilhante para Romulus ter de
enfrentá-los, ter de caminhar para o
centro da mesa através daquela entrada
estreita e ficar rodeado pelas pessoas
que ele tinha de enfrentar. Era
humilhante ser obrigado a virar-se em
todas as direções para lhes fazer face. O
projeto inteiro da sala e daquela mesa
era apenas mais uma das táticas de
intimidação Andronicus.
Romulus ficou ali no centro da sala,
em silêncio, queimando por dentro,
durante um tempo que ele não soube medir. Ele sentia-se tentado a retirar-se,
mas ele estava obrigado a apresentar-se.
“Romulus da Legião Octakin.”
Anunciou solenemente um dos homens
do Conselho.
Romulus virou-se e viu um dos
conselheiros mais velhos: ele era bem

magro, seu rosto era encovado e seus cabelos eram grisalhos, o homem olhava para ele com seus olhos escarlates.

Aquele homem era um protegido de Andronicus e Romulus sabia que ele diria qualquer coisa para conseguir o favor de Andronicus.

O velho conselheiro limpou a garganta.

“Você retornou a Volúsia com uma derrota. Em desgraça. É muito atrevimento seu vir aqui.”

“Você se tornou um comandante imprudente e precipitado.” Disse outro conselheiro.

Romulus se voltou e viu os olhos de desprezo olhando para ele, do outro lado do círculo.

“Você perdeu milhares de nossos homens em sua busca infrutífera da espada, em seu confronto imprudente com os dragões. Você falhou a Andronicus e ao Império. O que você tem a dizer em sua defesa?”

Romulus olhou para ele, desafiante.

“Eu não devo desculpar-me por

coisa alguma.” Disse ele. “Recuperar a
espada era de grande importância para o Império.”
Outro homem idoso se inclinou para
frente.
“Mas você *não* a recuperou, ou
sim?”
Romulus ficou vermelho. Ele
mataria aquele homem se ele pudesse.
“Eu quase a recuperei.” Finalmente
ele respondeu.
“*Quase* não significa nada.”
“Nós encontramos obstáculos
inesperados.”
“Dragões?” Observou outro
conselheiro.
Romulus virou-se para enfrentá-lo.
“Como você pôde ser tão
imprudente?” Disse o conselheiro.
“Você realmente achou que poderia vencer?”
Romulus limpou a garganta, sua
raiva ia subindo.
“Eu não fui imprudente. Meu
objetivo não era matar os dragões. Era
recuperar a espada.”
“No entanto, você não conseguiu

isso.”

“Pior ainda...” Disse outro. “... Você já lançou os dragões contra nós. Os relatórios que recebemos informam de seus ataques por todo o Império. Você iniciou uma guerra que não podemos vencer. É uma grande perda para o Império.”

Romulus parou de tentar responder; ele sabia que isso só levaria a mais acusações e recriminações. Afinal de contas, aqueles eram os homens de Andronicus e todos eles eram parciais.

“É uma pena que o próprio Grande Andronicus não esteja aqui para castigá-lo.” Disse outro conselheiro. “Tenho certeza de que ele não iria deixá-lo viver este dia até o fim.”

Ele limpou a garganta e se inclinou para trás.

“Mas, em sua ausência, devemos aguardar o seu retorno. Por enquanto, você ordenará ao exército que envie frotas de navios para reforçar a presença do Grande Andronicus no Anel. Quanto a você, você vai ser

rebaixado, despojado de suas armas e
de sua patente. Mantenha-se no quartel e aguarde novas ordens de nós.”
Romulus olhava para o conselho,
totalmente descrente.
“Dê graças aos céus que nós não
vamos executá-lo agora mesmo. Agora
deixe-nos.” Disse outro conselheiro.
Romulus cerrou os punhos, roxo de
indignação. Ele olhava para cada um
dos conselheiros e jurou matar todos e
cada um deles. Mas ele obrigou-se a se
conter dizendo a si mesmo que aquele
não era o momento. Ele poderia até ter
alguma satisfação ao matá-los naquele
instante, porém esse não era seu
objetivo final e ele não desistiria dele.
Romulus se virou e saiu da sala,
suas botas ecoavam enquanto ele
caminhava através da porta que já havia sido aberta pelos servos e que logo foi
fechada atrás dele.
Romulus marchava para fora do
Edifício do Conselho descendo os cem
degraus de ouro para encontrar-se com o
seu grupo de homens, os quais estavam a
sua espera. Ele dirigiu-se ao seu

segundo general.

“Senhor...” Disse o General,

curvando-se diante dele. “Quais são

suas ordens?”

Romulus olhou fixamente para o

general, pensando. É claro que ele

poderia desobedecer às ordens do

Conselho; pior ainda, agora era a vez de

desafiá-los.

“A ordem do Conselho é que todos os navios do Império que estão no mar

voltem para casa, para nossa costa,

imediatamente.”

Os olhos do general se arregalaram.

“Mas senhor, isso deixaria o Grande

Andronicus abandonado dentro do Anel,

sem nenhuma possibilidade de voltar

para casa.”

Romulus voltou a olhar para ele,

seus olhos estavam frios.

“Nunca me questione.” Replicou ele

com uma voz tão fria quanto o aço.

O general curvou sua cabeça.

“Claro, senhor. Perdoe-me.”

Seu comandante virou-se e saiu

correndo e Romulus sabia que ele iria

executar suas ordens. Ele era um soldado fiel.

Romulus sorriu para si a si mesmo.

Como o Conselho tinha sido tolo ao pensar que ele iria fazer-lhes caso; que ele cumpriria suas ordens. Eles o haviam subestimado infinitamente.

Afinal, eles não tinham ninguém para executar seu rebaixamento e até que eles descobrissem isso, enquanto Romulus tivesse poder, ele iria dar ordens suficientes para impedi-los de ganhar poder sobre ele. Andronicus seria poderoso, mas Romulus era ainda mais poderoso.

Um homem estava parado no final da praça, ele usava uma túnica verde e brilhante, o capuz dela estava puxado para baixo e revelava uma cara larga amarela e plana com quatro olhos. O homem tinha as mãos longas e finas seus dedos eram tão longos quanto o braço de Romulus, ele esperava ali pacientemente. Ele era um Wokable.

Romulus não gostava de lidar com gente daquela raça, mas em certas circunstâncias ele era obrigado a fazer

isso e aquele era um desses momentos.
Romulus dirigiu-se até o Wokable e sentiu sua bizarrice a vários metros de distância quando a criatura olhou fixamente para ele com seus quatro olhos. Ela estendeu a mão e tocou-lhe o peito com um de seus dedos longos.
Romulus parou, ele ficou frio ao sentir o contato daquele dedo viscoso.
“Nós encontramos o que você nos pediu para buscar.” Disse a criatura. O Wokable fez um barulho estranho e borbulhante com sua garganta. “Mas isso vai custar-lhe caro.”
“Eu pagarei qualquer preço.” Disse Romulus.
A criatura fez uma pausa, como se estivesse indecisa.
“Você deve vir sozinho.”
Romulus ficou pensativo.
“Como sei que não está mentindo?” Perguntou Romulus.
A criatura se inclinou e fez o gesto mais parecido a um sorriso que lhe era possível. Romulus desejava que ela não tivesse feito isso. Ela revelou sua

mandíbula retangular, cheia de centenas de pequenos dentes afiados.

“Você não tem como saber.” Disse ela.

Romulus olhou para todos os olhos do Wokable. Ele sabia que não deveria confiar naquela criatura. Mas ele devia tentar. O prêmio que ela proporcionava era grande demais para ser ignorado. Era o prêmio que Romulus estava procurando durante toda a sua vida: a arma mítica que segundo a lenda, poderia baixar o escudo e permitir que ele atravessasse o Canyon.

A criatura virou as costas e começou a se afastar, Romulus permaneceu ali, observando-a.

Finalmente, ele começou a segui-la.

CAPÍTULO ONZE

Gwendolyn estava montada nas costas de Mycoples, atrás de Thor, ela o segurava com força, o vento soprava seu cabelo. Estava frio, mas a sensação era tão refrescante. Ela estava começando a se sentir viva novamente.

Na verdade, Gwendolyn nunca havia

se sentido tão feliz como naquele momento. Tudo parecia estar bem no mundo novamente. Ela podia sentir seu bebê movendo-se em seu ventre e podia sentir a alegria dele por estar perto de Thor. Gwen ardia de emoção ela queria dar a notícia para Thor, mas estava esperando o momento perfeito. Porém, desde que eles tinham deixado a Torre de Refúgio, ainda não tinham tido um momento para falar. Tinha sido um turbilhão de batalhas e aventuras, enquanto os dois voavam montados em Mycoples. Gwendolyn observou com admiração quando a criatura dizimou dezenas de homens de Andronicus. Ela não sentia pena deles. Muito pelo contrário, ela sentia-se satisfeita, sentia que o seu desejo de vingança estava sendo cumprido lentamente. Com cada soldado do Império que eles matavam e com cada cidade e aldeia que reconquistavam, Gwen sentia que as injustiças estavam sendo corrigidas. Depois de todas as derrotas, depois de assistir a destruição

de sua terra natal, Gwen desfrutava a maravilhosa sensação de ser vitoriosa.

Depois de libertar Vinésia, Kendrick e seus homens começaram a fazer o caminho de volta para Silésia. Gwendolyn e Thor decidiram voar de volta juntos e encontrá-los lá. Com Mycoples, eles eram muito mais rápidos do que os cavalos e tinha muito tempo de sobra. Thor havia dirigido Mycoples para levá-los em uma excursão aérea pelo Reino Ocidental. Enquanto voavam, Gwen olhava para baixo com satisfação ao ver dezenas de homens de Andronicus exterminados, eles cobriam o chão em todos os lugares, desde as Highlands até o Canyon. Gwen ficou aliviada ao ver que o Reino Ocidental, estava completamente livre. Claro, metade do exército do Império permanecia do outro lado das montanhas, mas Gwendolyn não estava preocupada com isso agora. Vendo o estrago tremendo que Thor lhes havia infligido naquele dia, era óbvio para ela que eles poderiam acabar com o resto dos homens de Andronicus outro dia.

Andronicus não teria outra escolha, ele
deveria se render, ou então sucumbir
durante a derrota.
Pela primeira vez durante um lapso
que ela não conseguia se lembrar, Gwen
não tinha necessidade de se preocupar.
Agora era hora de comemorar.
Mycoples batia suas grandes asas e
Gwendolyn examinou-a com admiração, ela ainda mal conseguia conceber que
estava voando, montada no dorso de um
dragão.
Ela se agarrava a Thor enquanto eles
faziam um passeio romântico ao longo
do Anel, olhando para as montanhas,
vales e colinas, vendo-os pela primeira
vez de cima. Eles chegaram ao Canyon e
ao longe ela pôde vislumbrar o amarelo
cintilante do Tartuvian no horizonte.
Eles se viraram e voaram ao longo da
borda do Canyon, a vista dele desde as
alturas, com sua bruma serpenteando
durante o crepúsculo dos dois sois, era
de tirar o fôlego. Parecia tão vasto como
o mundo.
Eles deram a volta e se dirigiram para Silésia, o coração de Gwen vibrou

com a ideia de reunir-se com todo o seu povo. Antes da chegada de Thor, ela tinha estado tão nervosa ao retornar, ao encarar o seu povo. Mas agora, ela já não sentia vergonha; pelo contrário, ela sentia-se cheia de alegria e até mesmo de orgulho. As sábias palavras de Argon tinham finalmente calado fundo nela. Gwen finalmente percebeu que o sucedido com ela não tinha nada a ver com quem ela realmente era, ela percebeu que isso não a definia. Ela tinha uma vida inteira pela frente e também tinha o poder de escolher se ela iria permitir a si mesma viver feliz, ou deixar que sua vida fosse arruinada. Ela tinha decidido que viveria. Essa era a melhor vingança. Ela não deixaria que nada a abatesse.

Todas as cores brilhavam na névoa abaixo e aquele era o passeio mais romântico que ela já tinha feito, um passeio além de seus sonhos mais selvagens. Ela estava, acima de tudo, muito feliz por estar compartilhando isso com Thor. Ela não podia esperar

até que eles desembarcassem; até que finalmente pudessem estar um tempo a sós, para que ela lhe contasse a incrível notícia de que estava grávida. Ela sentia que Thor tinha algo a dizer-lhe também e não podia deixar de perguntar a si mesma se ele iria propor-lhe casamento.

Ela sorriu com esse pensamento, tonta de emoção. Não havia nada no mundo que ela desejasse mais.

Eles sobrevoaram a Corte do Rei e o coração de Gwendolyn ficou apertado ao ver os restos daquela gloriosa cidade: suas muralhas carbonizadas; suas casas abandonadas; suas fontes destruídas e suas estátuas derrubadas. Mas pelo menos suas muralhas ainda estavam de pé; elas estavam carbonizadas e em ruínas em alguns lugares, mas nem tudo tinha desabado.

Gwen se sentia determinada, cheia de um senso de propósito. Ela prometeu a si mesma que iria reconstruir a Corte do Rei. Ela iria torná-la superior ao que uma vez havia sido, melhor até mesmo que no tempo de seu pai. Ela seria um

bastião brilhante de esperança, um farol para que todos vissem. Todos veriam que o Anel tinha sobrevivido e que iria continuar a sobreviver por séculos.

Eles voaram para o Norte, para cada vez mais longe, até que finalmente, Silésia apareceu em sua vista, suas edificações de brilhante pedra vermelha elevavam-se no ar, brilhavam no horizonte. Suas duas cidades: a cidade alta e a cidade baixa eram visíveis mesmo desde onde eles se encontravam.

O coração de Gwen bateu mais rápido quando ela viu Kendrick e todos os homens que regressavam da vitória, entrando como em uma enxurrada pelos portões da cidade em direção à enorme praça de Silésia.

Thor deu uma ordem a Mycoples,
eles mergulharam e em seguida
aterrissaram bem no centro da cidade.
Assim que eles pousaram, um grande
grito de júbilo ouviu-se entre os homens,
Mycoples arqueou o pescoço e gritou
com orgulho.
Thor desmontou e em seguida pegou
a mão de Gwen e ajudou-a a desmontar,
assim que os seus pés tocaram o chão
eles foram recebidos com os aplausos
de milhares de pessoas. A enorme
multidão, em êxtase, acenava com seus
chapéus enquanto gritavam os nomes de
Thor e Gwendolyn. Ela podia ver o
amor e a devoção em seus rostos
enquanto todos corriam desde todos os
lados para abraçá-la. Ela percebeu que
eles estavam emocionados por tê-la de volta. Esse sentimento enchia seu
coração de alegria. Ela tinha pensado
que eles olhariam para ela com pena ou
decepção. Ela tinha estado tão errada.
Eles ainda a amavam tanto quanto antes,
ou talvez ainda mais.
Gwen se sentia em casa novamente.

Aquele era o seu lugar, ali com aquelas pessoas, ajudando-as. Seu lugar não era em uma torre de refúgio, isolando-se do mundo. Ela precisava abraçar o mundo.

Argon tinha tido razão todo o tempo.

“Minha irmã!” Disse uma voz.

O coração de Gwen se revigorou quando ela se virou e viu seu irmão mais novo, Reece, de pé diante dela, vivo.

Ele tinha conseguido voltar de sua missão no Império. Ela jamais esperava que pudesse vê-lo de pé diante dela novamente.

Ele correu e abraçou-a e ela o abraçou de volta. Ele parecia mais velho, mais aguerrido, mais maduro.

“Eu estou tão feliz por você estar vivo.” Disse ela.

O clima no ar era mais do que festivo, mais do que jovial, era de total euforia. Era como se todo mundo ali tivesse nascido de novo. Ela abraçou seu irmão Godfrey, seu irmão Kendrick e depois uma pessoa após outra vinha até ela e a abraçava, era um fluxo interminável de pessoas cheias de bons

desejos. Enquanto ela estava ali, ao lado de seus irmãos, ela não podia deixar de pensar em seu pai e seus outros irmãos. Ali estavam eles: Kendrick, Godfrey, Reece e ela, quatro dos seis filhos de MacGil. Gareth estava perdido para todos eles. E Luanda, como sempre guardava distancia, já que ela parecia não ter superado sua rivalidade com Gwendolyn. Mas pelo menos havia quatro deles e ela se sentia mais perto de Kendrick de Godfrey e de Reece do que nunca. Gwen sentia que finalmente, parecia que todos tinham se tornado uma família unida. Era irônico que isso tivesse acontecido depois que seu pai havia falecido.

A manifestação se transformou em uma enorme celebração, todos os silesianos libertos estavam muito felizes por estarem vivos e livres do punho de ferro de Andronicus. Godfrey não perdeu tempo: com a ajuda de Akorth e Fulton ele dirigiu um grupo de homens para as tavernas clandestinas e logo vários barris de cerveja foram rolados

pelo pátio. Gritos e aplausos eram proferidos entre todos os cidadãos. Gwendolyn sentiu que alguém a levantava e a colocava sobre seus ombros. Ela foi erguida no ar, gritando de satisfação, enquanto Thor foi colocado sobre os ombros de outra pessoa, ao lado dela. Ouviam-se gritos de júbilo enquanto os dois desfilavam por toda a cidade. Os músicos apareceram, tocando címbalos, flautas, trombetas e tambores, executando alegres canções tradicionais. Logo as pessoas começaram a dançar.

Gwendolyn foi colocada de volta no chão e Thor encontrou-a, ele a tomou-a pelo braço e girou em torno dela movendo-se em sua dança tradicional. Gwen ria alegremente enquanto Thor circulava com ela, primeiro em uma direção e depois em outra. Os dois dançavam entre milhares de outros, girando loucamente, de braços dados e em seguida soltos. Eles trocaram de parceiros e Gwen se encontrou de braços dados com Godfrey, depois com

Kendrick e logo mais com Reece, Elden,
O'Connor, Srog, até que finalmente, ela
voltou para Thor.

Todos eles dançavam sem parar até que o sol começou a se pôr. Os aplausos enchiam o ar, odres de vinho foram distribuídos junto com canecas de cerveja espumante. As pessoas bebiam, cantavam, aplaudiam e dançavam um pouco mais e para a surpresa de Gwen, Silésia estava novamente repleta de sons de alegria e de risos.

Quando o céu escureceu as tochas foram acesas, iluminando a noite e a dança por todas as partes. A celebração continuou como se o dia tivesse apenas começado. Gwen olhou e viu um palco improvisado sendo montado em cima de uma grande prancha de madeira sobre rodas, ele tinha cerca de três metros de altura. Quando o palco chegou ao centro da praça, Godfrey pulou em cima dele, acompanhado por Akorth, Fulton e vários outros amigos, os quais Gwen reconhecia das tavernas. Todos eles subiram ao palco com canecas de cerveja em ambas as mãos, bebendo

generosamente, diante dos gritos e aplausos de milhares de pessoas.

A multidão se reuniu ao redor do palco, então Godfrey, Akorth e Fulton vieram para a frente e se dirigiram a ela.

“Acho que é hora de uma peça, meus caros irmãos e irmãs, o que acham?” Godfrey exclamou.

Ouviu-se um enorme grito de aprovação em resposta.

“Mas meu Senhor, sobre o que é a peça?” Akorth berrou com a voz exagerada de um mau ator. Gwendolyn riu.

“Eu diria que… é uma peça sobre Andronicus!” Fulton interferiu.

Ouviram-se as vaias da multidão embriagada e agitada.

“E quem fará o papel dele?” Godfrey perguntou.

“Já que eu sou o mais alto e mais gordo de todos vocês, então eu acho que o papel deveria ser meu.” Respondeu Akorth, inclinando-se para a frente e fazendo uma careta para a multidão, exagerando sua expressão carrancuda e

imitando Andronicus.

A multidão gritou em delírio e

Gwendolyn ria com eles. Era tão bom

rir. Ela sentiu a liberação de todas as

suas emoções reprimidas, enquanto observava as expressões exageradas dos

atores canastrões, todos eles zombando

de Andronicus. Ela se sentia segura

novamente, sentia como se já não

estivesse mais sozinha, como se todos

ali estivessem juntos pela mesma causa.

Era tão bom estar viva e livre de novo,

era bom poder burlar-se de suas

preocupações, isso fazia com que todas

elas parecessem insignificantes

Thor surgiu ao seu lado, ele passou

o braço em volta da cintura dela e

puxou-a com força, rindo com ela. Ela

adorava a sensação da mão dele em seu

ventre; isso a fez pensar em seu filho.

Enquanto Gwen observava o sol se pôr

contra aquela antiga e brilhante cidade

vermelha, ela queria congelar aquele momento de alegria e risos para que ele

nunca acabasse. Finalmente, tudo estava

bem no mundo. Ela só queria que ele

ficasse assim para sempre.

*

Reece ria gostosamente enquanto estava ali no meio da multidão, ao lado de seus irmãos da Legião, Thor, Elden, O'Connor e Conven. Ele assistia as peripécias de Godfrey, Akorth e Fulton no palco. Aquela havia sido a primeira vez em muito tempo que ele ria, ele não se lembrava de quando havia sido a última vez. Ele simplesmente não conseguia parar de rir enquanto observava Akorth imitar Andronicus.

"Acho que vou fazer o papel de McCloud!" Fulton gritou para o público.

Todos eles vaiaram e Fulton escondeu o rosto entre as mãos, em seguida, ele tirou um lenço e cobriu um de seus olhos com um tapa-olho.

"Oh eu esqueci, Eu agora tenho apenas um olho!" Gritou ele, zombando de McCloud, a multidão inteira deu risada.

"Os MacGils me derrotaram, assim eu não tenho outra saída a não ser me juntar a Andronicus!" Fulton gritou. Ele correu pelo palco e ficou de braços

dados com Akorth e juntos, eles
desfilaram enquanto tropeçavam um com
o outro, provocando enormes
gargalhadas.
“Então isso deve fazer com que seja
mais fácil matá-los!” Godfrey gritou, e
então se dirigiu apressadamente para a
frente com uma espada falsa, ele
golpeou com ela cada um deles.
A multidão vibrou e gritou em
aprovação quando Akorth e Fulton
caíram no palco; todos os outros atores
se uniram à cena, fingindo apunhalá-los.
Reece ria com os outros, a cerveja
estava subindo-lhe à cabeça. Depois de
todos aqueles meses de viagem, ele se
sentia tão bem ao estar em casa. Depois
de todas as agruras que haviam passado
no Império, uma parte dele jamais
contou com voltar para casa vivo, ele
ainda estava maravilhado com isso. Ele estava tão acostumado a estar em um
ambiente hostil, a estar no meio de uma
batalha, que ele se sentia simplesmente
deleitado com o fato de ter uma noite
para descansar, sem ter de preocupar-se

com ser atacado.

Mas enquanto seus amigos gritavam,
riam e assistiam à peça atentamente,
Reece estava distraído. Outra coisa
ocupava os seus pensamentos, então ele
se separou do grupo e começou a
examinar a multidão, como ele tinha
estado fazendo desde que havia
retornado. Ele estava à procura de
qualquer sinal da mulher que ocupava
seus pensamentos.

Selese.

Desde que ele havia retornado ao Anel, Reece não tinha sido capaz de pensar em outra coisa. Ele lembrou-se de que ela morava em uma pequena aldeia não muito longe dali, mas ele também tinha ouvido os relatórios e sabia que todas as aldeias tinham sido atacadas. Ele sabia que a maioria dos moradores tinha morrido; mas ele também tinha ouvido falar que alguns escaparam e tinham conseguido chegar a Silésia, a procura de refúgio. Ele rezou para que ela estivesse entre os sobreviventes, rezou para que de alguma

forma ela tivesse conseguido escapar e estivesse ali junto com os outros, ele rezou para que ela ainda se lembrasse dele.

Acima de tudo, ele desejava que ela se importasse com ele pelo menos uma fração do quanto ele se importava com ela.

Pensar em Selese o tinha sustentado ao longo de sua jornada e ele prometeu a si mesmo que se voltasse vivo, ele iria encontrá-la e dizer-lhe o quanto ele gostava dela. Agora que ele estava em casa, ele sentia que não tinha tempo a perder.

Reece correu no meio da multidão, procurando em todos os rostos, ansioso por encontrar algum sinal dela. Mas sem importar o quanto ele se esforçava, tropeçando com fileiras de pessoas, ele não conseguia ver nenhum sinal.

Seu coração estava apertado enquanto ele abria caminho através da multidão de milhares de pessoas, que pululavam por todos os lados. Com o céu escurecendo, ficava ainda mais

difícil distinguir os rostos que brilhavam
a luz fraca das tochas. Depois de um
tempo, todos eles começaram a se
confundir.
Reece começou a perder as
esperanças. Ele disse a si mesmo que
era muito provável que Selese não
tivesse conseguido escapar até ali. E
mesmo que ela tivesse conseguido, era
muito provável que ela continuasse
desinteressada nele.
O cheiro de comida enchia o ar e
Reece se virou e viu as longas mesas de
banquete sendo montadas em fileiras, elas estavam abarrotadas com todos os
tipos de carnes, queijos e iguarias.
Depois que os servos terminaram de
servi-las, a multidão desceu sobre elas.
O estômago de Reece estava roncando,
ele caminhou até uma mesa, pegou um
pedaço de carne e meteu-o em sua boca.
Ele não tinha percebido como estava
faminto, ele praticamente devorou uma
coxa de frango e um punhado de batatas,
logo depois ele tomou um longo trago de
cerveja de sua caneca e se sentiu

rejuvenescido.

Reece ficou ali, olhando distraidamente para o palco, ele não estava prestando atenção à peça, ele simplesmente estava se perguntando o que teria acontecido com Selese.

De repente, ele sentiu que alguém tocava o seu ombro.

Reece virou-se e o seu coração quase parou.

Parada ali, com um sorriso nos lábios, apertando as mãos nervosamente e olhando para ele hesitante, estava a mulher mais bonita que ele já tinha visto.

Selese.

Lá estava ela, olhando para ele com tanto amor em seus olhos brilhantes, seu rosto estava deleitado ao vê-lo.

Reece, pego de surpresa, teve de piscar os olhos várias vezes, ele se perguntava se ela era real ou apenas uma invenção da sua imaginação.

“Eu estive procurando por você por todos os lugares.” Disse ela. “Eu encontrei seus irmãos da Legião e eles me disseram que eu poderia encontrá-lo

aqui ao lado da mesa de banquete.”

“Eles lhe disseram?” Reece disse

ainda olhando nos seus olhos

sorridentes, ele mal podia falar. Ele

queria dizer a ela tantas coisas ao

mesmo tempo: o quanto ele a amava e

como ele nunca deixou de pensar nela.

Mas ao invés disso, ele ficou ali,

paralisado pelo nervosismo. As

palavras não saíam. Enquanto ele estava

ali sem jeito, em silêncio, ela parecia

ficar mais insegura, como se estivesse

se perguntando se ele realmente estava interessado em falar com ela.

“Eu queria falar com você desde que

você partiu da minha aldeia.” Disse ela.

“Eu tentei encontrá-lo, então eu soube

que você tinha ido embora.”

“Sim, para o Império.” Disse Reece.

“Em uma missão para encontrar a

espada. Nós acabamos de voltar. Eu

jamais pensei que nós conseguiríamos

voltar.”

“Eu fico feliz que você tenha

conseguido.” Disse ela.

Ele olhou para ela, surpreso.

“Por que?” Perguntou ele. “Eu pensei que você tivesse dito lá na aldeia, que não gostava de mim.”

Ela limpou a garganta e a preocupação cruzou o seu rosto.

“Eu pensei melhor sobre o que você disse para mim. Sobre como você me amava. Sobre como eu disse que isso era uma loucura.”

Ele olhou para ela e acenou com a cabeça.

“Mas o fato é eu não quis dizer isso.” Acrescentou ela. “Você não é louco. Esses sentimentos que você sentiu, eu os senti, também. Como você vê, eu não vim para Silésia apenas buscando um porto seguro. Eu vim aqui para encontrá-lo.”

Reece sentiu o coração inflar dentro do peito ao ouvir suas palavras, ele mal podia processá-las. Ela estava dizendo as mesmas coisas que tinham estado em sua mente.

Ele levantou a mão e acariciou o rosto dela.

“Durante minha missão, eu só

pensava em você, eu não podia pensar em nada mais." Disse ele. "Você foi o que me sustentou."

Ela deu um largo sorriso, seus olhos resplandeciam.

"Eu rezei todos os dias para que você retornasse a salvo." Disse ela.

A música ressurgiu e os casais começaram a dançar ao som da harpa e da lira.

Reece sorriu e estendeu-lhe a mão.

"A senhora me concede esta dança?" Perguntou ele.

Ela olhou para ele e sorriu, então ela pousou sua mão sobre a dele. Era a sensação mais suave de sua vida, os dedos dele ficaram eletrizados com o toque dela.

"Não há nada que eu ame mais do que isso."

CAPÍTULO DOZE

Luanda estava embaixo da luz da tocha, contra a parede de pedra no fundo do pátio de Silésia, observando as festividades e fervendo de raiva. Ali estava sua irmã, Gwendolyn, no centro

de tudo, como ela sempre tinha estado desde que eram crianças, adorada por todos. Era exatamente como tinha sido durante a infância: ela, Luanda, a mais velha, tinha sido preterida por seu pai, quem havia coberto sua filha mais nova de afetos. Seu pai havia tratado Luanda quase como se ela não existisse. Ele sempre tinha reservado o melhor de tudo para Gwendolyn. Especialmente o seu amor.

Luanda fervia por dentro enquanto pensava nisso, enquanto observava Gwendolyn, a queridinha de todos. Tudo isso trouxe de volta velhas memórias. Agora, ali estavam elas, depois de tantos anos, depois que seu pai havia morrido, Gwendolyn ainda continuava a ser o centro das atenções, ainda continuava a ser celebrada e adorada por todos. Luanda nunca tinha tido facilidade para fazer amigos, nunca teve o carisma, a personalidade ou a alegria natural para a vida que tinha Gwendolyn. Ela tampouco tinha amabilidade ou era graciosa; isso

simplesmente não era parte de sua
natureza.
Mas Luanda não se importava. No lugar da bondade do encanto e doçura de
Gwendolyn, Luanda tinha uma ambição
pura e simples, ela demonstrava ter até
mesmo agressividade, quando
necessário. Ela demonstrava ter todas as
qualidades agressivas de seu pai,
enquanto Gwendolyn demonstrava ter as
características do lado amável dele.
Luanda não se desculpava por isso; em
sua opinião, era assim que as pessoas
subiam na vida. Ela podia ser franca e
direta e até mesmo má quando
necessário. Ela sabia o que queria e
como obtê-lo, sem importar quem ou o
que estivesse em seu caminho. E por
isso, ela sempre supunha que as pessoas
a admiravam e respeitavam.
Mas em vez disso, ela havia
acumulado uma longa lista de inimigos
ao longo do caminho. Ela era o oposto
de Gwen, quem tinha um milhão de
amigos, quem nunca tinha buscado obter
nada e ainda assim, de alguma forma

conseguia obter tudo. Luanda observava
enquanto uma pessoa após outra
encorajava Gwendolyn e a levantava
sobre os seus ombros, ela olhava para
Gwen e Thorgrin, o companheiro
perfeito, enquanto ali estava ela, presa a
Bronson, um McCloud mutilado pelo
ataque de seu pai. Não era justo. Seu pai
a tinha tratado como um bem imóvel, ele
a havia feito casar-se e ir-se embora
com os McClouds, para promover suas
próprias ambições políticas. Ela deveria
ter se recusado. Ela deveria ter ficado em casa e deveria ter sido a única a
herdar a Corte do Rei quando seu pai
morresse.
Ela não estava preparada para
desistir, para deixar passar isso. Ela
queria o que Gwendolyn tinha. Ela
queria ser rainha, ali em sua própria
terra. E ela iria conseguir o que queria.
“Eles a tratam como se ela fosse
uma rainha.” Luanda resmungou para
Bronson, de pé ao seu lado. Ele ficou
ali, estupidamente, como um plebeu,
com um sorriso no rosto e uma caneca

de cerveja na mão e ela o odiava. O que
o fazia tão feliz?
Bronson virou-se para ela, irritado.
“Ela *é* uma Rainha.” Disse ele. “Por que eles não haveriam de tratá-la
assim?”
“Deixe essa caneca de lado e pare
de comemorar.” Ordenou ela,
necessitando descarregar sua raiva em
alguém.
“Por que eu faria isso?” Ele
retrucou. “Estamos celebrando depois
de tudo. Você deveria tentar também —
isso não vai lhe machucar.”
Ela olhou furiosamente para ele.
“Você é um homem estúpido e
infeliz.” Disse ela com desprezo. “Você
nem mesmo percebe o que isso
significa? Minha irmã mais nova agora é
a rainha. Todos agora teremos de
responder a ela. incluindo você.”
“E o que há de errado com isso?”
Perguntou ele. “Ela é a pessoa certa
para isso.”
Ela gritou, levantou a mão e
empurrou Bronson.

“Você nunca irá entender.” Ela retrucou. “Quanto a mim, eu vou fazer algo a respeito.”

“Vai fazer o quê?” Perguntou ele. “Do que você está falando?”

Luanda virou-se e começou a caminhar intempestivamente, Bronson correu para alcançá-la.

“Eu não gosto dessa expressão em seus olhos.” Disse ele. “Eu conheço esse olhar. Ele nunca leva a nada de bom. Aonde você vai?”

Ela olhou para ele, impaciente.

“Vou falar com a minha mãe, a ex-rainha. Ela ainda retém uma boa dose de poder. De todas as pessoas, ela deve entender. Eu sou sua primogênita, depois de tudo. O trono merece ser meu. Ela irá estabelecê-lo para mim.”

Ela virou-se para ir embora, mas sentiu uma mão fria em seu braço quando Bronson a deteve e olhou para ela. Ele não estava sorrindo.

“Você é uma tola.” Disse ele de volta com frieza. “Você não é a mulher que eu conheci. Sua ambição mudou

você. Sua irmã tem sido mais do que
generosa conosco. Ela nos acolheu
quando fugimos dos McClouds, quando
nem sequer tínhamos para onde ir. Você
não se lembra? Ela confiou em nós. Você
lhe recompensaria o favor dessa maneira? Ela é uma rainha amável e
sábia. Ela foi escolhida por seu pai. *Ela*.
Não você. Você só iria fazer o papel de
boba ao se intrometer nos assuntos da
corte real."
Luanda olhou para ele furiosamente,
prestes a explodir.
"Nós não estamos mais na Corte do
Rei." Retorquiu ela. "E esses assuntos
dos quais você fala, agora são os *meus*
assuntos. Eu sou uma MacGil. A
primeira dos MacGil." Ela levantou um
dedo e espetou o peito dele. "E você
nunca mais se atreva a me dizer o que
fazer de novo."
Com isso, Luanda girou nos
calcanhares, correu através do pátio e
começou a descer os degraus em direção a cidade baixa de Silésia, determinada a
encontrar sua mãe e derrubar sua irmã
de uma vez por todas.

*

Luanda irrompeu pelos corredores do castelo na Baixa Silésia, dando várias voltas enquanto percorria seu caminho e passava pelos guardas até finalmente alcançar o quarto de sua mãe. Sem sequer bater ou dirigir-se aos atendentes, ela invadiu o lugar.

A ex-rainha estava sentada ali, de costas para Luanda, em uma cadeira alta de madeira, ladeada por dois atendentes e Hafold. Ela olhava por uma pequena janela, para a escuridão da noite.

Através da janela, Luanda podia ver todas as tochas cobrindo a parte baixa de Silésia com suas mil faíscas de luz, ela podia ouvir os gritos distantes da celebração.

“Você nunca aprendeu a bater à porta, Luanda.” A mãe dela disse categoricamente.

Luanda parou de repente, surpresa ao ver que sua mãe sabia que era ela.

“Como sabia que era eu?” Perguntou Luanda.

A mãe abanou a cabeça, ainda de costas para ela.

“Você sempre teve um certo jeito de andar. Muito apressado. Muito impaciente. Tal como o seu pai.”

Luanda franziu a testa.

“Eu gostaria de falar com a senhora em privado.” Disse ela.

“Isso nunca equivale a nada de bom, não é?” Sua mãe respondeu.

Após um longo silêncio, finalmente a mãe acenou com a mão; seus dois atendentes e Hafold se retiraram do quarto e bateram a porta de carvalho atrás deles.

Luanda ficou ali, em silêncio, logo depois ela avançou e colocou-se na frente da cadeira de sua mãe, determinada a encará-la.

Ela ficou de pé, de frente para sua mãe e ao olhar para ela, Luanda ficou surpresa ao ver o quanto sua mãe tinha envelhecido e definhado, desde que ela a tinha visto pela última vez. Ela estava saudável novamente depois do envenenamento, mas ela parecia muito

mais velha do que antes. Seus olhos
eram mortiços, parecia que uma parte
dela tinha morrido há muito tempo, junto
com o marido.
“Estou feliz em vê-la novamente,
mãe.” Disse ela.
“Não, você não está.” Sua mãe disse
de volta, olhando-a fixamente, com
frieza. “Diga-me o que é que você quer
de mim.”
Luanda estava irritada com ela,
como sempre.
“Quem pode dizer que eu quero algo
da senhora a não ser cumprimentá-la e
desejar-lhe o bem? Eu sou sua filha depois de tudo. Sua filha primogênita.”
Sua mãe piscou os olhos.
“Você sempre quis algo de mim.”
Disse sua mãe.
Luanda apertou os maxilares,
preparando-se. Ela estava perdendo seu
tempo.
“Eu quero justiça.” Luanda disse
finalmente.
A mãe dela fez uma pausa.
“E de que forma a justiça seria

feita?” Sua mãe perguntou
cautelosamente.
Luanda deu um passo à frente,
determinada.
“Eu quero o trono. A realeza. O
título e o cargo que minha irmã arrancou
de mim. Ele é meu por direito. Eu sou a filha primogênita e não ela. Eu fui a
primeira a nascer. Eu fui preterida. Não
é justo.”
A mãe suspirou impassível.
“Você não foi preterida por ninguém.
Você teve a opção de casar-se e você
escolheu um McCloud. Você escolheu
nos deixar, para ter sua própria realeza
em outro lugar.”
“Meu pai escolheu um McCloud
para mim.” Luanda rebateu.
“Seu pai lhe consultou. E você
escolheu isso.” Disse a Rainha. “Você
escolheu ser rainha em uma terra
distante, em vez de ficar aqui com o seu
próprio povo. Se você tivesse escolhido
o contrário, talvez você fosse a rainha agora. Mas você não é.”
Luanda ficou vermelha.
“Mas isso não é *justo*!” Insistiu ela.

“Eu sou mais velha que ela!”

“Mas seu pai a amava muito mais.”

Sua mãe disse calmamente.

As palavras a feriram como um

punhal e todo o corpo de Luanda ficou

frio. Por fim, ela sabia que sua mãe tinha

dito a verdade.

“E quem *a senhora* amava mais,

mãe?” Perguntou Luanda.

Sua mãe olhou para ela sem

expressão e sustentou o olhar por um

longo tempo, como se a estivesse

sondando.

“Nenhum de vocês, eu suponho...”

Disse ela finalmente. “Você era muito

ambiciosa para o seu próprio bem. E

quanto a Gwendolyn...” Mas sua mãe

parou de falar com uma expressão

confusa.

Luanda estremeceu.

“Você não ama ninguém, não é?”

Perguntou ela. “Você nunca amou. Você é

apenas uma mulher velha e sem amor.”

Sua mãe sorriu de volta.

“E você é impotente.” Replicou ela.

“Do contrário, você não estaria visitando uma mulher velha e sem amor.”

Luanda deu um passo à frente, com ímpeto.

“Eu *exijo* que me dê o meu trono! Ordene a Gwendolyn que entregue o poder para mim!”

Sua mãe riu.

“E por que eu faria isso?” Perguntou ela. “Ela é uma rainha melhor do que você jamais seria.”

Luanda ficou vermelha e sentiu todo o seu corpo ferver.

“Você lamentará isso mãe.” Ela fervia, sua voz estava cheia de raiva.

Luanda virou-se e saiu da sala, a última coisa que ela ouviu antes de bater a porta foram as últimas palavras de sua mãe, perseguindo-a:

“Quando você chegar a minha idade...” Disse ela. “... Você vai descobrir que haverá poucas coisas na vida, das quais você não estará arrependida.”

CAPÍTULO TREZE

Thor permanecia de pé
melancolicamente ao lado de seus
irmãos da Legião: Reece, Elden,
O'Connor e Conven, juntamente com
mais uma dezena de membros da Legião,
os quais haviam sobrevivido à invasão
de Andronicus. Todos eles estavam
alinhados, segurando tochas. No final da
noite, as festividades foram amainando e
agora eles se encontravam entre uma
enorme multidão na praça da cidade,
Gwen os encarava enquanto um pesado
silêncio se apoderava da multidão.
Atrás dela, uma enorme pira funerária
havia sido erguida. Ela tinha cerca de
quatro metros de altura e se estendia por
cerca de trinta metros. Nela se encontravam todas as almas corajosas
que tinham sido assassinadas pelos
homens de Andronicus.
Havia sido muito doloroso para
Thor constatar que entre elas se
encontrava seu ex-comandante Kolk,
junto com dezenas de seus irmãos da
Legião e do Exército Prata. O que
pesava profundamente em seu coração

era pensar que todos aqueles bravos
guerreiros haviam morrido defendendo o
Anel antes que ele pudesse conseguir
voltar a tempo para ajudá-los. Se ao
menos ele tivesse encontrado a espada
mais cedo, pensou Thor, talvez nada
disso tivesse acontecido.

Gwendolyn tinha convocado a todos para aquele serviço fúnebre no meio das
celebrações, para destacar e lembrar os
mortos, para lembrar todos aqueles que
tinham caído ao defender a cidade. Thor
estava tão orgulhoso dela, de pé lá em
cima, diante de milhares de pessoas,
todas olhavam para ela com esperança,
todas olhavam para ela como seu líder.
Ela inclinou a cabeça e milhares
seguiram o seu exemplo. No silêncio
espesso, tudo o que podia ser ouvido era
o crepitar das tochas e o uivo do vento.
Ao ver a expressão sombria de Gwen,
Thor pôde ver o reflexo de seu próprio
sofrimento no rosto dela. Ela realmente
sentia empatia por aqueles que estavam
de luto e Thor sabia que as palavras que
ela estava prestes a proferir não seriam vazias.

“Em meio a nossa maior alegria…”

Gwendolyn começou gravemente, sua voz ficava mais alta, a voz de um líder.

“… Devemos fazer uma pausa para prestar homenagem aos caídos na nossa maior tragédia. Estas almas corajosas deram suas vidas para defender o nosso país, nossa cidade, nossa honra. Vocês lutaram lado a lado com elas. Nós fomos afortunados por sobreviver. Elas não tiveram a mesma sorte.”

Ela respirou fundo.

“Que suas almas sejam tomadas pelos deuses e que possamos fazer um lugar para cada um deles em nossa memória. Eles lutaram por uma causa que será continuada por nós. O Império ainda permanece dentro de nossas fronteiras e cada um de nós deve lutar até a morte, até que tenhamos expulsado os invasores do nosso precioso Anel, de uma vez por todas.”

“APOIADO, APOIADO!” gritou a multidão em uníssono, o canto de milhares se elevava pelo ar à meia-noite.

Ela virou-se e segurou a tocha bem alto, logo ela foi seguida por Thor e os demais. Eles se aproximaram da pira com ar sombrio e então, cada um se inclinou para frente e com sua tocha ateou fogo à pilha de madeira.

Em poucos instantes as chamas se espalharam, criando uma enorme fogueira e iluminando a praça da cidade durante toda a noite. As chamas se elevavam cada vez mais alto na noite fria e Thor podia sentir o calor, mesmo à distância. Ele se obrigou a não recuar, obrigou-se a olhar para o fogo, para se lembrar de todos os irmãos que tinham perdido e lembrar-se de Kolk. Ele tinha uma dívida enorme para com Kolk: ele o havia aceitado na Legião, mesmo a contragosto e tinha ajudado a treiná-lo. Eles tinham suas diferenças, mas Thor nunca quis vê-lo morto. Pelo contrário, Thor tinha estado ansioso para ver a expressão de Kolk, quando ele voltasse com a espada na mão. Não poder realizar isso lhe dava mais um motivo de vingança.

Enquanto o fogo ardia em direção aos céus, Thor via os rostos desesperados de seus outros irmãos da Legião. Nenhum deles estava mais perturbado do que Conven, seu rosto ainda estava marcado pela tristeza devido à perda de seu irmão gêmeo. Gwendolyn retornou para o lado de Thor e todos eles permaneceram ali em silêncio, olhando para as chamas junto com milhares de outros. Aberthol emergiu da multidão e deu um passo adiante apoiando-se em seu bastão. Ele virou-se e encarou-a, limpando a garganta diante do crepitar das chamas imensas.

“Esta noite começa o Solstício de Inverno. Deste dia em diante, cada dia terá mais luz, durará um pouco mais. Nós atravessamos uma etapa difícil e não foi por acaso que a nossa salvação veio neste dia. Estava escrito nas estrelas. Estamos no caminho da renovação, do renascimento. Nós vamos construir tudo o que já existiu, mais uma vez. Mas devemos sempre lembrar-nos

da destruição. Visto que apenas das cinzas pode crescer a árvore mais forte.

“O Anel tem sofrido sob o peso de centenas de anos de batalha.” Disse ele. “Este não é o primeiro funeral de bravos guerreiros. Nem será o último. Mas esses jovens corajosos, aqui presentes, morreram repelindo uma invasão em uma escala sem precedentes, jamais vista por seus antepassados. Seus atos devem ser registrados nos Anais dos MacGils e serão lembrados por todos os tempos.”

“APOIADO, APOIADO!” Gritou a multidão.

Aberthol fez uma pausa.

“Lembrem-se de que vocês agora levam consigo um pedaço deles.” Continuou ele. “Não pensem que sua vida é permanente. A maior ilusão que todos vivemos é a permanência da vida. Vocês são mortais, como eles. Não hesitem em conhecer o seu inimigo, em viver uma vida de valor. Vamos transformar nossa dor. Vamos assumir a sua causa, buscar a justiça e transformar

esses ritos funerários em um rito de espadas.”

“APOIADO, APOIADO!” Gritou a multidão.

Os sinos dobraram, Aberthol retirou-se e logo depois a multidão começou a se dispersar. Thor e os outros se viraram lentamente e seguiram seu caminho. Pequenas fogueiras foram erguidas em toda a praça da cidade e as pessoas se dividiram em grupos menores, o clima de festividades da noite foi ficando sombrio enquanto todos recordavam seus mortos à meia-noite.

A multidão dividiu-se em pequenos grupos e as pessoas se sentaram no chão, elas amontoavam-se diante de suas fogueiras e iam passando odres de vinho e guloseimas assadas, enquanto contavam histórias. Outros caíam adormecidos no mesmo lugar onde haviam se sentado, esgotados devido à batalha do dia, ao calor das fogueiras, ou ainda por estarem com a barriga cheia de comida e vinho.

Thor formou um pequeno grupo com

Gwendolyn, Kendrick, Godfrey, Reece, Elden, O'Connor e Conven. Reece estava acompanhado por Selese e Elden por Indra. Thor estava feliz em ver Reece com a garota de quem ele não tinha parado de falar durante toda a sua missão.

O grupo se estabeleceu confortavelmente no chão, ao redor das chamas de uma pequena fogueira. Gwen se sentou ao lado de Thor e ele passou o braço em volta dela, puxando-a para perto, ele sentiu a maciez do seu manto de pele na sua mão. Krohn veio para perto e colocou sua cabeça no colo de Gwen, Thor acariciou sua cabeça e entregou-lhe outro pedaço de carne. Krohn comeu alegremente. Thor tinha esquecido como Krohn era apegado a Gwen e ele não sabia se Krohn estava mais feliz de vê-lo ou de ver Gwendolyn.

Enquanto todos estavam sentados em volta da fogueira, uma bebida foi passada de mão em mão. Thor nunca tinha provado dela. Thor olhou para

baixo quando um copo com um líquido
branco, espumante e quente foi colocado
em suas mãos. Ele era bem-vindo
naquela noite fria.
“Koonta.” Srog explicou ao grupo curioso. “A bebida dos silesianos.”
Thor segurou o copo com as duas
mãos e levou-o aos lábios. A bebida era
picante e quente e fazia espuma no topo,
ela tinha gosto de baunilha misturada
com rum. Era deliciosa e enquanto Thor
bebia, ela aquecia sua garganta e seu
peito. A bebida também lhe subiu direto
à cabeça e Thor imediatamente percebeu
que tinha bebido demais. Todo mundo ao
redor dele tinha feito o mesmo.
Thor olhou para cima e viu dois dos
membros sobreviventes da Legião
aproximar-se e ficarem de pé ao lado de
seu grupo.
“Podemos nos sentar?” Um deles
perguntou.
Thor lembrava-se de ter encontrado aqueles membros da Legião uma vez,
por pouco tempo, quando ele havia se
alistado: eles eram Serna e Krog. Serna,
quem havia se dirigido a eles, era um

soldado alto de ombros largos, mais ou menos da idade de Thor, seus longos cabelos eram castanhos e combinavam com seus olhos penetrantes. Seu rosto se via prematuramente envelhecido, com suas profundas olheiras. Thor sabia que ele tinha sido um dos poucos que tinham sobrevivido, o que de fato, indicava que ele devia ser um bom guerreiro. O outro, Krog, era vários anos mais velho, ele era baixo e sua pele era mais escura, sua cabeça estava raspada e ele usava uma grande argola na orelha esquerda.

Mesmo com aquele frio, ele usava apenas um colete, o qual revelava seus músculos bastante salientes. Ele era sisudo e Thor podia ver que ele era um homem que vivia para a guerra.

Ambos olharam para Thor com respeito e Thor percebia que todos realmente olhavam para ele de forma diferente desde o seu retorno.

“Claro, por favor.” Respondeu Thor, sempre tão gentil e hospitaleiro. Ele se afastou e abriu espaço para eles; eles vieram e se sentaram ao lado dele.

Eles acenaram suas cabeças em um cumprimento aos outros membros da Legião que estavam sentados no círculo, os quais acenaram de volta. Depois de ter passado tanto tempo ao lado de Reece, Elden, O'Connor e Conven, era um pouco estranho ver seu grupo se expandir, especialmente após a perda de Conval. Mas a sensação era agradável também. Afinal de contas, todos eles eram da Legião e todos eles precisavam ficar juntos, especialmente até que a Legião pudesse ser reforçada com um novo contingente de guerreiros.

Os olhos de Serna e Krog pousaram sobre a Espada do Destino, então eles olharam para Thor como se ele fosse um deus.

"Ela é muito pesada?" Perguntou Serna.

Todos os demais se viraram e olharam para Thor, logo todos os olhos caíram sobre a Espada do Destino. Era a primeira vez que alguém lhe perguntava isso e ele não tinha certeza de como responder. Ele realmente não tinha pensado muito nisso, tudo simplesmente

parecia tão natural.

Thor balançou a cabeça.

“Para falar a verdade, ela pesa menos que qualquer uma de minhas outras espadas.” Thor respondeu. “Ela não pesa nada.”

“No entanto, vinte homens não puderam erguê-la.” Disse Krog. “Ela é pesada. Ela só não é pesada em *suas* mãos.”

“Isso é porque você é o único que está destinado a erguê-la.” Acrescentou Kendrick.

Thor deu de ombros.

“Eu não sei porque.” Thor respondeu humildemente. “Isso é um mistério para mim, tal como deve ser para outras pessoas também.”

“É porque você é o portador de um grande destino.” Disse Aberthol, inclinando-se do outro lado do fogo, seu rosto brilhava iluminado pelas chamas.

“E que destino é esse?” Thor perguntou ansioso para entender mais.

Aberthol balançou sua cabeça.

“Ninguém sabe.” Disse ele. “Muita coisa sobre a espada foi escrita e cantada por sete gerações de Reis MacGil, mas a verdade é que ninguém sabe realmente a sua origem, ou o que isso significa. Tudo o que se sabe é que ela mantém o escudo ativo e que você foi a única pessoa na história de todas as gerações, de todos os reis, que conseguiu erguê-la.”

O grupo olhou para Thor com admiração, ele ficou embaraçado. Ele não se sentia à vontade com tanta atenção.

“Tudo o que tenho feito é tentar servir ao Anel.” Thor respondeu.

“E você tem realmente servido muito bem, meu amigo.” Disse Kendrick, aproximando-se mais e colocando a mão em seu ombro.

“Eu ainda não terminei.” Disse Thor.

“Não enquanto Andronicus permanecer aqui. Amanhã, assim que o sol raiar, eu vou voar com Mycoples, empunhar a espada e lutar contra o que restar do exército de Andronicus. Eu não vou dar-lhe tempo para se reagrupar e escapar

em seus navios.”

“E nós vamos nos juntar a você,”

Kendrick interferiu.

“Podemos não ser tão rápidos

quanto você...” Atme acrescentou. “...

Ou tão poderosos quanto Mycoples. Mas

temos homens, temos espadas e vamos

matar qualquer um que pudermos.”

Thor assentiu com a cabeça.

“Então eu recebo sua companhia de

braços abertos.” Disse Thor.

“E quando tudo terminar…?”

O’Connor interferiu na conversa. “O que

faremos quando não houver mais guerras

para travar?”

“Reconstruir.” Disse Gwendolyn.

Todos olharam para ela com

respeito.

“A Corte Real precisa ser

restaurada.” Acrescentou ela. “Ela

ressurgirá e brilhará novamente.”

“E também Silésia.” Srog

acrescentou.

“Nós devemos reconstruir a Legião,

também.” Disse Brom.

“Quanto a mim, eu apreciaria muito um descanso da batalha.” Disse Elden.

“Nós não paramos de lutar desde que atravessamos o Canyon. Eu vou voltar para minha cidade natal e ver se o meu pai está vivo. Talvez eu possa ajudar a reconstruir a sua casa lá.”

Ele se virou para Indra, ela estava sentada ao lado dele.

“Eu espero que você se junte a mim.” Acrescentou ele.

Ela simplesmente deu de ombros.

“A vida doméstica não é para mim.” Disse ela “Eu prefiro estar travando batalhas.”

Elden parecia desapontado.

Kendrick virou-se para Sandara, ela estava sentada ao lado dele, olhando para as chamas com sua postura perfeita, tão nobre. Ao ser da raça do Império, ela parecia estranha naquele grupo.

“Eu espero que você fique aqui comigo.” Kendrick disse baixinho para ela.

Ela olhou para Kendrick e logo

depois desviou o olhar.

“Eu não mereço tal honra, meu senhor.” Replicou ela.

“Você a merece, mais do que ninguém.” Kendrick replicou. “Você salvou as nossas vidas. Fique comigo e você terá uma vida digna de uma rainha.”

“Sou apenas uma simples escrava, uma serva de Andronicus.” Replicou ela.

“Você já não será mais uma serva.” Kendrick a corrigiu. “Você é livre agora. Sua casa é aqui, no Anel. Se você desejar.”

Ela baixou o olhar.

“Eu tenho visto os homens de Andronicus causando devastação em muitos povos, muitas terras.” Disse ela

“Eu só serei livre quando eu o vir morto. Até esse dia, chegar eu ainda serei uma escrava. Eu tenho medo de que ele volte aqui.”

“Nunca.” Kendrick insistiu.

“Você ouviu o que Thor disse.” Reece acrescentou. “Andronicus será

destruído amanhã.”

Mas Sandara não parecia convencida disso e um pesado silêncio caiu sobre o grupo.

“Há outros que eu gostaria que voltassem para cá.” Disse Gwendolyn. “Steffen está faltando. Ele ajudou-me a encontrar uma passagem segura para a Torre de Refúgio e eu não o vi desde então.”

“Nós devemos enviar um grupo em busca dele.” Disse Kendrick. “Nós o encontraremos e o traremos de volta.”

“Argon também.” Acrescentou Gwen. “Ele arriscou a vida por mim e agora ele está pagando o preço. Ele se foi e eu não sei para onde — ou até mesmo se ele vai voltar.”

Thor pensava nisso e se sentia oprimido. Ele sentia falta de Argon terrivelmente. Thor desejava vê-lo para perguntar sobre a espada; para perguntar sobre o seu destino e, acima de tudo, para perguntar sobre seu pai. Thor tinha a impressão de que ele quase podia ouvir, vagamente, a voz de Argon no

fundo de sua mente, em lampejos de seus sonhos. No entanto, Argon parecia mais longe do que nunca. Thor se perguntava onde ele estaria agora; se ele estaria preso; se ele nunca mais voltaria. Thor sentia-se órfão sem ele.

Gwendolyn se inclinou e Thor envolveu seus ombros em um abraço apertado; ele olhou em seus olhos de cristal, os quais brilhavam a luz do fogo, então ele inclinou-se e beijou-a. Ele sentia-se vivo com aquele beijo. Quando ele a segurou, seu coração acelerou com a emoção. Ele sentia o anel queimando em seu bolso e mais do que nunca, ele queria pedi-la em casamento e dar o anel para ela.

Mas ele sabia que deveria contar-lhe tudo primeiro. Ela tinha de saber a verdade sobre o monstro de quem ele era descendente. Quanto mais Thor pensava nisso, mais ele tremia.

“Você está tremendo.” Disse Gwen.

“Eu estou apenas com frio.” Mentiu Thor.

Ela sorriu, inclinou-se e sussurrou em seu ouvido: “Então, siga-me.”

Ela levantou-se sem dizer nada,
Thor pegou sua mão e se deixou levar,
caminhando entre as fogueiras no meio
da noite escura, para qualquer lugar que
Gwen quisesse levá-lo.
*
Thor e Gwendolyn entraram nos
antigos salões do castelo de Srog na
parte alta de Silésia; os guardas ficaram
em posição de sentido enquanto eles passavam pelos corredores iluminados
por tochas. Eles caminhavam de mãos
dadas, Gwen o conduzia enquanto eles
davam voltas e percorriam um salão
após outro, eles subiram um lance de
escadas e caminharam até que
finalmente chegaram ao quarto de
hóspedes, um atendente abriu a porta
para eles.
Quando eles entraram no quarto,
Thor olhou para os tetos abobadados e
antigos, todos feitos de pedra; olhou
para o fogo que rugia na enorme lareira
de mármore; olhou para a enorme cama
de dossel e para a luz das tochas ao
longo das paredes. Ele estava grato a

Srog por sua hospitalidade. Eles haviam sido acomodados em um espaço digno de um rei e rainha. Claro, Gwendolyn era uma rainha, mas Thor não se sentia com direito a nada daquilo. Em sua mente, ele ainda era apenas um garoto de mais uma pequena aldeia da periferia do Anel.

No entanto, caminhar em uma sala como aquela o fazia sentir-se como um rei. Ele sempre tinha imaginado grandes coisas para si mesmo; mas agora que elas estavam ali, diante de seus olhos, ele mal podia acreditar. Tudo aquilo não parecia real. Ali estava ele, com Gwendolyn, a rainha, empunhando Espada do Destino e o seu próprio dragão estava esperando por ele nas terras do castelo. Ele tinha conseguido não apenas juntar-se à Legião, mas também havia se tornado o líder dela; além de ter conquistado o respeito do Exército Prata, ele tinha chegado a ser a pessoa que todos mais admiravam. Ele tinha tido grandes sonhos para si mesmo, mas não assim tão grandes. E agora que tudo estava ali, era difícil conceber. Ele

ainda esperava que alguém o acordasse
e lhe dissesse que ele estava sonhando.
Gwendolyn tomou sua mão, ele
sentiu o toque da pele macia, cálida e
suave dela em sua mão. Ele sabia que
aquilo era real; ele sentiu como se
aquela fosse a primeira vez que ele a
havia tocado. E quando Thor a abraçou,
ele percebeu que sua alegria não tinha
nada a ver com aquele quarto, aquele
castelo, ou nada daquilo, ela tinha mesmo a ver era com o amor de
Gwendolyn. Tão surreal como tudo o
mais que ele sentia, o amor dela por ele
e o seu amor por ela eram algo natural
para ele. Ele o mantinha firme.
Eles se aproximaram da pilha de
peles em frente à lareira, Gwendolyn o
levava até ela com um sorriso. Thor
encontrou-se sentindo nervoso, como se
aquela fosse a primeira vez que ele
estava com ela. Eles tinham estado
separados por tanto tempo e como o
tempo e a distância havia aumentado
entre eles, de alguma maneira, parecia
que ele a encontrava pela primeira vez.

Ele sentiu uma agitação em seu
estômago e o velho medo de dizer a coisa errada reapareceu.
Thor lembrou-se de quando ele a
conheceu, ele lembrou-se de como ele
quase não podia dirigir-lhe uma palavra.
De uma forma estranha, uma parte dele
estava se sentindo daquele jeito de novo
naquele momento. Ele tinha de admitir
que ainda estava intimidado pela beleza
dela; por seu encanto, por sua graça,
enfim, por tudo sobre ela. Ele não podia
deixar de sentir que ela era de uma
classe superior a dele, que ela era
alguém muito mais importante do que ele
jamais seria.
Eles se deitaram lado a lado, Gwen
se inclinou e beijou Thor e ele a beijou
de volta. Eles se beijaram por um longo
tempo enquanto o fogo crepitava ao lado deles, Thor sentia o calor dele em seu
rosto. Ele tomou-a em seus braços e os
dois ficaram deitados lado a lado sobre
as peles.
Gwendolyn sorriu para Thor e ele
sentiu seu mundo inteiro restaurar-se
com aquele sorriso.

No entanto, Thor também estava nervoso por outro motivo. Enquanto Gwendolyn olhava em seus olhos, ele se perguntava se de alguma forma, ela saberia quem era seu pai. Ele piscou os olhos várias vezes e desviou o olhar timidamente, ele esperava que ela não soubesse nada. Ele sabia que seus pensamentos eram tolos, que isso era impossível, mesmo assim, isso o atormentava. Ele tinha de tirar aquele peso do seu peito, tinha de contar-lhe tudo. Ao mesmo tempo, ele não queria estragar aquele momento.

Gwen desviou o olhar e Thor sentia que havia algo que ela também queria dizer a ele. Ele não tinha certeza do que era, mas ele a conhecia bem o suficiente para saber que havia algo que ela estava escondendo. Ele podia ver isso pelo leve tremor no lábio dela. Isso o fez pensar. Será que ela sabia sobre seu pai? Ou seria outra coisa?

Enquanto ele a observava, ele não poderia imaginar os horrores que ela tinha sofrido nas mãos de Andronicus.

No entanto, ali estava ela, ainda feliz, sorrindo. Ele a admirava mais do que poderia expressar. Ela era mais forte do que ele, mais forte do que todos eles.

“O que aconteceu?” Gwendolyn finalmente perguntou. “Você está tão calado.”

Thor balançou a cabeça. Ele tinha medo de falar, medo de dizer a ela. Ele sabia que tinha de fazer isso, mas ele simplesmente não conseguia reunir coragem. Ele estava muito envergonhado.

“Eu… eu… simplesmente senti sua falta.” Ele gaguejou.

Era verdade, ele tinha sentido falta dela; mas isso não era o que estava em sua mente.

“Eu senti sua falta, também.” Ela sorriu de volta. “Parece que você esteve fora por toda uma eternidade. Você não parece o mesmo garoto que partiu. Você parece mais... um homem.” Ela sorriu.

Thor entendia. Ele próprio se sentia mais velho. Muito, muito mais velho.

“O Império...” Ele começou a falar e depois parou. “Era tão estranho... tudo

sobre ele é tão diferente, tão exótico...

As coisas que eu vi...” Ele parou.

Ela tomou sua mão e levou-a aos

seus lábios.

“Em outra ocasião.” Ela disse

suavemente. “Sempre haverá guerras e

batalhas, mas agora é a nossa vez. O que

parece ser algo muito raro. Vamos

desfrutá-la. Agora esse momento é

nosso.”

Thor sentiu seu coração inflar com as palavras dela. Ela inclinou-se e eles

se beijaram novamente. Ela segurou-o

com força e ele a segurou de volta com

mais força. Eles rolaram sobre as peles,

as luzes tremeluziam naquele belo

quarto.

Ele se deixou levar. Todas as

preocupações do mundo começaram a

desaparecer de sua mente. Todo o resto

sumiu e ele não pensou em nada mais,

exceto em Gwendolyn. Em seu amor. Ele

tinha encontrado um lugar no mundo.

CAPÍTULO QUATORZE

Luanda e Bronson cavalgavam lado

a lado, noite adentro, galopando pelas

estradas escuras que saíam de Silésia
em direção ao Leste, para as Highlands.
Luanda nunca pensou que ela iria
encontrar-se voltando nessa direção. No
dia em que ela fugiu dos McClouds, ela
havia jurado nunca mais voltar, ela
havia prometido a si mesma viver e
morrer pelo resto de sua vida, no lado
dos MacGil.
Mas as coisas tinham mudado muito
além do que ela poderia ter previsto.
Com seu pai morto e Gwendolyn no
poder, a invasão de Andronicus tinha
alterado sua vida de uma maneira que
ela jamais havia esperado. Era evidente que já não havia mais lugar para ela no
lado MacGil do Anel, nenhum lugar que
ela pudesse governar, ela não tinha outra
saída e estaria obrigada a sujeitar-se a
sua irmã mais nova. Gwendolyn não
tinha nascido primeiro para que Luanda
se sentisse obrigada a responder a ela.
Não era justo. Se o reino não fosse dado
a ela, então Luanda teria de tomá-lo para
si.
Luanda gritava e chutava seu cavalo

e eles avançavam mais profundo pela
noite, Bronson cavalgava relutantemente
ao lado dela, um pouco mais atrás. Ela
lembrou-se da discussão que eles
tiveram antes de partir de Silésia.
Bronson sempre tinha sido tão inocente,
tão ingênuo e isso era irônico, levando em conta que o seu pai era um
verdadeiro monstro manipulador.
Luanda precisava que Bronson a
acompanhasse. Então, ela inventou uma
mentira e ele havia caído como um
patinho. Após aquele encontro
desastroso com sua mãe, Luanda havia
mentido para Bronson e tinha lhe dito
que a ex-rainha havia lhe pedido para
intermediar uma trégua e abordar
Andronicus com uma oferta de rendição.
Sua mãe tinha dito que uma trégua iria
poupar as vidas de milhares de homens
e aceleraria a partida de Andronicus. E
já que Luanda era um membro da família
real e ainda não tinha qualquer cargo
oficial, ela seria a pessoa ideal para fazer a oferta.
Bronson tinha olhado para ela
perplexo, ele não sabia que Luanda

podia ser tão altruísta. Ele tinha caído
na conversa dela e concordado em
acompanhá-la, pensando que seria por
uma boa causa. Ele sugeriu que eles
fossem acompanhados por um grupo de
soldados, mas Luanda tinha se recusado
e insistido em que fossem sozinhos. Ela
não podia ter nenhum soldado MacGil
ao seu redor para evidenciar o que
estava prestes a fazer.

Eles cavalgavam em seus cavalos
através da passagem estreita das
montanhas, a qual levava até as
Highlands, e logo subiram até o topo de
uma colina, então Luanda viu ao longe, as luzes de milhares de tochas
iluminando o que só poderia ser o
acampamento de Andronicus. A visão a
fez parar. Seu plano era desesperado,
ela sabia muito bem, mas uma vez que
Luanda formulava um plano, ela se
mantinha firme, sem importar o que
acontecesse. Ela iria encontrar
Andronicus e propor um acordo: ela iria
entregar Thor de bandeja e em troca,
Andronicus iria fazer dela a rainha de

todo o Anel. Era um ótimo trato, ela sabia que ele não recusaria.

Os olhos de Luanda brilharam quando ela chutou seu cavalo e avançou pela encosta da montanha íngreme. Ela começou a descer para o lado McCloud do Anel e dirigiu-se para o acampamento de Andronicus. Bronson ignorava totalmente o plano de Luanda, ele cavalgava ao lado dela ainda pensando que ela estava indo para mediar um acordo de paz para Gwendolyn. Bronson poderia ser muito útil, se Luanda o usasse da maneira certa. Ela sabia que quando Bronson descobrisse tudo, ele ficaria muito chateado, mas aí já seria tarde demais. Ela seria rainha e ele não teria outra escolha senão apoiá-la. No final das contas, o que importava não era como ela chegaria ao trono. Tudo o que importava era que ela se tornaria rainha.

Quando os dois entraram no acampamento do Império, a estrada se estreitou e os levou para o meio do acampamento dos soldados. O ambiente

era tenso ali, havia tochas de cada lado deles, os soldados do Império olhavam fixamente para eles. Luanda podia sentir o nervosismo no ar e sabia que aquela seria a parte mais complicada. Ela tinha de convencer os soldados a levá-la até Andronicus. Além disso, ela teria de ordená-los com toda a autoridade que pudesse expressar, do contrário ela se arriscava a ser capturada pelo inimigo.

“Eu não sei se esta é uma boa ideia.” Disse Bronson ao lado dela. Ela podia ouvir o medo em sua voz enquanto ambos se metiam cada vez mais no acampamento do Império.

“Andronicus poderia nos matar, mesmo que lhe oferecêssemos uma oferta de paz. Talvez nós devêssemos regressar.”

Luanda ignorou-o e cavalgou avançando ainda mais pelo acampamento abarrotado, em direção ao seu setor mais brilhante. No centro dele, se encontrava a maior tenda de todas, Luanda sabia que a tenda só poderia ser

de Andronicus.

De repente, vários oficiais do
Império bloquearam seu caminho,
forçando seus cavalos a parar. Luanda
se virou e viu que eles também estavam
sendo barrados por trás.

Luanda encarou os oficiais diante
dela e olhou para eles com seu olhar
altivo. Afinal, ela era a filha primogênita de um rei e sabia como
ostentar sua realeza.

“Levem-nos até Andronicus.”
Ordenou ela. “Nós trazemos uma oferta
de rendição.”

Luanda expressou suas palavras de
uma forma deliberadamente ambígua, de
modo que os soldados não soubessem
quem estava fazendo a oferta — e para
que Bronson tampouco soubesse.

Os oficiais do Império trocaram
olhares confusos entre si e em seguida
olharam para ela; Luanda podia ver
pelas expressões deles que sua maneira
altiva e aristocrática estava funcionando
e tomando-os totalmente de surpresa.

Eles finalmente se separaram,

pegaram as rédeas dos cavalos deles e
os guiaram até uma enorme tenda: a
tenda de Andronicus.
Os oficiais forçaram Luanda e
Bronson a desmontar e então os
conduziram a pé. As tochas ardiam
ainda mais ali, a multidão aumentava
cada vez mais e uma bandeira ondulava
no ar frio da noite; ela estava estampada
um enorme emblema: um leão com uma
águia em sua boca. O coração de Luanda
bateu acelerado quando eles se
aproximaram da tenda, ela percebia que
agora estava à mercê do Império. Ela
rezou para seu esquema funcionasse
Eles foram barrados a poucos
metros de distância da tenda, logo
depois as abas da mesma foram abertas e dela saiu a maior e mais cruel criatura
sobre duas pernas que Luanda já tinha
posto os olhos em cima. Ela viu as
cabeças encolhidas em seu colar; viu
seus chifres; viu a maneira ameaçadora
como ele se erguia e soube de imediato
que ele era o Grande Andronicus.
Apesar de si mesma, quando Luanda

olhou para ele, ela engasgou.

Andronicus sorriu para os dois como se eles fossem duas presas indefesas que tinham pousado em seu colo.

Luanda engoliu em seco e de repente ela se perguntou se ir até ali não teria sido uma péssima ideia.

CAPÍTULO QUINZE

Thorgrin se encontrava no topo da mais alta colina da parte baixa do Reino Ocidental do Anel, olhando para a estrada, como ele sempre fazia desde que era um menino, esperando que os homens do Rei chegassem. Ele observava a estrada que brilhava na névoa da manhã e tinha uma vista deslumbrante de sua aldeia natal, enquanto estava ali sentado, olhando-a como ele sempre fazia. Só que dessa vez, quando ele olhou mais de perto, ele viu que sua aldeia estava abandonada.

Parecia que ele era o único ser que restava no mundo.

Thor olhou de volta para a estrada e ouviu um grande estrondo, de repente apareceu uma dúzia de carruagens

puxadas por cavalos, todas feitas de ouro polido, elas brilhavam ao sol. Eles galopavam em seu caminho. O som ficou mais alto e as nuvens de poeira iam subindo, o coração de Thor bateu mais rápido, ele desceu correndo a colina para cumprimentar os visitantes.

Thor ficou parado no meio da estrada, os cavalos pararam a poucos metros de distância dele. Ele ficou ali, em silêncio, olhando para todos os bravos guerreiros, cujos rostos estavam cobertos com seus capacetes, todos brilhavam ao sol da manhã. Os cavalos ficaram ali, respirando ofegantes e empinando.

Thor olhou para o soldado que estava montado no cavalo que estava à frente de todos; o soldado levantou sua viseira e Thor ficou chocado com o que ele viu.

O rosto do guerreiro era igual ao dele. O homem era exatamente igual a ele, era apenas um pouco mais jovem.

Thor percebeu que ele era o seu filho.

“Pai.” O guerreiro disse para Thor.

Thor olhou para o menino, talvez ele tivesse dez anos de idade, mas ele era alto para sua idade, ele estava sentado erguido e orgulhoso. Ele podia ver os traços de Gwendolyn no rosto dele e em seu cabelo. Thor olhava para ele com muito orgulho. Seu filho ficou parado ali, com sua armadura de ouro reluzente, segurando uma alabarda de ouro enquanto olhava orgulhosamente para seu pai, com o porte de um autêntico guerreiro. Ele tinha os mesmos olhos cinzentos de Thor e um queixo forte. Ele montava seu cavalo com uma postura bem ereta, como se não temesse nada no mundo.

Thor deu um passo à frente, aterrado.

“Diga-me.” Disse Thor, mal conseguindo pronunciar as palavras.

“Qual é o seu nome?”

O menino abriu a boca para falar, mas antes que ele pudesse terminar, Thor pestanejou e viu-se diante de um lago, Gwendolyn estava ao seu lado. Ela olhava para ele docemente, logo depois

ela inclinou-se, beijou-o e pegou sua mão. Ela olhava para as águas e ele fazia o mesmo. Ao ver o reflexo dos dois na água, Thor ficou chocado ao perceber que Gwendolyn estava grávida.

Thor virou-se, examinou Gwen e viu que o ventre dela era plano. Mas quando ele se voltou para a água, ele viu que a barriga dela era enorme. Ele não conseguia entender.

Thor estendeu a mão em direção à água como se fosse tocar o reflexo, ao fazer isso, ele viu-se repentinamente sendo sugado pelas águas.

Thor viu-se sendo arremessado e dando voltas várias vezes enquanto se debatia nas corredeiras, tentando respirar. Ele olhou ao redor e viu o cadáver de Conval ao lado dele, flutuando rio abaixo, os olhos dele estavam bem abertos, ao lado dele estava também o cadáver de Kolk. Mais cadáveres flutuavam ao seu redor e Thor via ali, os rostos de todos os que ele tinha conhecido e amado.

Thor pestanejou e se encontrou voando montado nas costas de Mycoples. Ele olhou para baixo e viu os homens de Andronicus espalhando-se até onde a vista alcançava. Ele ordenou a Mycoples que mergulhasse, mas ela parou em pleno ar, batendo suas grandes asas e recusando-se a ir mais longe. Thor sentia que ela estava lhe dizendo alguma coisa: ela dizia que se eles chegassem mais perto, ele morreria. Mas Thor forçou Mycoples a descer e ela de má vontade, mergulhou. Mas ela mergulhou muito rápido e Thor se viu caindo de cima dela e despencando pelos ares, enquanto girava de ponta-cabeça. Ele se debatia enquanto ia caindo em direção aos homens de Andronicus, os quais o aguardavam com suas lanças levantadas. Thor se preparou para ser penetrado pelas lanças. Ele deu um grito estridente. Thor abriu os olhos para encontrar-se deitado em um barco, em uma cama de lanças. Ele olhava para cima e via o

céu sobre ele. O mar havia se transformado em um rio, sua correnteza formava espumas e o levava através de enormes corredeiras. Não havia nenhuma cor naquele lugar: tudo era de um tom cinza ou marrom pálido. Thor olhou a sua volta e viu que ele tinha passado por um pequeno castelo. No entanto, havia algo estranho com o castelo: parecia que ele havia sido torcido ou de alguma maneira, derretido. Quando ele olhou para o parapeito superior, ele viu uma mulher que ele sabia que era sua mãe. Ela ficou ali, olhando para ele com os braços estirados.

“Mãe!” Gritou Thor enquanto passava rapidamente por ela, flutuando.

“Salve-me!”

“Volte para casa, meu filho.” Implorou ela. “Seu dever foi cumprido. Volte para casa comigo.”

“Mãe!” Thor gritou e estendeu-lhe a mão.

Thor acordou suando. Ele sentou-se

ereto, respirando fundo e olhando ao redor, desorientado.

Gwendolyn estava ao lado dele na pilha de peles. Thor começou a se acalmar e a recordar sua noite juntos.

Ele estava seguro. Havia sido apenas um sonho.

O rosto de Thor estava coberto de suor, apesar do fato de que o fogo tinha se apagado há muito tempo. Krohn ganiu, pulou do colo de Gwendolyn e veio até Thor e o lambeu. Thor fechou os olhos e tentou se acalmar. Ele meditava sobre a natureza dos seus sonhos. Levou um tempo para que ele pudesse se recompor. Tudo parecia muito real.

Thor olhou ao redor e estudou Gwendolyn em seu sono. Os olhos dela estavam fechados e ela tinha um aspecto angelical. Ele olhou para o ventre dela e viu que ele estava plano, ele ficou ali pensativo.

Thor balançou a cabeça. Claro, era apenas um sonho, apenas uma visão fantasiosa na noite. Ele tinha de ensinar

a si mesmo a não prestar tanta atenção
aos seus sonhos. Mas por mais que
tentasse, ele estava começando a achar
que estava ficando cada vez mais difícil separar o que era real do imaginário.
Thor não conseguia voltar a dormir.
Seu coração batia agitado, ele levantou-
se com cuidado das peles.
Ele olhou para fora e viu que ainda
estava escuro. O sol ainda não tinha
raiado e as tochas ainda cintilavam nos
cantos da sala. Tudo estava quieto.
Certamente Silésia estava descansando
das grandes festividades da noite
anterior.
Mas Thor não conseguia mais
dormir. Ele atravessou a sala, colocou o
seu robe e caminhou descalço pelo piso
frio de pedra. Enquanto ele caminhava,
Krohn o acompanhava. Ele abriu
cuidadosamente a grande porta em arco
e logo depois a fechou atrás dele, bem devagar.
Thor caminhava pelo corredor,
Krohn ia em seus calcanhares, eles
davam voltas pelo caminho em direção
ao parapeito. Thor queria arejar sua

cabeça e respirar fresco. Ele passou por vários guardas ainda em posição de sentido, os quais batiam continência para ele enquanto ele prosseguia.

Ele finalmente virou um corredor estreito, passou por uma porta baixa e saiu para uma das varandas superiores do castelo.

Uma rajada de vento frio atingiu seu rosto e acordou-o. Era refrescante e exatamente o que Thor estava precisando. Ele avançou para o parapeito de pedra grossa e olhou para a cidade de Silésia. Havia ainda o cintilar ocasional de alguma tocha, mas tudo estava em silêncio e imóvel. Lá embaixo havia uma enorme desordem causada pela comida e o vinho que tinham sido ingeridos. Parecia que tinha havido um enorme desfile e a cidade ainda não havia sido limpa.

Thor respirou fundo, tentando acabar com as visões de seus sonhos. Mas suas imagens se aferravam a ele como um nevoeiro maligno.

“Os fardos da noite.” Disse uma voz.

Thor virou-se ao reconhecer voz daquele ancião. Ele sentiu-se confortado ao ver Aberthol ali, de pé, não muito longe dele. Ele segurava um cajado e também olhava para além dos parapeitos. O erudito dos reis MacGil e o professor de Gwendolyn. Aberthol era um homem que significava muito para a família MacGil e Thor o respeitava muito por isso.

“Desculpe-me.” Disse Thor. “Eu não o havia visto, do contrário eu teria lhe apresentado meus respeitos.”

Aberthol sorriu.

“Você não estava procurando por mim. Certamente você veio por outro motivo. Além disso, os homens de minha idade mal conseguem ser vistos. São os jovens quem nos roubam a visão.”

Thor sentiu-se confortado ao ouvir o som de sua voz; aquele homem tinha visto tudo, tinha estado tão perto do Rei MacGil, de Gwendolyn. Ele tinha o jeito típico de um avô e isso fazia com que Thor sentisse que tudo estaria bem, sem importar o que acontecesse. Aberthol

também lhe lembrava um pouco Argon e isso, de alguma maneira, fazia com que Thor sentisse uma enorme saudade dele. Thor resolveu mais uma vez que ele iria encontrar Argon em qualquer lugar que ele estivesse, ele iria trazer Argon de volta.

“Você foge do terror da noite.” Disse Aberthol. “Eu vejo isso pela expressão em seus olhos. Eu sei bem porque eu fujo dele também. Eu raramente durmo bem. Eu estou desperto na maioria das noites, debruçado sobre os livros, tal como eu tenho estado quase toda a minha vida. Os livros me acalmam. É assim que eu sou.”

Ele suspirou.

“Um dia você vai aprender a pisar os horrores da noite.” Continuou ele. “Permanecer acordado os mantém à distância, no entanto, são as nossas horas de vigília as responsáveis por criá-los, para começar a história.”

Enquanto examinava Aberthol e via as rugas de seu rosto, Thor se

perguntava se ele poderia ser de ajuda, se Aberthol poderia ser uma fonte de respostas para todas as perguntas que ardiam em sua mente. Afinal, Aberthol era um erudito e ele conhecia a história do Anel melhor do que ninguém.

“Posso compartilhar um segredo com o senhor?” Perguntou Thor.

Aberthol o estudou e finalmente assentiu com a cabeça.

“Muitos homens compartilharam seus segredos comigo.” Disse ele. “O pai de Gwendolyn fazia isso e o rei MacGil predecessor dele também. Minha cabeça está cheia de ossos e segredos.”

Thor ficou ali, hesitante. Por um lado, ele não tinha certeza de poder confiar nele; mas, por outro, ele precisava desesperadamente falar com alguém para liberar a carga que ele carregava dentro de si.

“Meu pai…” Thor disse e logo fez uma pausa. “Eu… não sou descendente de um grande rei. Meu pai é... um monstro. O meu pai... é Andronicus.”

Aberthol olhou para ele por muito tempo, com uma expressão séria em seu rosto. O coração de Thor bateu acelerado enquanto ele se perguntava se estava sendo julgado.

Finalmente, para surpresa de Thor, Aberthol, assentiu com a cabeça e respondeu: “Eu sei.”

Thor ficou chocado; ele olhou de volta para Aberthol, boquiaberto.

“O senhor *sabe*? Como? Por que não me contou isso?”

“Não era de minha incumbência.” Aberthol replicou. “Você teria de descobrir isso quando chegasse o momento apropriado. Sua linhagem é do conhecimento de alguns da elite do Anel, alguns de nós com idade suficiente para saber o que realmente aconteceu nos primeiros dias.”

“Mas o senhor nunca disse a ninguém?” Thor perguntou assombrado.

Aberthol sorriu.

“Como eu disse, os segredos ficam bem guardados comigo.”

“Mas é mesmo possível?” Thor

insistiu. “Talvez seja um engano. Talvez ele não seja realmente o meu pai.”

Aberthol balançou a cabeça lentamente.

“Se pensar assim lhe proporciona consolo, então faça isso. Nós todos vivemos com nossas fantasias, com os sonhos que nos sustentam. Mas se é a verdade o que você realmente deseja, então você deve saber que Andronicus é realmente o seu pai.”

Thor sentiu-se gelar.

“Como isso é possível?” Thor perguntou novamente. “Eu ergui a espada Destino. Diz a lenda que apenas um MacGil pode erguê-la. Será que a lenda é falsa?”

Aberthol balançou sua cabeça.

“É verdade. Seu pai é na verdade um MacGil. E você é um autêntico MacGil.”

Os olhos do Thor se arregalaram de surpresa.

“Andronicus?” Perguntou ele. “Um MacGil?”

Aberthol suspirou.

“Sim, ele é tão MacGil quanto
qualquer um dos outros. Pelo menos a
princípio ele era. Para que você saiba,
Andronicus não foi sempre o monstro
que ele é agora. Ele era simplesmente o
irmão mais velho do Rei MacGil que
você conhecia e amava.”
Thor estava sem fôlego, sua cabeça
dava voltas.
“Eu não sabia que o Rei MacGil
tinha um irmão mais velho.” Disse ele.
Aberthol assentiu com a cabeça.
“O Rei MacGil tinha dois irmãos:
Andronicus, o mais velho e Tirus, o
caçula. Esses três irmãos eram tão
unidos como três irmãos poderiam ser.
Andronicus era de uma natureza justa e
boa e tinha virtudes. Ele foi um dos mais
bravos e nobres membros do Exército Prata.”
Thor mal podia acreditar no que
ouvia.
“O Exército Prata? Andronicus?
Como foi possível?”
Aberthol balançou sua cabeça.
“O dia da Grande Divisão. Essa

história é longa e fica para outro momento. Basta dizer que dentro de todos nós, há uma linha muito fina entre o bem e o mal. Essa linha se torna ainda mais fina quando alguém atinge o poder supremo. Andronicus queria poder, mais poder do que tinha direito. Ele fez uma escolha. Um pacto. Ele sucumbiu às forças das trevas. Ele abandonou o Anel. Ele ganhou um grande poder no Império e se tornou outra pessoa. *Algo* mais. Com o tempo, ele mudou para tornar-se o que é agora, um ser totalmente irreconhecível, o oposto do que ele foi alguma vez."

Aberthol deu um passo à frente.

"Você deve entender…" Disse ele de maneira compassiva. "... Que seu pai, o *verdadeiro* Andronicus, era um bom homem. Ele era um MacGil. Ele era de uma natureza boa. *Esse* é o seu verdadeiro pai, e não o homem em que ele se transformou. Há uma propensão para mudar em todos nós. Alguns de nós a combatemos melhor do que outros. Ele simplesmente não foi forte o suficiente;

ele cedeu a sua fraqueza. Mas isso não
significa que você também vá ceder.
Você pode ser muito mais forte do que o seu pai."
Thor ficou parado ali, sua mente
dava voltas enquanto ele tentava
processar tudo. Tudo aquilo lhe deixava
com o estômago revirado. Isso também o
fez perceber que ele e Gwendolyn eram
primos; fez com que ele percebesse
ainda que Reece, Kendrick e Godfrey
eram seus primos. Talvez fosse por isso
que ele se sentia tão achegado a eles.
Ele se perguntava se eles sabiam...
"Alguém mais sabe disso?" Thor
perguntou inseguro.
Aberthol balançou sua cabeça.
"Ninguém." Disse ele. "Aqueles que
sabiam já estão todos mortos. Exceto a
rainha e eu próprio. E agora, é claro, você."
"Eu o odeio." Thor disse indignado.
"Eu odeio meu pai. Não me importa
quem ele era, me importa apenas saber
quem ele é agora. Eu quero matá-lo. Eu
vou matá-lo."
Aberthol pôs a mão no ombro do

Thor.

“Não importa se você o matará ou não, isso não vai mudar quem você é. Você deve escolher superar todos esses sentimentos. Você deve escolher se concentrar no que é positivo. Afinal, sua linhagem tem duas cepas, é claro. O sangue de sua mãe corre profundamente em você e no seu caso, isso é mais importante do que o de seu pai. Você apenas deve ver isso e aceitá-lo.”

Thor sondava Aberthol.

“Você sabe quem é minha mãe?” Ele perguntou nervosamente.

Aberthol assentiu com a cabeça.

“Eu não devo dizer-lhe quem ela é. Mas quando você encontrá-la, você vai entender. Andronicus pode até ser poderoso, porém ela é muitíssimo mais poderosa. O seu destino está vinculado ao dela. De fato, todo o destino do nosso Anel está ligado ao dela. O poder da Espada do Destino não é nada ao lado do poder que ela pode impartir a você. Você deve encontrá-la. E você não deve atrasar mais sua busca.”

“Eu daria tudo para encontrá-la.”

Disse Thor. “Mas eu devo destruir

Andronicus primeiro.”

“Você nunca destruirá Andronicus.”

Disse ele. “Ele vive dentro de você.

Mas você pode encontrar sua mãe e se

salvar. A menos que você a encontre,

você nunca estará completo.”

De repente, Aberthol virou-se e

afastou-se com passo firme, retirando do

parapeito, sua bengala ecoava enquanto

ele prosseguia.

Thor se virou e olhou para a

escuridão de Silésia. Ele podia ouvir à

distância, os ventos uivantes do Canyon.

Em algum lugar lá fora, em algum lugar

mais além, estavam seu pai e sua mãe.

Thor precisava ver os dois.

Ver sua mãe, para abraçá-la.

Ver seu pai, para matá-lo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Luanda estava sozinha dentro da

tenda de Andronicus. Ela estava

tremendo por dentro e tentava não

demonstrar isso. Ela nunca tinha estado

diante de um homem tão grande e
imponente e que exalava um sentimento
tão sinistro. Luanda olhou ao redor da
tenda e viu todas as estacas enfileiradas
ao longo da borda, cada uma estava
coroada com uma cabeça decepada,
todas elas estavam com os olhos
abertos, congelados em uma máscara
agônica de morte.
Andronicus produzia um ronronar
desde algum lugar no fundo de seu peito
e sorria para ela, claramente saboreando o momento.
Luanda limpou a garganta e tentou
lembrar por que estava ali, então ela
tentou reunir coragem para falar.
“Eu vim até aqui para fazer-lhe uma
oferta.” Ela finalmente conseguiu dizer,
tentando dar o seu melhor para portar-se
com orgulho e fazer sua voz soar
confiante. Mas apesar de seu esforço,
Luanda podia ouvir o tremor em sua
própria voz e esperava que ela não
demonstrasse o seu medo.
“*Você me* fazendo uma oferta?”
Perguntou ele.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, o som áspero de seu riso arrepiou os cabelos dela. Era a risada de um monstro, profunda, oca e cheia de crueldade.

Luanda foi pega de surpresa; ela esperava encontrar em Andronicus um homem quebrantado e humilhado, preparado ou para fugir do Anel, ou para uma rendição. Ela não esperava encontrá-lo tão confiante. Ele parecia mais do que destemido, ele parecia certo da vitória. Ela não conseguia entender isso.

“Sim.” Ela disse limpando a garganta. “Uma oferta. Eu posso entregar seu inimigo, Thorgrin, para você. Em troca, você vai me nomear Rainha do Anel e me colocar no controle de tudo o que há nele.”

Andronicus deu um sorriso largo enquanto a examinava.

“Eu vou é?” Perguntou ele.

Ele a olhou de cima a baixo e fez um ruído sinistro: era como um rosnado que provinha de dentro de seu peito.

“Então você trairia seu próprio

povo?” Perguntou ele. “Venderia todos
pelo direito a reinar?”
Ele fez uma pausa olhando através
dela e seus olhos brilharam, talvez
demonstrando que ele a aprovava.
“Eu gosto de você.” Disse ele.
“Você é uma garota digna de minha
admiração.”
“Eu sou a melhor oportunidade que
você tem.” Disse ela desafiante,
armando-se de sua velha confiança.
“Você está cercado. Thor está dizimando seus exércitos com seu dragão e a
Espada do Destino. Se você rejeitar
minha oferta, amanhã, a essas horas
Thor já terá dizimado todos os seus
homens. No entanto, se você aceitá-la,
amanhã Thor estará sob sua custódia.”
Ele a examinava detidamente.
“E como você propõe entregar-me
Thorgrin?” Perguntou ele.
Luanda estava esperando que ele
fizesse aquela pergunta, então ela
respirou fundo, preparada.
“Eles confiam em mim.” Respondeu
ela. “Eu sou uma MacGil. Eu sou da

família. Eu vou enviar-lhes uma
mensagem dizendo-lhes que negociei
uma trégua; que você concordou em se
render e que Thorgrin deve vir sozinho para aceitar sua rendição. Quando ele
vier, você poderá capturá-lo."
Andronicus perscrutava Luanda.
"E por que eles confiariam em uma
traidora como você?" Andronicus
perguntou.
Ela enrubesceu ao ser insultada por
suas palavras.
"Eles vão confiar em mim porque eu
sou da família. E eu *não* sou uma
traidora. O Anel é meu por direito. Eu
sou a filha primogênita."
Andronicus balançou sua cabeça.
"Os membros da família são as
pessoas menos confiáveis que existem."
Ela fechou os seus punhos em atitude
desafiadora, sentindo seu plano ir por
água abaixo.
"Eles vão confiar em mim." Disse
ela. "Eles não têm nenhuma razão para
não fazê-lo. Além disso, eles são um
povo confiado. E acima de tudo, porque

faz sentido: é claro que eles acreditam que você vai se render. Quem poderia pensar de outra forma? Você está completamente cercado; metade de seus homens foi aniquilada. Sua rendição seria de se esperar. Minha mensagem não será nenhuma surpresa para eles."

"E quando Thor chegar aqui…"

Disse ele. "... Como você propõe que eu o capture? Já que ele, como você bem disse, dizimou metade dos meus homens?"

Luanda deu de ombros.

"Esse não é problema meu. Eu entregarei o cordeiro para o abate. Eu tenho certeza de que você tem suas próprias formas de traição."

Andronicus olhou para Luanda de cima a baixo e ao fazer isso, ela percebia que o seu coração batia agitado. Luanda queria tanto ser rainha que Andronicus podia até saborear isso. Além do mais, ela queria derrotar sua irmã mais nova; havia uma pequena parte dela que se sentia mal por isso, no

entanto, havia uma parte muito maior
que se sentia com todo o direito, uma
parte que se sentia mal por sua própria
situação. Ela não podia imaginar
vivendo em um reino onde sua irmã
governava sobre ela e se para evitar
isso ela tinha de vender o seu próprio povo, que assim fosse. Afinal, era o que
eles mereciam depois de tudo o que
tinham feito com ela.
Luanda estremeceu quando
Andronicus aproximou-se, estendeu a
mão e colocou suas longas garras no
ombro dela. Ela sentiu as palmas das
mãos viscosas dele correndo sobre sua
pele nua, subindo e descendo sobre sua
garganta.
“O Rei MacGil deveria orgulhar-se
de sua semente.” Disse ele. “Sim,
deveria estar muito orgulhoso mesmo.”
Ele suspirou.
“Eu vou aceitar sua oferta. Você terá
seu reino.”
O coração de Luanda estava batendo tão rápido, tudo ao seu redor se via fora
de foco enquanto ela era conduzida para
fora da tenda, acompanhada por dois

guardas. A próxima coisa que ela soube foi que ela estava lá fora, na noite fria. Bronson veio até ela e eles caminharam rapidamente para longe, saindo do acampamento, de volta para seus cavalos.

“O que aconteceu!?” Bronson perguntou impacientemente.

Luanda caminhava rapidamente, seu coração batia acelerado enquanto ela tentava organizar seus pensamentos e descobrir a melhor forma de contar tudo a Bronson. Ela sabia que tinha de escolher as palavras certas, se ela quisesse manipular Bronson com sucesso.

“Tudo saiu muito bem.” Disse ela escolhendo as palavras com cuidado.

“Andronicus concordou em render-se.”

Bronson olhou para ela atônito.

“Me custa muito crer nisso.” Replicou ele. “Ele concordou em render-se? Assim, sem mais nem menos?”

Luanda acelerou Bronson e fez um

esforço por demonstrar a maior
determinação possível em seu rosto e
em sua voz, desesperada para convencê-
lo.
“Andronicus está superado.” Ela
disse friamente. “Mais um dia e ele vai
estar morto. Ele estava grato pela
oportunidade. Eu estava certa. Você estava errado. Ele impõe condições: seu
exército deve ser autorizado a deixar o
Anel ileso. Ele se entregará como
prisioneiro. E ele vai se entregar apenas
a Thor, a ele e a mais ninguém. Ele nos
pediu para levar a nossa oferta a Thor
de uma vez, antes do ataque ao
amanhecer. Esta é a nossa chance de
fazer a paz, de salvar vidas e de
expulsar seus homens de uma vez por
todas.”
Bronson olhava para Luanda e ela
podia ver a mente dele trabalhando,
pensando a respeito de tudo. Ele era
inteligente, mas não tão inteligente
quanto ela e a credulidade dele
trabalhava a favor dela.
“Bem…” Disse ele. “Eu acho que

isso soa como uma oferta justa. Tudo o
que ele está pedindo é que seus homens
partam com segurança. Como você diz,
ele vai poupar um monte de vidas de
ambos os lados, além de libertar o Anel.
Parece razoável. Eu não posso imaginar
Thor e Gwendolyn discordando disso.
Você prestou um excelente serviço ao
Anel. O que você fez aqui foi algo muito
altruísta. Você salvou muitas vidas e sua
família vai se orgulhar de você. Você
estava certa e eu estava errado."
Luanda sorria por dentro. Ela o
havia enganado direitinho.
"Vamos embora." Ela apressou-se.
"Seja nosso mensageiro. Entregue a
mensagem para Thor e para os outros.
Eu espero por você aqui. Cavalgue toda a noite e não pare até que você lhes dê a
boa notícia. O destino do Anel agora
repousa sobre seus ombros."
Luanda aguardava esperançosa. Ela
sabia que Bronson era um cavalheiro
tolo e se ela apelasse para o seu senso
de honra e dever, seu raciocínio seria
cegado facilmente.

Bronson assentiu solenemente,
montou em seu cavalo e partiu a galope,
correndo através da noite.
Luanda assistia enquanto o cavalo
desaparecia na escuridão, então ela
sorriu abertamente para a noite.
Finalmente, ela seria a rainha.

CAPÍTULO DEZESSETE

Steffen sentia suas mãos em carne
viva enquanto ele se colocava diante do
enorme moinho e empurrava a moenda
de madeira com todos os outros
trabalhadores. Era um trabalho
extenuante e penoso, ao qual ele estava
acostumado e o fazia esquecer as penas
do mundo. Ele recebia apenas grãos e
água suficiente para sobreviver e dormia
no chão como um animal, junto com
todos os outros servos contratados. Isso
não era vida: era simplesmente
subsistência. O resto de sua vida, tal
como tinha sido antes, seria preenchido
com o trabalho, a dor e a monotonia.
Mas Steffen não se importava mais.
Aquele era o tipo de vida que ele tinha

levado lá no Castelo do Rei,
trabalhando para o Rei MacGil no
porão, cuidando do fogo. Aquela
também tinha sido uma vida dura e
realmente uma continuação de sua vida
na casa dos seus pais, os quais sempre
tinham tido vergonha de Steffen por
causa de sua aparência. Eles o
golpeavam constantemente até que
finalmente o expulsaram de casa. Toda a
sua vida tinha sido uma longa sequência
de dor, bullying e de desprezo.
Então ele conheceu Gwendolyn. Ela
tinha sido a única pessoa no mundo que
tinha olhado para ele como alguém mais
do que uma criatura deformada; ela
realmente tinha fé nele, realmente se importava com ele. Steffen considerava
o tempo que ele havia passado
protegendo Gwen como a melhor época
de sua vida. Pela primeira vez, sua vida
tinha um propósito, um significado; ele
pôde sonhar, por um breve momento,
que talvez ele pudesse ser algo mais do
que um objeto de desprezo; que talvez
todos em sua vida tivessem estado

errados e que ele tinha algum valor,
depois de tudo.
Quando Gwen entrou na Torre de
Refúgio e o portão se fechou atrás dela,
ele sentiu como se uma porta tivesse
sido fechada em sua própria vida; como
se um punhal tivesse atravessado seu
coração. Steffen respeitava e até mesmo
entendia a decisão de Gwen, mas aquele tinha sido o pior dia de sua vida. Ele
ficou ali e esperou do lado de fora da
torre, sem saber exatamente por quanto
tempo, desejando além da esperança que
Gwen pudesse mudar de ideia e
regressasse por aquelas portas. Mas elas
tinham permanecido fechadas, como um
caixão em seu coração.
Encontrando-se totalmente sem rumo
ou propósito em sua vida, Steffen tinha
vagado até chegar àquela pequena aldeia
no alto da colina. Desde a sua chegada,
ele havia estado sempre observando em
todo momento a Torre de Refúgio. Ele
mais uma vez olhou para ela, tal como
fazia de hora em hora, desejando
esperançosamente poder ver Gwendolyn

sair por aquele portão, para que ele pudesse ter uma chance de retomar sua antiga vida novamente.

Mas por mais que ele observasse, não havia nenhuma atividade na torre, não se via ninguém dentro ou fora dela, nem de dia, nem de noite.

Steffen ouviu de repente o estalo de um chicote e sentiu uma dor aguda nas costas; ele percebeu que tinha sido chicoteado novamente por seu chefe. A dor da chicotada o despertou de seus pensamentos e fez com que ele se concentrasse no serviço diante dele. Ele olhou em volta e viu que tinha moído mais grãos do que qualquer um dos servos, seu rosto ficou vermelho de raiva: era injusto que ele estivesse sendo chicoteado, enquanto os outros eram passados por alto.

“Trabalhe mais, sua criatura, ou então eu vou jogá-lo aos cães!” O homem gritou para Steffen.

Ouviram-se as risadas de todos ao redor dele, os outros trabalhadores se viraram e zombaram dele, imitando sua figura corcunda. Steffen desviou o olhar,

obrigando-se a manter a calma. Ele
havia suportado coisas bem piores do
que as que aqueles aldeões provincianos
poderiam infligir-lhe e pelo menos a dor
e a humilhação mantinham sua mente
longe de Gwendolyn, longe do sonho de
uma vida que era grandiosa demais para
ele.

Os sinos tocaram ecoando bem alto na pequena aldeia, todos os
trabalhadores pararam, viraram-se e
ficaram olhando. Os sinos tocavam vez
após vez, com urgência. Os moradores
começaram a amontoar-se ao redor do
centro da cidade, olhando para o
badalador.

“Notícias do Norte!” Gritou o
homem. “O Império foi expulso do
Reino Ocidental do Anel! Somos livres
novamente!”

Um grande grito de alegria ecoou
entre os moradores; eles se viravam,
abraçavam uns aos outros e dançavam.
Odres de vinho foram distribuídos entre
eles, todos comiam e bebiam em uma
longa celebração.

Steffen assistia a tudo, espantado. Os soldados do Império expulsos? O Reino Ocidental livre? Isso não fazia sentido.

Quando ele tinha deixado Silésia tudo estava em ruínas, todo o seu povo havia sido escravizado. Não parecia haver nenhuma esperança para qualquer um deles.

“Thorgrin voltou com um dragão e a Espada do Destino! O Escudo está ativo! O Escudo foi restaurado!” O badalador do sino anunciou.

Houve outro grito de alegria e o coração de Steffen se encheu de um otimismo cauteloso, seus pensamentos voltaram-se para Gwendolyn. Thor estava de volta. Isso significava que ela já tinha um motivo para sair da Torre de Refúgio. Uma razão para voltar para Silésia. Poderia haver um cargo para ele mais uma vez.

Steffen virou-se e olhou para a torre, ele não viu nenhuma atividade. Ele se perguntava se, de alguma maneira, Gwen já a havia abandonado.

“Eu o vi voar desse jeito outro dia, o rapaz montava no dragão e ia segurando

a espada. Eu estou dizendo a você!” Um aldeão jovem insistia para outro. “Eu o vi voar para aquela torre amaldiçoada. Ele pousou em seu telhado!”

“Você devia estar vendo coisas!” Disse uma mulher idosa com ar severo. “Sua imaginação, para variar, lhe pregou uma peça!”

“Eu juro que eu não estava vendo coisas!”

“Você tem estado sonhando demais!” Zombou um homem idoso.

Todos caíram na risada e começaram a zombar do rapaz; ele ficou vermelho de vergonha e foi saindo de fininho.

Mas quando Steffen ouviu suas palavras, ele percebeu que elas faziam todo sentido: a primeira parada de Thor seria Gwendolyn. Ele a amava e ela lhe importava mais do que tudo. Isso era algo que aqueles aldeões ignorantes nunca poderiam entender. Steffen sabia que aquelas palavras eram verdadeiras e seu coração se encheu de um otimismo repentino. É claro que se Thor tivesse retornado, o primeiro lugar aonde ele

iria seria a Torre de Refúgio, para ver Gwendolyn e para levá-la embora.
Provavelmente, de volta para Silésia.
Steffen sorriu pela primeira vez
desde que havia chegado ali.
Gwendolyn estava livre daquele lugar.
Seu sorriso ficou mais largo, ele
percebia que sua vida estava prestes a
mudar novamente. Ele não precisava
mais ficar naquela aldeia, já não
precisava suportar aquelas pessoas. Ele
não precisava mais se isolar, resignar-se
a uma vida de dor; de trabalho e de
miséria. Ele tinha uma chance na vida de
novo; seu sonho fugaz estava voltando.
Talvez, depois de tudo, ele estivesse
destinado a ter uma vida nobre.
“Eu disse para você voltar ao
trabalho, seu aleijado!” Gritou o capataz
enquanto erguia o chicote para o alto e
apontava para o rosto de Steffen.
Dessa vez, Steffen pulou para a
frente, puxou sua espada e cortou o
chicote na metade, antes que ele o
atingisse. Então ele estendeu a mão,
arrancou o resto do chicote das mãos do

capataz e com ele golpeou-lhe o rosto.
O capataz deu um grito estridente e
logo ficou segurando o rosto com as
duas mãos, gritando e gemendo de dor.
Outros moradores perceberam o que
havia ocorrido e de repente avançaram
sobre Steffen desde todas as direções.
Mas Steffen era um guerreiro com
habilidades superiores às conhecidas
por aqueles provincianos. Ele usou o chicote para chicotear todos eles.
Steffen girava, se agachava e esquivava
os golpes; em poucos instantes, todos
seus atacantes estavam no chão, gritando
de dor devido às chicotadas.
No entanto, mais homens vieram ao
ataque. Eles eram mais agressivos e
portavam armas mais perigosas, então
Steffen percebeu que tinha de ser mais
agressivo e perigoso também; antes que
os atacantes pudessem chegar mais
perto, Steffen levou a mão a sua aljava,
tomou uma flecha, carregou seu arco e
apontou para o líder da turba: um sujeito
gordo que vestia uma camisa muito
pequena para o seu tamanho.

Quando Steffen levantou seu arco, o homem gordo e alto que vinha em sua direção com um porrete se deteve imediatamente, os homens que vinham junto com ele também pararam abruptamente.

A multidão se reuniu e todos mantiveram uma distância prudente de Steffen.

“Qualquer um que chegar perto de mim nesta cidade de comedores de esterco será morto.” Gritou Steffen. “Eu não vou avisar de novo.”

Três homens corpulentos emergiram da multidão empunhando espadas e avançando para Steffen. Sem pestanejar, Steffen mirou e disparou-lhes três flechas, elas perfuraram o coração de cada um deles. Todos caíram no chão imediatamente, mortos.

A aldeia inteira deu um suspiro de espanto.

Steffen colocou outra flecha no arco e ficou ali a postos, à espera.

“Alguém mais se atreve?” Perguntou ele.

Dessa vez, os moradores ficaram

paralisados, todos com um novo respeito por Steffen. Ninguém se atreveu a mover-se sequer por um centímetro. Steffen estendeu a mão, agarrou o saco de grãos, atirou-o sobre o seu ombro, tomou sua água e virou-lhes as costas, tomando o caminho para fora da aldeia e dirigindo-se para a floresta. Ele estava nervoso, ouvindo tudo atentamente e esperando para ver se alguém o perseguia, mas nenhum som podia ser ouvido naquele lugar. Nenhuma alma se atreveria a insultá-lo naquele dia.

CAPÍTULO DEZOITO

Romulus percorreria a trilha da floresta, seguindo o Wokable, o qual caminhava com um andar estranho, envolto em seu manto verde incandescente. Ele ia saltitando pela floresta, muito rápido, era muito difícil segui-lo. Se havia algo do qual Romulus desconfiava ainda mais do que aquele Wokable, era aquele lugar, a Floresta Chamuscada, a qual ele sempre evitava a todo custo, dada a sua reputação. As

árvores ali eram baixas e largas, seus
galhos retorcidos se espalhavam sobre a
trilha em todas as direções e elas
estavam vivas de uma forma bem
diferente das outras árvores. Romulus
tinha ouvido dizer que muitos homens tinham sido engolidos inteiros por elas.
Ele olhava para todos os lados
cautelosamente, ele via pequenas
fileiras de dentes incrustadas em alguns
dos troncos, elas se abriam e fechavam
preguiçosamente.
Ele apressou o passo.
A Floresta era um lugar de trevas e
escuridão e à medida que ela ficava
mais espessa, o bosque se transformava
em um denso emaranhado de galhos e
espinhos. Era um lugar permeado por um
nevoeiro e infestado de coisas malignas;
um lugar ao qual alguém ia apenas
quando queria o veneno indicado para
assassinar alguém, ou quando precisava
da poção certa para colocar uma maldição.
Agora Romulus precisava daquele
lugar, por mais que ele desejasse evitá-
lo. Durante toda a sua vida ele havia se

apoiado em sua força, em suas habilidades para a batalha, porém agora ele não precisava de força. Ele estava lutando em um novo reino, o reino da política e da traição sutil, um reino em que a espada por si só não poderia matar seu oponente. Ele precisava de uma arma superior a uma espada. Ele precisava de uma vantagem sobre todos eles. E a chave se encontrava no interior daquela floresta torcida.

Durante anos, Romulus tinha estado embarcado em sua própria missão secreta, em uma caça a uma arma lendária, da qual se dizia que tinha o poder de desativar o Escudo. Claro, manter a Espada do Destino no Império teria sido a opção mais simples; mas isso já estava fora de questão agora.

Romulus teve de recorrer mais uma vez à arma. Durante anos, ele tinha sido seguido os rumores de sua existência, seguido trilhas aqui e ali, apenas para descobrir mais uma pista falsa.

Desta vez, ele sentia que seria diferente. Desta vez, a pista veio após a

tortura e assassinato de uma longa
sequência de pessoas, até que o rastro
tinha finalmente levado a aquele
Wokable. Ele não poderia ter vindo em
melhor hora. Se Romulus não
encontrasse a arma, o Grande Conselho, ou Andronicus iria matá-lo. Mas se ele
realmente tivesse a arma para desativar
o Escudo, ele seria invencível. Os
outros se uniriam a ele e não haveria
mais nada para impedi-lo de governar o
Império.
Eles deram voltas e desceram por
mais uma trilha, através de um
emaranhado de espinhos, enquanto a
névoa ficava cada vez mais espessa. O
Wokable colocou suas luvas para
proteger seus longos dedos dos
espinhos, elas eram enormes. Já
Romulus quebrava os espinhos com as
próprias mãos. Ele sentia os espinhos
perfurando sua pele e fazendo-o sangrar,
mas ele não se importava; ele realmente gostava da dor.
Eles cortavam os arbustos
espinhosos e abriam caminho através da
floresta e justo quando Romulus estava

começando a se perguntar se aquele Wokable não o estaria levando pelo caminho errado, o caminho finalmente se abriu em uma pequena clareira.

Ali estava um pequeno monte coberto de grama, ele talvez tivesse três metros de altura, era um monte feito totalmente de terra. Em seu centro havia uma porta arqueada e baixa quase imperceptível detrás da grama crescida. Não havia janelas e nem outra porta de entrada. Ele parecia uma cúpula de terra.

Romulus fez uma pausa ao sentir a malignidade que provinha de detrás da porta.

O Wokable se virou e olhou para ele com os quatro olhos de sua cara chata e amarela, ele fazia um barulho estranho, como se estivesse ronronando de satisfação, isso deixou Romulus nervoso. O Wokable sorriu, mostrando suas centenas de minúsculos dentes afiados.

“Sua arma preciosa encontra-se dentro do monte.”

Romulus adiantou-se para ir com
ele, mas o Wokable estendeu seus dedos
longos e ossudos e os colocou sobre seu
peito, impedindo-o. Ele era
surpreendentemente forte.
“Você deve esperar até que seja chamado.”
Romulus zombou. Ele não era do
tipo que esperava por alguém.
“E se eu não quiser esperar?”
Romulus perguntou provocativamente.
O Wokable abriu a sua boca vez
após vez, reluzindo suas fileiras de
dentes, expressando desagrado.
“Então seu esforço será
amaldiçoado.”
Romulus olhou-o furiosamente. Ele
não era do tipo que se acovardava com
sinais e presságios; ele iria aonde e
como ele bem quisesse, em seus
próprios termos.
Romulus caminhou pisando forte
através da clareira, agarrou a pequena
porta e abriu-a com tanta força que a arrancou de suas dobradiças. Ele
agachou-se e entrou destemido dentro do
monte oco e gramado.

O interior estava escuro, uma aura maligna pairava no ar e aderia-se a sua pele. O lugar era iluminado por uma pequena vela cuja chama bruxuleava e estava a ponto de apagar-se; demorou um pouco para que os olhos de Romulus se ajustassem à penumbra.

Enquanto caminhava para o centro, ele avistou uma pequena mesa circular. Sentado diante dela, estava um homem idoso e calvo, os poucos cabelos que lhe restavam eram longos, brancos e pendiam dos lados de sua cabeça. Ele vestia uma capa de veludo verde e sua gola estava puxada para cima. O homem estava de costas para ele e cantarolava uma música estranha.

Romulus ficou esperando sem saber o que pensar de tudo aquilo. Ele esperava que aquele não fosse outro beco sem saída, já que ele não via nenhuma arma naquele lugar.

“Eu não tenho tempo a perder.” Disse Romulus. “Dê-me o que eu vim buscar aqui.”

Houve um longo silêncio.

“Você entrou antes de ser chamado.”

O velho disse com sua voz antiga e

rouca.

Romulus zombou.

“Eu não espero por ninguém.” Disse

ele.

“Esse será o motivo de sua queda.”

Disse o homem.

Romulus olhou para ele com fúria.

“Dê-me o que eu vim buscar. Senão,

você vai sofrer a ira do grande

Romulus.”

Ouviu-se uma risada grave, como um

estrondo e Romulus sentiu que estava

sendo ridicularizado.

Num acesso de raiva, Romulus

correu para a frente, bateu em cima da

mesa, deu a volta e confrontou o velho.

Ele sacou a espada e esfaqueou-o, mas

quando ele olhou para baixo, viu que a

espada simplesmente havia atravessado

o ar, sem causar o menor dano.

Ele olhou para o rosto do homem e

recuou, horrorizado. O rosto do homem

era longo e ossudo e no lugar dos seus olhos havia apenas dois buracos vazios.

O velho sorriu, franzindo o rosto em um milhão de rugas e Romulus, apesar de si mesmo, estremeceu.

“Você esteve cara a cara com a morte.” Disse o velho. “Que tal foi isso?”

Romulus ficou ali, incapaz de dizer uma palavra. Finalmente, ele criou coragem para falar: “eu venho pela arma. A arma que irá desativar o escudo.”

O velho sorriu.

“Ela só pode ser usada pelos dignos. Você é digno?”

“Depois de Andronicus, eu sou o segundo homem mais poderoso de todo o Império. Eu sou o Grande Romulus.”

“Sim…” O homem disse lentamente. “Apenas por enquanto. Em breve, você será o primeiro.”

O coração dos Romulus se inflou ao ouvir aquelas palavras.

“Diga-me mais.” Ordenou ele.

“Seu destino ainda está para ser determinado. A arma pode mudar isso.

Mas o preço será grande.”

“Eu pagarei o seu preço.” Disse Romulus ansiosamente. “Dê-me-a!”

O homem levantou-se, passou por Romulus foi até o outro lado da sala e meteu-se na escuridão. O coração de Romulus batia apressado enquanto ele esperava ansiosamente para ver que tipo de arma poderia ser. Seria uma espada? Um dardo? Alguma outra arma?

Romulus ficou confuso quando o homem voltou segurando um simples manto de veludo preto. Ele levantou-o e colocou-o nas mãos de Romulus.

“O que é isso?” Romulus perguntou aborrecido.

“Sua arma sagrada.” Foi a resposta.

Romulus olhou para o manto, confuso, ele se perguntava se não estariam se burlando dele.

“Isso não é uma arma.” Disse ele.

“Isso é um manto.”

“Nem todas as armas possuem lâminas.” Disse o velho. “Esta arma é mais poderosa do que qualquer outra

que você já conheceu.”

“Eu vou experimentá-la.” Disse Romulus, já se preparando para pôr o manto.

O velho estendeu a mão e agarrou o braço de Romulus. Ele foi surpreendido pela força do seu aperto, a mão ossuda do velho era tão forte que Romulus não podia sequer se libertar dela. Ele percebeu que aquele encontro era mágico, de uma força que ele não entendia e pela primeira vez em sua vida, ele sentiu medo.

“Se você vestir o manto agora, você morrerá.” Disse o velho.

Romulus examinava o manto, admirado.

“Use-o somente quando você atravessar a ponte do Canyon. Ele vai fazer você ficar invisível e lhe permitirá penetrar o escudo e entrar no Anel. Você deve atravessá-lo sozinho. Para destruir o escudo para sempre, você vai precisar levar um MacGil junto com você para o outro lado do Canyon, enquanto estiver vestindo o manto. Quando um MacGil

puser os pés em terras fora do Canyon, junto com você, vestindo este manto, o Escudo será desativado para sempre.”

Romulus examinava o manto maravilhado. Ele sentia que era verdade.

Finalmente, depois de todos esses anos, Romulus tinha nas mãos a chave para derrubar o escudo, para tomar o Anel. Não havia mais nenhum obstáculo em seu caminho. Finalmente, o poder seria seu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor estava sentado sobre o parapeito das muralhas superiores do castelo, a Espada do Destino estava em seu colo, ele a girava e a examinava na luz do amanhecer. A longa espada era quase translúcida e brilhava refletindo as mais variadas cores. Ela estava feita de um metal que Thor não conseguia identificar. O punho, de ouro maciço, parecia feito de manteiga ele amoldava-se perfeitamente à palma da mão de Thor. Parecia que Thor e a espada eram um só. O contorno do punho estava

cravejado de pequenos rubis e a lâmina
estava gravada com uma inscrição antiga
que ele não entendia.
Thor estudava a espada e imaginava.
A Espada parecia realmente antiga e ele
se perguntava quem a teria forjado;
quem a havia erguido em tempos
passados; como ela tinha chegado ali.
Ele se perguntava sobre sua história;
sobre o seu futuro. Ele se perguntava
sobre o seu próprio futuro enquanto
refletia sobre tudo o que tinham
atravessado para recuperar espada; ele
refletia sobre sua busca, atravessando O
Canyon, cruzando o Tartuvian, o Império
hostil, suas selvas e desertos, suas
montanhas e cidades de escravos e
dragões…
Tudo isso por causa dela, daquela
espada, daquele pedaço de metal que ele
tinha na mão. Ele pensou nas vidas
perdidas, viu os rostos de seus amigos flutuando na água. Ele pensou em todos
os mortos no Anel, na invasão
Andronicus... E tudo por causa daquela
espada. Qual era o significado daquela

arma tão singular?

Thor pensou em todos os guerreiros do Império que ele havia matado com a espada desde o seu retorno. Quando ele empunhava a espada, parecia que ele é que estava sendo empunhando por ela.

Thor não entendia isso. E ele temia as coisas que não entendia.

Acima de tudo, ele meditava nas palavras sinistras de Aberthol, as quais ecoavam em sua cabeça e o haviam mantido desperto durante toda a noite.

Ele havia se sentido atraído de volta ao parapeito antes do amanhecer, para encontrar consolo e tempo para refletir: a lenda dizia que o manejo de espada teria uma curta duração.

Isso significava que ele seria derrotado? Que ele iria morrer em breve? O que seria dele sem a espada? O que seria do Escudo? Do Anel? Thor sabia que ele tinha poderes próprios. No entanto, nenhum de seus poderes se equiparava aos da Espada. Ele já sentia que a espada e ele eram um só. Ele sentia-se invencível. O que poderia

derrubá-lo?

Thor sentiu o anel em seu bolso, ele estava determinado a propor casamento a Gwendolyn assim que ela acordasse.

Primeiro, porém, ele precisava contar tudo a ela. Havia chegado a hora. Antes que Thor embarcasse em uma missão para matar seu pai, Gwendolyn devia saber quem ele era.

Como ela reagiria? Ele receava que ela reagisse mal. Isso significaria o fim de seu relacionamento?

Thor olhou para a luz do romper da aurora, a espada reluzente fazia com que seus olhos cinzentos brilhassem. Ele pensou na batalha do dia pela frente.

Aquele seria o dia em que ele iria destruir o restante do exército de Andronicus e o próprio Andronicus. Seu próprio pai. Ele não sabia como reagiria diante disso. Ele queria vê-lo morto, mais do que qualquer coisa no mundo.

Mas ele também tinha de admitir que queria ter um pai nesse mundo. Uma parte dele se sentia em conflito com a ideia do assassinato de seu próprio pai.

Por que esse destino havia sido imposto

a ele?

Thor sabia que quando chegasse a hora, ele não hesitaria. Ele iria matá-lo. Mas ele desejava que as coisas fossem de outra forma, desejava que ele pudesse ter um pai diferente. Ele desejava ter um pai com quem ele pudesse encontrar-se pela primeira vez em um abraço paternal e não em um ato de violência.

“Aí está você.” Disse uma voz.

Thor virou-se e viu Gwendolyn pé na entrada do parapeito. Ela sorria sonolenta, seus cabelos estavam despenteados, Krohn estava ao lado dela, ele olhava para Thor com amor.

Gwen se aproximou e Krohn correu e pulou em cima dele, lambendo-o todo.

Thor sorriu, re-embainhou a espada, aproximou-se e encontrou Gwendolyn em um abraço, ele estava feliz por ter aquela distração bem-vinda, de seus pensamentos sombrios.

“O dia está amanhecendo.” Disse ela. “Todos os nossos homens esperam por você lá embaixo, no Grande Hall. É

um grande dia de batalha e eles querem
reunir-se com você antes de começar o
seu ataque."
Thor assentiu com a cabeça. Ele
tinha esperado tanto, ele se virou e
caminhou com Gwendolyn. Os dois
deixaram os parapeitos, entraram novamente no castelo e marcharam pelos
corredores seguidos por Krohn. Eles
iam de mãos dadas, em silêncio
enquanto caminhavam, o coração de
Thor batia com força em seu peito com
tantas coisas que ele queria dizer a
Gwen. Ele precisava dizer a ela que ele
queria ficar com ela para sempre; que
ele queria que ela tivesse o anel de sua
mãe. Ele queria contar-lhe quem era seu
verdadeiro pai.
Mas seu coração batia mais e mais e
ele se viu incapaz de dizer qualquer uma
daquelas coisas. Seu tempo havia sido
acelerado.
Finalmente, depois de descer mais
um lance de escadas e virar um
corredor, Thor criou coragem. Era agora ou nunca.
"Gwendolyn, há uma coisa que eu

devo contar-lhe.” Ele disse com voz trêmula.

Ela olhou para ele com uma expressão preocupada.

Ele abriu a boca para falar, mas quando estava prestes a proferir as palavras, de repente, duas enormes portas foram abertas. Thor e Gwendolyn se viraram e viram diante de si o Grande Salão, uma câmara enorme, com seus trinta metros de largura e de altura, cujas paredes estavam cobertas com as armas e as bandeiras de todos os grandes guerreiros. Em seu centro havia uma longa mesa retangular e em torno dela estavam sentados centenas de guerreiros. Todos eles olharam para Thor, expectantes.

Thor fez uma pausa na porta quando Gwendolyn olhou para ele, esperando. Agora, ele sabia que aquele não era o momento adequado.

“Nós conversaremos depois.” Disse ele.

Ele se virou, pegou a mão dela e os

dois entraram no salão juntos. Assim
que eles entraram, os homens se
levantaram e bateram com os punhos de
suas espadas na mesa, era uma
cacofonia de barulho e ao mesmo tempo
um sinal de respeito.
“Thorgrinson!” Eles gritavam em
coro.
Thor se aproximou e eles finalmente se acalmaram. Ele foi abraçado por
Kendrick, Srog, Godfrey, Reece, Elden,
O’Connor e Conven, juntamente com
vários outros bravos guerreiros. Os
novos membros da Legião estavam lá
também: Serna e Krog, bem como
dezenas de membros do Exército Prata e
do exército de MacGil. Era uma força
grande e formidável.
“Thorgrinson...” Disse Srog
enquanto a multidão se acalmava. “Os
soldados de Silésia aguardam, a sua
disposição. E milhares mais nos
aguardam do lado de fora desta sala.”
“E todo o Exército Prata e todos do
exército de MacGil.” Acrescentou
Kendrick. “Você é o líder dos exércitos agora.”

Thor balançou sua cabeça, ele
apertou o ombro de Kendrick em um
gesto de apreço.
“Você é o líder deles.” Disse ele.
“Eu sou apenas um rapaz simples, com
um dragão e uma espada e eu vou fazer o
que puder para servir ao Anel.”
Kendrick sorriu.
“Nós vamos acompanhá-lo quando
você atacar Andronicus.” Disse
Kendrick. “Nós vamos cavalgar juntos
no chão, logo abaixo de você. Você vai
ser mais rápido com o seu dragão, mas
nós vamos cavalgar velozmente e não
ficaremos muito atrás. Quando você
puser os homens de Andronicus em fuga,
nós os perseguiremos em terra e acabaremos com todos os homens que
você não puder matar. Mesmo sendo tão
poderoso como você é, mesmo com o
seu dragão e sua espada, há muitos
lugares, cavernas e recantos, onde os
homens de Andronicus podem se
esconder.”
Thor assentiu com a cabeça.
“Eu me sinto honrado por vocês se

juntarem a mim na batalha. Vocês têm
razão: mesmo com toda a força do
mundo, eu não posso fazer isso sozinho.
Além disso, eu acho que não há honra
maior do que lutar ao lado destes
exércitos."
"Depois de hoje..." Srog disse. "...
Andronicus e os seus homens não
existirão mais. No final deste dia de batalha, o Anel estará livre e o Império
será levado de volta para o mar!"
"APOIADO, APOIADO!" Ouviu-se
o grande grito de aprovação dos
cavaleiros na sala. Thor examinava seus
rostos, todos eles eram homens curtidos
pela batalha, homens de quem ele havia
ouvido falar e havia respeitado enquanto
ele crescia. Thor sentia-se honrado por
estar em sua presença.
Thor estava prestes a responder,
quando de repente, as portas da sala se
abriram e um homem correu em sua
direção. Thor o reconheceu vagamente.
Todas as cabeças se viraram quando ele
entrou pela sala ofegante e marchou com
passo firme até à mesa.

Era Bronson. O esposo de Luanda.

“Grandes soldados, perdoem-me por intrometer-me.” Bronson anunciou ofegante, tentando recuperar o fôlego. Ele ficou parado ali, usando um tapa-olho.

“Eu trago comigo grandes notícias.” Disse Bronson. “Notícias urgentes. Notícias que afetarão os eventos deste dia. Eu cavalguei todo o caminho do outro lado das montanhas. Eu fui enviado aqui por Luanda. Ela falou com Andronicus e ele ofereceu sua rendição!”

Um murmúrio de surpresa eclodiu no ambiente, quando todos os cavaleiros se viraram e murmuraram entre si.

“Claro que ele quer se entregar.” Gritou um deles. “Ele está em desvantagem! E a ponto de morrer!”

“Eu não creio que Andronicus realmente se renda!” Gritou outro.

“Ele não tem outra escolha!” Exclamou outro.

“Silêncio!” Gritou Srog, logo todos

na sala ficaram calados e todos os olhos
se enfocaram em Bronson novamente.
“Ele disse que se entregará
pessoalmente.” Bronson disse.
“Com que condições?” Perguntou
Kendrick.
“Ele disse que vai entregar-se a
Thorgrin e a ninguém mais. E que seus
exércitos devem ser autorizados a deixar
o Anel, ilesos.”
Um murmúrio agitado eclodiu entre os cavaleiros, enquanto eles se olhavam,
perplexos.
“Isso soa como uma oferta justa.”
Disse Brom. “Ele quer salvar seus
homens.”
“Esse não parece ser o modo de agir
de Andronicus.” Disse outro cavaleiro.
“Que escolha ele tem?” Perguntou
outro. “Ele provavelmente esteja sendo
pressionado por seus generais. Ele tem
meio milhão de homens e ele é um só,
além disso, eles viram o dano que Thor
pode fazer.”
“Por que deveríamos concordar?”
Gritou outro. “O que ganhamos com

deixá-los em liberdade? Agora é hora de matar todos eles!”

“Com Andronicus como nosso prisioneiro e o Escudo ativado, não temos nada a temer de seus homens. Nós também evitaríamos um banho de sangue, incluindo o nosso. Nenhuma vida seria perdida hoje. Afinal de contas, ele ainda tem meio milhão de homens contra os nossos dez mil.”

A discussão irrompeu entre os homens, Thor ficou ali, ouvindo, absorvendo tudo.

“Mesmo que nós aceitemos a rendição…” Disse Kendrick. “… Não me parece justo que Thor vá sozinho.”

“E como sabemos que você não está mentindo?” Godfrey perguntou a Bronson.

Todos os olhos se voltaram para Bronson.

“Sim, como sabemos que podemos confiar em você?” Perguntou Reece.

“Afinal de contas, você é um McCloud.”

“Eu sou um MacGil agora.” Bronson insistiu. “Eu rejeito os McClouds. Eu

rejeito o meu pai. Afinal, foi ele quem me mutilou. Eu lutei por vocês bravamente durante o cerco de Silésia e eu não tenho nenhuma razão para manchar minha honra. Eu juro com cada fibra do meu ser que eu digo a verdade. Eu sou um cavaleiro, assim como vocês. Podemos ter lutado em diferentes lados da batalha, mas todos nós regemos pelo mesmo código de honra."

Bronson falou com a maior sinceridade e Thor podia ver que ele não estava mentindo.

"De todas as maneiras, o que Thor poderia temer?" Perguntou Elden. "Com Mycoples ao seu lado e a Espada do Destino nas mãos, todos os homens de Andronicus não poderiam fazer-lhe nenhum dano."

"Eu digo que nós aceitemos sua rendição." Disse Srog.

Kendrick bateu com seu punho na mesa e todos na sala ficaram em silêncio.

"A oferta foi feita a Thor e Thor é o

único que deve decidir se a aceitará ou a rejeitará. Seria a vida dele que estaria sendo arriscada por todos nós."

Thor ficou lá, ouvindo, deliberando. Por um lado, ele arriscaria de bom grado sua vida pelo Anel; por outro lado, ele sentia que havia algo estranho. Ele não tinha certeza do que. Então, como eles haviam dito, o que poderia Andronicus fazer com ele? Com Mycoples e a espada, ele se sentia invencível.

"Eu preferiria matar Andronicus a aceitar sua rendição." Thor respondeu. "Mas se esse for o seu desejo, então eu vou honrá-lo. Eu irei."

Ouviu-se um grito de júbilo entre o grupo de cavaleiros.

"Vou aceitar sua rendição." Thor disse. "E eu vou me assegurar de que até o último de seus soldados deixe o Anel."

"Não!" Exclamou Gwendolyn.

A sala ficou totalmente em silêncio quando todos eles se viraram e olharam para ela.

“Você não deve ir.” Ela disse para Thor. “Não é justo que você seja o único que deve arriscar sua vida.”

Thor virou-se para ela, tocado por sua preocupação.

“Majestade.” Disse Srog. “Nós tampouco queremos pôr Thorgrin em perigo. Mas como ele poderia sofrer algum dano?”

Gwendolyn balançou sua cabeça.

“Envie outro emissário. Thorgrin acabou de voltar de arriscar sua vida pelo Anel. Ele já fez o suficiente.”

A sala ficou em silêncio, Thor olhou para Gwendolyn, cheio de amor por ela. Mas ela ainda não compreendia. Para Thor, tudo significava muito mais do que apenas confrontar um inimigo: significava que ele confrontaria seu *pai*. E isso era algo que Gwen jamais entenderia, a menos que ele contasse tudo para ela. Havia chegado a hora.

Ele pegou na mão de Gwendolyn, se inclinou, beijou os dedos dela e disse baixinho:

“Há algo que preciso dizer-lhe.

Deixem-nos falar a sós.”

*

Thor tomou a mão de Gwen e guiou-a para fora da sala, sob os olhares perplexos de centenas de homens. Eles caminharam por um corredor, até que chegaram à privacidade de um pequeno quarto. Eles entraram ali e os atendentes fecharam a porta atrás deles.

“Você não pode confiar nele.”

Insistiu ela, virando-se para ele, veemente. “Lute contra ele. Mate-o. Mas não vá sozinho para aceitar sua rendição. Talvez eu esteja sendo egoísta. Mas você já foi tirado de mim uma vez e quando isso aconteceu, eu senti que minha vida havia acabado. Desta vez eu não creio que você possa voltar. Agora que você está aqui, eu me sinto renascer e eu não posso deixar que você arrisque sua vida de novo. Sinto muito. Mas deixe que alguém vá em seu lugar. Não é necessário que Andronicus se renda unicamente a você. Ele poderia se render a qualquer um. Eu não sei qual é a fixação que ele tem com você. Por

favor. Deixe qualquer um ir, mas não vá.”

Thor balançou lentamente a cabeça.

“Eu a amo Gwendolyn.” Disse ele. “Mais do que eu poderia dizer. E eu estou profundamente comovido por sua preocupação por mim. Mas eu devo aceitar a rendição de Andronicus. Ela pode poupar as vidas de milhares de nossos homens na batalha. As mortes daqueles homens estarão pesando em minha própria cabeça. Eu tenho de ir. Minha honra me obriga.”

Gwendolyn começou a chorar.

“Você não pode ir.” Gwen insistiu. Não agora. Há muita coisa em jogo.

“Não se trata só de você.”

Ela chorou e Thor sentiu seu coração partir-se. Ele pôs a mão em seu ombro e olhou para ela, confuso.

“O que você quer dizer?” Perguntou ele.

Thor sentia que havia algo que Gwen não havia lhe contado, algo que ela queria desesperadamente que ele

soubesse, mas ele não conseguia
entender o que era.
“Eu sinto que você está escondendo
algo de mim.” Disse ele. “Diga-me o
que é. Por que eu não deveria ir?”
Gwendolyn olhou para Thor e ele
sentiu que ela estava prestes a dizer
algo. No entanto, ela se virou
abruptamente, enxugando as lágrimas e
em vez de falar, ela ficou simplesmente
olhando pela janela.
“Desculpe-me por chorar.” Disse
ela. “Isso não é próprio de uma rainha.”
Thor caminhou até ela e pousou a
mão em seu ombro.
“Você é mais rainha do que qualquer
outra que eu já conheci.” Disse ele.
Ela sorriu para ele.
Thor engoliu em seco, seu coração
batia descompassado, ele sabia que
tinha chegado o momento de contar-lhe
tudo. Ele já não podia mais ocultar-lhe seu segredo.
“Gwendolyn.” Ele começou a falar,
limpando a garganta. “Há outra razão
pela qual eu devo ir ao encontro de

Andronicus sozinho.”

Thor engoliu em seco, não querendo dizer as palavras, mas ele sabia que tinha de fazer isso.

“É mais complicado do que você pensa.” Continuou ele. “Há uma razão pela qual ele quer se render somente a mim.”

Ela olhou para ele, perplexa.

“Do que você está falando?” Perguntou ela.

“Veja só...” Ele começou a dizer e depois parou. “Eu... soube de uma coisa. Algo que eu... eu gostaria de nunca ter sabido. Não há nada que eu possa fazer para mudar isso. E isso me obriga a tomar as medidas necessárias.”

“Eu não entendo.” Disse ela.

Ela olhou para ele totalmente desconcertada, o coração de Thor estava martelando, sua garganta estava seca. Ele estava com medo de que uma vez que ele pronunciasse as palavras, elas pudessem arruinar seu relacionamento para sempre.

“Há uma razão pela qual eu devo

encontrar Andronicus...” Disse ele. “...

Uma razão pela qual eu devo ser o único

a matá-lo.”

“Para vingar-me?” Perguntou

Gwendolyn.

Thor engoliu saliva.

“Sim, para vingar você.” Disse ele.

“Mas por outro motivo também.”

Ela olhou fixamente em seus olhos e

ele ficou ali, tremendo, querendo

pronunciar as palavras, obrigando-se a

fazê-lo.

“Veja, Gwendolyn…” Ele disse, e

então parou.

Finalmente, ele respirou fundo e

pronunciou as palavras:

“Andronicus é meu pai.”

Gwendolyn olhou para ele

petrificada, ela piscou várias vezes,

completamente chocada. Era como se

num primeiro momento, ela não pudesse

nem sequer processar suas palavras.

Então seus olhos se arregalaram mais e mais e Gwen ficou boquiaberta.

Ela levou a mão para a boca aberta e

involuntariamente deu vários passos

para trás, para longe de Thor.

Thor podia ver o horror e o repúdio

em sua expressão, era quase como se ela estivesse olhando para o próprio Andronicus. E o coração dele estava visivelmente destroçado.

“Não pode ser.” Sussurrou ela.

Thor assentiu tristemente.

“Mas é verdade. Ele é meu pai.”

Novas lágrimas rolaram pelo rosto de Gwen enquanto ela olhava para Thor com um novo olhar. Era como se ela estivesse olhando para um monstro.

Thor não podia evitar sentir que as coisas nunca mais seriam as mesmas entre eles.

“Gwendolyn...” Ele começou a falar.

“Deixe-me!” Retrucou Gwendolyn, com uma voz estridente, cheia de veneno e de ódio.

“DEIXE-ME!” Gritou ela.

Thor olhou para ela, viu a raiva em seus olhos e sentiu todo o seu mundo desmoronar. Ele já não tinha mais nada pelo qual viver.

Thor se virou e saiu da sala, não se importando se ele viveria ou não. Havia apenas um lugar reservado para ele no

mundo agora:

Era hora de encontrar-se com seu

pai.

CAPÍTULO VINTE

Gwendolyn estava em seus

aposentos no castelo, olhando pela

janela e observando Thor voar montado

em Mycoples. As grandes asas do

dragão batiam pelos céus, sua silhueta

contrastava com a enorme bola do sol da

manhã. As lágrimas escorriam pelo

rosto de Gwen enquanto ela tentava

respirar de novo e superar um milhão de

emoções conflitantes. Ela sentiu-se

traída por Thor; por sua revelação;

traída ao saber que ele era o filho de

Andronicus, a pessoa que ela mais

odiava no mundo. Ela se sentiu traída

porque ele tinha escondido esse segredo

dela. Ela, mais uma vez, sentia-se traída pelo mundo.

Por que o destino tinha de ser tão

cruel? Por que o pai de Thor, em todo o

universo, não poderia ser outro alguém?

Por que ele tinha de ser a única pessoa

que enchia a mente de Gwendolyn de

ódio e desejos de vingança?

Mas ao mesmo tempo, ela sabia que não era correto ficar chateada com Thor. Thor não poderia ser culpado por sua linhagem. Thor tinha sido mais do que gentil, amável e atencioso com Gwen e ela estava culpando-o por sua ascendência. E, claro, Thor tinha uma mãe também, sua linhagem não provinha unicamente de Andronicus.

Gwen sentia-se envergonhada por ter reagido da forma como ela fez. Ela se sentia devastada pela culpa e por um sentimento de perda, já que era provável que ela, mesmo que involuntariamente, tivesse contribuído para enviar Thor para longe; para a própria batalha que ela tanto queria impedi-lo de ir.

Gwen observava enquanto Thor desaparecia no horizonte e sabia que ele seguia seu caminho para enfrentar o pai. Gwen sabia que se Andronicus não se rendesse, Thor o mataria se fosse necessário. Ela sabia que Thor sentia o mesmo ódio que ela sentia por Andronicus. Ela sabia que era contra a

lógica ficar chateada com Thor. Pelo contrário, ela deveria ter sido compassiva com ele e mostrar-lhe empatia, afinal, ela tinha certeza de que o próprio Thor estava sofrendo com aquela notícia.

Ainda assim, o impacto profundo da revelação repercutia dentro dela e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito de sua reação instintiva e de seus sentimentos remanescentes. Gwen estendeu a mão e sentiu seu ventre, a revelação a atingia a um nível ainda mais profundo: afinal de contas, ela significava que Gwen estava carregando o neto de Andronicus dentro dela.

Isso a fez querer chorar e gritar contra o mundo. Aquela criança em seu ventre, a qual ela já amava mais do que podia dizer. Será que ela estava trazendo um monstro ao mundo?

Não, Thor não era um monstro. Mas Andronicus certamente era e ela sabia que, às vezes, as características saltavam uma geração.

Gwendolyn ficou ali, observando um céu vazio. Thor tinha desaparecido da

vista e enquanto ela permanecia ali,
sentia uma sensação premente de
preocupação com o bem-estar dele, a
qual substituía todas as suas outras
emoções. Afinal, Thor estava voando
diretamente ao encontro do homem mais
perigoso do mundo, aquele era um
encontro que ela havia encorajado
involuntariamente. E se ele nunca mais
voltasse? Isso pesaria sobre ela para o
resto de seus dias. Ela já se sentia responsável.
Ela queria inclinar-se para fora da
janela e gritar para Thor, gritar para que
ele voltasse. Gritar que estava
arrependida. Ao mesmo tempo, ela tinha
de admitir que havia também uma
pequena parte dela que queria que ele
voasse e nunca mais voltasse; uma parte
dela queria que todos os seus problemas
voassem junto com ele. Ela odiava a si
mesma por pensar isso; ela não sabia o
que sentir nem o que pensar.
Ela viu uma comoção súbita do
outro lado do pátio. Ela olhou para
baixo e ficou confusa com a visão: do

outro lado de Silésia surgiu um exército,
ele marchava em direção ao portão
Norte. Seus milhares de homens
marchavam lentamente, em perfeita
formação. A princípio, Gwen não
conseguia entender o que via. As
insígnias do exército não eram as do
Império. Na verdade, a armadura deles
se assemelhava a dos exércitos MacGil.
As cores, no entanto, eram bem
diferentes: azul e um escarlate profundo,
além disso, o estandarte que carregavam
tinha o emblema de um lobo solitário.
O corpo principal do exército se
deteve do lado de fora dos portões,
enquanto um pequeno contingente de
oficiais bem vestidos e abrigados com
peles, cruzou os portões e entrou em
Silésia. Era evidente que eles estavam
vindo com uma mensagem. Ou com uma
advertência. Gwen não podia dizer se eles eram amigáveis ou hostis. Mas pela
forma como eles se comportavam, o
instinto dela lhe dizia, que as intenções
deles eram hostis.
Ela não entendia o que estava

acontecendo, ou quem eram aquelas pessoas. Ela pensou em seus tempos de estudante e lembrava-se de ter visto aquele emblema e aquelas cores em um livro. Ela também tinha uma vaga lembrança dos seus tempos de criança, de quando seu pai a havia levado para visitar seu irmão, o MacGil mais novo, nas Ilhas Superiores. Gwen nunca esqueceria seu tempo lá. Ela podia jurar que aquela bandeira e aquelas cores eram as que eles portavam lá.

Seriam eles? Seriam os seus primos MacGil? Se fossem, o que eles estavam fazendo ali? Será que eles tinham vindo em defesa do Anel?

Houve uma época em que seu pai e seu irmão mais novo eram tão unidos como dois irmãos poderiam ser; porém Gwen logo se lembrou de sua desavença, ela lembrou-se de que depois disso eles nunca mais se falaram de novo, ela também se lembrou de seu pai advertindo a todos sobre seu irmão.

Ela não podia imaginar por que eles apareceram justo naquele momento, mas

por alguma razão, Gwen duvidava muito
que eles tivessem vindo para ajudar.
Gwendolyn se virou e desceu
apressada pelos corredores. Eles já
estavam cheios de soldados que também tinham visto o exército. Todo o castelo
havia sido mobilizado e se dirigia ao
encontro dos homens. Gwen
acompanhava todos os soldados,
descendo a escadaria de pedra em
espiral, com o coração aos pulos,
imaginando o que poderia estar
acontecendo.
Ela tinha o triste pressentimento de
que sua presença ali não augurava nada
de bom.
*
Gwendolyn permaneceu no centro do
pátio de Silésia, acompanhada por
Kendrick, Srog, Brom, Atme, Godfrey,
Reece e uma dúzia de membros do Exército Prata, todos eles se mantinham
ali firmes e orgulhosos enquanto
aguardavam a aproximação do
contingente de soldados. Todos os
homens estavam de pé com as mãos
sobre os punhos das espadas, prontos

para desembainhá-las.

“Majestade, devemos convocar o exército?” Perguntou Kendrick. Ela podia ouvir a ansiedade em sua voz.

Ela observava a aproximação do contingente, composto por talvez uma dúzia de homens e viu que eles nãos estavam com suas mãos em suas armas.

Ela percebeu que aquele exército poderia ser hostil, mas aquele contingente não era. Talvez ele estivesse vindo com uma mensagem ou uma oferta.

“Não.” Respondeu ela. “Nós temos bastante tempo para isso. Vamos ouvir o que eles têm a dizer.”

“Por acaso essas não são as cores dos MacGils?” Reece perguntou em voz alta. “Das Ilhas Superiores?”

“Pareceria que sim.” Disse Kendrick. “Mas o que eles estão fazendo aqui?”

“Talvez eles tenham vindo para apoiar a nossa causa.” Atme disse.

“Ou para se aproveitar de nós em nossa situação de fraqueza.” Godfrey acrescentou.

Aqueles mesmos pensamentos
passavam pela mente de Gwendolyn
enquanto ela estava ali parada.
Os homens chegaram mais perto,
então finalmente pararam a cerca de
quatro metros diante deles e
desmontaram de seus cavalos.
Um soldado avançou na frente dos
outros, flanqueado por quatro homens,
olhando diretamente para Gwendolyn.
Ele era um homem grande e largo e
estava vestido com finíssimas peles
vermelhas. Quando ele tirou o seu
capacete, Gwendolyn reconheceu de
imediato o seu rosto cheio de marcas,
emoldurado por seu cabelo grisalho e
desgrenhado.
Era seu tio: Tirus MacGil.
Tirus era apenas um pouco mais
jovem que o pai de Gwendolyn, no
entanto estava muito mais envelhecido.
Gwen o havia visto por última vez
quando ainda era criança. Agora, a
barba de Tirus era grossa e cinzenta, seu
rosto tinha muitas rugas de preocupação

e ele já não expressava a natureza agradável e despreocupada que Gwen recordava. Agora seu rosto era severo, sem graça. Ele não sorriu ao cumprimentá-la como costumava fazer quando ela criança, rindo de uma forma despreocupada, pegando-a e balançando-a. Agora, ele se aproximava dela com o porte típico de um adversário: com seu corpo tenso, seu queixo contraído e seus olhos castanhos inexpressivos.

Por um lado, seu coração saltou ao vê-lo, já que ele se parecia muitíssimo com seu pai e Gwen sentia enormemente a falta dele. Por outro lado, ela sentiu um frio na barriga, provocado pelo comportamento de Tirus e de seus soldados. Gwen sentia que estava encarando um adversário qualquer.

Tirus parou a alguns metros de distância de Gwendolyn e a fitou friamente. Ele não se curvou, acenou com a cabeça, nem se ofereceu para beijar-lhe a mão, apesar de ver que ela usava o manto real de Silésia e

certamente saber que ela era rainha. Isso
era um sinal de desrespeito e Gwen
tomou nota.
“Eu vim para reivindicar o que é meu por direito.” Ele anunciou em voz
alta e retumbante, uma voz dirigida não
só a Gwen, mas a todos os que
pudessem ouvi-lo. “Meu irmão mais
velho, o Rei MacGil, está morto. Por
direito, a realeza recai sobre mim, o seu
próximo irmão mais jovem.”
Gwen enrubesceu. Então era isso o
que ele buscava. Ela devia ter
imaginado. Seu pai a havia advertido
disso.
Ela limpou a garganta e se dirigiu a
ele de uma maneira igualmente confiante
e formal:
“Essa não é a lei do Anel como você
muito bem deve saber.” Gwendolyn
respondeu. “A nossa lei comum dita que
o reinado é concedido ao filho nomeado sucessor de um rei falecido.”
“*A sua* lei.” Tirus disse. “Não a
minha. Vocês alteram sua lei como bem
lhes convém. Nós somos das Ilhas
superiores, não somos oriundos do Anel,

nós temos nossa própria lei.”

“Meu pai não alterou as leis.”

Corrigiu Gwen, ela conhecia sua

história muito bem. Todos os seus anos

de leitura agora estavam dando

resultado. “Tem sido a mesma lei

vigente por sete gerações de Reis

MacGil, de autoria de Harthen MacGil e

homologada pelo Conselho Supremo

antes da formação da Corte do Rei. Se

alguém procura alterar a lei, esse é

você.”

Tirus enrubesceu, era evidente que ele não esperava uma resposta tão bem argumentada e que obviamente ele não

poderia rebater.

“Você tem muito conhecimento, cara

jovem.” Disse ele. “Você sempre teve.

Você é inteligente demais para seu

próprio bem. Mas você vai precisar de

mais do que livros para governar um

reino. Talvez você saiba os detalhes

técnicos da lei. Mas eu venho com a

realidade. Meu irmão mais velho está

morto e eu não me importo com o que a

sua lei diz. Por direito, o controle do

Anel deve passar para mim agora. Eu
esperei por muito tempo, quase uma
vida. Eu vim para tomar o que eu
mereço, quer a sua lei me conceda isso quer não."
Tirus suspirou.
"Porque seu pai e eu fomos muito
unidos no passado..." Ele acrescentou.
"... Eu venho com uma oferta generosa.
Vou dar-lhe uma chance de entregar
pacificamente a realeza para mim. Você
mal começou a reinar, seu tempo como
governante ainda é muito curto, você não
sentirá muita falta disso. Além do mais,
você é uma mulher e uma mulher jovem
demais para governar. Isso nunca esteve
destinado a você. Você vai entregar o
reino para mim e eu vou tirar todas
essas responsabilidades de seus ombros.
Você não saberia como governar um
país, de todos modos. Como seu
governante, eu vou tratá-la bem. Você terá um lugar em meu reino. Claro, eu e
os meus homens vamos mudar a nossa
corte para cá e alguns de vocês
provavelmente sejam deslocados. Mas
não se preocupe, vamos encontrar-lhes

outras casas. Seus impostos vão subir e
vocês vão lutar ao meu serviço, mas eu
serei um rei justo."
"Tão justo quanto você é para com
seu povo agora?" Perguntou Kendrick.
Tirus virou-se e dirigiu-lhe um olhar
de ódio fervente.
"Nosso pai nos levou para visitar
suas terras muitas vezes. Acrescentou
Kendrick. "Crianças ou não, nós
tínhamos olhos para ver. Você era um
proprietário brutal. O seu povo odiava
você. "Eu não vi nenhuma evidência da bondade e justiça, das quais você tanto
se gaba."
Tirus contraiu seu queixo.
"Você abre a sua boca para falar,
quando você deveria ouvir, rapaz."
Tirus fervia de raiva. "Você mal foi
desmamado do seio de sua mãe. Deixe
que homens de verdade como eu, digam
a você como é o mundo."
"Você é cheio de demagogia."
Kendrick retorquiu. "Seu erro é achar-se
mais importante do que você é."
Tirus ficou roxo de raiva enquanto

apertava o punho da espada. Era
evidente que ele não estava acostumado
a ser tratado dessa forma. Ele estava
acostumado a que todos se curvassem diante dele.
“E tudo isso procede do filho
bastardo do rei?”
Então chegou a vez de Kendrick
ficar vermelho.
“Eu sou o filho *mais velho* de meu
pai. Sou o filho *primogênito*. Isso *me* dá o direito ao trono. Mas meu pai resolveu
dar o trono a Gwendolyn e eu respeito
sua decisão. Ao contrário de você, que
busca tomar o que não lhe pertence.”
“Você não passa de um filho
bastardo.” Disse Tirus. “Se o seu pai
tivesse sido inteligente, ele teria me
dado ouvidos e matado você no dia do
seu nascimento. Manter você vivo foi
mais um exemplo de sua grande
loucura.”
Kendrick agarrou o punho de sua
arma e deu um passo à frente, todas as
espadas foram imediatamente
desembainhadas pelos cavaleiros de
ambos os lados dos contingentes.

Gwendolyn estendeu a mão e colocou-a no pulso de Kendrick, ele se virou e olhou para ela. Ela podia ver a fúria nos olhos dele. Gwen nunca o tinha visto tão aborrecido. Mas quando ele sentiu a mão suave dela, ele se deteve.

“Em outra ocasião, irmão.” Disse Gwen, enfatizando a palavra *irmão*.

Ele se acalmou ao ouvir suas palavras e baixou a guarda.

Gwen virou-se para Tirus, determinada a expulsar aquela doninha de sua cidade.

“Kendrick é meu *verdadeiro* irmão.” Ela disse para Tirus. “Ele é um irmão tão puro e verdadeiro para mim, como todos os meus irmãos. E se ele me pedisse o trono, eu ficaria feliz em cedê-lo a ele.”

Gwen suspirou.

“Mas era o desejo de meu pai que eu ocupasse o trono e Kendrick respeita esse desejo, o qual eu respeito também, cumprindo bem o meu papel ou não. Você deveria honrar o desejo de seu

irmão mais velho também. Ele era um
bom irmão e sempre foi gentil com você.
Você acha que ele estaria feliz ao testemunhar tudo isso agora?”
Tirus olhava para Gwen e ela podia
vê-lo rangendo os seus dentes. Era
óbvio que tudo aquilo era demais para
sua cabeça. Ele não esperava que a
situação fosse tão difícil.
“Meu irmão não se importava com
nada além do trono.” Tirus disse
sombriamente. “E com ele mesmo.”
“Foi por isso que tentou assassiná-
lo?” Godfrey interferiu. “Em lembro-me
do banquete naquela noite, em seu
castelo. O veneno foi preparado para
matar o nosso pai, porém ele matou seu
próprio filho.”
Tirus virou-se furioso.
“Eu lhe daria umas chicotadas, se eu pudesse.”
“Foi seu pai quem tentou envenenar
o nosso.” Gritou um soldado ao lado de
Tirus. “O veneno matou o nosso irmão.”
“Apenas quatro dos meus cinco
filhos estão vivos, graças a ele.”
Acrescentou Tirus.

Gwendolyn olhou atentamente para os quatro soldados que estavam ao lado de Tirus, eles haviam levantado as viseiras de seus elmos e ela os reconheceu dos seus tempos de infância. Seus quatro primos. Eles tinham quase a mesma idade dos irmãos dela. Gwen se surpreendeu ao vê-los já tão adultos. Eles haviam se transformado em verdadeiros cavaleiros. Era uma pena que fossem filhos daquele homem, porque eles tinham sido boas pessoas e todos os primos haviam sido tão unidos como irmãos.

“E o que aconteceu com sua filha?” Perguntou Reece.

Tirus olhou furiosamente para ele. Talvez, aquele olhar ele demonstrava que ele recordava o afeto de Reece por ela.

“Ela também está viva.” Ele respondeu a contragosto.

“Então uma filha não é sequer digna de menção?” Perguntou Gwendolyn.

“Esse é o tipo de justiça que você afirma existir em seu reino?”

Tirus fez uma careta.

“As mulheres são propriedade.”

Replicou ele. “Seu pai foi um tolo ao nomear você rainha, ao tentar elevar as mulheres a mais do que elas realmente são.”

Aquela foi a vez de Gwen ficar vermelha; mas ela se forçou a manter a cabeça calma.

“Eu *sou* Rainha.” Disse ela. “E não há nada que você possa fazer a respeito.”

Tirus balançou a cabeça e sorriu pela primeira vez, foi mais um gesto de zombaria do que um sorriso.

“Você não viu minhas forças alinhadas do lado de fora de suas muralhas? Eu tenho o dobro dos homens que você tem. Todos ilhéus aguerridos. Todos eles viveram toda a sua vida ao ar livre na chuva gelada e fria, dormindo nas rochas, eles não estão acostumados aos luxos. Todos eles são leais a mim até a morte.”

“Esse é outro exemplo de sua bondade e justiça?” Godfrey perguntou

ironicamente.

Tirus ficou vermelho, ele foi pego de surpresa mais uma vez.

“Estes homens matarão sob meu comando.” Ele continuou. “Eu lhe fiz uma oferta generosa. Vou dar-lhe uma última chance. Abdique ao trono em meu favor e eu permitirei que todos vivam. Se você me desafiar, os nossos homens irão aniquilar os seus. Você tem uma noite para decidir. Você vai me dar uma resposta ao nascer do sol, do contrário, vocês vão testemunhar a destruição final de sua cidade e eu vou tomar o Reino Ocidental pela força.”

Tirus virou-se para ir embora, mas antes que ele pudesse retirar-se, Gwendolyn adiantou-se e gritou:

“Tio! Posso dar-lhe minha resposta agora se o senhor quiser.”

Tirus parou e se virou para Gwendolyn com um olhar de satisfação no rosto. Ele sorriu como se estivesse claramente preparado para aceitar sua aquiescência.

“O senhor é um valentão e um

covarde.” Disse ela. “Meu pai deve
estar dando voltas em sua tumba, de
tanto desgosto. Nunca cruze estes
portões novamente. Se fizer isso, será recebido por um exército de espadas
que vai mandar todos de volta para as
Ilhas Superiores, em desgraça.”
Ele ficou de queixo caído, em estado
de choque, visto que não esperava tal
força e rebeldia de uma mulher. Ele
balançava a cabeça em desaprovação.
“Você fala de maneira precipitada.”
Disse ele. “Isso não é próprio de uma
rainha.”
“A indecisão tampouco é adequada
para um governante. Respondeu ela. “E
eu devo acrescentar ainda a ganância e
oportunismo, especialmente quando são
dirigidos a própria família.”
A expressão de Tirus ficou sombria.
Você é uma jovem tola. Como uma mostra de cortesia para com o seu pai,
eu vou dar-lhe uma noite para meditar
sobre suas palavras precipitadas e
permitir que seus assessores a ajudem a
recuperar o seu raciocínio. “Eu estou
ansioso para receber o seu pedido de

desculpas e sua rendição amanhã de
manhã.”
Tirus se virou para sua comitiva,
todos montaram novamente seus cavalos
e partiram. Quando eles estavam se
retirando, Gwen detectou uma expressão
nos rostos de alguns dos seus primos,
era como se eles quisessem pedir
desculpas pela atitude de seu pai e
quisessem estar unidos a ela, tão unidos
como quando eram mais jovens.
Seu contingente logo se perdeu de vista, ao cruzar os portões de Silésia.
“Baixem os portões.” Ordenou
Gwendolyn.
Vários soldados se precipitaram e
baixaram a pesada ponte levadiça de
ferro. Logo, tudo o que restou no
silêncio do pátio interior foram as
pegadas no solo poeirento.
Gwendolyn se virou e olhou para os
outros, eles também a olhavam, todos
eles estavam completamente atordoados
no silêncio da manhã.
“Você esteve fantástica.” Disse
Kendrick. “Nosso pai estaria

orgulhoso.”

“Ele é um porco.” Disse Reece. “Um

mentiroso e um fanfarrão.”

“Ele sempre procurou destronar o nosso pai.” Disse Godfrey. “Agora que

ele está morto e Andronicus de saída,

ele encontrou uma chance de tomar o

trono.”

“Ele não tem nenhum direito legal.”

Disse Aberthol.

“No entanto, ele tem muitos

homens.” Srog observou sabiamente.

“Claro, nós podemos nos defender. E

nós o faremos. Nossa cidade foi

construída para resistir a um cerco. Mas

depois do ataque do Império, nossas

defesas foram severamente

enfraquecidas. Infelizmente, ele

escolheu o momento perfeito, justo

quando nós nos encontramos fracos e

vulneráveis.”

“Quais são nossas chances?”

Perguntou Gwendolyn.

Srog fez uma careta.

“Podemos deter seus dez mil

homens...” Disse Ele. “... Por um tempo.

Nós podemos até matar um grande número deles. Mas vamos perder mais de nossos homens, no final das contas. Do ponto de vista estratégico, neste momento nós não estamos em condições de enfrentar uma guerra. Precisamos de tempo para reconstruir, para curar, para reforçar as defesas. A estratégia militar mais sábia seria aceitar sua oferta."

"Aceitar sua oferta!?" Godfrey disse, indignado. "Nós expulsamos Andronicus apenas para viver como escravos de outro tirano?"

"E quanto a Thor e Mycoples?" Perguntou Reece. "Vocês estão se esquecendo deles? Thor voltará em breve, depois que ele aceitar a rendição de Andronicus e então nós vamos ter todo o poder de que precisamos para repelir nossos primos MacGil."

"Mas o que acontecerá se os outros MacGils atacarem antes que Thor regresse?" Srog perguntou.

"O que acontecerá se Thor nunca regressar?" Perguntou Brom.

Todos olharam para Brom com
horror.
“Como você pode dizer uma coisa
dessas?” Perguntou Godfrey.
Brom baixou a cabeça.
“Perdoem-me. Mas devemos ter um plano para qualquer eventualidade. Thor
não está aqui agora para nos defender. E
nós não podemos planejar uma batalha
contando com guerreiros ausentes.”
Gwendolyn ficou ali ouvindo a
opinião de todos. Ela tinha aprendido
com seu pai a nunca falar quando os
outros estavam falando, especialmente
quando eles estavam dando conselhos.
Aquela era uma recomendação que ela
levava muito a sério.
“Eu suponho, então, que é uma
questão de saber se devemos escolher a
liberdade e a morte, ou a escravidão e a
vida.” Gwendolyn observou.” É a
mesma pergunta que enfrentamos não faz
muito tempo, com a invasão do Império.
E todos nós sabemos a resposta. A vida é importante; mas a liberdade é mais
importante para nós do que a vida.”
Ouviu-se um grunhido de aprovação

de todos os homens.

Todos se viraram e se dirigiram de volta para o castelo, quando eles fizeram isso, Gwendolyn olhou para cima e fitou os céus.

Thor, ela desejou silenciosamente.

Por favor, volte.

CAPÍTULO VINTE E UM

Gwendolyn caminhava apressada pelos corredores do castelo, recuperando-se do seu encontro com seu tio, ponderando o que fazer. Ela não era a mesma Gwendolyn que havia sido, antes de ser atacada por Andronicus. Ela havia sido endurecida pelo mundo e tinha tomado o pior que ele poderia dar a ela, Gwen já não temia mais as ameaças dos homens. Ela havia enfrentado Tirus desafiadoramente e estava decidida a cumprir cada palavra que tinha dito. Gwen estava preparada para lutar até a morte e cansada de correr do perigo, do medo dos homens.

Ela queria defender sua posição e sabia que era isso o que os seus homens

também queriam.

Mas ao mesmo tempo, ela também sentia oprimida pela culpa sabendo que ela era não somente governante das forças armadas, mas também a rainha do povo. Os cidadãos também dependiam dela. As forças de Tirus eram superiores as dela, os homens dele estavam mais bem armados e mais descansados. Eles tinham sabiamente permanecido fora da invasão de Andronicus, nas Ilhas Superiores. Tinham escolhido o momento perfeito: agora eles chegavam bem alimentados, bem armados, prontos para causar estragos em uma cidade sitiada e arruinada. Esse era seu tio: oportunista ao máximo. Ele não a surpreendia; ele havia esperando a vida inteira por uma chance de se apoderar do trono de seu irmão e tinha encontrado a oportunidade justo quando os filhos de seu irmão estavam mais vulneráveis.

Gwendolyn precisava discutir tudo isso com alguém, alguém que não pertencesse ao seu conselho regular de assuntos militares, alguém politicamente

astuto e experiente nos assuntos dos homens. Enquanto marchava pelos corredores Gwen, curiosamente, encontrou-se desejando falar com sua mãe, a ex-rainha. Ela queria ter uma visão do homem que era seu tio e que afinal, era o cunhado da ex-rainha. Ela não necessariamente queria ouvir um conselho; ela só queria alguém com quem pudesse trocar ideias. Desde que Gwendolyn ficou mais forte e mais aguerrida, de uma forma estranha, ela começou a se sentir cada vez mais ligada a sua mãe.

Ao ver Gwendolyn aproximar-se, os servos fizeram uma reverência e abriram as portas do quarto de sua mãe para ela. Gwen entrou e encontrou a ex-rainha sentada ali em frente de sua pequena mesa, jogando um jogo de xadrez solitário, como ela sempre fazia. Isso lhe trouxe lembranças de quando Gwen jogava com ela. Agora, sua mãe era uma mulher solitária, amargurada e fria, ela não aceitava a companhia de ninguém, apenas a do jogo.

Perto da ex-rainha, se encontrava sua velha e confiável serva, Hafold, quem nunca parecia estar longe.

Quando Gwendolyn entrou na sala, sua mãe virou-se e olhou para ela. Gwen ficou surpresa, já que sua mãe geralmente a ignorava. Agora, sua mãe realmente olhava para ela com um sentimento de respeito, totalmente novo.

“Deixe-nos a sós.” Sua mãe ordenou a Hafold. A diferença dos tempos passados, desta vez Hafold curvou-se e saiu rapidamente. Ambas agora demonstravam ter por Gwen um respeito que ela nunca tinha recebido antes. Era como se sua mãe olhasse para ela com outros olhos.

A porta fechou-se atrás dela, Gwendolyn ficou ali e enfrentou a mãe sozinha.

“Por favor, sente-se comigo.”

“Eu não pretendo jogar.” Disse Gwendolyn.

A mãe abanou a cabeça.

“Não precisamos jogar. Apenas sente-se. Como costumávamos fazer.”

Gwendolyn veio e sentou-se frente a frente com a mãe, ao lado da pequena mesa de xadrez. Ela olhou para baixo e estudou as peças ornamentadas, as pequenas figuras militares vestidas com túnicas pretas e brancas que empunhavam armas mágicas.

Gwendolyn suspirou e olhou pela janela.

“Eu tive o prazer de ouvir de seu retorno da Torre.” Disse a mãe. “Eu não estava feliz com a ideia de que você ficasse recluída. Você é parte do mundo e precisa estar nele.”

Gwendolyn acenou com a cabeça.

Ela ficou surpresa ao ouvir sua mãe expressar preocupação por ela, surpresa ao ouvi-la ser tão amável. A perda de seu marido e de sua realeza claramente havia feito dela alguém mais humilde. Ela não era a mesma mãe com quem Gwen tinha crescido.

“O reino está feliz em ter você de volta.” Disse sua mãe. Ela hesitou e depois acrescentou: “e eu estou feliz por ter você de volta, também.”

Gwendolyn olhou e viu sua mãe sorrindo para ela com olhos compassivos, pela primeira vez em sua vida. Eles eram olhos marcados pelas dificuldades, o rosto de sua mãe estava cheio de linhas e manchas. Gwendolyn não podia evitar pensar que um dia seu rosto se veria assim também. Gwen sabia o quanto era difícil para sua mãe poder proferir aquelas palavras e isso significava muito para ela, mesmo que tivesse sucedido um pouco tarde.

“Isolar-se do mundo é fácil.” Disse a mãe. “Ser uma parte dele, isso sim é difícil. E a vida de uma rainha é a mais difícil de todas.”

Gwendolyn pensou sobre isso. Ela estava começando a entender como sua mãe se sentia. Como rainha, ela não podia deixar de sentir a responsabilidade por todas aquelas pessoas, além de sentir o peso de cada decisão que ela tomava.

“Nós recebemos a visita de Tirus esta manhã.” Disse Gwendolyn.

“Eu soube.”

Gwendolyn olhou para a mãe,
surpresa.
“Como?”
A mãe sorriu.
“Eu ainda tenho minhas fontes.”
Disse ela
Gwen examinou sua mãe,
impressionada. Ela era uma mulher fácil
de subestimar; mesmo em seu estado, ela
ainda tinha recursos consideráveis.
“Você fez a coisa certa.” Disse a mãe. “O irmão mais novo de seu pai é
um porco. Ele sempre tem sido. Esses
MacGils têm toda a classe das Ilhas
Superiores, ou seja: nenhuma. Eles são
inferiores a você, inferiores a todos nós.
Tirus levou sua família para as Ilhas
superiores porque ele queria um lugar
para conspirar, para conseguir poder e
disputar o trono. Se ele tivesse sido um
verdadeiro irmão, um irmão leal, ele
teria ficado na Corte do Rei, ao lado de
seu irmão.
“Não aceite nenhum dos termos da
rendição. Ele é implacável.
Independentemente do que ele prometer,

ele um dia matará toda a descendência de seu irmão, de modo que ninguém mais possa ter direitos sobre o trono. Você é a única e verdadeira governante deste reino agora; não deixe ninguém lhe dizer o contrário, nem seu tio, nem mais ninguém Lute pelo que você tem; seu pai não gostaria que fosse de outra maneira."

Gwen pensou em tudo que sua mãe disse e os pensamentos de sua mãe confirmavam os seus. Gwen sabia que sua mãe tinha sabedoria para compartilhar e ela já se sentia bem melhor. De certa forma, as duas pensavam exatamente iguais.

Sentindo que havia resolvido a questão, Gwen suspirou e desviou o olhar, logo ela sentiu seus pensamentos à deriva, de volta para Thor. Ele pesava sobre ela mais do que qualquer um de seus outros problemas. Gwen desejou que ela nunca o tivesse mandado embora; isso a estava perturbando e não se dissiparia facilmente. Ela gostaria de poder reverter a situação. Mas já era

tarde demais.

De repente, Gwen olhou para sua mãe e se perguntou o quanto ela sabia.

Gwen estava começando a perceber que talvez, no fundo fosse por isso que ela tinha realmente recorrido a sua mãe, Gwen havia ido ali não para discutir sobre seu tio, mas para discutir sobre Thor.

“Eu cometi um grave erro hoje.”

Gwen disse sem olhar para ela, olhando para fora através da janela, sua voz estava ficando mais profunda e mais forte, parecendo cada vez mais com a voz de sua mãe. “Eu mandei embora alguém que me amava muito.”

A ex-rainha suspirou.

“Um erro que todos nós estamos inclinados a cometer alguma vez. Mas uma coisa que se aprende na vida, à medida que os anos se transformam em décadas, é que nunca é tarde demais para corrigir seus erros. Há sempre uma segunda chance. E se não houver, você sempre poderá *criar* uma segunda chance. O poder de criá-la está em suas

mãos.”

“Eu receio que no meu caso, já seja

tarde demais.” Disse Gwen. “É

provável que eu simplesmente o haja enviado ao encontro de sua morte.”

Houve um longo silêncio durante o

qual a rainha estudava Gwen.

“Você se refere a Thorgrin?”

Perguntou ela.

Gwendolyn acenou em resposta.

“Sim. Eu suponho que você deveria

estar feliz, mãe. Já que você o odiava

mesmo.”

Sua mãe suspirou.

“Eu nunca o odiei.” Ela corrigiu.

“Eu odiei-o por *você*.”

“Por causa de quem é seu pai?”

Perguntou Gwendolyn.

Quando Gwen fez a pergunta, ela

observou os olhos da mãe de perto. Ela

os viu pestanejar e então percebeu de

imediato que sua mãe sabia. Gwen não podia acreditar.

“Você sabia!” Gwendolyn disse,

ficando de pé, indignada. “Você sabia o

tempo todo e nunca me disse nada!”

Sua mãe abanou a cabeça

tristemente.

“Eu disse-lhe para ficar longe dele.

Eu tentei forçá-la a ficar longe dele.”

“Mas ainda assim não me disse a

verdade.” Gwen insistiu.

“Eu sabia que um dia você iria

descobrir.” Disse ela. “Eu queria que

você soubesse a verdade por seus

próprios meios. Então você poderia

decidir por si mesma, ficar longe dele.”

“Porque você acha que o sangue do

seu pai corre nas veias dele? Porque

você acha que ele me causaria dano?”

A rainha acenou com a cabeça.

“Não. Você ainda não compreende.

Não porque haja qualquer falha em

Thorgrin. Mas porque há uma falha em

você.”

Gwen olhou para a mãe mais uma

vez, confusa.

“Em mim?” Perguntou ela.

“Você é exatamente como seu pai,

você e todos os MacGils. Vocês sempre

dão tanta importância à ascendência.

Mas estão todos errados. Há muito mais

em uma pessoa do que seus ancestrais, sua ascendência. Quantos tiranos incontáveis descendem de nobres reis? E quantos reis bons descendem de monstros? O filho nunca é igual ao pai."

Gwendolyn pensou sobre isso.

Claro, a mãe estava correta. Mas ainda era difícil aceitar isso a nível emocional, especialmente depois do que Andronicus lhe fizera.

"Você não pode culpar os filhos pelos pecados dos pais." A rainha acrescentou.

"Você devia ter me contado." Disse Gwendolyn.

"Eu disse-lhe para ficar longe dele."

"Mas você deveria ter me dito o *porquê*. Você deveria ter me dito a verdade, toda a verdade, desde o início."

"E o que você teria feito? Você teria ficado longe dele?"

Gwendolyn ficou pensando sobre isso, ela havia sido pega desprevenida. A mãe dela tinha um ponto.

“Eu… poderia ter ficado.”

“Você não teria ficado.” Sua mãe

retorquiu. “Você estava cega pelo amor.”

Gwendolyn ponderou isso.

“Eu nunca pensei que Thor não era a

pessoa indicada para você.” Disse a

mãe. “Pelo contrário, eu soube sempre

que ele seria o par perfeito.”

Gwen franziu a testa, confusa.

“Então por que se esforçou tanto

para nos manter separados?” Perguntou

ela.

Ela estudou sua mãe, quem parecia

estranhamente silenciosa.

“Eu sinto que há algo mais que você não está me dizendo, mãe.”

Sua mãe se virou e olhou para o lado

e, finalmente, Gwen podia sentir que

estava no caminho certo. Sua mãe estava

escondendo algo dela.

Após um longo silêncio, sua mãe

finalmente limpou sua garganta.

“Havia uma profecia...” Sua mãe

disse devagar, hesitante. “... Eu não

falava disso desde que você era uma

criança. Na noite em que você nasceu,

um astrólogo veio até seu pai. Ele fez
uma profecia sobre você. Ele proclamou
que você seria um governante — um
grande governante, maior que o seu pai
jamais foi.”
O coração de Gwendolyn martelou, algo fazia sentido.
“Foi por isso que ele me escolheu
para governar?” Perguntou ela. “Entre
todos os seus filhos? Foi por causa da
profecia?”
A Mãe dela deu de ombros.
“Possivelmente. Porém eu não penso
assim. Eu acho que ele viu algo em
você. Eu acho que ele teria escolhido
você de qualquer maneira. Ele amava
você mais do que a todos. Ainda mais
do a mim.”
Gwendolyn pôde perceber os
ciúmes de sua mãe, sua tristeza; pela
primeira vez Gwen sentia pena dela.
“Eu lamento muito mãe.” Disse ela.
Sua mãe deu de ombros e olhou para o lado, apesar de tentar parecer
indiferente ela estava torcendo as mãos.
Gwen podia jurar que algo mais estava
passando pela cabeça dela.

“O que foi?” Gwen perguntou confusa.

Sua mãe não a encarava e algo veio à mente de Gwen.

“Havia algo mais sobre a profecia?” Gwendolyn insistiu, sentindo que realmente havia. “Certamente essa não foi a única razão pela qual você mandou Thor embora, não é?”

Sua mãe hesitou relutante.

Finalmente, depois de um silêncio interminável, ela olhou diretamente para Gwen e Gwen podia ver a tristeza em seu olhar.

“A profecia predisse que você se casaria...” Disse sua mãe com sua voz grave. “... Que você teria um filho e que seu marido iria morrer jovem.”

Gwendolyn engasgou. Ela tentou recuperar o fôlego, sentindo como se um balde de água fria tivesse sido despejado sobre sua cabeça.

“É por isso que eu não queria que você estivesse com Thorgrin.” Sua mãe finalmente admitiu. “Eu queria poupá-la dessa dor.”

Gwendolyn estava entorpecida. Ela estava em transe enquanto saía do quarto de volta para o corredor, desejando que sua vida terminasse.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thorgrin voava montado nas costas de Mycoples, ela batia suas grandes asas, levando-o para cada vez mais longe de Silésia. Ele agarrava a Espada do Destino com força. Thor sentia-se totalmente vazio por dentro enquanto eles se elevavam por entre as nuvens, correndo em direção ao sol da manhã. Ele refletia sobre seu encontro com Gwendolyn e mal sabia o que pensar. Thor continuava visualizando em sua mente a expressão do olhar de Gwen quando ela descobriu quem era o pai dele. Era um olhar de horror. Ele tinha visto seu amor por ele esfriar naquele olhar, os olhos dela que uma vez brilharam cheios de amor e devoção, haviam olhado para ele furiosos, cheios de raiva e decepção. Recordar tudo isso lhe causava uma enorme dor no peito.

Thor não podia deixar de sentir que sua relação tinha se desmanchado, que estava perdida para sempre. Eles haviam estado tão apaixonados, ele havia estado tão perto de pedi-la em casamento e dar-lhe o anel. Ele simplesmente tinha deixado para lhe contar a notícia de seu pai.

Mas agora… ele não via como Gwen poderia aceitar sua proposta algum dia. Era evidente que ela o odiava.

Thor sentiu o Anel dentro do bolso de sua camisa e se perguntava o que aconteceria com ele. Uma parte dele queria apenas jogá-lo fora, deixá-lo cair pelos ares e perder-se em algum lugar do Anel. Mas ele pensou em sua mãe e percebeu que não poderia fazer isso.

Thor pediu a Mycoples que voasse mais rápido e o vento chicoteou seu rosto. Ele sentia a necessidade de limpar a mente de todos aqueles pensamentos. Talvez Thor não estivesse destinado a estar com Gwen depois de tudo. Talvez seu único destino nesta vida

fosse a guerra, a batalha. Talvez, ele
estivesse se excedendo ao pensar que
poderia estar com uma mulher como
Gwendolyn.

Thor obrigou-se a enfocar-se. Em algum lugar do horizonte estava seu pai
e ele tinha de concentrar-se no encontro
que tinha pela frente. Enquanto eles
percorriam o Anel, chegando cada vez
mais perto da grande divisão das
Highlands, a Espada do Destino latejava
em sua mão. Thor sentia excitação e
medo. Por um lado, ele estava
entusiasmado com aceitar a rendição de
Andronicus, livrar o Império de seus
homens e pôr fim à guerra de uma vez
por todas.

Por outro lado, Thor temia encontrar
seu pai cara a cara, especialmente sob
seus termos. Thor sentia um ódio
incontrolável dele, por causa de todo o
dano o que ele tinha causado a
Gwendolyn e ao Anel. Se Thor pudesse, ele o mataria. Thor queimava por dentro
ao ser forçado a aceitar a sua rendição.

No entanto, isso era o que o seu povo
havia decidido e isso era o que ele faria.

Thor tentou visualizar em sua mente como seria o encontro, era difícil para ele imaginar toda a situação. Será que Andronicus sabia que tinha um filho? Será que ele sabia que esse filho era Thor? Será que ele receberia Thor como um pai, ou o receberia como um adversário? Ou ainda como ambos? Encontrar-se com seu pai pela primeira vez seria de certa forma, como encontrar-se com uma parte de si mesmo. Thor precisava manter a cabeça fria e não se deixar levar por suas próprias emoções. Afinal, ele estava representando seu povo.

Eles sobrevoaram as Highlands, o trecho interminável de montanhas que se elevavam formando os picos abaixo, todos cobertos de branco pela neve. Finalmente, eles avistaram o outro lado. As incontáveis tropas do Império enchiam o Reino do Leste, cobrindo o solo como formigas. Mais à frente, à distância, ele avistou o centro do acampamento e logo viu uma enorme tenda preta e dourada, Thor sabia que

ela devia abrigar Andronicus.

Mas de repente, Mycoples
mergulhou diretamente para baixo, sua
descida foi tão abrupta que quase
derrubou Thor.

“Mycoples, o que foi?” Thor gritou, surpreso.

Mycoples mergulhou para um dos
picos mais altos da cordilheira e pousou
ao lado de um lago azul e cristalino
entre as montanhas.

Mycoples pousou ali, ao lado do
lago, ele era tão alto que ambos estavam
quase nas nuvens, Thor olhou para ela,
intrigado. Ele nunca tinha visto
Mycoples agir daquela forma antes.

“Mycoples, diga-me!” Pediu Thor.

Ela ronronou, piscando os olhos
lentamente.

“Nós devemos prosseguir.” Thor
insistiu. “Nós não podemos perder
tempo. Por favor, voe!”

Mas Mycoples, pela primeira vez, ignorou seu comando.

Em vez disso, ela baixou a cabeça
até a margem e apoiou o queixo ao lado
de suas águas. Thor percebeu que ela

estava sentindo uma grande tristeza.
Thor desmontou e aproximou-se
dela; ele olhou para Mycoples, estendeu
a mão e acariciou lentamente o rosto
comprido e estreito dela, passando a
mão ao longo de suas escamas. Ela
piscava lentamente e ao fazer isso
produzia um ronco suave nas
profundezas de sua garganta, ela
inclinou-se e cutucou Thor com carinho,
com a ponta do seu nariz.
“O que foi garota?” Perguntou ele.
As entranhas de Mycoples
produziram um barulho estranho, era
quase um gemido, Thor soube então que
algo estava errado. Parecia que ela
estava tentando dar-lhe uma mensagem,
era como se ela estivesse tentando dizer
a ele para não ir.
“Mas eu devo ir!” Disse Thor.
De repente, ela inclinou a cabeça
para trás, apontando-a para os céus e
gritou. Era um grito alto estridente e
atormentado, era quase um lamento, ele
encheu todas as Highlands, enquanto

ecoava vez após vez.

Thor recuou, chocado. Era um gemido de desespero. Era como se ela soubesse que algo terrível estava prestes a acontecer.

Percebendo que ela não estava disposta a voar para lugar nenhum, Thor decidiu dar-lhe um pouco de espaço. Talvez ela se acalmasse e seu humor mudasse.

Ele deu alguns passos até as águas cristalinas do lago, uma rajada de vento encrespou suas águas naquele clima gélido. O único som que se ouvia naquele lugar desolado era o dos seixos sendo esmagados sob suas botas. Thor olhou para as águas geladas e viu o reflexo do céu da manhã acima dele, cheio de nuvens violeta, rosa e vermelhas. A vista era de tirar o fôlego.

Thor estava prestes a desviar o olhar quando de repente ele viu seu próprio reflexo. Ele o olhou duas vezes.

Ele não podia acreditar no que via.

Ali, refletido nas águas, não era o

seu rosto o que Thor via. Em vez disso,
ele viu refletido o rosto de Andronicus.
Thor se virou agitado, respirando
com dificuldade, sem querer mais olhar
para as águas. Havia sido real? Em
quem ele estava se transformando?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Gwendolyn estava no parapeito
superior do castelo de Srog, ela olhava
para a névoa serpenteante que circulava
em rajadas intensas e envolvia as
legiões de homens que estavam abaixo,
dentro das muralhas. Do lado de fora
das muralhas se encontrava a legião dos
homens de Tirus, acampados como uma
praga, ganhando tempo. Ela sabia que
quando o dia amanhecesse, todos teriam
uma batalha em suas mãos. Se eles
escolheriam ou não lutar por sua
independência, essa já não era uma
pergunta em sua mente; agora a questão
que permanecia era *como* eles escolheriam lutar.
Gwendolyn estava acompanhada por
Srog, Kendrick, Brom, Atme e todos os

seus generais, além de Godfrey, Reece e vários membros do Exército Prata. A pequena comitiva caminhava pelo parapeito e olhava para fora junto com Gwen. Todos agora estavam concentrados nos preparativos para a batalha que teriam de enfrentar. O estômago de Gwendolyn dava voltas.

Ela não tinha medo da batalha; o que a incomodava era a ideia de matar seu próprio povo, especialmente quando muitos dos homens de Andronicus ainda permaneciam dentro do Anel. Afinal de contas, por mais que os outros MacGils fossem detestáveis, eles eram pessoas de seu próprio sangue, primos que outrora tinham sido amigos dela. Em um momento como aquele, todos eles deveriam estar unidos.

Mas que opção ela tinha? Eles a haviam forçado àquela situação e agora era viver livres ou morrer. E a liberdade e a honra eram mais importantes para ela — e para todos eles — do que a vida.

Gwendolyn olhou para baixo e viu

uma comoção dentro dos portões: um grupo de seus assistentes parecia estar discutindo com um visitante recém-chegado. Ela se inclinou sobre a borda e olhou atentamente, ela olhou novamente tentando entender o que sucedia. Ela reconheceu o homem que estava desmontando do cavalo: ele era baixo e corcunda e carregava consigo um arco de grandes dimensões. Ela conhecia aquela silhueta de algum lugar.

Não era possível. Será que Steffen tinha conseguido voltar para Silésia? Será que seus olhos a estariam enganando?

De repente ouviu-se uma comoção na entrada dos parapeitos, Gwen virou-se e viu o chefe dos assistentes correndo até ela.

“Majestade.” Disse o homem, ele estava agitado e transpirava muito. “Há uma confusão nos portões. Temos um recém-chegado que afirma que a conhece; claro que, dada sua aparência, eu suponho que isso é mentira, portanto nós estamos nos preparando para levá-

lo para as masmorras.”

O rosto de Gwendolyn corou de vergonha. Ela olhou para baixo e viu Steffen sendo levado para longe do castelo principal, em direção ao calabouço. Ela podia ver o olhar de choque e vergonha no rosto dele.

“Tragam-no imediatamente.” Ela ordenou firmemente.

Os olhos do chefe dos assistentes se arregalaram de surpresa. “Vossa Majestade o conhece?”

“Tão bem como eu conheço a mim mesma. Seu nome é Steffen e você deve tratá-lo com a maior honra e respeito. Se não fosse por ele, eu estaria morta hoje. Ele é a minha mão direita e a ele devem ser concedidos todos os privilégios que este reino tem a oferecer. Vá até ele de uma vez!” Disse ela, erguendo a voz.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa, ele se curvou virou-se e correu de volta para dentro.

Gwen ouviu os passos do atendente ecoando e ela sabia pelo medo nos olhos dele, que ele obedeceria suas

ordens imediatamente.

Gwen olhou para baixo e viu-o correr pelo pátio em direção ao grupo de assistentes. Ela viu quando ele parou diante deles e viu também como eles olharam para o homem, confusos e amedrontados. Logo depois os atendentes se curvaram diante de Steffen e se desculparam. Gwen observava com satisfação como a postura de Steffen estava um pouco mais erguida. Logo depois ele foi levado para o interior do castelo.

Momentos depois Steffen apareceu no parapeito, sem hesitar, Gwen correu em direção a ele, inclinou-se e deu-lhe um abraço.

Steffen ficou ali, meio sem jeito, como se tivesse medo de abraçar alguém da realeza. Mas finalmente, ele a abraçou um pouco hesitante. Logo ele se afastou e se curvou diante de Gwen.

“Majestade.” Disse ele. “Quando eu soube que Vossa Majestade havia deixado a Torre, eu vim imediatamente. Se Vossa Majestade decidir me dar uma

posto com os outros servos, é claro que vou aceitar a sua vontade, seja ela qual for. Mas se Vossa Majestade desejar que eu esteja mais uma vez ao seu lado, eu lutarei até a morte para protegê-la de todo e qualquer dano.”

Gwen sorriu para ele.

“Steffen, você é a minha mão direita e uma das poucas pessoas a quem eu confio minha vida. A você deverá ser concedida toda a honra que este reino tem a oferecer. Não fale em ser um servo nunca mais.”

Os olhos de Steffen se arregalaram e ele abriu um sorriso enquanto olhava de volta para Gwen, em seguida, ele baixou a cabeça baixa novamente.

“Sim, Majestade.”

“Você chegou justo a tempo.” Disse ela. “Amanhã, vamos enfrentar o ataque de meu tio. Acredite ou não, Silésia está se preparando para um cerco mais uma vez.”

“Majestade.” Disse Steffen.

“Aconteça o que acontecer, eu estarei do seu lado.”

Gwen virou-se e encarou seus

homens, determinada.

“Vamos rever nossas defesas.” Disse ela. “Onde estamos mais vulneráveis?”

Srog limpou a garganta.

“Majestade, defender as muralhas exteriores será todo um desafio.” Disse Srog. “O dano que Andronicus causou foi muito extenso. Mesmo que alguns portões resistam, há muitos outros portões para proteger. Nós simplesmente não temos a mão de obra. Os homens de Tirus são guerreiros veteranos e logo eles vão perceber isso. Eles também têm a mão de obra para testar cada portão.”

“Eles provavelmente já averiguaram isso tudo antes de aproximar-se.” Kendrick acrescentou.

“O que você recomenda então?” Perguntou Gwendolyn.

Kendrick coçou o queixo.

“O que eles esperam...” Kendrick começou. “... É que nós defendamos os portões. Eu sugiro que nós os surpreendamos. Deixemos que eles invadam os portões. Nós podemos colocar nossos homens na muralha

interna, bem na borda do Canyon,
bloqueando a entrada da Baixa Silésia.
Eles vão entrar para encontrar o pátio da
cidade vazio, sem resistência, então eles
ficarão confusos. Aí, nós poderemos
atacá-los de todos os lados."
"É um bom plano." Disse Srog. Ele
se virou e olhou para o pátio da cidade.
"Nós podemos colocar arqueiros lá. Ele
acrescentou, apontando para vários
pontos ao longo das muralhas da cidade.
"... E lanceiros abaixo. "Podemos abater
os primeiros mil antes que eles se
reagrupem."
"E depois disso?" Perguntou Gwen.
Srog e os outros trocaram um olhar
preocupado.
"Depois disso, eles vão invadir as
nossas defesas. Não há maneira de
contornar isso." Disse Srog. "Mas podemos recuar para a Baixa Silésia e
aguentar lá todo o tempo que pudermos."
Gwen deu um suspiro.
"E se nos retirarmos para baixo..."
Ela perguntou. "... Quanto tempo passará
até que todos nós pereçamos?"

Eles balançaram suas cabeças e Gwen viu o medo em seus rostos.

“Com as nossas provisões atuais, talvez possamos sobreviver por uma semana, ou talvez duas.” Srog pigarreou. “Eu gostaria de ter uma estratégia melhor, Majestade. Mas nosso número é bem menor, nossos homens estão enfraquecidos e nossas provisões são escassas.”

Gwendolyn, com as mãos nos quadris, olhava ao redor da cidade enquanto refletia sobre tudo o que lhe haviam dito. Ela respirou fundo enquanto examinava os muros da cidade e os seus guerreiros. Ela refletia sobre todas suas opções, no entanto, ela não gostava de nenhuma delas. Alguns danos seriam infligidos ao inimigo, mas nenhum deles conduzia à vitória.

“Há outra opção.” Disse ela. “Uma que nenhum de vocês está levando em conta.”

Todos observavam enquanto Gwen dava vários passos para a frente e

examinava as paredes e mais além
delas.
“Podemos abandonar a cidade por completo e atacá-los fora das muralhas,
em campo aberto.”
Todos ficaram ali, sem palavras,
eles olhavam para Gwen como se ela
tivesse enlouquecido.
“Desocupar a cidade, Majestade?”
Gwen assentiu com a cabeça, ela se
sentia mais confiante com o plano à
medida que pensava mais sobre ele.
“Ao amanhecer, eles virão por uma
decisão. Nós vamos sair para recebê-los
com um emissário, enquanto nossas
principais forças circularão em torno
deles e vão atacar pelos flancos. Vamos
surpreendê-los com um ataque em pleno
campo aberto.”
“Majestade.” Disse Brom. “Isso
poderia ser um suicídio. Sem a proteção
destas muralhas, todos nós
morreremos.”
Ela se virou para Brom e sentiu uma
nova força percorrendo suas veias. Ela
estava ficando mais aguerrida, estava

tornando-se uma verdadeira rainha, sem medos e sem arrependimentos.

“Nós vamos morrer de qualquer jeito.” Respondeu ela com naturalidade. “E se tivermos de morrer, eu prefiro morrer matando mais homens de Tirus. Eu prefiro morrer agora, com honra, do que fazer o nosso povo sofrer lentamente.”

Todos olharam para Gwen e ela viu um novo sentido de admiração e respeito em seus olhos.

“Então está decidido.” Disse ela “Vamos atacar ao amanhecer. Preparem-se.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Erec liderava o exército de milhares de homens do Duque. O contingente ia crescendo à medida que homens de todos os lugares se juntavam a ele. Eram homens do Anel que haviam sido libertados e estavam ansiosos para vingar-se do Império. Eles haviam estado marchando por dias, em uma

longa jornada desde Savária, no Sul, para Silésia, no Norte. Eles haviam passado por grupos de sobreviventes armados, por fortalezas escondidas e grupos do Exército Prata que tinham sobrevivido à invasão. Aqueles homens juntaram-se aos do Duque e o tamanho de sua força tinha quase dobrado; agora seu número havia aumentado para dez mil homens fortes, todos eles estavam motivados, felizes por serem livres; por terem uma causa e ter um líder como Erec.

Aos olhos daqueles homens não havia líder melhor a seguir do que Erec, o cavaleiro mais famoso, o líder do Exército Prata, o campeão do Anel, o cavaleiro que nunca havia sido derrotado por ninguém. Erec atraía as pessoas como um ímã, ele era um líder natural, de pé alto e orgulhoso, com seu queixo forte e seus olhos cinza claro ele impunha respeito onde quer que fosse.

Erec tinha se tornado ainda mais lendário desde a sua defesa solitária na ravina e do heróico esmagamento do rochedo que bloqueou o passo do

Império.

Eles haviam marchado constantemente desde que Thor tinha sobrevoado com Mycoples e salvado suas vidas no desfiladeiro. Erec sabia que eles estavam indo para o Norte e tinha estado determinado a segui-los, para ajudar. Ele seguia o rastro deixado pelos corpos carbonizados dos soldados do Império, o caminho de destruição que Thor havia deixado e sabia que ele iria alcançá-los. Era um caminho longo e tortuoso, indo sempre para o Norte, bordejando o Canyon. Erec pensava que ele iria acabar na Corte do Rei e encontraria todos lá.

Mas, quando eles finalmente chegaram à Corte do Rei, a visão dela deixou Erec destroçado. Aquele lugar que uma vez tinha sido tão apreciado por ele, que uma vez tinha sido o bastião da resistência do Anel, estava agora destruído pelo Império e era apenas uma pálida sombra do que havia sido antes.

O rastro de destruição continuava até o

Norte cruzando os portões, então Erec continuou marchando. Ele não sabia onde terminaria, mas ele supunha que o rastro os conduziria até a próxima cidade do Norte: Silésia. Talvez todos tivessem se refugiado lá. Do ponto de vista militar, era uma decisão que fazia sentido.

Montada sobre o cavalo de Erec, logo atrás dele, com seus braços envolvendo apertadamente o seu peito, estava sua futura esposa: Alistair. O calor do toque dela o enchia de esperança e de vida, especialmente naquela noite fria e coberta de neve; Alistair lhe dava um propósito para viver. Erec estava cheio de gratidão para com ela, depois de ter sido salvo por ela tantas vezes, ele prometeu a si mesmo que um dia lhe retribuiria tudo isso.

Todos eles cavalgavam em um ritmo lento para ajustar-se ao ritmo daqueles que iam a pé. Eles avançavam lentamente, cada vez mais ao Norte quando a noite começou a cair. Brandt, o

amigo íntimo de Erec, juntamente com o Duque, cavalgava perto dele. Eles eram uma força unificada, todos determinados a unir-se a Gwendolyn e aos homens do rei. Erec não sabia como eles poderiam ser úteis, dada a força de Thor, mesmo assim ele iria oferecer-se junto com seus homens, para fazer o Gwendolyn precisasse. Afinal, ele tinha uma grande dívida para com o pai dela.

O Rei MacGil também tinha sido como um pai para Erec e em alguns aspectos, Erec se sentia como um dos irmãos MacGil. Ele tinha sido um verdadeiro irmão para Kendrick, Gwendolyn, Reece e Godfrey. Ele nunca tinha sido muito apegado a Gareth ou a Luanda, mas certamente havia estado muito apegado aos outros. O rei MacGil tinha dito a Erec muitas vezes, que desejava que ele também fosse seu filho; Erec tinha visto esse desejo em seus olhos.

Alistair apertou-o com força e Erec estava deleitado com sua noiva; ele só desejava que ele pudesse expressar-lhe mais gratidão e estava determinado a

encontrar uma maneira de fazer isso. O
mistério em torno dela também persistia
e se intensificava em sua mente. Quem
era essa mulher, tão diferente de
qualquer mulher que ele havia
conhecido em sua vida? Como ela tinha
sido capaz de salvá-lo duas vezes? Ele
estava morrendo de vontade de
perguntar para ela, mas ele tinha
prometido não se intrometer e ele nunca rompia seus votos.
“Você está querendo saber mais
sobre mim.” Alistair sussurrou baixinho
em seu ouvido, fora do alcance da voz
dos outros homens. “Eu posso sentir
isso.”
Erec estava espantado, como
sempre, com sua capacidade de ler seus
pensamentos.
“Eu estaria mentindo, minha querida,
se eu dissesse que eu não estava.”
Respondeu ele. “Você salvou minha vida
tantas vezes que é impossível para mim,
não querer saber mais. Você tem um
poder que eu nunca vi em uma batalha,
um poder que eu não entendo.”

“Isso faz com que você me ame menos?” Perguntou ela.

“Isso faz com que eu a ame muito mais, se é que isso é possível.” Disse ele.

Houve um longo silêncio enquanto eles continuavam a cavalgar, cada um confortável com o silêncio do outro.

Erec pensou que eles iriam continuar assim por horas, até que Alistair o surpreendeu ao falar novamente.

“Eu nunca contei a ninguém sobre a minha linhagem.” Disse ela. “Eu fiz uma promessa a mim mesma.”

“Eu compreendo.” Ele respondeu.

“Mesmo assim, eu me sinto à vontade para compartilhar isso com você.”

Eles ficaram em silêncio novamente enquanto continuavam a cavalgar; o coração de Erec batia acelerado enquanto ele esperava que ela contasse mais. Mas Alistair ficou em silêncio mais uma vez e ele se perguntou se ela tinha mudado de ideia.

Então, ela limpou sua garganta.

“Meu pai era um monstro. Minha mãe, a mulher mais bonita do mundo, e a mais poderosa. Todos os poderes que recebi, eu recebi dela. Houve muitos momentos em que eu não queria continuar vivendo, depois que eu descobri quem era o meu pai. Eu me apresentei para trabalhar como serva daquele estalajadeiro, o qual você conheceu, para esquecer as dores da vida. No entanto, agora que eu o conheci, eu me sinto pronta para viver novamente. Pronta para aceitar quem eu sou.”

Erec queria fazer-lhe um milhão de perguntas, mas se obrigou a não bisbilhotar e a respeitar o que ela quisesse compartilhar, se esse era o seu desejo.

“Há outra razão pela qual que eu me isolei.” Disse ela “Me contaram sobre uma profecia poderosa relacionada com o meu nascimento. Ela diz que eu realizaria grandes curas e causaria grande destruição aos que me rodeassem. Eu não queria sujeitar você,

nem ninguém mais ao meu destino.”

“Nem todas as profecias se tornam realidade, minha cara.” Disse Erec comovido pelo fato de ela ter compartilhado tanto e ao mesmo tempo compreendendo a culpa que pesava sobre ela. “Os profetas veem através de um vidro escuro. Sua inteira visão muitas vezes é obscurecida. Você não deve carregar essa culpa. Você é uma boa alma. Quem seu pai é não importa. E qualquer profeta que disser o contrário está errado.”

Alistair apertou-o com força e Erec sentiu que, já que ela havia compartilhado tantas coisas, ele deveria retribuir-lhe. Ele nunca tinha falado muito com ninguém sobre o seu passado, mas ele também se sentia pronto para compartilhá-lo com ela.

“Eu sei um pouco sobre as profecias.” Disse ele.

Ela inclinou-se para a frente e olhou para ele.

“Para que você veja, eu sou oriundo das Ilhas do Sul do Anel. Poucas pessoas sabem disso, mas eu mesmo sou

o filho de um rei.”

Alistair engasgou com a surpresa.

“Você nunca disse nada.” Disse ela.

Erec deu de ombros.

“Eu não julgo a mim mesmo baseado em minha origem, mas sim baseado no que eu tenho feito. Quando eu era jovem, meu pai me enviou para o Anel para que eu estivesse ao serviço do Rei MacGil. Os MacGils tornaram-se uma família adotiva para mim. Além disso, eu amava tanto estar no Exército Prata que nunca voltei para casa, portanto, eu não vejo o meu pai nem o meu povo desde que parti.”

“Mas você então não é herdeiro do trono das ilhas do Sul?” Perguntou ela.

“Sim.” Ele admitiu. “Ele é um povo orgulhoso, grande e aguarda meu retorno. Talvez um dia eu regresse. Isso significaria tudo para o meu pai e para o meu povo. Eu estou demorando porque eu sei que no dia em que eu voltar para casa, será difícil para mim, retornar ao Anel alguma vez. Eu sou um estrangeiro aqui, mas em muitos aspectos, o Anel

tornou-se a minha casa. A lealdade é
algo que eu levo muito a sério, com todo o meu coração.”
Eles continuaram a cavalgar em um
confortável silêncio, quando algo lhe
ocorreu.
“Se algum dia eu voltasse para lá,
você viria comigo?” Erec perguntou
preocupado, temendo que ela pudesse
dizer que não.
Alistair se inclinou para a frente e
sorriu.
“Eu o acompanharia até os confins
da terra.” Disse ela “Se você é um
príncipe ou não, um cavaleiro
condecorado ou um soldado comum,
isso não importa. Eu o amo com toda a
minha alma.”
O coração de Erec se encheu de um amor mais forte e jamais sentido antes.
Ele virou-se e inclinou-se para ela e os
dois se beijaram, logo eles continuaram
cavalgando no meio da noite.
O exército parou de repente quando
todos chegaram ao topo de um monte.
Erec parou com eles. Ele olhou na
direção apontada pelo dedo do Duque.

Erec também a viu: diante deles
estava uma cidade feita de uma pedra
vermelha e brilhante, incrustada
diretamente na borda do Canyon.
Se eles cavalgassem toda a noite,
eles chegariam lá de manhã.
Silésia.

CAPÍTULO VINTE E

CINCO

Thorgrin estava montado nas costas
de Mycoples, eles haviam decolado dos
picos mais alto das montanhas e
finalmente voavam novamente,
mergulhando para baixo, para o Leste
em direção ao acampamento de
Andronicus. O segundo sol agora estava
baixo no céu. Thor havia passado dois
dias tentando convencer Mycoples a se
mexer, levantar-se, e voar de novo.
Mycoples voava com relutância,
fazendo círculos gigantes, ela avançava
um pouco, então logo retrocedia e
gritava enquanto prosseguia. Thor não
conseguia entender seu comportamento.
Ele nunca a tinha visto assim. Ele podia sentir sua profunda ambivalência indo

para a frente e para trás e ele não podia
deixar de sentir uma sensação de mau
agouro. Estaria ela prevendo um futuro
que ele não conseguia antever?
Thor olhou para baixo e viu a
interminável quantidade de soldados do
acampamento de Andronicus contra o
pôr-do-sol dramático que pairava sobre
o Anel, lançando uma nuvem
avermelhada sobre tudo. Quando ele
conseguiu fazer com que Mycoples
voasse mais perto do centro, ele viu o
que só poderia ser a tenda de
Andronicus; ela era dez vezes maior que
as outras e estava situada no meio de
uma grande clareira. Eles sobrevoaram a clareira, voando baixo.
Enquanto eles voavam, Thor podia
ver o medo em todos os rostos dos
soldados do Império, eles olhavam para
o céu e o observavam. Eles tinham razão
para ter medo: se Thor quisesse, ele
poderia mergulhar e fazer com que
Mycoples os queimasse vivos, tal como
ela já havia feito com seus camaradas.
Ele poderia matar todos em uma limpeza

geral, incluindo seu pai. Não havia nada
que ele desejasse mais.
Mas ele estava obrigado pelo dever
e havia prometido cumprir as ordens e
aceitar a rendição de Andronicus.
Enquanto Thor voava em círculos, a
clareira se ampliava. Os homens de
Andronicus estavam fazendo espaço para ele e para Mycoples. Mycoples
resistia e gritava ao se aproximarem da
terra, levantando a cabeça, como se
estivesse recusando-se a pousar. Thor
olhava para ela, intrigado. Ele podia
sentir que Mycoples queria cuspir fogo e
ele teve de apelar para toda a sua força
para impedir que ela fizesse isso.
“Não tenha medo, Mycoples,” Disse
ele.
Eu não temo por mim, eu temo por
você. Thor podia ouvir seus
pensamentos.
“Não tema por mim.” Disse Thor.
“Você está ao meu lado e a Espada do
Destino está em minha mão. Nada, nem
ninguém poderá nos prejudicar.”
Mycoples muito a contragosto

baixou suas grandes garras até o chão.
Eles pousaram no meio do campo hostil e estranho, então houve um silêncio de morte. Nem uma alma se movia, todos os soldados do Império ficaram paralisados de medo, quando Mycoples pousou no chão poeirento e Thor desmontou diante da tenda de Andronicus. Todos os soldados do Império, com seus rostos marcados pelo medo, mantiveram uma distância prudente.
Thor ficou ali, segurando a espada enquanto uma tensão espessa pairava no ar. Thor olhou ao seu redor, seu coração batia agitado com a expectativa. Ele estava nervoso e ansioso para pôr os olhos em seu pai e falar com ele pela primeira vez. Mycoples, ao lado dele, produziu um ruído similar a um grunhido ou um rosnado com sua garganta. Era evidente que ela estava muito infeliz ali; Thor podia sentir como ela estava nervosa. O próprio Thor também estava nervoso. Algo parecia anormal para ele.
Finalmente, houve uma comoção e

enquanto Thor observava, a tenda se
abriu e dela e saiu um vulto.
Era seu pai.
O coração de Thor martelava
enquanto ele permanecia de pé ali. O
seu mundo parou.
Andronicus saiu lentamente e deu um
passo em direção a ele. Thor foi pego de
surpresa pela altura de seu pai, sua
amplitude e seu tamanho. Ele era um homem enorme, parecia ter quase três
metros de altura; era largo como o
tronco de uma árvore; seus músculos
sobressaíam de sua pele vermelha; ele
tinha longas presas e chifres amarelos
enrolados que emergiam de sua cabeça
calva; seus olhos eram amarelos e
brilhantes; ele usava um colar cuja vista
horrorizou Thor, o colar tinha como
pingentes várias cabeças encolhidas.
Andronicus estendeu a mão e tocou
as cabeças com suas longas garras, ele
sorriu para Thor e parou a menos de um
metro de distância dele. Um barulho
parecido a um ronronar profundo
provinha de dentro de seu peito.

Thor se sentia revoltado ao vê-lo.

Ele se sentia envergonhado, sentia ódio.

Olhar para Andronicus, sabendo de tudo

o que ele tinha feito com Gwendolyn,

provocava em Thor mais do que tudo,

um desejo ardente de vingança. Thor

sentiu a Espada do Destino pulsar na

palma de sua mão; se ele não estivesse

comprometido com sua honra, teria

pulado para a frente e teria matado seu

pai naquele mesmo instante.

Mas ele não podia. Ele havia

concordado em aceitar uma rendição e

ele tinha de honrar sua palavra.

“Meu filho.” Andronicus disse.

“Finalmente, nós nos conhecemos.”

Thor não sabia como responder. Eu

odiava ouvir a palavra “filho” da boca

daquele homem. Thor não se sentia filho dele; Pelo contrário, ele estava

extremamente decepcionado com seu

pai, decepcionado por ter de encontrar-

se com ele pela primeira vez e por ter

um pai assim. Thor queria mais do que

tudo poder mudar isso, mudar sua

ascendência, mesmo sabendo que jamais

poderia fazer isso.

“Eu vim para aceitar sua rendição.”

Thor disse solene e friamente.

“Francamente, eu preferia matá-lo. Mas não foi isso que o meu povo pactou. Assim, você pode dispensar as trivialidades, ordenar seus homens a sair do Anel, ajoelhar-se e anunciar sua rendição. Eu não quero falar com você nem mais um segundo além do necessário.”

Enquanto proferia aquelas palavras, Thor sentia aumentar sua confiança.

Mas Andronicus não avançou, não ordenou nada aos seus homens, não se ajoelhou nem fez qualquer coisa semelhante. Em vez disso, ele simplesmente ficou ali. Sorrindo abertamente. Thor sentia que havia algo errado.

“Meu filho, você está com tanta pressa. Temos o dia todo para tais formalidades. Aproveitemos a oportunidade para conhecer-nos.”

Thor sentia um buraco no estômago

só de pensar nisso.

“Não há nada que eu deseje menos.”

Disse Thor. “Eu não quero saber de

você. Você é um assassino e alguém

ainda pior do que isso. Seu tempo para

falar se acabou.”

Mas Andronicus simplesmente

sorriu e deu um passo à frente.

“Mas o nosso tempo para falar ainda

nem sequer começou.” Disse

Andronicus, parecendo divertido. “Veja

bem, nós temos uma vida inteira para

estar juntos. Por mais que você deseje

lutar contra isso, você é meu filho. De

quem você acha que é o sangue que

corre pelas suas veias? Ele é meu. A

quem você acha que deve agradecer por

estar vivo neste mundo? A mim. Você

pode até tentar enganar a si mesmo e

pensar o contrário, mas você sabe que isso é verdade. Você e eu somos

exatamente iguais. Você pode não saber

ainda, mas você é exatamente igual a

mim.”

O rosto de Thor ficou vermelho de

raiva.

“Eu não sou igual a você em *nada*. ”

Thor insistiu. “E eu *nunca* vou ser como você. Você é um projeto desprezível de um ser vivo. Eu lamentei amargamente estar vivo no dia que eu soube que eu descendia de você.”

“É uma grande honra descender de mim.” Rebateu Andronicus. “Não há nenhum homem no Império mais poderoso do que eu e um dia, você vai tomar o meu lugar.”

Thor apertou o punho da Espada do Destino com mais força.

“Eu *jamais* tomarei o seu lugar.”

Thor disse com uma raiva crescente, sentindo cada vez mais dificuldade para controlar-se. “Eu não quero ter nada a ver com você e essa conversa já acabou... Você pode entregar-se a mim agora, ou então, se você se recusar, eu o matarei de uma vez por todas.”

Thor ficou surpreso ao ver que Andronicus nem se imutou, ele ficou parado ali, sorrindo impassível. Ele deu mais um passo para perto de Thor e ficou a escassos metros de distância dele.

“Eu receio que você tenha de matar-
me.” Andronicus disse.
Thor mal sabia o que estava
acontecendo.
“Então você retira sua oferta de
rendição?” Perguntou Thor.
“Eu nunca tive a intenção de me
render.” Andronicus sorriu. “Eu fiz tudo
isso para ter uma chance de vê-lo. Você
é meu filho. Eu sabia que você não iria
me desapontar. Eu sabia que uma vez
que você estivesse diante de mim, você
iria ver que você e eu somos iguais.
Una-se a mim Thorgrin.” Disse
Andronicus, estendendo a mão. “Venha
comigo e eu posso dar-lhe poderes
muito além do que você jamais sonhou.
Você vai governar mundos inteiros. O
Anel será apenas um pontinho nas terras
que você vai possuir e os povos que
você controlará. Você terá poderes superiores aos que um simples pai
humano poderia ter dado a você. Junte-
se a mim. Pare de resistir. Este é o seu
destino.”
Porém, os olhos de Thor se

estreitaram, sua raiva começou a dominá-lo. Ele tinha sido enganado por aquele homem. Todos tinham sido enganados.

“Dê mais um passo e eu o atacarei.” Thor advertiu.

“Você não vai fazer isso, Thorgrin.” Disse Andronicus enquanto olhava fixamente nos olhos de Thor, como se o estivesse hipnotizando. “Porque eu sou seu pai. Porque você me ama. Porque você e eu somos uma só carne.”

“Eu odeio você!” Gritou Thor.

Andronicus se adiantou e Thor não se conteve mais. Ele pensou em Gwendolyn e no dano causado a ela pelas mãos daquele monstro; ele pensou em todas as pessoas que Andronicus tinha matado no Anel, então ele já não pôde mais conter sua raiva.

Thor pulou para frente, com a Espada do Destino erguida, ele soltou um grito e mergulhou-a com toda a sua força, diretamente no peito de seu pai, determinado a mostrar-lhe e a mostrar a

si mesmo, que ambos não se pareciam em nada.

Mas Thor encontrou-se tropeçando para a frente, através do ar. Sua espada não havia penetrado nada mais do que uma nuvem. A força do seu ímpeto o propulsou, sua espada caiu e em vez de atingir Andronicus, ela encontrou seu alvo em uma rocha enorme. O golpe havia sido desferido com tanta força que a Espada do Destino caiu e penetrou profundamente no rochedo. Ela ficou incrustada até a metade dele, enchendo o ar com o horrível barulho do metal cortando através da rocha.

No mesmo instante, Thor sentiu que seu corpo inteiro estava enredado em um metal leve. Ele logo percebeu que estava preso em uma rede. Ele tentava libertar-se, mas a rede era feita de um material que ele jamais havia visto antes, Thor sentiu que era incapaz de desvencilhar-se dela.

Thor olhou para trás e viu Andronicus de pé longe, a cerca de três metros. Thor estava confuso. Ele virou-

se na direção do lugar onde Andronicus tinha estado e em vez dele, havia uma criatura do mal ali, com um longo manto escarlate e brilhantes olhos amarelos.

Thor percebeu que tinha sido enganado por algum tipo de magia, de ilusão. Durante todo o tempo, Thor havia pensado que era o seu pai quem estava diante dele, quando na verdade, quem havia estado ali com ele era aquele feiticeiro sinistro.

Quanto mais Thor lutava contra a rede, mais fraco ele ficava. A rede era feita de um material que ele nunca tinha visto antes, uma malha âmbar e brilhante. Qualquer que fosse o seu material, ele estava drenando a vida de Thor. Ele não podia nem sequer erguer a Espada do Destino.

O feiticeiro riu dele, seu riso produzia um som horrível e áspero.

“Essa rede é feita de Akdon.” O Feiticeiro disse. “Quanto mais você lutar, mais fraco você se tornará. É o metal mais raro da terra, o metal de um feiticeiro, forjado nas chamas do

inferno. Não há muito desse material em existência, mas há o suficiente para deter seres similares a você e ao seu dragão.”

Thor ouviu um rugido, então ele olhou e viu Mycoples enredada em uma rede do mesmo material. Dezenas de homens de Andronicus agarravam a rede e puxavam-na para baixo enquanto Mycoples gritava e tentava bater violentamente suas asas. No entanto, por mais que ela tentasse, suas asas estavam debilitadas pelo material.

Thor ouviu um barulho, ao olhar para cima ele viu o verdadeiro Andronicus de pé por cima dele, sorrindo zombeteiramente. Thor viu quando Andronicus levantou seu punho bem alto e o desceu com violência diretamente sobre o seu rosto. Thor sentiu o doloroso impacto dos nós dos dedos de Andronicus em seu osso malar, sua cabeça girou com a força deles.

Thor se viu deitado de cara no chão duro e antes que seu mundo escurecesse totalmente, ele ouviu as últimas palavras de seu pai:

“Eu disse-lhe que você se juntaria a
mim meu filho.”

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Gwendolyn encontrou-se em pé no topo da Torre de Refúgio, ela estava confusa em relação a como havia chegado ali. O dia estava amanhecendo e ao redor de Gwendolyn se encontravam os sete cavaleiros mágicos erguidos e imóveis, formando um círculo perfeito. Como se fossem um só, eles se aproximaram dela, as placas de suas armaduras tilintaram sobre o pavimento de pedra, o som ficava cada vez mais alto à medida que eles fechavam o círculo em torno dela.

Eles estenderam os braços e estavam a ponto de agarrar Gwendolyn, quando ela, sem ter para onde ir, jogou a cabeça para trás e gritou.

Gwen pestanejou e viu-se de pé no centro da Corte do Rei. O céu estava negro, cheio de pássaros do inverno, os quais grasnavam estridentemente. A cidade era apenas um resquício do que

havia sido antes, ela estava toda coberta de escombros e chamuscada pelo sopro do dragão. Não havia uma única alma nela.

Gwendolyn ficou ali, no centro da cidade, sozinha, à procura de alguém, de qualquer pessoa.

“Pai?” Chamou ela.

Não se ouviu nada além de silêncio e do uivo do vento.

No outro extremo da corte, uma porta enorme e arqueada começou a se abrir, talvez ela tivesse uns trinta metros e era feita de ferro. Uma figura solitária saiu pela porta e vinha em direção a Gwendolyn, ela usava um manto real e uma coroa enferrujada. Quando Gwen se aproximou, ela ficou emocionada ao ver que era seu pai. O corpo dele estava carcomido e ele parecia mais um esqueleto do que um ser humano.

“Pai!” ela chamou, enquanto se aproximava dele.

Ele segurava um cetro longo e dourado e dirigiu uma das pontas dele

para ela.

Gwen estendeu a mão e agarrou o cetro, mas assim que ela fez isso, seu pai desapareceu.

Gwendolyn se viu andando sobre uma colina, por um caminho que conduzia à Corte do Rei e a antiga Casa dos Eruditos. Agora ela estava queimada até o chão, não havia mais nada além de um buraco na terra. Ela olhou por cima da borda de seu precipício e viu que havia um túnel que levava à escuridão. Ela se abaixou e pegou um livro, agora ele era um monte de páginas carbonizadas que se transformavam em cinzas em suas mãos e eram sopradas para longe.

Gwen pestanejou e se encontrou em uma terra árida e rochosa, do lado de fora da casa de Argon. Ela examinava a estrutura de pedra perfeitamente redonda, mas não viu nenhuma porta de entrada.

“Argon!” Exclamou Gwen.

“Eu estou aqui.” Ouviu-se a resposta.

Gwen girou e viu-o parado ali, em frente a ela. Ela estava tão aliviada.

“Por que nos deixou?” Perguntou ela. “Precisamos de você mais do que nunca.”

Argon balançou lentamente a cabeça. “Agora moro em um lugar de sonhos.” Disse ele. “Estou preso aqui. Salve-me, Gwendolyn. Salve-me!”

Gwendolyn pestanejou e se encontrou de pé no centro de Silésia, cercada pelo exército de seu tio. Eles haviam invadido completamente a cidade e preenchido todos os cantos do lugar, todos os soldados marchavam em direção a ela, em perfeita harmonia, levantando suas espadas, lanças e escudos, preparando-se para atacá-la.

Ela virou-se para todos os lados, à procura de uma saída, mas não havia nenhuma. Tirus liderava o grupo e ele levantou uma espada para golpeá-la.

Mycoples desceu e agarrou Gwen com suas garras enormes, elas cortaram a pele de Gwen quando Mycoples a levantou e levou-a para longe enquanto

sobrevoava os homens que se
encontravam nos parapeitos ao longo
das muralhas de Silésia. Eles voavam
através do campo e Gwen via o Anel
passar por baixo dela. Abaixo também
estavam os homens de Andronicus, milhões deles cobriam a terra, seu
número era incontável
Mycoples levava Gwen enquanto
sobrevoava o acampamento. Gwen
olhou para baixo e ficou horrorizada ao
ver que Thorgrin agora era um
prisioneiro, ele tinha seus pés e suas
mãos acorrentados a um poste.
Andronicus se erguia ao lado de Thor,
ele levantava uma enorme espada
prateada com as duas mãos e preparava-
se para mergulhá-la no coração de Thor.
Ele perfurou Thor com sua espada e
Thor gritou ao ser atingido pelo golpe,
então Mycoples deixou cair Gwendolyn.
Ela foi arremessada no ar e gritava
enquanto ia caindo, despencando em
direção ao corpo morto de Thorgrin.
“NÃO!” Gritou ela.
Gwendolyn se sentou na cama,

respirando com dificuldade, totalmente sem fôlego. Ela olhou ao redor, tentando descobrir onde estava; ela viu as tochas acesas em seu quarto, viu o brilho do fogo da lareira e percebeu que ela estava segura. Era um sonho e ainda era noite.

Gwen atravessou a sala, Krohn a seguia de perto enquanto ela se dirigia um pequeno lavatório de pedra do outro lado do quarto. Gwen se abaixou e jogou água fria em seu rosto. Ela ainda respirava com dificuldade enquanto observava seu quarto, bastante perturbada por seu sonho. Ela esfregou sua barriga e sentiu cólicas. O sonho parecia tão real. Ela estava certa de ter presenciado a captura de Thor e de tê-lo visto morrendo nas mãos de seu pai.

Gwen se sentia inundada pela culpa. Ela não podia deixar de sentir que tudo era verdade: que quando o sol raiasse, ela seria cercada pelos homens de seu tio e que Thor havia sido capturado e iria morrer.

Gwendolyn se obrigou a recuperar o

fôlego, a respirar lentamente e a
recuperar a compostura. Ela virou-se,
foi até a janela e olhou para a névoa
serpenteante do Canyon na luz da
madrugada. O céu ainda estava escuro, o
dia mal havia começado a raiar e
amanhecer. O grande dia estava
chegando sobre eles. O dia em que eles teriam de enfrentar Tirus. O dia em que
Thor iria enfrentar Andronicus.
O sonho atormentava Gwendolyn e
ela sentiu um buraco em seu estômago,
uma terrível sensação de que algo
terminaria mal. Ela podia senti-lo em
seu peito.
Alguém bateu repentinamente a sua
porta, era uma batida muito forte àquela
hora da madrugada. Gwen soube
imediatamente que algo estava errado.
Gwen atravessou a sala, abriu a
porta e encontrou um mensageiro de pé,
ofegante, sem fôlego.
“Majestade, eu trago uma má
notícia.” O mensageiro disse com voz
entrecortada. “Um dos nossos espiões
veio cavalgando por todo o caminho das Highlands para nos avisar que Thorgrin

foi capturado por Andronicus.”

Ao ouvir as palavras do mensageiro, Gwen sentiu uma dor aguda em seu ventre, ela sentiu que o bebê estava dando voltas vez após vez dentro dela.

Ela caiu de joelhos devido à dor, invadida por fortes contrações.

Gwen sentia náuseas e respirava com dificuldade, ela temia pela vida de seu filho.

“Majestade, se encontra bem?” Perguntou o mensageiro.

Gwen não conseguia pronunciar uma palavra. Ela apoiou-se com uma palma da mão no chão de pedra, enquanto ondas de dor se apoderavam dela.

O atendente saiu correndo da sala.

Ao receber a notícia, Gwen sentiu como se toda a sua vida tivesse sido tirada dela.

Thor havia sido capturado. Como ela havia sido estúpida ao deixá-lo ir.

Gwen não podia culpar ninguém a não ser a si mesma. Ela o tinha afugentado.

Lentamente, as ondas de dor

começaram a passar. A porta se abriu e Steffen entrou, trazendo consigo a um médico idoso que ajudou Gwen a levantar-se.

“Majestade, o que aconteceu?” O médico perguntou-lhe.

Gwen ficou de pé, já se sentindo melhor. Ela virou-se e dirigiu-se para o assistente.

“Convoque o meu Conselho imediatamente.” Ordenou ela, usando a voz forte e autoritária própria de uma rainha.

“Sim, Majestade.” Disse o assistente, logo ele virou-se e saiu correndo, acompanhado pelo médico. Apenas Steffen permaneceu ali com ela.

Gwendolyn se virou e deu uma última olhada pela janela. Era hora de enfrentar o dia.

*

Gwendolyn atravessou o conjunto de portas duplas, Steffen a acompanhava. Eles entraram na Câmara do Conselho a qual estava iluminada com tochas,

àquela hora da madrugada, para reunir-se com os seus melhores cavaleiros. Os rostos de todos estavam cheios de ansiedade. Ali estavam: Srog, Kendrick Brom Atme, Godfrey, Reece e muitos outros, todos eles olhavam para Gwen. Todos eles estavam usando suas armaduras e todos tinham a batalha em seus rostos. Afinal de contas, já era madrugada, o dia estava começando e havia chegado o tempo de enfrentar os MacGil e arriscar suas vidas pela glória.

Mas com a notícia da captura de Thor, o clima era ainda mais tenso.

“É verdade?” Kendrick perguntou para Gwendolyn.

A sala ficou em silêncio quando Gwen assentiu gravemente com a cabeça.

“Sim, é verdade.” Disse ela. “Nosso amado Thorgrin foi capturado.”

Um gemido coletivo escapou dos homens, enquanto vários batiam com suas luvas de metal sobre a mesa, em sinal de raiva e frustração.

“Eu sabia que não deveria ter

deixado que ele fosse sozinho.” Disse Brom.

“Andronicus não é alguém confiável.” Disse Reece.

“Mas como era possível?” Kendrick fez a pergunta que passava pela cabeça de todos. “Thor tinha Mycoples e também a Espada do Destino. O que poderia levar à captura dele?”

“Feitiçaria.” Disse uma voz.

Aberthol adiantou-se, sua bengala ecoava contra a pedra. “Somente um ato de magia poderia ter feito isso.”

“Não importa como isso aconteceu.” Disse Gwen. “Agora estamos sem Thor, sem Mycoples e sem a Espada do Destino. Agora restam alguns milhares de nós contra meio milhão dos homens de Andronicus. E o mais urgente: nós temos nossa própria cidade cercada por Tirus.”

A sala ficou em silêncio, todos eles olharam para Gwendolyn aguardando sua resposta.

“E o que faremos agora Majestade?” Perguntou Kendrick.

Gwendolyn olhou para todos os rostos e percebeu que ela não era mais a jovem ingênua e inocente que ela tinha sido antes. Agora ela se sentia endurecida, talvez até um pouco insensível. Ela não tinha medo, apesar das probabilidades escassas. Ela estava pronta para liderar aqueles homens. Na verdade, eles buscavam sua liderança.

Ela sentiu uma sensação de clareza e calma, mesmo em meio ao caos.

“Nada mudou.” Disse Ela. “Nós lidaremos com Tirus primeiro. Um pequeno contingente nosso vai se reunir com Tirus do lado de fora do portão. Ele pensará que nós vamos com uma mensagem, que vamos em paz. Enquanto isso, a maior parte do nosso exército vai flanqueá-los e atacará sob meu comando. Talvez nós percamos a batalha. Mas morreremos de pé, como verdadeiros guerreiros, nós não morreremos como covardes.”

Ouviu-se um grito coletivo de aprovação na sala, cada homem agarrou o punho da sua espada e a sacudiu.

A porta se abriu abruptamente e
vários assistentes entraram correndo,
arrastando Bronson pelos braços
enquanto ele debatia e protestava.
“Soltem-me!” Ele gritava.
“Aqui está o traidor que armou a
armadilha para Thorgrin.” Disse Brom.
Gwendolyn virou-se para ele
fazendo uma careta de desgosto.
Bronson olhava para os homens na
sala, seus olhos estavam arregalados de
medo.
“Eu não fiz nada disso!” Protestou
ele. “Eu juro! Eu não sabia nada da
trama de Luanda! Ela jurou-me que
havia intermediado a paz! Eu não tinha
ideia de fosse uma armadilha!”
“Tenho certeza que você não sabia.”
Godfrey disse sarcasticamente. “Eu
estou certo de que você não tem
interesse em nenhum negócio que sua
esposa haja feito com Andronicus,
nenhum interesse em compartilhar o
poder com ela.”
“Eu não tenho!” Bronson insistiu.

“Depois do que Luanda fez hoje, eu já não tenho mais nenhum amor por ela. Esta é a minha casa agora, e vocês são aqueles por quem eu quero lutar!”

“Por quem lutar?” Srog exclamou sarcasticamente. “Por quê? Assim, você poderá nos enganar mais uma vez?”

“Nós deveríamos executá-lo Majestade.” Disse Atme. “Por causa do que ele fez com Thor!”

Ouviu-se um grito de aprovação de parte dos outros.

“POR THOR!”

Ouviu-se outro grito de aprovação.

Bronson lutava, seus olhos estavam arregalados com pânico.

“Vocês devem acreditar em mim!” Ele gritou. “Se eu soubesse, eu nunca teria entregado a mensagem!”

Gwendolyn deu um passo em direção a ele e a sala ficou em silêncio. Ela se aproximou de Bronson até ficar a menos de meio metro distância e olhou atentamente para o rosto dele, querendo ver por si mesma se ele estava

mentindo.

Ela o examinava atentamente e estava furiosa com ele pelo que tinha acontecido com Thor; mas, ao mesmo tempo, ela não queria castigar um homem inocente. Ela sondava Bronson, olhando em seu único um olho e uma parte de Gwen lhe dizia que ele estava sendo sincero. Ela conhecia muito bem a sofisticação das maquinações e traições de sua irmã e não iria deixar que Luanda enganasse e culpasse um homem inocente como Bronson.

“É bem provável que você haja sido enganado.” Disse Gwen. “Mas isso é algo que nunca saberemos com certeza. Até eu não saber com certeza, eu não poderei confiar em você nem permitir que cavalgue com os meus homens. Eu não vou matar você, não sem um julgamento justo. E já que não há ninguém para testemunhar a favor ou contra você, qualquer julgamento seria injusto.”

“Então o que será dele?” Godfrey perguntou.

Gwendolyn olhou longamente para Bronson.

“Eu o declaro banido de nosso Reino.” Disse Gwendolyn. “Você deve deixar o nosso lado do Reino e nunca mais pôr os pés em nosso solo novamente, sob pena de morte.”

“Vossa Majestade não pode fazer isso!” Bronson exclamou atemorizado. “Eu já não tenho mais lugar no lado McCloud do Anel. Mandar-me de volta para lá seria ditar minha sentença de morte!”

Gwendolyn abanou lentamente a cabeça.

“Você terá de valer-se por si mesmo.” Disse ela “Como o resto de nós.”

Gwen assentiu com a cabeça e os assistentes levaram-no para fora, ele ia pelo caminho gritando e berrando, até que finalmente as portas se fecharam para ele e a sala ficou em silêncio novamente.

Gwendolyn virou-se e encarou seus homens, os quais olhavam para ela com crescente respeito.

“O dia já está quase amanhecendo.”

Ela disse sombriamente. “Estamos desperdiçando o tempo. Tomem suas armas e sigam-me. É hora de encontrar-se com meus primos.”

CAPÍTULO VINTE E SETE

Gwendolyn, montada em seu cavalo, liderava solenemente a pequena comitiva composta por seus melhores guerreiros, através da praça vazia de Silésia. Ela se dirigia ao portão do Norte para encontrar-se com seu tio.

Gwen assentiu com a cabeça e imediatamente vários soldados começaram a levantar lentamente a enorme ponte levadiça de ferro.

Eles continuaram marchando pelo portão aberto. Gwen estava flanqueada por Kendrick, Srog, Brom, Reece, Godfrey, Atme e vários outros. Era simplesmente um pequeno grupo cavalgando para enfrentar Tirus e seu enorme exército, o qual estava enfileirado à luz da manhã, como se já estivesse se preparando para marchar

para a cidade.

O grupo de Gwendolyn parecia uma caravana de paz e isso era exatamente o que ela queria que ele parecesse. Gwen queria massagear o ego de Tirus, para fazê-lo pensar que eles estavam saindo para aceitar seus termos. Ele certamente suporia isso, já que Gwen havia ido ao seu encontro, acompanhada apenas por uma pequena comitiva; dado o nível de arrogância de Tirus ela estava confiante de que ele se deixaria levar pelas aparências.

Enquanto isso, todas as forças de Silésia estavam aproximando-se sorrateiramente e cercando os homens de Tirus por todos os lados; flanqueando-os, ocupando posições na floresta e preparando-se para atacar, ao primeiro sinal de Gwen.

O coração de Gwen batia acelerado enquanto ela avançava lentamente, montada em seu cavalo, seguida pelos demais, naquela manhã silenciosa. A tensão no ar era tão espessa que poderia ser cortada com uma faca. A névoa do

Canyon soprava e rodopiava dentro e
fora do campo de batalha e quando uma
corneta soou, uma pequena caravana de
homens de Tirus começou a cavalgar
vindo ao encontro do grupo de Gwen,
saindo para cumprimentá-lo no meio do campo vazio. Tirus vinha na frente,
flanqueado por seus quatro filhos e uma
dúzia de generais.
Enquanto se aproximavam,
Gwendolyn sentia uma dor profunda em
seu ventre, sentia o bebê dar voltas uma
e outra vez. Era uma dor impressionante
e fazia com que ela pensasse em Thor.
Gwen podia sentir que ele estava preso,
podia sentir seu desamparo. Ela não
entendia como isso tinha acontecido,
mas pensar nisso a deixava com o
coração despedaçado. Gwen estava
destroçada pela culpa e pelo remorso.
Gwendolyn afastou aqueles
pensamentos de sua mente. Aquele não
era o momento. Assim que ela
terminasse seus assuntos com Tirus, supondo que ela sobrevivesse, Gwen
iria enviar todos os homens que ela
tivesse para resgatar Thor.

Gwendolyn voltou sua atenção para
Tirus quando o rosto dele apareceu
diante dela. Ele exibia um sorriso
condescendente, irradiando uma
confiança excessiva. Eles se
aproximavam cada vez mais, ouvia-se o
tilintar de suas cotas de malha, o
chacoalhar de suas espadas em seus
quadris e o tilintar de suas esporas.
Além disso, podia sentir-se o cheiro
pesado de seus cavalos no ar, misturado
com o cheiro úmido do ar frio da manhã,
ali no Canyon.

Tirus e ela pararam a poucos metros de distância um do outro e se encararam orgulhosamente. Tirus ficou ali,
aguardando, esperando que Gwen
quebrasse o silêncio, deleitando-se
claramente com o seu suposto sucesso e
com o iminente pedido de desculpas.

“Você é uma jovem inteligente.”
Disse ele, finalmente. “Você tomou a
decisão correta ao render-se a nós.
Deve-se admitir a derrota quando se
está cercado.”

O coração de Gwendolyn batia forte

enquanto ela permanecia ali, montada em seu cavalo com sua postura perfeita, olhando fixamente para a esfera do primeiro sol nascente. Seus olhos eram frios e duros. Gwen sentia uma nova força dentro dela, a força do filho que ela carregava. O filho de Thor.

Ela não sentia mais medo. Ela não temia mais aqueles homens, não temia ninguém, nem tampouco temia a morte. A vida agora era menos preciosa para ela do que antes, agora nenhuma ameaça poderia mais afetá-la.

Um pesado silêncio pairava no ar, os cavalos empinavam e resfolegavam enquanto Gwen tomava seu tempo para responder. Ela estava preparada para dar um sinal de ataque a todos os seus homens e sabia que, com o menor gesto dela, eles atacariam e iniciariam uma onda de estragos.

“Quem foi que disse que nós decidimos nos render?” Ela respondeu friamente.

O coração de Gwendolyn batia acelerado, ela podia perceber que seus

homens apertavam ainda mais os punhos de suas espadas. Em apenas mais um instante, ela acenaria com sua mão e daria o sinal para começar a batalha que certamente iria conduzir a sua morte e a de todos os outros. Ela não tinha medo da morte, temia apenas morrer de uma maneira indigna. E agora, pelo menos, ela morreria com sua honra intacta.

O semblante de Tirus foi caindo lentamente, seu sorriso arrogante começou a desvanecer quando ele percebeu pela expressão do rosto de Gwen, que ela estava falando sério.

“Garota estúpida.” Disse ele. “Então vocês vieram aqui para me dizer que vocês assinaram a sua sentença de morte?” Ele perguntou friamente, sua voz estava cheia de hostilidade.

Quando Gwendolyn levantou os olhos para examinar os seus homens e preparar-se para dar o sinal, ela notou algo no horizonte, nas colinas bem atrás dos homens de Tirus; algo chamou sua atenção, algo que ela não esperava.

Algo brilhava contra a luz, em um lugar

onde não deveria haver nada. Era o reflexo de um escudo. Mas não era o escudo de nenhum de seus homens, tampouco era o escudo de um soldado de Tirus.

Então ela viu outro escudo.

E logo depois ela viu mais um.

Ali no topo da colina, apareceram vários milhares de escudos reluzentes, todos brilhando na luz.

A princípio, Gwen estava confusa.

Outro exército tinha chegado ali, àquele campo de batalha.

Mas à medida que ele se aproximava, sua bandeira hasteada se elevava sobre a colina e ficava mais visível. Gwen reconheceu de imediato o emblema. Seu coração disparou. Não podia ser.

Era verdade.

Era a bandeira do Duque de Savária.

Aqueles eram os seus homens, juntamente com milhares de outros. E liderando o grupo, Gwen poderia reconhecer por sua armadura, a

armadura de prata mais brilhante do
reino, estava o campeão de seu pai:
Erec.
Erec tinha retornado e havia trazido
com ele milhares de homens.
E Tirus não tinha a menor ideia
disso.
Agora era a vez de Gwen sorrir. Ela
olhou para Tirus e percebeu que ela iria
desfrutar muito de tudo aquilo, muito,
muito mesmo.
“Muito pelo contrário.” Gwen disse
calmamente, de volta para Tirus. “Eu
acredito que foram vocês quem
assinaram suas sentenças de morte.”
Tirus olhou furiosamente para ela,
sua expressão se transformou em uma
carranca.
“Você é mesmo muito estúpida.”
Disse ele. “Você está prestes a enviar
muitos homens para a morte. E você está
prestes a aprender o que significa
sofrer.”
“Eu já aprendi muito mais sobre o
sofrimento do que você jamais saberá.”

Gwen rebateu. “Eu estou farta de
trivialidades. Vou dar-lhe uma chance de
se render.”
Tirus olhou para ela em estado de
choque, então ele inclinou a cabeça para
trás e riu com escárnio.
“Você deve estar zombando de mim,
garota. Ou então, você está
completamente louca.” Ele riu com
gosto e o mesmo fizeram seus homens.
“Por que eu deveria render-me quando eu duplico o seu exército? Quando suas
forças são fracas e as minhas são muito
mais fortes?”
Gwendolyn sorriu largamente.
“Porque se você olhar para trás,
para a colina atrás de você, você vai ver
que eu tenho duas vezes mais homens.
Você vai reconhecer a armadura deles:
esses escudos pertencem aos homens do
Duque de Savária e ao campeão do
Exército Prata: Erec, bem como a todos
os seus cavaleiros. Ele voltou para casa,
para servir fielmente ao meu pai, algo
que você nunca fez. E se isso não for
suficiente, você pode olhar a sua direita

e a sua esquerda, dentro desses bosques
você verá que há milhares de meus
homens, flanqueando-o de ambos os lados, apontando seus arcos e
aguardando meu sinal.”
Gwen sorriu largamente.
“Então como pode ver, meu querido
tio, é você quem está completamente
cercado.”
Tirus fez uma careta, frustrado.
“Você acha que eu sou estúpido o
suficiente para me virar e olhar para
fantasmas imaginários na paisagem?
Esse é um último ato de desespero de
sua parte.” Disse ele.
Mas seus quatro filhos se voltaram e
olharam para o bosque e assim que eles
fizeram isso, seus rostos ficaram cheios
de pavor e seus cavalos começaram a
empinar.
“Pai, ela está falando a verdade.”
Disse um deles.
Tirus se virou a contragosto, então
ele viu-se cercado por todos os lados,
por milhares e milhares de homens. Erec
permaneceu no terreno elevado, seus

milhares de soldados ficaram ali parados orgulhosamente com suas lanças erguidas, logo depois, surgiram ao lado deles os homens de Gwendolyn: dois mil arqueiros prontos para disparar.

Tirus virou-se e olhou de volta para Gwen, dessa vez com uma expressão de choque total. Seu rosto estava pálido e um pouco abatido, ele havia perdido sua postura arrogante.

Kendrick e os homens de sua caravana sacaram suas espadas, o seu ruído metálico cortou o ar da manhã.

“Larguem as armas, todos vocês.” Gwen ordenou sombriamente. “Senão, com um menor gesto de minha mão eu farei com que mil arqueiros liberem sua tensão. Agora é você quem tem uma decisão a tomar.”

O rosto de Tirus finalmente contorceu-se com humildade e medo. Ele deixou cair as armas no chão e fez um gesto para que os outros fizessem o mesmo. Todos os homens de sua caravana soltaram suas armas e todas

elas golpearam o chão frio, produzindo
uma cacofonia de ruídos metálicos.
“Eu sei reconhecer quando nós
perdemos.” Disse ele. “Você foi muito
mais esperta do que eu hoje. Eu e minhas forças nos rendemos a você.”
“Eu sei que você se renderá.” Disse
ela “É fácil se render quando você
enfrenta uma morte certa. A questão para
mim é se eu optarei por aceitar a sua
rendição, ou se em lugar disso, eu
simplesmente devo tomar sua vida.”
Tirus engoliu em seco, pela primeira
vez ele aparentava verdadeiramente ter
medo.
“Por favor, Majestade...” Ele
suplicou com a voz quase embargada.
“... Não nos matem. Nós nunca quisemos
causar-lhes nenhum dano.”
Agora era a vez de Gwendolyn rir.
“Nunca quis causar-nos nenhum
dano?” Perguntou ela. “Você só desejava
saquear a nossa cidade e destruir os nossos homens, não é?”
Tirus praticamente se derramou em
lágrimas.
“Por favor, Majestade. Nós somos

da família.”

“*Família*?” Gwen ecoou com escárnio. “E é assim que você trata a família?”

“Mate-os, Majestade.” Disse Kendrick. “Tirus é um porco e um traidor de seus próprios parentes. Ele merece morrer. Ele cometeu traição ao Anel e violou o nosso direito sagrado.”

“Mate-o, Majestade.” Disse Srog. “Ele não é digno de confiança. Se Vossa Majestade deixá-lo viver, algum um dia ele nos matará.”

Gwendolyn sentou-se ali ponderando suas opções.

“Pai, *faça* alguma coisa!” Exclamou um dos filhos de Tirus. “Por favor, não nos deixe morrer!”

Gwen respirou fundo.

“Eu devia matá-lo tio...” Disse ela “... Matar você e todos os seus homens, no entanto eu não vou fazer isso.”

O rosto dele e os rostos de todos os seus homens se iluminaram, aliviados.

“Como meu pai, eu escolho ser um

governante benevolente e oferecer
misericórdia mesmo quando ela é
imerecida. Eu também acredito que você
pode ser de alguma utilidade para nós,
seria uma pena desperdiçar homens tão
bons, especialmente nestes tempos.
Então, eu vou dar-lhe uma chance de escolher. Eu posso fazer com que todos
os seus homens sejam abatidos aqui,
agora, ou então você pode se juntar as
nossas forças e tornar-se parte de nosso
exército, respondendo a mim, a
Kendrick a Srog e a Brom. Seus homens
se juntarão a nós e nós lutaremos contra
Andronicus e libertaremos Thorgrin. A
escolha é sua."
Tirus desmontou, caiu de joelhos e
entrelaçou suas mãos.
"Eu vejo o que significa ser um
verdadeiro governante aqui hoje." Disse
Ele. "Vossa Majestade me deu uma
lição. Eu me envergonho de minhas
ações e sou grato por sua misericórdia.
Obrigado. É claro que nós nos uniremos
à Vossa Majestade. Todos os meus homens. E vamos marchar para qualquer
lugar que Vossa Majestade nos mandar."

Gwen olhou para baixo, ela viu a seriedade no rosto de Tirus e tomou uma decisão. Ela levantou a mão e fez um sinal para que seus homens baixassem as armas.

Uma corneta soou, um dos homens de Tirus levantou uma bandeira branca, então Tirus virou-se para os seus homens e gritou:

“NÓS NOS RENDEMOS!”

Os porta-bandeiras levantaram mais bandeiras brancas e todos os homens das fileiras, deixaram cair suas armas.

Os gritos de alegria ecoaram por todos os lados.

A batalha havia terminado.

*

A enorme sala do Castelo de Srog estava lotada, centenas de pessoas estavam comemorando: os membros do exército de MacGil; O Exército Prata; os membros da Legião; os silesianos; o exército do Duque; Erec e os seus homens e todos os súditos do Reino Ocidental do Anel. Junto a eles estavam

Tirus e seus guerreiros de elite,
juntamente com seus filhos e todos os
primos MacGil. Gwen, em sua
sabedoria, tinha dado fim à disputa e
decidiu deixá-los se juntar a eles, afinal,
se eles fossem lutar juntos, eles
deveriam conhecer-se melhor e poder confiar um no outro.
O clima na sala era de júbilo, todos
estavam aliviados por não estarem em
guerra uns contra os outros. Gwen e os
demais, por sua parte, estavam muito
aliviados por ter Erec de volta, depois
de todos esses meses. Gwen jamais
havia esperado vê-lo ali de novo e tê-lo
ali novamente era como ter um pedaço
de seu pai, de volta com ela. Ele trazia
de volta boas memórias. Seu pai havia
amado Erec como um filho e Gwen
sentia que de muitas maneiras, ele era
como um irmão para ela.
Entre eles estavam Steffen, Srog,
Brom, Kendrick, Reece, Godfrey, Elden,
Conven, O'Connor, juntamente com as
mulheres: Selese, Sandara e Indra. No entanto, a mulher que estava
concentrando a maior atenção de todos

era Alistair, a futura esposa de Erec. Ela era a mulher mais bonita que Gwendolyn já tinha visto.

A tensão da batalha ficou para trás, Gwendolyn se sentiu totalmente aliviada, embora ainda estivesse nervosa por causa de Thor. Ela resolveu resgatá-lo assim que seus homens se reagrupassem. Havia uma enorme agitação na sala enquanto todos tratavam Erec como um herói que regressava a casa, o que definitivamente ele era. Erec abraçava e era abraçado por Kendrick, Godfrey, Reece e vários membros do Exército Prata. Ele estava acompanhado por Brandt, outro herói do Exército Prata, a sala se enchia com os gritos satisfeitos dos presentes àquela reunião.

Gwendolyn abriu os braços para Erec e ele a abraçou. Era tão bom ver o campeão de seu pai de novo depois de todos aqueles meses. Ela sentia que era como se um pedaço da Corte do Rei tivesse sido restaurado.

“Como você cresceu.” Disse Erec, inclinando-se para trás e estudando-a.

“Você não é a mesma garota que era quando eu parti. Agora você é uma mulher. Uma rainha. Seu pai ficaria muito orgulhoso.”

Ela estudou-o com um sorriso.

“O mesmo eu posso dizer de você.”

Disse ela “Você parece ser um guerreiro duas vezes mais valente do que era antes.” Gwen olhou para Alistair, de pé ao lado dele. “E o mais importante de tudo; pelo que eu vejo, o seu ano de seleção resultou ser todo um sucesso.”

Erec recuou e percebeu que Gwen se referia a Alistair.

“Majestade…” Disse ele, curvando-se e limpando a garganta. “Eu gostaria de apresentar-lhe a minha futura esposa, Alistair.”

Uma multidão de curiosos se reuniu em torno de Alistair quando ela se aproximou.

Alistair sorriu e fez uma reverência para Gwendolyn e Gwendolyn sorriu de volta para ela.

“É um grande prazer conhecê-la, Majestade.” Disse Alistair. Havia algo em sua voz que deixou Gwen

imediatamente à vontade; Gwen não podia explicar, mas ela sentia como se já conhecesse aquela mulher a vida inteira.

Gwendolyn abriu um sorriso enorme, adiantou-se e tomou as mãos de Alistair entre as suas.

“Erec soube escolher muito bem.” Disse ela “A esposa de Erec é também minha irmã.”

Gwendolyn olhou para Erec.

“Erec, você ainda é o campeão do meu pai, do Exército Prata, e você nos salvou aqui neste dia. Nós temos uma enorme dívida para com você.”

Erec balançou sua cabeça.

“A dívida que tenho para com o seu pai é muito maior.” Ele respondeu. “E eu pretendo pagar essa dívida servindo a sua filha com a mesma lealdade que eu tinha reservada para ele.”

Erec virou-se e olhou em volta da sala, para a mistura de ambos os lados da família MacGil.

“Sua sabedoria ficou em evidência

hoje.” Ele acrescentou. “Seu pai escolheu sabiamente. Qualquer outro líder teria terminado este dia com um derramamento de sangue. Temos a sorte de tê-la conosco.”

Gwen examinou o quarto e viu que sua estratégia estava funcionando: num primeiro momento, tinha sido uma fusão estranha de ambos os lados dos MacGils, mas agora os guerreiros se uniam felizes, compartilhando bebidas, brincadeiras e histórias de batalhas. Ao olhar para eles, ninguém poderia dizer que os dois lados haviam estado separados. O que poderia ter sido um dia de derramamento de sangue, havia se transformado em uma celebração.

Agora que os homens tinham tido a chance de recuperar o fôlego e de se reunir, Gwen ficou mais séria, ela pensava em Thor preso. Ela mal conseguia ficar ali enquanto ele estava em perigo e sabia que era necessário tomar medidas urgentemente.

“O tempo para conversa banal já

passou.” Ela disse para Kendrick e
Erec, os demais na sala lotada também escutaram. “Nós devemos voltar nossa
atenção para Thorgrin.”
Os seus homens se aproximaram
dela e a ouviam atentamente.
“Nós precisamos de uma estratégia
para resgatar Thor.” Comentou ela.
Os homens olhavam para ela com ar
preocupado.
“Como se espera que apenas alguns
milhares de nós lutemos contra o meio
milhão de homens de Andronicus,
Majestade?” Perguntou Tirus. “Tudo
isso por apenas um único homem?”
“Thorgrin é mais do que apenas um
homem...” Disse Gwen enquanto seu
rosto ficava sombrio. “... E sim, eu
espero que lutemos. Eu arriscaria nossos
homens por qualquer um de nossos irmãos e irmãs.”
Seus rostos ficaram sombrios.
“Mesmo com os outros MacGils
aqui...” Brom disse. “... Tirus está certo:
nós nos encontramos amplamente
superados em número. Nenhum ataque
poderia garantir uma vitória, por mais

que eu deteste, eu devo dizer-lhe isso.”

“Se atacarmos, teremos poucas chances de sobreviver.” Disse Srog.

“Porém, se ficarmos aqui…” Kendrick retorquiu. “… Com certeza nós todos morreremos.”

“Quer vivamos, quer morramos, nada disso importa.” Erec disse.

Todos os olhos o fitaram, quando Erec com sua voz profunda e confiante exigiu sua atenção.

“Tudo o que importa é que nós vivamos e morramos com glória.” Acrescentou ele.

Houve um grunhido de aprovação entre os homens. Todos eles ficaram em silêncio, ponderando, então Gwen pigarreou.

“Batalhas são perdidas porque as missões são grandes.” Disse Gwen. “Nossa missão será bem simples: libertar Thor e Mycoples. Vamos atacar o acampamento principal com uma divisão, descobrir onde Thor está e libertá-lo. Uma vez que Thor esteja

livre, com a Espada do Destino e
Mycoples do nosso lado, a maré da
batalha vai virar. Não pensem apenas
que somos alguns milhares de homens contra meio milhão; em vez disso,
pensem que são alguns milhares de
homens libertando um único homem. A
estratégia principal será dividir os
homens de Andronicus e criar uma
distração."
"E como vamos fazer isso,
Majestade?" Perguntou Brom.
"Vamos distribuir o nosso exército
em quatro divisões menores e
atacaremos por todos os lados, criando
uma distração e dividindo suas forças.
Erec, você deve levar os homens do
Duque e metade dos homens do Exército
Prata. Kendrick, você deve levar a outra
metade, juntamente com a metade do
exército de MacGil. Tirus, você deve
levar seus homens. E Godfrey, você deve levar a outra metade dos homens
do Rei."
Godfrey virou-se e olhou para ela
com os olhos arregalados de surpresa.
"*Eu*, Majestade?" Perguntou ele.

Ela acenou de volta com a cabeça.

“Eu não sei se estou apto para tal tarefa.” Disse ele nervoso. “Eu não sou um guerreiro.”

“Você está apto sim.” Ela respondeu-lhe com firmeza. “Afinal, foi você quem nos salvou de Andronicus aqui em Silésia.”

“O que eu fiz, eu consegui fazer usando a esperteza e não a força.”

“E é de esperteza, de sagacidade que nós precisamos para vencer esta batalha, especialmente ao enfrentar a maior força.” Ela respondeu. “Você deve liderar a quarta divisão. Você aceita a missão?”

Todos os olhos se voltaram para Godfrey, então ele finalmente acenou com a cabeça.

“Muito bem.” Disse Gwendolyn. “Estas quatro divisões vão atacar o acampamento principal de Andronicus desde quatro pontos diferentes. Nós vamos confundir e dividir os seus homens apenas o tempo suficiente para chegar até Thor.”

“E quanto a Vossa Majestade?”

Steffen perguntou, voltando-se para ela.

“Vossa Majestade ficará aqui?”

Todos os olhos se voltaram para Gwendolyn.

Ela balançou a cabeça em um gesto

de negação.

“Não. Eu não posso ficar aqui

enquanto meu querido Thorgrin estiver

preso. Eu atacarei também.” Disse ela.

“Porém, eu atacarei de uma maneira bem

diferente.”

“E como seria isso, Majestade?”

“Eles devem estar detendo Thorgrin

usando alguns meios mágicos. Disse

Ela. “Nós vamos precisar de magia para

ajudar a libertá-lo. Há apenas uma

pessoa a quem eu posso recorrer. “Eu

preciso encontrar Argon.”

“Mas Argon se foi de nosso meio,

Majestade.” Disse Aberthol.

“Ele vive em algum lugar.” Disse Gwendolyn. “Eu vou encontrá-lo. Eu

vou libertá-lo e ele vai nos ajudar a

salvar Thor.”

Gwendolyn se voltou para os demais

na sala.

“Não esperemos mais.” Ela
exclamou. “Thorgrin nos espera!”
A multidão dispersou-se
determinada ao som de vivas, os homens
já estavam formando as divisões e
preparando-se para sair.
Quando a sala ficou mais tranquila e
a multidão começou a reduzir-se, Gwen
chamou Aberthol.
“Aberthol!”
Ele se deteve e virou-se para Gwen.
“Você conhece bem todos os
volumes da história antiga.” Disse ela.
“Eles estão em cinzas agora, mas eles
ainda vivem em sua memória. Eu
também me lembro de alguns deles: O
Ciclo dos Feiticeiros. Havia um volume,
se eu me lembro bem, que se referia às
lendas sobre os presos.”
Aberthol acenou de volta com a
cabeça.
“Seus estudos deram bons frutos.”
Disse Ele. “Parte dele é mito, parte dele
é verdade. Ninguém sabe qual das duas
opções. Mas sim, há uma lenda. Ela diz

que aqueles que estão presos por magia
são mantidos no Mundo Inferior.”
“O Mundo Inferior.” Steffen deu um
suspiro nervoso, enquanto permanecia
ao lado de Gwen. “Você sabia da existência desse lugar?” Perguntou
Gwen.
Steffen assentiu com a cabeça.
“Existem muitos boatos sobre esse
lugar, eles afirmam que ali as almas dos
homens são congeladas. É um lugar de
gelo e nevoeiro. Uma das camadas mais
profundas dos infernos.”
“É um lugar cuja entrada não está
permitida aos seres humanos.” Disse
Aberthol. “... A menos que seja alguém
guiado por um druida. E já que não
temos nenhum druida entre nós, eu
receio que, mesmo que isso fosse
verdade, nós não poderíamos entrar.
Nossa viagem seria em vão.”
“Eu posso guiar vocês.” Disse uma voz.
Gwen, Steffen e Aberthol se viraram
e viram quando Alistair deu um passo à
frente. Ela olhava para Gwen com uma
expressão séria.

Krohn adiantou-se e lambeu-lhe a mão. Ficou claro para Gwen que Krohn gostava de Alistair e Krohn raramente se afeiçoava às pessoas, especialmente a estranhos.

“Mas como você poderia fazer isso?” Perguntou Gwen. “A menos que você seja…”

Alistair assentiu com a cabeça afirmativamente.

“Você está certa.” Disse ela “Eu sou uma druidesa.”

Eles olharam para ela totalmente admirados, então Alistair baixou a cabeça e ficou olhando para o chão.

“Eu não contei para ninguém.” Disse ela “Mas por você, eu faria isso. Você significa o mundo para Erec. E por meu senhor, não há nada que eu que eu não faça.”

Gwendolyn deu um passo adiante e aproximou-se dela sorrindo. Pela primeira vez ela sentia-se bem, com esperança. Se ela pudesse encontrar Argon e libertá-lo, talvez ela pudesse salvar Thor.

“De hoje em diante…” Gwendolyn disse para Alistair. “Você é minha irmã.”

Alistair sorriu de volta.

“Não existe nada que eu deseje mais no mundo do que isso.”

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thor se preparou da melhor maneira possível, quando mais um golpe choveu sobre ele. Ele tentou resistir com todas as suas forças, mas com seus pulsos algemados por detrás de suas costas com as algemas de Akdon, havia muito pouco que ele pudesse fazer. Sua energia tinha sido sugada por aquele metal mágico e ele se viu incapaz de defender-se enquanto um grande grupo de soldados do Império lhe dava socos no rosto, no peito e nas costas, até que finalmente eles o derrubaram de cara no chão.

A multidão se lançou sobre ele, chutando todo o seu corpo vez após vez.

Os chutes atingiam suas costelas, costas, pernas e sua cabeça. Thor tentava proteger o rosto o melhor que podia, mas ele já sentia que um de seus olhos havia começado a inchar e estava se fechando.

Andronicus assistia a tudo a uma curta distância, com um sorriso no rosto, claramente satisfeito ao ver seu próprio filho sendo abusado dessa forma.

Que tipo de pai permitiria que algo assim acontecesse com seu filho? Thor se perguntava. Se Thor tinha tido qualquer dúvida sobre se ele tinha alguma afeição por seu pai, ou que seu pai tivesse algum afeto por ele, aqueles golpes certamente haviam eliminado qualquer dúvida.

Os golpes continuaram por tanto tempo que Thor já havia perdido a conta. Finalmente, Andronicus gritou:

“Basta!”

Os soldados se separaram e Andronicus deu um passo à frente. Por um momento, Thor pensou que seus abusos sofreriam uma pausa, mas em vez

disso, mais soldados se aproximaram e começaram a despi-lo.

Thor sentiu os gélidos ventos de inverno cortando sua pele que já estava em carne viva. Ele tentou novamente resistir com todas as suas forças, mas ele não pôde mais.

Thor gritou em protesto quando sentiu que arrancavam sua camisa de seu corpo, ele viu quando o anel de sua mãe caiu do bolso dela e rolou pelo chão. Imediatamente, Thor viu que um soldado pegou o anel e o examinava enquanto o segurava.

“NÃO!” Thor gritou com força, enquanto ele observava o anel que ele tinha reservado para Gwendolyn afundar na palma da mão gananciosa de um soldado do Império. O rosto do homem era facilmente reconhecível, o nariz dele era torto, seus olhos eram esbugalhados e ele tinha uma cicatriz ao longo de seu queixo. O soldado colocou o anel em seu dedo mindinho e ergueu-o, rindo. Logo depois, ele desapareceu na multidão.

Mais golpes choveram sobre Thor, sua camisa foi totalmente arrancada, logo depois suas botas foram tiradas dele. Mas Thor pensava unicamente na visão do anel de sua mãe, desaparecendo nas mãos daquele cretino. Thor estava com o coração destroçado.

Como podia o destino ser tão cruel? Thor se perguntava. Como era possível que sua mãe permitisse que isso acontecesse com ele? Ela não poderia interceder, de alguma forma?

“Mãe!” Thor gritou, desejando que ela estivesse ali para ajudá-lo.

Uma risada profunda e sinistra chegou até ele desde cima. Ele olhou para cima e viu Andronicus de pé por cima ele.

“Sua mãe não vai ajudá-lo agora, rapaz.” Andronicus disse carrancudo.

Ele acenou com a cabeça e imediatamente outro homem deu um passo adiante carregando uma corda grossa e áspera. Dois soldados

começaram a trabalhar, eles amarraram
a corda em torno dos tornozelos de
Thor. A corda cortava sua pele e Thor se
perguntava o que eles estariam fazendo,
então de repente, ele ouviu uma
chicotada seguida pelo relincho de um
cavalo, logo depois ele se viu sendo
arrastado de costas contra o chão.
O corpo de Thor foi arrastado pelo chão gélido do inverno, entre a sujeira e
as pequenas pedras; elas rasgavam a
pele nua de suas costas. Todos os
soldados do Império o vaiavam. O
cavalo aumentou a velocidade e desfilou
em círculos, arrastando Thor ao redor
do acampamento do Império.
O corpo de Thor estava coberto de
hematomas, ele estava exausto, sem
forças e logo começou a perder a
consciência. Thor tentou fazer com que
tudo aquilo desaparecesse; tentou
imaginar que se encontrava em outro
lugar, em qualquer lugar, menos ali.
O arrastamento pelo acampamento
prosseguiu por um tempo que Thor não
pôde determinar até que finalmente

parou, a poeira se acumulou ao redor dele. Thor ficou ali, de cara no chão, gemendo, com um olho inchado e totalmente fechado. Com um esforço enorme, ele abriu seu olho bom e viu que tinha sido depositado, ironicamente, a poucos metros de distância da Espada do Destino. Era óbvio que eles o haviam colocado ali para provocá-lo, para fazer com que ele se sentisse ainda pior. A espada permanecia ali, onde ele a havia deixado, alojada dentro da enorme rocha.

“Aqui está ela, esta arma que tem assolado o nosso Império por séculos.” Andronicus gritou para a multidão de soldados paralisados. “Thor pode ser o escolhido, ou o Escolhido ainda pode ser muito bem um de nós. Quem pode dizer que apenas um MacGil, que apenas um membro do Anel, pode erguê-la? Quem pode dizer que esse não é mito que foi criado apenas para nos desencorajar?”

A multidão aplaudiu em aprovação.

“Aquele que empunhar a espada...” Andronicus gritou. “... Aquele que puder

retirá-la desta rocha será nomeado general. Quem deseja dar um passo à frente e tentar?”

Ouviu-se um grande grito de alegria, seguido por uma leva de homens, logo um soldado após outro corria, pegava o punho da espada e o puxava com toda a força, tentando desesperadamente retirá-la da pedra. Thor não podia suportar ver a Espada do Destino nas mãos daqueles cretinos. Ele não sabia o que faria se algum deles pudesse empunhá-la. Isso significaria que a lenda estava errada e que ele, Thor, depois de tudo, não era alguém especial.

Porém cada um deles tentava e falhava, um soldado após o outro, todos eles se empurravam entre si para poder realizar uma tentativa. Alguns tentavam duas ou três vezes.

No entanto, nada sucedia, nenhum deles podia erguer a espada.

Finalmente, o próprio Andronicus se aproximou da Espada e a multidão se separou. Ele ajoelhou-se diante dela e logo depois se levantou, colocou suas

enormes mãos em torno de seu punho,
deu um grande grito e puxou a espada com todas as suas forças. Thor ficou
preocupado por um momento. Afinal,
Andronicus era seu pai e era também um
MacGil. Será que isso poderia fazer
com que ele pudesse erguer a Espada?
Embora Andronicus gritasse cada
vez mais alto e usasse todas as suas
forças, ele acabou se derrubando,
incapaz de mover a Espada.
Thor sentiu uma grande sensação de
alívio ao perceber que ninguém do
Império, nem mesmo seu pai, poderia
empunhá-la. Isso também fez com que
ele se sentisse especial.
Andronicus olhou carrancudo para a
arma, Thor podia ver o rosto dele
ficando roxo de raiva.
“Tragam-me um martelo!” Ele
ordenou. “AGORA!”
Vários homens correram para o lado
dele com um martelo de guerra de duas
mãos. Andronicus arrebatou o martelo
de suas mãos, levantou-o bem alto sobre
sua cabeça e com um forte grito, ele

desceu o martelo sobre a rocha.
Por mais que ele golpeasse, a rocha
não se quebrava. Ela nem sequer soltou
uma lasca. Andronicus tentava vez após
vez, sempre com o mesmo resultado: era
como martelar o aço.
Por fim, com um grande gemido de
frustração, Andronicus se virou e
balançou fortemente o martelo para o
lado e esmagou as cabeças de dois
soldados, os quais morreram
imediatamente. Então, ele girou o martelo novamente e jogou-o na
multidão, matando mais um soldado que
foi atingido pelo golpe ao cruzar com
sua trajetória.
“Já que a espada não pode ser
empunhada por mim, ou por nenhum dos
meus homens...” Andronicus gritou. “...
Então ela não tem nenhuma utilidade.
Ela simplesmente nos prejudicará
enquanto permanecer aqui no Anel. O
único que ela faz é manter o escudo
ativo e impedir que os nossos homens
nos reforcem. Eu ordeno que a espada
seja removida imediatamente do Anel,

levada de volta através do Canyon e
destruída para sempre. Eu quero uma
dúzia de homens para levantar essa
rocha em seus ombros e levá-la para o outro lado do Canyon, para nossos
navios. MOVAM-SE!" Gritou ele.
Uma dúzia de homens correu para a
frente e entrou em ação, dirigindo-se
para a rocha. Todos eles tentaram
levantá-la, mas ela mal se moveu.
Mais e mais soldados se juntaram,
até que finalmente, duas dezenas de
homens conseguiram levantar a rocha e
colocá-la sobre seus ombros. Todos eles
começaram a marchar, levando a espada
para longe.
O coração de Thor estava
despedaçando-se dentro de seu peito.
"NÃO!" Thor gritou.
Era como assistir a uma parte de si
mesmo sendo levada embora.
Thor observava enquanto a espada desaparecia de vista, ele fez tudo que
estava em seu poder para tentar se
libertar. Porém ele não podia. As
algemas Akdon em seus pulsos o
impediam.

Andronicus se virou para Thor e
ficou de pé por cima dele.
“Agora, não há arma que você
maneje, que eu mesmo não possa
empunhar.” Insistiu Andronicus.
Thor percebeu que seu pai ardia de
raiva por não ser capaz de empunhar
uma arma, que o seu filho sim podia.
“Eu sou mais forte do que você,
pai.” Disse Thor. “É por isso que você
me teme.”
Andronicus gritou, deu um passo adiante e chutou Thor com tanta força
que ele sentiu uma de suas costelas
fraturar-se. Thor virou-se e tossiu,
deitado no chão, com falta de ar.
“McCloud!” Andronicus berrou.
Thor olhou para cima e viu o ex-rei
McCloud dar um passo à frente, ele
agora tinha apenas um olho e havia uma
enorme queimadura em um dos lados de
seu rosto desfigurado, o qual havia sido
marcado com o emblema do Império.
McCloud parecia um monstro.
“Eu acho que é hora de ensinar ao
nosso jovem Thorgrin o que se sente ao

ser marcado. Talvez nós devamos
marcar o rosto dele, da mesma maneira
que eu fiz com o seu.”
O coração de Thor martelou ao
ouvir suas palavras. Os olhos de
McCloud se arregalaram e ele deu um
sorriso de prazer.
“Seria um grande prazer, meu amo.”
McCloud disse.
McCloud se virou, pegou um ferro
quente que um assistente lhe entregou,
examinou sua ponta, a qual estava
afixado o grande emblema do Império,
ela queimava e estava em brasa.
“NÃO!” Thor gritou, quando
McCloud estendeu a mão e o ferro
quente chegou perto de seu rosto. Thor
sabia que dentro de instantes o seu rosto
estaria desfigurado, assim como o de
McCloud e marcado com o emblema de
Andronicus. O pensamento o destroçou; ele não podia pensar em nada pior.
McCloud escarneceu delirantemente
quando ele baixou o ferro sobre a face
exposta de Thor.
Thor ouviu um grito, no alto do céu.

Ele olhou para cima e viu Estopheles;
ela mergulhou com suas garras expostas,
então McCloud olhou para cima, mas
não a tempo. Estopheles arranhou o
rosto de McCloud, deixando cortes
profundos em seu nariz em sua testa,
suas bochechas e lábios. McCloud
gritou, largando o ferro, que caiu sobre
seu pé, queimou-o e o fez gritar de novo.
Seu rosto estava cheio de sangue.
Finalmente, ele se virou e correu,
Estopheles o perseguiu por todo o acampamento.
Andronicus adiantou-se, pegou o
ferro e segurou-o sobre Thor, olhando
para ele sarcasticamente.
“Esta é a sua última oportunidade.”
Disse Andronicus. “Pare de me desafiar
e aceite a minha oferta. Aceite-me e
metade do Império será sua. Eu sou o
único pai verdadeiro que você tem neste
mundo. Aceite-me e encontre alívio.”
Thor reuniu energia suficiente para
levantar a cabeça e cuspir em
Andronicus.
“Eu preferiria morrer como um

bastardo a viver como seu filho.”

Andronicus fez uma careta e com um grunhido de raiva suprema e frustração, ele baixou o ferro.

Thor se virou e no último segundo evitou que seu rosto fosse queimado pelo ferro, porém o ferro acabou atingindo o seu ombro. Thor gritou ao sentir o ferro em brasa afundando em seu ombro, ele experimentou a pior dor de sua vida. O ferro escaldante marcava sua carne, deixando o emblema do Império nela. A pele de seu braço chiava e fumaçava, suas narinas se encheram com o terrível cheiro de carne queimada. Thor gritou até não poder mais.

Finalmente, Andronicus se deteve.

Thor jazia ali debilitado, lânguido, mal podendo respirar. Ele já não podia resistir mais àquela tortura.

“Levem-no para o poço.”

Andronicus ordenou.

Por favor, Deus, faça com que eu morra. Thor rogou, entrando e saindo do estado de consciência.

Thor sentiu que era arrastado pela corda que atava seus pés, em uma espécie de desfile através do acampamento. À distância, ele avistou um buraco negro redondo, logo depois ele sentiu que estava caindo por sua borda, sendo jogado para baixo e afundando na escuridão.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Silésia estava pululando de atividade: Reece percorria apressado o pátio, ao lado de Elden, O'Connor e Conven. Todos eles se misturaram com a multidão, depois que saíram do Salão de Armas para reunir-se com o exército principal na praça da cidade. Milhares de cavaleiros ao seu redor estavam se mobilizando, dividindo-se em quatro acampamentos, liderados respectivamente por Kendrick, Erec, Tirus e Godfrey. Reece, Conven, O'Connor e Elden permaneceram juntos como de costume e a eles juntaram-se os dois outros membros da Legião: Serna e

Krog, além de Indra, quem ficou ao lado de Elden. Eles decidiram juntar-se a divisão de Kendrick, já que Reece queria estar perto de seu irmão mais velho quando a batalha começasse.

Depois de tantos meses lutando sozinhos contra os inimigos no Império, contando apenas com o respaldo de seu pequeno grupo, era bom ter o apoio daquele grande exército e estar lutando em casa no Anel. Mesmo que todas as chances estivessem contra eles, Reece se sentia mais protegido do que nunca.

Ele também se sentia mais determinado. Reece ficou arrasado ao saber que seu melhor amigo tinha sido capturado e nada o impediria de cavalgar para a batalha, quaisquer que fossem as probabilidades. Ele ficaria feliz em dar sua vida por Thor. Ele sabia que eles estavam em grande desvantagem numérica, mas havia sido sempre assim, desde que ele havia ingressado à Legião. A batalha não era fácil. Nem tampouco a glória. No entanto, eram precisamente essas adversidades que tornavam a batalha gloriosa.

A multidão crescia enquanto todos eles chegavam ao portão principal de Silésia. Todos eles começaram a percorrer seu caminho sob os arcos elevados, enquanto centenas de cidadãos de Silésia permaneciam ali, agitando bandeiras e encorajando-os.

“Regressem a casa para nós!”

“Salvem o Anel!”

“Matem Andronicus!”

“Liberem Thorgrin!”

“Silésia espera o seu retorno.”

Aqueles cidadãos eram corajosos: eles aplaudiam os soldados, mesmo sabendo muito bem que a sua saída os deixaria desprotegidos e que Silésia estaria vulnerável ao ataque mais uma vez.

Reece preparou-se para a batalha, ele sentia o nervosismo prévio a ela agitando suas entranhas. Ele estava bem equipado, completamente vestido com sua cota de malha; ele verificava e ajustava suas armas ao redor de sua cintura, ele testou sua espada longa e sua

espada curta; certificou-se de que seus punhais estivessem no lugar; depois ele apalpou o cabo de seu mangual. Ele tinha mais armas em seu cavalo e se sentia pronto para qualquer eventualidade.

“Então você vai partir sem ao menos se despedir de mim?” Disse uma voz.

Reece voltou sua atenção para Selese quem estava ali de pé, no meio da multidão, a poucos metros de distância, olhando para ele com tristeza.

Ele afastou-se de seus amigos e foi até ela, baixando a cabeça, envergonhado. Ele não sabia o que dizer-lhe. Ele se sentia mal ao deixá-la, especialmente porque eles tinham se tornado muito íntimos depois dos últimos dois dias e noites juntos. Reece estava apaixonado por ela. Ele não sabia o que fazer com seus sentimentos. Eles haviam estado inseparáveis enquanto relaxavam juntos ao lado das fogueiras, desfrutando as festas e celebrações. Reece esperava que tudo pudesse permanecer assim para sempre.

Porém, mais uma vez ele encontrou sua vida virada cabeça para baixo, encontrou-se de volta no caminho para a batalha. Mais uma vez, ele encontrou-se deixando-a e esperando poder vê-la em breve. Antes, o amor dela por ele tinha sido apenas uma fantasia; mas agora ele era real e fazia com que fosse ainda mais doloroso deixá-la.

“Eu lamento muito.” Ele disse para ela. “Eu não sei o que dizer. Ou mesmo se regressarei.”

Ela olhou nos olhos dele.

“Tudo o que você devia dizer era que você se importava comigo.”

Reece encontrou o olhar dela.

“Mais do que você jamais saberá, minha querida.”

Ela sorriu de volta e o seu rosto coberto de sardas iluminou-se.

“Se eu retornar…” Reece acrescentou. “... Nós nos casaremos.”

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

“*Quando* você retornar.” Ela disse

enquanto estendia a mão e ajustava o peitoral de sua armadura, depois ela ficou ali, alisando-a. Ele viu uma lágrima rolar pelo rosto dela.

“Você não tem escolha.” Disse ela “Volte para mim. Nós ainda não estamos casados, mas se você morrer, eu serei uma viúva.”

Ela olhou para cima e encontrou os olhos dele e Reece encontrou os dela, então ele sentiu seu mundo se fundir. Significava o mundo para ele ouvir que ela se importava com ele tanto quanto ele se importava com ela. Era doloroso para ele partir olhando para aquele rosto, sabendo que ela seria deixada ali sozinha, desprotegida. Ele sentia-se mais do que nunca na obrigação de ser vitorioso naquele dia e ele decidiu que assim seria.

Ela agarrou seu peitoral, inclinou-se e beijou-o e ele a beijou durante todo o tempo que lhes foi possível.

Finalmente, Reece foi empurrado por seus homens, então ele se virou e se

infiltrou de volta no massivo desfile de homens que saíam pelos portões. Ele se virou e olhou para Selese, os dois ficaram se olhando enquanto puderam, até que finalmente ela ficou fora da vista dele.

Reece viu que ele não estava sozinho ao dizer adeus a alguém amado: mais à frente, Kendrick caminhava de mãos dadas com Sandara, Reece observava enquanto os dois se despediam. Ela era alta, tinha ombros largos, um porte altivo e a pele morena típica do povo do Império. Reece podia ver que ela e Kendrick formavam um belo par.

Quando ele se aproximou dos dois, ele ouviu sua conversa.

“Eu gostaria que você ficasse aqui, dentro da segurança destas muralhas.” Kendrick disse para ela.

“Isso não combina com meu jeito de ser.” Replicou ela. “Eu vou com os homens, como eu fiz durante toda a minha vida. Quando alguém cair ferido, eu estarei lá para curá-lo. Da mesma

forma que eu estive para curar você. É
isso o que eu faço. É assim que eu sou.”
“Eu estarei com os meus homens, na
linha de frente da batalha.” Disse
Kendrick. “Eu não poderei protegê-la.”
“Eu não busco sua proteção.” Disse ela “Eu tenho cuidado de mim mesma
toda a minha vida.”
Eles continuaram caminhando em
silêncio. Kendrick se voltou para se
juntar aos seus homens, então ela parou
e disse-lhe:
“Eu não sei onde nos encontraremos.
Porém me prometa uma coisa.”
Kendrick virou-se para ela.
“Você não estará entre os feridos.”
Ele sorriu.
“Essa é uma promessa que eu não
posso fazer.”
Eles se beijaram.
Reece voltou para seus irmãos da
Legião, ele encontrou Elden envolvido
em uma conversa semelhante com Indra,
quem estava orgulhosamente ao seu lado; Elden tentou segurar a mão dela,
mas ela o repeliu. Ela era muito
masculina, era uma verdadeira

guerreira.

“Você não pode lutar conosco.”

Elden insistiu. “Não é seguro.”

“Você é uma mulher.” Krog disse.

“Você deve conhecer seu lugar.”

Ela se virou dirigiu-lhe um olhar

mortal.

“Eu sou uma guerreira tão boa como

você.” Ela replicou desafiante. “Eu

carrego armas tão boas quanto as suas;

meus punhais e minhas flechas são

igualmente rápidos. Eu posso cortar a

garganta de alguém, tal como você. Eu

poderia muito bem cortar a sua. Na

verdade, talvez seja você quem deva ficar para trás.”

Krog olhou de volta para ela com o

rosto vermelho.

Indra voltou-se para Elden.

“Eu vou lutar ao seu lado, do

contrário, você não vai ver o meu rosto

de novo. A decisão é sua.”

Elden suspirou e finalmente deu de

ombros. Indra era tão voluntariosa como

ele, era inútil tentar convencê-la. Além

disso, depois de todo o tempo que

haviam passado juntos no Império,
depois de todas as vezes que ela tinha
salvado suas vidas, Indra tinha se
tornado praticamente mais um membro
da legião. Indra era uma sobrevivente e
ele não tinha de preocupar-se por ela.
Reece surgiu ao lado de Conven, ele parecia tão rabugento como sempre; ele
mimetizava bem com todas as faces
sombrias em torno dele, com os homens
que se preparavam mentalmente para a
batalha. Reece podia ver em seus olhos
que ele não tinha nada a perder, que
estava pronto para entregar sua vida e
Reece se perguntou seriamente se
Conven iria sobreviver àquela batalha.
Ele podia sentir que ele não queria
viver. Não sem seu irmão gêmeo.
O'Connor lustrava seu arco novo e
longo; como sempre, ele estava
sorridente, bem humorado e vivaz. Quer
ele estivesse no Império quer estivesse
de volta ao Anel, O'Connor se sentia à
vontade em todos os lugares. Reece
estava feliz por contar com a mão firme de O'Connor, enquanto todos eles
cavalgavam para a batalha.

Serna e Krog caminhavam
timidamente ao lado deles. Reece podia
ver a ansiedade em seus passos; eles
não tinham sido submetidos à missão
que os demais tiveram no Império, não
haviam sofrido as mesmas agruras às
quais os demais tinham sido submetidos.
Reece podia detectar o nervosismo
neles, ele próprio havia se sentido da
mesma maneira no passado. Tudo isso
fez com que Reece se sentisse como um
veterano.
Estava também Godfrey, seu irmão
mais velho, não muito longe dali, Reece
estava orgulhoso de vê-lo em uma
armadura, mesmo que ela não parecesse ser do tamanho adequado. Godfrey
marchava todo pomposo, ao lado de
Akorth e Fulton e liderava várias
centenas de homens. Reece se
perguntava se eles já não estariam
bêbados; certamente Akorth e Fulton
estavam; isso era óbvio pela maneira
como eles marchavam. Era engraçado
ver Godfrey liderando: por um lado, ele
não se encaixava perfeitamente no papel

de líder, mas ao mesmo tempo, de
alguma forma ele conseguia se impor.
Reece pensou que era possível ver algo
de seu pai nele. Godfrey poderia não ser
um guerreiro, mas ele era um
sobrevivente, e muito astuto. Reece
sentiu que Godfrey podia enganar
qualquer pessoa. E Reece tinha a sensação de que Godfrey encontraria
uma maneira de sobreviver, de qualquer
jeito, mesmo que fosse do jeito dele.
Finalmente eles chegaram até os
seus cavalos, Reece escolheu o seu no
vasto mar de animais.
Reece estava ali, prestes a montar
seu cavalo, quando viu algo com o canto
do olho que o fez virar-se. Era um rosto
que estava olhando para ele no meio
daquele mar de curiosos. Ele piscou os
olhos e olhou novamente, supondo que
era apenas sua imaginação.
Mas quando ele olhou mais de perto,
seu coração quase parou quando ele viu
quem era. Parada ali, no meio do povo,
havia uma jovem cujo rosto ele tinha
gravado em sua mente durante a sua infância. Uma garota que nunca tinha

estado longe de seus pensamentos, pelo menos não até que ele conheceu Selese.

Ali estava sua prima, a única filha de Tirus.

Stara.

Ela olhou de volta para ele, seus brilhantes olhos verdes estavam claramente fixos apenas nos dele, mesmo no meio daquela massa de pessoas. Ela estava longe demais para falar e com a maré de soldados entrando e saindo, ele logo a perdeu de vista; mas em seguida, ele a viu novamente. Ela parecia uma aparição, flutuando em um mar.

Era doloroso vê-la. Por que ela tinha de estar ali? Por que agora? Depois que ele já havia se apaixonado por outra pessoa? Ele tinha levado anos para esquecê-la. Mas vê-la novamente trazia tudo de volta, renovava sua dor.

Reece obrigou-se a virar-se e a olhar para longe. Ele amava Selese agora; não seria justo para com ela que ele olhasse para outra mulher.

Enquanto cavalgava, apesar de si

mesmo, ele se virou e olhou para trás,
para Stara. Ele ficou aliviado e ao
mesmo tempo chateado ao ver que ela
tinha ido embora.
Uma corneta soou e logo eles viram
um mensageiro que vinha a galope, ao
longo da paisagem, correndo até
Kendrick. Reece e os outros se reuniram perto dele para escutar.
“Meu Senhor.” Disse o mensageiro,
ofegante. “Eu tenho más notícias... A
Espada do Destino... Andronicus a
enviou para longe.”
Houve um suspiro horrorizado entre
os homens, o mensageiro ficou ali,
ofegante, tentando recuperar o fôlego.
“Fale claramente.” Kendrick
ordenou. “O que quer dizer com ‘foi
enviada para longe’?”
“Ele está sendo levada agora para o
outro lado do Canyon. Se ela cruzar para
o outro lado, o escudo será desativado.
Tudo estará perdido!”
“Nós devemos recuperá-la de uma
vez!” Tirus, exclamou enquanto se
aproximava.

“Deve ser o nosso objetivo mais
importante.” Erec exclamou.
“Mas não podemos dispor de mais
homens.” Disse Kendrick.
“Nós precisamos apenas de um
pequeno grupo para ir atrás da
Espada...” Disse Godfrey. “... E não de
uma divisão inteira.”
“Eu irei.” Reece ofereceu-se dando
um passo à frente.
Imediatamente, Elden, Conven e
O’Connor deram um passo adiante e se
puseram ao lado dele.
“Nós também vamos.” Disseram
eles.
“Depois de tudo…” Reece
acrescentou. “... Fomos nós que
procuramos a Espada do outro lado do Império. Se alguém deveria saber como
trazê-la de volta, esse alguém somos
nós.”
“Deixe o nosso pequeno grupo da
Legião ir.” Disse Elden. “Dessa forma,
você não vai se desviar da batalha
principal, nem de salvar Thor.”
Kendrick olhou para Reece

detidamente, com um olhar de respeito.

Ele acenou de volta solenemente.

“Nosso pai estaria orgulhoso de

você.” Disse Kendrick.

Reece sentiu-se orgulhoso, feliz por

voltar a gozar de alta estima aos olhos

de Kendrick.

“Nós nos encontraremos novamente,

meu irmão.” Disse Reece.

“Eu tenho certeza plena disso.”

Respondeu Kendrick.

Sem dizer uma palavra, Reece e a

outra Legião montaram em seus cavalos

e foram os primeiros a cavalgar; eles

seguiram o mensageiro enquanto ele os

levava por um caminho paralelo, o qual

se bifurcava e se distanciava da estrada

que o exército tomaria.

Reece sentiu o vento em seu cabelo,

o chão movendo-se rapidamente

embaixo dele, ele já sabia que a batalha

tinha começado.

CAPÍTULO TRINTA

Thor estava nas profundezas da

escuridão do poço, ele sentia o cheiro

da terra penetrando em seu nariz, todo o seu corpo estava dolorido. Ele conseguiu abrir seu olho bom, o outro estava totalmente fechado pelo inchaço. Enquanto perdia e recobrava a consciência, ele ouvia os gritos abafados dos soldados, em algum lugar lá em cima. Estava escuro e frio ali embaixo, Thor se encontrava pelo menos a três metros de profundidade do solo e a luz que se filtrava, embora não fosse muito brilhante, feria seus olhos. Ele tentou se mover, mas cada parte de seu corpo estava muito machucada e dolorida. Ele nunca tinha conhecido o que era a dor até aquele momento. Parecia que ele tinha lutado contra um milhão de homens.

Thor tentou mover os pulsos, mas percebeu que ainda estava preso com as algemas Akdon; toda a força que ele tinha havia sido sugada de seu corpo. Thor podia sentir toda a sua energia abandonando seu corpo pelo lugar onde os grilhões apertavam seus pulsos. Havia algo estranho com aquele metal

— Thor nunca havia se sentido tão fraco

— tão vulnerável em toda sua vida.

Thor entrecerrou o olho e olhou para

o céu, ele mal podia ver soldados lá em

cima, eles zombavam dele ali embaixo e

lhe jogavam torrões de terra. Ele fechou

os olhos e baixou a cabeça, incapaz de fazer o menor esforço.

Thor fechou o olho e viu-se de pé

em uma terra distante. Ele estava na

Terra dos Dragões, de volta ao Império,

ele estava no topo do pico mais alto.

Mycoples se encontrava em uma

montanha frente a ele, ela olhou para

Thor, bateu suas asas enormes, saltou do

pico e voou em direção a ele. Ele podia

ler os pensamentos dela e pôde sentir

que ela estava vindo para resgatá-lo.

Mycoples voou para mais perto e

quando ela voou para o lado dele, Thor

estendeu a mão para ela.

Mas assim que Thor fez isso, ele

olhou para cima e viu que suas mãos

estavam presas aos grilhões Akdon; ele

não conseguia reunir forças para alcançar Mycoples.

Uma grande rede caiu de repente e

enredou Mycoples, ela foi despencando
do alto dos céus, dando voltas sobre si
mesma enquanto gritava. Ela clamava
por Thor, necessitando sua ajuda, tanto
quanto ele necessitava a dela.
Thor piscou os olhos e viu-se em um
vasto deserto, assando sob o sol. Ele
olhou para baixo e viu o chão do deserto
coberto com milhares de cobras. Diante
dele se estendia uma trilha sem fim que
serpenteava através das cobras; ele
sabia instintivamente que ele tinha de
permanecer na trilha, se quisesse viver.
Era uma trilha feita de ossos de dragão.
Thor caminhava pela trilha, ele penetrava cada vez mais profundamente
no deserto, sentindo-se como se
estivesse caminhando para o fim do
mundo. Uma casa de pedra apareceu
horizonte e quando Thor se aproximou e
olhou para ela, ele ficou surpreso ao ver
o rosto de Argon.
“Argon, ajude-me.” Thor sussurrou
tentando recuperar o fôlego e
estendendo as mãos algemadas para ele.
Mas Argon estava atrás de uma

parede protetora, de um escudo invisível
e Thor não podia aproximar-se mais.
Argon o encarava do outro lado, com
seu cajado na mão, a preocupação se
refletia em seu rosto.
“Eu gostaria de poder ajudá-lo.”
Argon replicou. “Mas eu não sirvo de
ajuda para ninguém agora.”
“Diga-me…” Disse Thor. “Diga-me
o que fazer para ficar livre.”
Argon balançou sua cabeça.
“Eu já treinei você...” Disse Ele.
“Todos os poderes que lhe restam, jazem
profundamente dentro de você. Agora,
você deve treinar a si mesmo.”
Os olhos de Argon se iluminaram
com o brilho de um fogo tão intenso que
Thor quase teve de desviar o olhar.
“Procure dentro de si mesmo,
Thorgrin. É aí onde se encontra a última
fronteira. Você deve vir a saber quem
você é. Não quem é seu pai, nem quem é
sua mãe. Mas *quem* você é.”
Thor estendeu a mão para ele,
tentando atravessar, mas viu-se caindo

para trás.

Thor estava deitado de bruços sobre uma longa e estreita passarela, ela se estendia sobre um enorme Canyon. A passarela cruzava o céu e se estendia por quilômetros, Thor estava no meio dela. Ela se erguia e formava um arco que conduzia a um penhasco, sobre ele estava situado um castelo brilhante e azul. Ele se virou, olhou para um lado e viu Espada do Destino. Ele estendeu a mão para ela e agarrou seu punho. Ele levantou-a para o alto e assim que fez isso, ele ficou horrorizado ao ver que a espada se partiu ao meio. Ele examinou-a, sem poder compreender.

Agora ela era apenas um pedaço inútil de metal.

Thor se virou e atirou a espada pelos ares e ela saiu voando sobre a borda. Ele a viu cair do céu e tombar para o nada.

“Thorgrin.” Disse uma voz feminina.

Thor olhou para cima, à distância, de pé no topo de um castelo, estava sua

mãe, de braços abertos e sorrindo com compaixão para ele.

“Mãe!” Thor exclamou.

“Eu estou aqui meu filho.” Ela respondeu-lhe com sua voz cheia de amor.

“Por que não me contou...?” Disse Thor. “... Por que não me disse quem era meu pai?”

Ela balançou a cabeça.

“Nada disso importa agora Thorgrin.” Disse ela. “Venha para casa. Venha para casa, para mim. Venha e você obterá poderes superiores aos que você jamais conheceu. Saiba o segredo sobre quem você é. Só então você será livre. Só então você poderá superar seu pai.”

Com um esforço supremo, Thor se apoiou em suas mãos e joelhos e começou a rastejar pela ponte, em direção a ela. Mas a ponte era tão longa e ela parecia estar em outro reino, quanto mais ele se arrastava, mais longe ele ficava dela.

“Mãe!” Ele gritou.

A ponte se rompeu de repente e Thor foi caindo, ele girava sobre si mesmo e gritava enquanto despencava para as profundezas do mundo.

Thor despertou aos gritos.

Ele ainda estava na escuridão do poço, com o rosto inchado, um olho inchado fechado e seu braço ainda latejava no lugar onde ele havia sido marcado. Ele se perguntou por quanto tempo tinha dormido; pela dor latejante que ele sentia por todo o rosto e seu corpo, ele percebeu que não havia sido o suficiente.

Ele olhou para cima e viu os homens do Império ainda zombando dele. Nada havia mudado.

Thor estava desapontado. Ele pensou que tinha morrido e uma parte dele desejava que ele estivesse morto.

Porém, ao olhar para todos aqueles homens, ele tinha a sensação de que seu pior sofrimento ainda estava por vir.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Gwendolyn prosseguia caminhado
pela trilha da densa floresta,
acompanhada por Steffen, Aberthol,
Alistair e, é claro, Krohn, o qual jamais
saía de seu lado. Ele caminhava quase
agarrado a Gwen, roçando sua pele
contra a perna dela. Os quatro e o
leopardo formavam um grupo bastante
singular: Gwendolyn a Rainha; Steffen o
corcunda; Aberthol o erudito e Alistair a
misteriosa druidesa. Duas belas jovens
mulheres, um homem idoso e um
corcunda. Se fossem vistos por um
observador externo, eles poderiam
parecer um grupo vulnerável de
viajantes, percorrendo aquele caminho tão remoto para o Norte, atravessando
nada menos que a notória Floresta dos
Espinhos. Mas as aparências
enganavam: Steffen era hábil com um
arco, Gwendolyn, quem havia sido
criada junto à guarda do rei, estava
confiante em suas próprias habilidades
de luta e se por um lado Aberthol era
frágil, Gwen sentia que Alistair possuía
um poder oculto que seria pelo menos

igual às habilidades de luta de Steffen.

Gwen examinou a bela e densa floresta ao seu redor, com suas árvores milenares, cujos troncos eram brancos. A floresta de inverno, era assim que a chamavam. Os limites do Norte do Anel estavam preenchidos com ela. Ali as folhas brotavam no inverno, caíam no verão e começavam a florescer no outono. Agora que era inverno, elas estavam em plena floração, as folhas brancas e enormes estavam cobertas pela geada, elas estavam em todos os lugares. Parecia um branco país das maravilhas, as folhas congeladas rangiam sob seus pés. Gwendolyn sentia que o frio ficava mais intenso, mais mordaz, a cada passo que ela dava. Aquele lugar parecia tão puro, tão intocado, era como se nada de mal pudesse acontecer ali; mesmo assim, Gwen sabia que alguns dos piores criminosos se escondiam entre aquelas árvores.

Gwendolyn tinha ficado aliviada quando Steffen, Aberthol e Alistair tinham insistido em acompanhá-la em

sua missão para o Mundo Inferior.

Aberthol tentou dissuadi-la, lembrando-a de que nenhum ser humano jamais havia entrado no Mundo Inferior e voltado vivo, mas havia sido inútil.

Gwen sabia que isso tinha de ser feito, que era disso que Thor mais precisava.

Ela sentia que Thor e Mycoples nunca poderiam ter sido capturados sem que para isso fosse usada alguma magia e ela sabia que eles iriam precisar de uma magia igualmente forte para combatê-la.

Aquela missão era sua maneira de ajudar na batalha. Seria o seu front.

Gwendolyn também sentia falta de Argon desesperadamente, ela se sentia culpada por ele ter sido punido por causa dela. Ela queria trazê-lo de volta, do jeito que fosse. Gwen percebia em seus sonhos que ele precisava dela e ela estava determinada a ir até ele, mesmo que para isso ela tivesse de arriscar sua vida. Afinal, ele tinha arriscado sua vida por ela.

Gwendolyn esperava que Steffen se oferecesse para acompanhá-la, mas ela

tinha ficado surpresa com a insistência
de Alistair em ir junto com ela também.
Desde que Gwen havia conhecido a
futura esposa de Erec, houve uma
conexão especial entre as duas, elas
haviam se achegado instantaneamente,
como se fossem irmãs. De certa forma, Alistair era como a irmã que Gwendolyn
nunca tinha tido, visto que Luanda
dificilmente tinha estado do seu lado.
“O Mundo Inferior é um lugar de
magia e de almas presas.” Aberthol
disse, com sua voz rouca pela idade, seu
bastão ecoava ao pisar as folhas
congeladas enquanto eles continuavam
marchando sem parar através da
floresta. Estava ficando tão escuro ali,
Gwen já não podia dizer se era dia ou
noite.
“Não é um lugar adequado para uma
dama.” Acrescentou ele. “E menos ainda
para uma rainha.”
Aberthol vinha tentando convencê-la
de dar a volta e regressar, durante o
caminho inteiro. Gwen já não queria ouvir mais nada.
“Eu acredito que o nosso curso é

imprudente, minha senhora.” Ele continuou. “Argon tem servido aos MacGils por gerações; talvez o seja o seu tempo de seguir em frente. Nós não podemos entender o caminho dos feiticeiros. Em todo caso, eu não vejo de que maneira nós podemos salvá-lo.”

“Argon foi o conselheiro de confiança do meu pai.” Respondeu Gwendolyn. Além disso, ele tem sido um amigo bom e fiel. Se ele estiver destinado a permanecer onde está, então nem eu nem os deuses podem impedir isso. “No entanto, eu não vou deixá-lo jogado lá, sem pelo menos tentar.”

“Essas árvores são tão antigas...” Aberthol tagarelou. “Esta floresta tem visto séculos de batalha. Mas nunca houve uma cidade aqui. Por quê?”

Gwendolyn percebia que quanto mais velho Aberthol ficava, mais aumentava sua propensão a falar sozinho e a tagarelar, contando velhas histórias e dando lições, mesmo que ninguém estivesse escutando. À medida que sua

velhice aumentava, ele falava mais e
mais e Gwen, por vezes, tinha de deixar
de prestar-lhe atenção.
“É claro que a terra não poderia
tolerar isso...” Continuou Aberthol.
“Esta terra tem sido relegada ao longo
da história do Anel, tem sido um lugar
de abandono. É apenas o caminho para o
Mundo Inferior e mais nada. Ninguém vive aqui. Exceto é claro, os
vagabundos e os ladrões da noite. É um
paraíso para delinquentes, você
entende? Ninguém cruza a Floresta dos
Espinhos sem uma comitiva adequada. E
entramos apenas nós quatro.” Ele
balançou a cabeça. “A receita para um
completo desastre. Agora, se você
tivesse me escutado...”
Gwendolyn tentou ignorá-lo
enquanto Aberthol continuava
resmungando.
“Será que ele vai continuar sempre
assim?” Perguntou Alistair
aproximando-se de Gwendolyn com um
sorriso. Ela acenou com a cabeça para
Aberthol, enquanto ele continuava seu monólogo.

Gwendolyn sorriu de volta para ela.

“Agora mais do que nunca.” Disse ela

Alistair sorriu.

“Você tem medo do Mundo Inferior?” Gwendolyn fez a pergunta mais importante em sua mente.

Alistair continuou a andar ao lado de Gwen, totalmente em silêncio, até que finalmente, abanou a cabeça.

“Para dizer a verdade, eu não tenho.” Disse ela.

Gwendolyn estava intrigada. Não era a resposta que ela esperava.

“Por que?”

“Eu tenho visto algumas das piores coisas que este mundo tem para oferecer.” Disse Alistair. “Eu sofri o suficiente para aprender que o medo é um desperdício de energia. O que tiver de ser, será. E o que não tiver, não será.”

Enquanto elas continuavam a andar, Gwendolyn sentia que havia algo mais que Alistair queria dizer-lhe. Gwen a achava tão misteriosa, havia tantas

coisas que ela queria perguntar-lhe.

Quem era essa mulher, essa druidesa que nada temia?

Mas Gwen não queria ser intrometida. Então, ao invés disso, ela respeitou seu silêncio, esperando até que Alistair estivesse pronta.

Finalmente, Alistair suspirou.

“Uma vez eu trabalhei em uma taverna...” Disse Alistair. “... Uma noite, enquanto eu estava servindo bebidas, um freguês agarrou meu pulso e quando ninguém estava olhando, ele me puxou para dentro de um quarto. Ele era um homem forte, tinha a força de um guerreiro e eu não tinha forças para resistir. Eu gritei por socorro, mas ou ninguém me ouviu, ou ninguém se importou.”

Alistair continuou caminhando, olhando para o espaço como se estivesse revivendo toda sua história.

“Alguma coisa aconteceu...” Disse finalmente Alistair. “... Eu ainda não entendo completamente. Eu estendi a

mão para empurrá-lo de cima de mim e uma explosão de energia veio de minha palma. Ela atingiu o peito do homem e ele voou pela sala. Ele ficou lá, paralisado de medo, olhando para mim com um olhar espantado. Eu não esperei: eu dei a volta e saí correndo pela porta."

Alistair suspirou.

"Eu sou diferente dos demais. Eu não sei de que maneira. Mas eu sou. Eu não sinto este mundo da mesma maneira que você sente. Eu não pretendia causar dano àquele homem. Mas eu não poderia ter parado mesmo que eu tentasse."

Cada vez que Gwendolyn falava com Alistair, ficava ainda mais impressionada com ela. Alistair era tão humilde, tão afável e apesar de sua beleza, Gwen poderia dizer que ela possuía uma grande força. Gwen também sentia que havia um sentimento de camaradagem entre elas: ela tinha encontrado alguém que tinha sofrido como ela, alguém que entendia o que era sofrer adversidades e superá-las.

Gwen não queria se intrometer, mas

ela não podia evitar; ela se sentiu
compelida a fazer a próxima pergunta:
“De onde você proveio?” Perguntou
ela.
Antes que Alistair pudesse
responder, ouviu-se o estalo de um
graveto na floresta, todos se viraram e
viram uma dúzia de homens aparecendo
por trás delas. Krohn rosnou, foi um
ruído furioso, seu pêlo ficou todo eriçado quando ele encarou o grupo e
deu alguns passos para a frente.
Gwendolyn imediatamente recordou
quando ela havia sido emboscada na
Floresta do Sul. Era óbvio, pelas
expressões daqueles homens, que eles
também eram ladrões — seu olhar era
ainda mais sinistro. Eles estavam
vestindo malhas metálicas da cabeça aos
pés, tinham armas novas e pareciam
imunes ao frio, além disso, estavam bem
organizados, camuflados no branco da
floresta. Eles não se pareciam com os
ladrões amadores da Floresta do Sul.
Eles pareciam assassinos profissionais.
Ela temia por Krohn, quem estava

rosnando cada vez mais alto,
especialmente porque o ladrão apontava com um arco para a cabeça dele.
“Krohn, volte aqui!” Disse
Gwendolyn.
Mas Krohn tinha outras ideias, ele
saltou pelo ar destemidamente e com um
grunhido horrível, mergulhou suas
presas na garganta de um dos ladrões,
antes que ele pudesse disparar sua
flecha. O ladrão gritou quando Krohn
prendeu-o ao chão. Krohn sacudia-se
para a esquerda e para a direita, e em
poucos instantes, o ladrão estava morto.
Então, ouviu-se o barulho de uma
flecha sendo disparada e ela viajou
pelos ares antes que qualquer um deles
pudesse reagir.
“KROHN!” Gwen gritou.
Krohn ganiu quando a flecha
incrustou-se em seu flanco e derrubou-o.
Os ladrões esperavam que isso fosse
o fim dele, mas Krohn os surpreendeu.
Ele ainda não estava liquidado.
Krohn ficou de pé e saltou
novamente, rosnando. Ele derrubou e

matou outro ladrão antes que mais uma flecha atravessasse o ar e o abatesse definitivamente.

“KROHN!” Gwen gritou enquanto avançava na direção dele.

O chefe dos ladrões adiantou-se e apontou com sua espada para garganta de Gwendolyn.

Ela e os demais ficaram paralisados.

“Eu vou dizer isto apenas uma vez...” Disse o líder dos ladrões com uma voz rouca, desprovida de calor. “... Cada um de vocês se dispa. Tirem todas as suas roupas, tudo que vocês tiverem. Em seguida, deitem de bruços na neve. Nós vamos matar vocês de todas as maneiras, mas dessa forma sua morte será rápida e indolor. Se vocês resistirem, morrerão lenta e tortuosamente.”

“E que classe de escolha é essa?” Aberthol perguntou. “Não vejo por que nós devemos permitir-lhe que nos mate.”

O líder do grupo deu um passo à frente e esbofeteou Aberthol, quem

gritou e tropeçou enquanto cobria seu
rosto.
“Eu não vou dizer isso de novo.”
Disse ele, dando um passo à frente e
segurando uma faca curva. “Vocês têm três segundos, para tomar a sua
decisão.”
“Você pode saber agora qual é nossa
decisão se quiser.” Disse Gwendolyn.
Gwen olhou para Steffen, quem logo
entrou em ação. Ele ergueu seu arco
mais rápido do que Gwen pudesse
piscar e em questão de segundos
disparou três flechas, matando três dos
ladrões de imediato.
Gwen puxou um pequeno punhal que
ela tinha em sua cintura, deu um passo
adiante e apunhalou o chefe dos ladrões
na garganta; os olhos dele se
arregalaram de surpresa e ele levou as
mãos a sua garganta sangrenta, em
seguida ele caiu no chão, já morto.
Mas até o momento havia apenas
quatro ladrões mortos e mais oito
ladrões que vinham avançando
determinados contra o grupo, apontando

com suas armas. Gwen percebeu que
não havia nada que eles pudessem fazer
para defender-se; havia muitos ladrões e
todos se aproximavam muito rápido, ela
sabia que eles estavam prestes a morrer.
Quando os ladrões se encontravam a
poucos metros de distância, Alistair deu
um passo adiante e ficou diante deles,
ela fechou os olhos calmamente e
levantou a palma da mão.
Os oito ladrões pararam de repente
como se tivessem chocado contra uma
parede invisível. Eles chocaram de
cabeça contra ela e deixaram cair suas armas.
Uma luz azul voou da palma da mão
de Alistair e golpeou fortemente cada
um deles mandando-os vários metros
pelos ares a uma velocidade impossível,
até que cada um foi de encontro a uma
árvore e caiu no chão, todos estavam
mortos.
Gwendolyn se virou e olhou para
Alistair admirada, o mesmo fizeram os
outros. Ela nunca tinha visto nada
parecido em sua vida.

Imediatamente, Alistair deu vários passos para a frente e ajoelhou-se ao lado de Krohn, ele estava choramingando e sangrando, já estava à beira da morte, então ela colocou suas mãos sobre a ferida dele.

Gwen assistia paralisada enquanto uma luz branca emanava das mãos de Alistair, curando totalmente as feridas de Krohn diante de seus olhos.

Em instantes, Krohn conseguiu ficar de pé. Ele piscou várias vezes, como se estivesse confuso. Então ele deu um passo adiante e lambeu Alistair. Gwen não podia acreditar: Krohn havia revivido.

Gwen examinou Alistair atentamente, ela observava seu lindo cabelo loiro e seus olhos azuis e não podia deixar de se perguntar:

Que segredos ela estaria ocultando?

CAPÍTULO TRINTA DOIS

Reece galopava pelos campos, flanqueado por O'Connor, Elden, Conven, Indra, Serna e Krog; todos eles

dirigiam-se para o Leste, em busca da
espada roubada. Reece sentia-se
estranho ao estar em uma missão,
cavalgando para uma batalha sem ter
Thor ao seu lado. Ele estava
determinado a encontrar seu melhor
amigo e libertá-lo; se dependesse dele,
ele estaria cavalgando com o exército
principal diretamente para o
acampamento de Andronicus naquele
exato momento.

Mas Reece sabia que tinha de servir
ao exército, servir ao Anel em primeiro lugar. Ele sabia muito bem que naquele
exato momento, ele era muito mais útil
rastreando e localizando a Espada do
Destino antes que ela fosse levada para
fora e o escudo ficasse inativo, expondo
todos os seus compatriotas à morte. Ele
sabia que isso também seria o que Thor
desejaria que ele fizesse.

O seu pequeno grupo, sete ao todo,
galopava arduamente, enquanto passava
por todos os cadáveres carbonizados
dos soldados do Império que Mycoples
havia dizimado ao longo do caminho. O

campo estava em ruínas, o Anel se havia
visto em uma onda de destruição que
proveio de ambas as direções. Reece
não sabia exatamente onde a espada
estava naquele momento, nenhum deles sabia, mas ele sabia que ela estava em
algum lugar do outro lado das
Highlands.
Eles haviam cruzado os picos das
Highlands horas atrás e agora todos
avançavam pela descida. Era estranho
estar ali, do lado McCloud do Anel.
Reece nunca tinha estado na parte mais
extrema do Oriente; ele havia passado
toda a sua vida no lado Ocidental do
Anel, no entanto, ele tinha ouvido muitas
histórias sobre os McClouds e ele não
tinha vontade de se aventurar tão longe.
Atravessar as Highlands era como
atravessar uma barreira invisível em sua
mente e uma parte dele já se sentia como
se estivesse atrás de uma parede, sem um caminho de volta.
A tensão no ar era espessa ali. Ao
subir as Highlands, eles tinham visto
meio milhão de homens de Andronicus
no horizonte, pululando como formigas

através dos campos. Reece e todos os seus homens haviam feito uma pausa e sentiram a gravidade da situação. De certa forma, sua missão parecia ser uma missão suicida.

Eles continuaram pela estrada, avançando sempre em direção ao Leste, ao aproximar-se mais do corpo de tropas, eles tomaram uma bifurcação que se converteu em uma trilha menor, ela seguia através de densos bosques. Eles não podiam mais andar pelas estradas principais com tantas tropas fervilhando por ali. Eles teriam de andar furtivamente, porém com agilidade e astúcia.

“Precisamos saber exatamente para onde eles levaram a espada.” Reece disse para os demais.

“E como você propõe que nós averiguemos isso?” Krog perguntou para ele.

“Temos de interrogar um soldado do Império.” Reece respondeu.

“Nós dificilmente poderemos ir até um soldado e perguntar-lhe.” Disse

Krog cético.

“Nós capturaremos um.” Reece

replicou.

“Apenas nós sete, confrontando uma divisão inteira do Império?” Krog

pressionou.

Reece estava ficando impaciente

com o ceticismo de Krog e sua falta de

respeito diante de sua liderança.

“Nós não precisamos enfrentar uma

divisão.” Explicou Reece. “Precisamos

apenas emboscar um grupo menor. Foi

por isso que entramos nessa floresta.

Todos os exércitos enviam patrulhas

para a periferia do acampamento

principal.”

Eles continuaram andando em um

silêncio tenso, penetrando cada vez mais

na floresta durante vários minutos, até

que finalmente Reece detectou

movimento.

Reece levantou a mão em um sinal e todos eles se detiveram. Todos

permaneceram em seus cavalos, muito

quietos, esperando e observando as

árvores.

Houve um ruído abafado e depois

um movimento de galhos, em seguida, surgiu na curva uma pequena patrulha de soldados do Império. Havia exatamente sete deles — o mesmo número do grupo de Reece — todos pareciam ser guerreiros veteranos, eles trajavam as cores do Império: preto e ouro, usavam capacetes enormes e intimidantes; suas armas eram novas reluzentes. Eles montavam cavalos fortes e examinavam cuidadosamente a floresta. Não seria uma emboscada fácil. Mas Reece e seus homens não tinham escolha, se não a tentassem, eles seriam descobertos de qualquer jeito. Reece se sentia confiante em suas próprias habilidades; Ele só esperava que Indra e os dois novos membros da Legião pudessem cuidar de si mesmos. Em um momento como aquele, ele desejava desesperadamente que Thor estivesse ao seu lado.

“Ao meu sinal…” Ele sussurrou para os outros. “Preparem suas armas.”

Todos eles permaneceram ali, em seus cavalos, vendo como as tropas se aproximavam. Reece percebeu que seu

cavalo queria empinar e o sujeitou
firmemente, as palmas das mãos dele
estavam suando, apesar do frio.
“E quem você colocou no comando aqui?” Krog perguntou para Reece.
Reece se virou e viu que Krog o
encarava de maneira desafiadora. Reece
e seus amigos tinham lutado juntos de
maneira tão perfeita por tanto tempo,
que Reece jamais esperou que houvesse
divisão entre eles.
“Thor está no comando.” Reece
corrigiu. “Porém na ausência dele, eu
assumo a liderança. Agora, fique em
silêncio ou se retire!” Reece retrucou
receando que as vozes deles pudessem
revelar sua presença.
Mas Krog não cederia.
“Eu sou um membro da Legião tão
bom quanto você.” Disse Krog.
Reece corou de raiva. Krog ia
acabar delatando sua presença. Reece ia
correr até ele e fazer com que ele se
calasse.
Mas já era tarde demais: toda aquela
discussão tinha chamado a atenção das

tropas do Império, elas olharam na direção deles, repentinamente.

Antes que qualquer um deles pudesse reagir, Conven soltou um grito de guerra, esporou seu cavalo e avançou através do bosque. Ele levantou sua espada e cavalgou de forma imprudente, direto para o meio da patrulha do Império. Ele era destemido, ou até mesmo suicida.

Reece estava perdendo rapidamente o controle, ele percebia que seu plano desmoronava ao seu redor.

Conven investiu contra o grupo assustado de soldados, com sua espada levantada, desferindo golpes de maneira descontrolada, mesmo assim, ele conseguiu derrubar alguns deles de seus cavalos com seus golpes selvagens. Ele nem se incomodava em levantar seu escudo enquanto os golpes choviam sobre ele. Ele atacava com tanta rapidez, que de alguma forma, evitava ser morto. Porém, um golpe final o derrubou de seu cavalo, ele caiu e rolou

pelo chão com um ruído metálico.

Reece não podia esperar mais.

“ATACAR!” Gritou ele.

O’Connor, disciplinado, aguardou o comando, logo depois ele disparou duas flechas com perfeita precisão; elas acertaram dois soldados, matando-os na hora, eram os dois soldados que Conven tinha derrubado no chão, eles foram mortos enquanto tentavam levantar-se.

Agora restavam apenas cinco homens do Império, dois dos quais estavam a ponto de atacar um vulnerável Conven.

Reece liderou o ataque, ele correu para salvar a vida de Conven e golpeou um dos soldados. Mas o soldado girou, bloqueou o golpe e tentou atacar Reece.

Reece bloqueou o golpe com seu escudo e os dois se envolveram em uma luta feroz enquanto avançavam e recuavam, atacando e defendendo-se.

Finalmente, seu braço ficou cansado, porém Reece encontrou uma brecha, ele se aproximou mais e bateu com o seu escudo em um dos lados da cabeça do soldado, derrubando-o do cavalo. Uma

lição antiga ensinada por Kolk veio a
sua mente: nem sempre se precisa de
uma espada para causar um grande dano.
Elden avançou com sua lança e furou
a barriga de um soldado, no entanto, ele
havia deixado seu flanco exposto e outro
soldado veio ao seu encontro descendo
um machado direto para o seu ombro.
Indra correu para a frente com um
grito, ela puxou seu punhal e cortou a
garganta do soldado. O soldado deixou
cair o machado frouxamente, justo antes
que ele golpeasse Elden.
Agora havia somente três soldados do Império, então Serna e Krog
investiram contra eles. Krog lutava
golpe a golpe com um soldado; Serna
saltou de seu cavalo e se lançou sobre
outro soldado, os dois caíram no chão e
se engalfinharam em uma luta feroz.
Reece viu que Serna lutava habilmente,
golpeando o soldado com seus
cotovelos e punhos até nocauteá-lo.
Reece estava impressionado.
Krog levantou sua espada para
golpear o outro soldado do Império,

porém o soldado era um adversário
muito mais habilidoso, ele se esquivou,
se virou e derrubou Krog de seu cavalo
com uma forte cotovelada.
Krog estava em decúbito dorsal no chão, assustado, ele se virou e viu o
soldado do Império apontando com sua
espada para a garganta dele.
Ouviu-se um estrondo quando Indra
saltou para a frente e usou o seu punhal
para bloquear o golpe do soldado. Então
ela virou-se e cortou a perna do
soldado. Ele caiu, gritando.
Indra perguntou a Krog com
sarcasmo.
“Você ainda se opõe a que uma
mulher se junte ao grupo?”
Reece olhou e viu que apenas um
soldado havia sobrevivido, era aquele
que Indra havia ferido na perna. Ele
estava deitado no chão, gemendo.
Reece correu até ele, o soldado tirou o seu capacete e olhou para o rosto dele.
Seu aspecto era bastante diferente
daquele dos homens do Anel, sua pele
era escura e seus olhos eram amarelos.
Reece abaixou-se e agarrou-o pelo

pescoço, com fúria.

“Para onde levaram a Espada do

Destino?” Ele perguntou ansioso.

O soldado do Império disse algo a

ele em uma língua que ele não entendeu.

Reece virou-se para Indra.

“O que ele está dizendo?” Ele

perguntou para ela.

Indra se aproximou do soldado,

ajoelhou-se ao lado dele e olhou para o

seu rosto.

“Ele fala uma língua do Império. Ele diz que não entende a sua língua.”

“Pergunte-lhe.” Disse Reece.

Indra falou com o soldado em uma

linguagem que Reece não entendia.

O soldado olhou para ela e eles

trocaram umas palavras.

“O que ele está dizendo?”

Finalmente, Reece perguntou

impaciente.

Indra inclinou-se para trás com as

mãos em seus quadris.

“As palavras dele não fazem

sentido...” Disse ela. “Ele está dizendo

algo sobre a espada estar em uma

rocha... que a rocha está sendo levada
através do mar... que eles vão atravessar
uma ponte... para os navios."
Reece ficou de olhos arregalados.
"A Travessia Oriental." Disse ele.
"Então é verdade. Eles estão levando a
espada através da Travessia Oriental do
Canyon."
Reece ficou de pé, ele já sabia tudo
o que ele precisava, ele estava pronto
para ir atrás da espada.
Mas assim que Reece se levantou, o
soldado o atacou de surpresa, ele
agarrou o tornozelo e o torceu com
força, fazendo com que Reece gritasse
de dor, logo depois, o soldado tirou um
punhal escondido do seu cinto e
levantou-o, preparando-se para ferir a
panturrilha de Reece.
Conven apareceu com sua lança e
antes que alguém pudesse reagir, ele
mergulhou-a no peito do soldado, prendendo-o ao chão.
Reece olhou para Conven e viu a
loucura em seus olhos. Porém, ele
estava tão grato a Conven por ele ter

salvado sua vida, mesmo que também estivesse bastante preocupado com ele.

Se Conven não superasse o luto de seu irmão em breve, Reece temia que ele não pudesse estar com eles por muito mais tempo.

Reece se levantou, seu tornozelo latejava de dor, ele dirigiu-se abruptamente para Krog, quem ainda estava deitado no chão e tentava levantar-se.

Reece se adiantou e plantou um pé no peito dele, sujeitando-o ao chão.

“Você nos entregou.” Reece disse furioso. “Se é voltar para casa o que você quer, vá para casa agora. Agora se você quiser ficar com a gente, vai ter de seguir as ordens. Se você desafiar minhas ordens novamente, eu terei de matá-lo. Você está entendendo?”

Krog olhou para ele com seus olhos desafiantes; mas finalmente ele cedeu e acenou com a cabeça em sinal de acordo.

Reece retirou o pé de cima dele e montou de volta em seu cavalo, todos os

outros seguiram seu exemplo. Ele gritou e esporou o cavalo e logo todos estavam galopando novamente pela floresta. Eles galopavam o mais rápido que podiam: a Travessia Oriental estava longe e se eles quisessem realmente salvar a Espada, não havia tempo a perder.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Kendrick liderava os milhares de homens que estavam com ele, ali no pico mais alto das Highlands, milhares de cavalos estavam parados atrás dele. Ele olhava para os vales que se desdobravam abaixo, no lado Oriental do Anel e via meio milhão de homens de Andronicus espalhando-se até onde a vista alcançava, organizados em formações, suas armaduras brilhavam ao sol. Como um bom guerreiro que era, Kendrick sabia que suas chances de vencê-los eram mínimas. Mas eles não tinham escolha. Thor precisava deles e o Anel precisava de Thor. Com Thor, Mycoples e a Espada do Destino de volta, eles teriam chance novamente. Senão, tudo estaria perdido. Kendrick

sentia que Thor era como um irmão para
ele e isso era o mais importante,
quaisquer que fossem suas chances, a
honra de Kendrick o proibia de ignorar
a captura de Thor.
Kendrick se agrupou com Erec,
Godfrey, Tirus, os quatro comandantes
das divisões e companheiros tão
inusuais, eles se reuniram diante de seus
exércitos de homens. Kendrick estava
exultante por estar de volta à batalha
com Erec, o campeão do Exército Prata,
o maior guerreiro que o Anel já havia
conhecido; com Erec ao seu lado,
Kendrick sentia que tudo era possível.
Erec, um líder natural, levantou um dedo e apontou.
“Entre esta área aqui e o
acampamento de Andronicus se
encontram esses dois vales.” Disse
Erec. “No ponto mais oriental, todos
eles convergem para um corredor
estreito. Em uma área tão estreita, nós
teremos vantagem. Há dois caminhos
diante de nós. Kendrick, você e eu
podemos levar o grosso do ataque em

linha reta pelo meio, enquanto Godfrey,
você se junta a nós e Tirus, você pode
flanquear nossa direita. Nós vamos
dividir a linha de frente dos homens de
Andronicus. Então, nós podemos
convergir para além dos vales e atacar
como uma força unificada, apontando
para o ponto mais estreito do seu flanco oriental. Se nós atacarmos todos juntos,
poderemos criar um efeito de funil,
então muitos de nós seremos capazes de
infiltrar-nos no meio deles e encontrar
Thor."
Kendrick assentiu com a cabeça.
"Eu estou de acordo." Disse
Kendrick. "Nosso objetivo principal é
atingi-los ágil e rapidamente, para não
ficar envolvidos demais na batalha, de
modo que um pequeno grupo possa
avançar por seu acampamento."
"Então nós estamos perdendo tempo
falando aqui." Tirus gritou. Ele gritou,
esporou seu cavalo e seguiu pela direita,
todos os seus homens das Ilhas
Superiores, vestidos com sua típica
armadura escarlate e azul, o seguiram de perto obedientemente.

Kendrick e Erec instigaram seus cavalos e avançaram também, seguindo as estradas montanhosas diante deles e logo tomaram uma bifurcação à esquerda, suas forças começaram a marchar atrás deles com um grito de guerra.

Mas Godfrey, simplesmente permaneceu ali, montado em seu cavalo, observando tudo.

“Senhor, nós não devemos segui-los?” Ouviu-se a voz surpresa do general de Godfrey, seu cavalo empinava ao lado dele.

Godfrey ficou ali, observando o horizonte, ele tinha outros planos em mente. Ele virou-se e acenou para Akorth e Fulton, cada um levantou uma corneta. Eles tocaram de forma alternada, umas notas curtas.

Depois de esperar dez segundos, o som de suas cornetas foi repetido de volta, ele ecoou em algum lugar no vale distante, à esquerda.

“O que foi aquilo, meu senhor?” O general perguntou confuso.

Godfrey sorriu largamente,
satisfeito.
“Você vai ver.” Respondeu Godfrey.
Kendrick e Erec tinham seus pontos
fortes e Godfrey tinha os dele. Ele
poderia não ser um grande guerreiro
como eles, mas ele tinha muita astúcia.
E ele tinha feito planos alternativos por sua própria conta.
Godfrey gritou, chutou seu cavalo e
seus homens o seguiram. Todos eles se
afastaram das outras divisões e
avançaram pelo lado esquerdo da
montanha.
À medida que todos o seguiam
cegamente, Godfrey simplesmente
rezava para que seu plano funcionasse.
*
Erec segurou sua espada bem alto,
ficando praticamente de pé sobre seu
cavalo, enquanto galopava, a expressão
de seu rosto era feroz, ele estava
realmente concentrado na batalha. Ele
ganhou mais velocidade e foi se aproximando de um grande grupo de
homens do Império, os quais estavam
esperando para enfrentá-lo na base do

vale mais baixo. Entre Erec e Kendrick havia uns cinco mil homens, todos à disposição, todos eram guerreiros experientes, nos quais ele confiava com sua alma.

Mas esperando para encará-los parecia haver o dobro de homens e eram todos guerreiros ferozes. Ainda assim, Erec não se intimidou, nem tampouco Kendrick, quem cavalgava bravamente ao seu lado, levando sua própria divisão de homens. Erec se sentia confortado sabendo que Kendrick iria lutar até a morte, tal como ele mesmo estava preparado para fazer.

Erec ouviu o grito de uma águia que sobrevoava os céus, então ele olhou para cima e viu Estopheles voando em círculos. Erec levantou sua espada para o alto em resposta ao seu grito. Era para dias como aquele que ele tinha nascido.

Ele não tinha nascido para simplesmente para sobreviver. Ele tinha nascido para viver. Para viver *verdadeiramente*.

Erec correu para a frente, querendo ser o primeiro a se engajar na batalha.

Ele apontou com sua espada de prata para o líder dos soldados do Império e cortou a espada dele pela metade, em seguida, ele girou ao redor e com o mesmo movimento golpeou as costas do soldado, derrubando-o de seu cavalo; o soldado caiu de cara no chão.

O soldado caiu no chão, produzindo um estrondo metálico com sua armadura, era a primeira vítima do dia. A batalha havia começado.

Erec era uma verdadeira máquina de combate, ele era ágil como um peixe no meio de um lago cheio de criaturas lentas. Desde que Alistair o havia curado, ele se sentia cheio de energia, estava mais vigoroso do que nunca, ele estava na melhor fase de sua história de lutas. Ele atacava pela esquerda e pela direita, golpe a golpe enquanto ia desferindo golpes através das fileiras de soldados do Império, sem jamais parar.

Ele recebia alguns golpes, mas a maioria deles era absorvida eficazmente pelas placas de sua armadura, deixando apenas alguns hematomas ou arranhões nele. Ele, por outro lado, aplicava

golpes com uma força letal, matando um grande número de soldados à sua esquerda e à sua direita, golpeando com precisão mortal e movendo-se mais rápido do que qualquer um deles poderia reagir. Havia uma razão pela qual ele era o campeão do Exército Prata: ninguém lutava tão rápido quanto ele. Quando os soldados do Império levantavam suas espadas, Erec já havia perfurado suas armaduras. Era um belo espetáculo vê-lo lutar e era evidente que era para isso que ele havia nascido.

Perto dali, Kendrick também lutava brilhantemente, ele havia se separado de seus homens para atacar outro contingente de homens do Império, lutando golpe a golpe com uma série de soldados e abatendo quase tantos homens como Erec. Ele era um líder destemido, logo seus homens se reuniram em torno dele e atacaram metendo-se no grosso da luta.

Os homens de ambos os exércitos começaram a cair, os guerreiros do Império eram ferozes em todos os

aspectos, além de estarem bem descansados e bem treinados. O ruído metálico produzido pelo choque de suas armas reverberava nos ouvidos de Kendrick, enquanto os homens lutavam por suas vidas, em ambos os lados da batalha. A batalha foi ficando mais intensa, os cavalos esbarravam uns nos outros, sem encontrar espaço para se mover. Ambos os lados se esquivavam, movendo-se para a frente e para trás, isso fazia com que Kendrick se lembrasse das ondas do mar, empurrando para trás e para frente, avançando e recuando. Em alguns momentos, eram os homens de Kendrick e Erec quem avançavam com ímpeto, empurrando para a frente; em outros momentos, eram eles quem estavam sendo empurrados para trás.

Quando a batalha ficou ainda mais intensa, os soldados começaram a desmontar de seus cavalos, e iniciaram um combate corpo a corpo. A luta era feroz e sangrenta, a maioria dos soldados usava espadas, lanças, martelos e machados; já outros lutavam

com punhais e até mesmo com as mãos.
Os gritos dos homens e de seus cavalos
ouviam-se por todo o redor. O chão frio
do inverno ficou escorregadio com o
sangue dos homens.
Kendrick estava impossibilitado de
manobrar, logo ele se viu derrubado de
seu cavalo. A pé e cercado por tropas
hostis, ele levantou sua espada e seu
escudo e encarou um grupo de soldados
do Império. Um soldado levantou uma
alabarda e preparou-se para baixá-la
sobre o rosto de Kendrick, porém ele se
esquivou, apontou para o cabo e cortou
a alabarda em dois pedaços. Então ele golpeou o rosto do soldado com o punho
da espada e o levou a nocaute.
Com o mesmo movimento, Kendrick
bloqueou um golpe de espada destinado
ao seu ombro, em seguida, ele chutou o
seu atacante no estômago, derrubando-o
de costas no meio da multidão, onde ele
foi pisoteado por um cavalo.
Outro soldado avançou com uma
lança. O seu golpe veio muito rápido;
Kendrick, distraído por seus outros

atacantes, se preparou para o impacto mortal.

Ouviu-se o barulho característico de um escudo, quando Kendrick olhou ao redor ele viu Erec ao seu lado desviando a lança; Erec depois girou com seu escudo e golpeou o soldado no rosto.

Outro soldado veio na direção de Erec com um mangual, Erec puxou rapidamente seu escudo para trás e o atirou: o escudo girou pelos ares e sua borda afiada cortou a garganta do soldado.

Mais dois soldados do Império atacaram por trás de Kendrick e Erec, emboscando-os enquanto empunhavam lanças. Tudo aconteceu tão rápido que não houve tempo para que eles reagissem. Houve outro estrondo metálico, então Kendrick se virou e viu Atme e Brandt. Eles haviam avançado — Atme com seu escudo e Brandt com sua luva — e bloqueado os golpes de lança destinados a Erec e Kendrick.

Atme feriu um atacante com sua espada,

enquanto Brandt esbofeteou o outro,
mandando-o direto para o chão.
Kendrick estava inspirado lutando
ao lado de Erec, Atme e Brandt, tal
como eles faziam nos velhos tempos; ele
agarrou o mangual do soldado do chão e
girou-o bem alto, criando um grande
perímetro em torno deles quatro e assim,
ele derrubou uma meia dúzia de
soldados do Império.
A luta ficou ainda mais acirrada e
feroz, era cada vez mais densa e
prosseguiu assim por longas horas. Sem
importar o quão duro todos eles
lutavam, Kendrick sentia que eles não
estavam ganhando impulso. Era como
lutar contra uma maré interminável. Ele estava começando a duvidar seriamente
de que seria capaz de executar seu plano
de formar um pequeno grupo para
infiltrar-se no centro do acampamento
de forma rápida e furtiva e assim
libertar Thor.
Houve uma explosão de sons de
cornetas, Kendrick olhou para o fim do
vale e avistou uma imagem que o deixou

preocupado: milhares de soldados, pertencentes às tropas de reforço de Andronicus, provinham do outro lado do vale, eles estavam chegando para ajudar os seus camaradas.

O ímpeto foi o suficiente para reverter a maré. Kendrick, Erec e seus homens começaram a ser empurrados mais e mais para trás pela multidão de soldados. Mais de seus homens estavam começando a cair e Kendrick estava começando a perceber que estavam perdendo. Os homens do Império eram demasiado fortes para eles e seu número era bem maior. Kendrick sabia que se algo não acontecesse em breve, ele e os seus homens seriam abatidos naquele campo.

Kendrick viu algo estranho com o canto do olho, na parte alta ao lado do vale, refletindo a luz. Ele olhou bem e viu algo que o deixou confuso. Ali em cima, no topo de uma falésia, havia milhares de soldados montados a cavalo, vestidos com a armadura característica e portavam a bandeira dos

McClouds. Eles avançaram ladeira abaixo, rumo ao flanco da batalha.

A princípio, Kendrick pensou que os McClouds estavam marchando para apoiar a causa do Império; mas, enquanto observava, Kendrick percebeu que eles não estavam vindo para atacar seu exército, em vez disso, os McClouds avançaram contra as tropas do Império. Eles não estavam atacando os soldados de Kendrick, eles estavam ajudando-os. A nova força de combate abriu uma segunda frente, causando uma massiva confusão em toda a extensão das fileiras do Império. Era exatamente disso que Kendrick precisava. No entanto, ele não conseguia entender o que estava acontecendo: por que os McClouds, seus inimigos professos, desejavam ajudá-los?

Quando Kendrick olhou com mais atenção, ele teve uma enorme surpresa ao ver quem liderava os McClouds, então tudo fez sentido:

Bronson.

Bronson cavalgava na frente, diante

de milhares de soldados McCloud, eles
lançaram-se com toda a força, direto
para o Império. Eles vieram como uma
tempestade, usando sua força impetuosa
para criar uma onda de destruição.
Eles impactaram com um estrondo
tão alto como um trovão.
Em instantes, eles começaram a
cortar caminho através das forças
aterrorizadas e confusas do Império.
Muitos soldados do Império começaram a dar a volta e tentaram fugir, enquanto
atropelavam uns aos outros, totalmente
em pânico.
Erec e Kendrick aproveitaram o
momento, eles redobraram os seus
esforços e começaram a ganhar um novo
ímpeto. Os soldados do Império caíam
em todas as direções, enquanto eram
forçados a recuar cada vez mais.
Logo, os homens do Império
começaram a recuar e a fugir, os
MacGils os empurravam para trás e os
forçavam a abandonar o vale.
Finalmente, Erec e os homens de
Kendrick reuniram-se com Bronson no

fim do vale, com um grande grito de
vitória. O vale agora pertencia a eles.
Eles tinham vencido.
Kendrick se aproximou de Bronson,
quem permanecia ali, respirando
pesadamente, coberto de sangue, porém
sorridente.
“Eu disse a você que eu era um
MacGil.” Disse Bronson.
Kendrick e Erec acenaram com suas
cabeças.
“Nós estávamos errados ao seu
respeito.” Disse Kendrick.
“Hoje você salvou nossas forças,
aqui neste campo de batalha.” Disse
Erec.
Bronson sorriu de orelha a orelha.
“O dia ainda não terminou.”
Replicou ele. “E eu não sei vocês, mas
eu não planejo parar até que nós dirijamos o Império por todo o caminho
de volta para o mar.”
*
Godfrey cavalgava com os seus
homens, dirigindo-se para o lado do
vale e distanciando-se da batalha

principal. Akorth e Fulton cavalgavam
ao seu lado e milhares de homens iam
atrás deles. Godfrey mantinha sua vista
sobre o enorme grupo de soldados do
Império que se encontrava diante deles,
enquanto ele galopava, seguindo em
frente, sem medo. Os número de
soldados diante deles era bastante
superior, havia pelo menos cinco
soldados do Império para cada um deles. Uma gigantesca divisão estava
esperando para enfrentá-los.
“Meu senhor!”
O general da divisão de Godfrey
veio cavalgando apressadamente por
trás dele e depois de alcançá-lo disse
com uma voz cheia de terror:
“Para onde nos está conduzindo?!
Nós estamos em desvantagem numérica
e cavalgando para uma morte certa. Sua
bravura beira a imprudência! Devemos
dar a volta, regressar e juntar-nos aos
outros. Certamente, eles não esperam
que nós enfrentemos tantos homens aqui.
Seu plano, qualquer que fosse, deu
errado. Nós estamos cavalgando para a

nossa morte. Temos de voltar! Eu sou a favor do cavalheirismo, mas isso é suicídio!”

Mas Godfrey simplesmente sorriu ainda mais, enquanto cavalgava, sem reduzir sua marcha.

“Engraçado, eu mesmo também sou a favor do cavalheirismo...” Godfrey disse. “… No entanto, eu prefiro um tipo diferente de cavalheirismo.”

“Meu senhor, eu não entendo!” Seu general persistiu. “O senhor seria um líder tão imprudente ao ponto de levar todos esses homens para a morte?”

“Às vezes, os líderes precisam ser imprudentes, não é?” Godfrey perguntou com um sorriso. Logo depois ele se virou, esporou seu cavalo e cavalgou ainda mais rápido.

Godfrey cavalgava sem parar, orando e esperando que seu plano desse certo. Claro, seu general tinha razão; eles estavam em ampla desvantagem numérica. Havia muito mais homens enfrentando-os do que Kendrick havia sequer sonhado. Era uma enorme

divisão de homens do Império.

Certamente, em um campo de batalha convencional, todos morreriam.

Porém Godfrey, pela primeira vez em sua vida não tinha medo. Ele sabia que podia superar a espada e ele estava contando com sua astúcia para salvar aquele dia. Aquele seria o teste supremo de sua sagacidade.

Quando se aproximaram e ficaram praticamente a cinquenta metros de distância, Godfrey levantou a mão e desacelerou o ritmo, passando para um trote suave. Akorth e Fulton sopraram suas cornetas e acenaram com uma bandeira, indicando a todos que eles já podiam deter-se.

Os milhares de homens de Godfrey se detiveram atrás dele, todos se encontravam agora a apenas trinta metros de distância dos homens do Império, os quais estavam ali parados e silenciosos, alinhados em fileiras perfeitas.

“Por que nós paramos, meu senhor?”

O general perguntou, sua voz estava

trêmula de medo.

Mas Godfrey o ignorou

completamente.

Godfrey desmontou, sua armadura retiniu. Akorth e Fulton desmontaram ao

lado dele. Os três atravessaram a curta

distância entre ambos os exércitos, suas

armaduras retiniam e cada um conduzia

seus cavalos pelas rédeas, enquanto os

soldados do Império permaneciam ali,

imóveis, montados em seus cavalos.

O general do Império que estava na

linha de frente desmontou juntamente

com dois outros guerreiros e foi ao

encontro de Godfrey e seus amigos. Eles

se encontraram no meio do caminho, em

um silêncio tenso.

Godfrey, Akorth e Fulton se

voltaram para seus cavalos e

desamarraram dezenas de sacos enormes

dos arreios. Eles caíram aos pés do

comandante do Império, aterrissando com um ruído metálico que qualquer

soldado, em qualquer lugar do mundo

reconheceria.

Era o ruído produzido pelo tilintar

do ouro.

O General do Império estendeu a mão e ergueu um dos sacos, ele o abriu, espiou seu conteúdo, meteu a mão dentro dele e pegou uma moeda de ouro. Ele examinou-a e finalmente, acenou com a cabeça, satisfeito.

“Nossos homens agora são seus.” Disse ele.

Um enorme grito de alegria ouviu-se entre os homens do Império.

Os homens de Godfrey, ao perceber o que havia acontecido, deram um enorme grito de alegria.

O General de Godfrey surgiu ao lado deles, olhando para o enorme monte de ouro reluzente, com a boca aberta em estado de choque.

Godfrey sorriu para ele.

“Quando você me conhecer melhor…” Godfrey disse com um sorriso, colocando a mão em seu ombro. “... Você vai descobrir que há muitas maneiras de ganhar uma batalha.”

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Romulus percorreria o corredor de
mármore do edifício do Conselho,
traçando o seu caminho em direção às
grandes portas da câmara do Grande
Conselho. Seus passos ecoavam
enquanto ele caminhava sozinho,
passando por uma fileira de soldados do
Império, os quais permaneciam
silenciosamente em posição de sentido.
O Grande Conselho o havia convocado
e ele sabia que dessa vez seria deposto,
perderia todos os seus títulos e patentes,
seria interrogado sobre suas atividades
e julgado por traição. Romulus tinha
espiões por toda parte e ele já sabia o
que cada um deles iria dizer. Aquele era momento em que o Conselho iria
prendê-lo de uma vez por todas e selar o
poder de Andronicus.
No entanto, Romulus tinha outros
planos. Agora que ele tinha o manto de
veludo nas mãos, ele logo partiria do
Império, atravessaria o grande mar,
entraria no Anel, destruiria o escudo e
deporia Andronicus de uma vez por
todas. Porém antes de embarcar em sua

jornada final para tornar-se o maior
governante do Império, ele tinha de
resolver um último assunto. O Conselho.
Ele era uma eterna pedra em seu sapato.
Romulus teria vindo procurá-lo por
iniciativa própria, para resolver os
assuntos pendentes, mas seus membros o
haviam convocado primeiro. Romulus tinha seus próprios assuntos para
discutir e ele não achava que o Conselho
fosse ficar muito satisfeito.
Romulus ingressou pelas portas
abertas, vários soldados as abriram com
deferência e curvaram a cabeça
enquanto abriam-lhe o caminho.
Romulus marchou direto para a câmara.
Havia ali, duas dezenas de
conselheiros, os quais representavam
todas as províncias do Império. Todos
aqueles rostos insatisfeitos o fitavam
com desgosto e desprezo.
A porta fechou-se com um estrondo
detrás de Romulus.
“Você pode permanecer onde está,
porque não ficará aqui por muito
tempo.” Disse um deles assim que Romulus entrou na sala.

Romulus se deteve e olhou para o homem. Ele fez um esforço para se conter.

“Chegou até nós a notícia de que você impediu o envio de reforços para o grande Andronicus. Nós não estamos interessados em sua explicação. Em nome do Grande Conselho do Império e por este meio você será julgado e condenado por traição. Você será preso e executado amanhã. Você vai ser pendurado na árvore mais alta, para servir de exemplo para todos os futuros traidores.”

Romulus respirou fundo já esperando por isso.

Então ele sorriu largamente e deu um passo à frente com atitude desafiante.

“Estou feliz em saber que vocês têm planos para mim.” Disse Romulus...

“Porque eu também tenho planos para vocês.”

“Nós não temos nenhum interesse em seus planos.” Disse outro conselheiro.

“Você tem sorte de que o próprio Grande Andronicus não esteja aqui para

torturá-lo lentamente. Nós teremos misericórdia e vamos executá-lo rapidamente."

"Guardas, arrestem-no!" Exclamou outro conselheiro.

Ele ficou parado esperando e nada aconteceu. Todos os conselheiros idosos se olhavam perplexos.

Então o sorriso de Romulus se alargou.

"GUARDAS!" Exclamavam os membros do Conselho.

Romulus sorriu de orelha a orelha e deu mais um passo à frente.

"Já não há mais um Grande Andronicus. Agora, é a vez do Grande Romulus."

Quando Romulus assentiu com sua cabeça, surgiram repentinamente das sombras, de todos os cantos da sala, duas dezenas dos seus melhores assassinos. Eles correram para a frente em silêncio, erguendo suas espadas curtas.

Os conselheiros mal tiveram tempo

para reagir, eles enfrentaram a morte
cara a cara. Os homens de Romulus desceram como uma praga súbita,
apunhalando e matando a golpes cada
um dos membros do Conselho. Os gritos
encheram a sala, eram os gritos
patéticos daqueles velhos patéticos que
caíam sobre a mesma mesa onde haviam
tentado julgar Romulus.
Romulus ficou ali, desfrutando a
vista com as mãos estiradas, absorvendo
a situação como se respirasse ar fresco.
Quando seus homens terminaram,
todos eles bateram continência e ficaram
aguardando suas ordens.
Era uma bela vista. Não havia mais
ninguém para se opor a ele no Império
agora. Ele respirou fundo, sentindo seu
poder aumentar. Por fim, não havia mais obstáculos.
Restava apenas um homem em seu
caminho e ele logo encontraria a fúria
do Grande Romulus. Logo ele iria entrar
no Anel e em breve, tudo seria seu.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Reece galopava ao lado de Conven,

O’Connor, Elden, Indra, Serna e Krog,
os sete percorriam as trilhas estreitas,
subindo e descendo as colinas enquanto
avançavam pela densa floresta, tratando
de passar despercebidos pelo exército
principal de Andronicus. Reece sabia
que eles tinham de evitar a maior parte
dos homens de Andronicus se quisessem
ter alguma chance de chegar com
segurança, antes que fosse tarde demais.
Eles cavalgavam sem parar, os galhos
da floresta arranhavam seus braços
enquanto o grupo prosseguia evitando as
planícies e prados que poderiam deixá-
lo exposto. Eles estavam cortando caminho pelo território McCloud e
depois de ter tomado um atalho, haviam
estado cavalgando duramente por horas.
Por fim, eles deixaram a floresta
para trás e agora se encontravam em um
campo aberto e rochoso, com a bela
vista do Canyon no horizonte. O coração
de Reece se inflou de emoção. Eles
haviam conseguido.
Reece podia sentir o ar marinho, o
mar estava a poucas milhas depois do

Canyon. Enquanto cavalgava, Elden
avançou para o seu lado e apontou:
“Lá!” Elden gritou. “A Travessia!”
Reece olhou e viu que ele estava
certo: ali no horizonte, entre a névoa
serpenteante do Canyon, estava a
Travessia Leste, a enorme ponte que atravessava o Canyon, brilhando ao sol.
Ela dava aos viajantes o acesso ao lado
Oriental. A travessia que uma vez havia
estado ocupada pelos homens de
McCloud, agora se encontrava vazia.
Era óbvio que seria assim: todos os
homens de McCloud estavam ao serviço
de Andronicus agora e com o escudo de
volta, Andronicus não tinha necessidade
de ocupar a travessia com seus homens
Ninguém mais poderia entrar, então não
havia mais ninguém de quem eles
precisassem defendê-la.
Reece procurou desesperadamente
por algum sinal da caravana do Império
que tinha tomado a espada.
“Ali!” O’Connor gritou enquanto apontava.
Reece apertou os olhos contra o sol
e viu a comitiva de cerca de duas

dezenas de guerreiros do Império, marchando sob o peso de uma pedra enorme, levando-a lentamente em direção à ponte. Eles estavam prestes a colocar o pé sobre ela.

Reece esporou seu cavalo e gritou, redobrando seus esforços.

“MARCHEM!” Gritou ele. Eles haviam chegado a tempo, mas ainda assim havia sido por um triz. Se eles atravessassem para o outro lado, o escudo ficaria inativo por tempo indefinido. De qualquer forma, a situação não era nada promissora.

Eles avançavam sem parar, o vento frio golpeava o rosto de Reece. Ele galopou até ficar quase sem ar, seus irmãos da Legião avançavam junto com ele, eles também sentiam a urgência da missão, da mesma maneira que ele.

Felizmente, o grupo do Império movia-se lentamente sob o peso da pedra. Quando o grupo começou a atravessar a ponte, Reece e seus homens reduziram a distância entre ele rapidamente.

Reece e os outros chegaram à ponte e cavalgaram sobre ela, sem reduzir sua velocidade, eles alcançaram os homens do Império quando eles estavam já estavam quase no meio dela.

Os homens do Império ouviram o barulho da comoção, todos eles se viraram e olharam para Reece e para os outros com uma expressão de surpresa em seus rostos. Eles baixaram a pedra e prepararam-se para lutar.

Reece percebeu que ele seu grupo estavam em franca desvantagem numérica: eram apenas sete deles contra mais de vinte guerreiros veteranos do Império. Mas a espada estava em sua mira e não havia como voltar atrás agora.

“ATACAR!” Reece gritou.

O’Connor, ao lado dele, disparou duas flechas, derrubando dois soldados, Elden arremessou sua lança, Indra lançou seu punhal e Conven seu pequeno machado de arremesso. Cada um deles atingiu o seu alvo, derrubando cinco deles e melhorando suas chances.

Reece avançou na frente dos outros,
ele desembainhou sua espada e galopou
para o grosso do grupo. Ele cavalgou
entre dois soldados do Império e saltou
de seu cavalo em pleno ar, derrubando
os dois com seus braços.
Todos eles caíram juntos no solo,
Reece pousou no chão, enrolado como
uma bola, logo depois ele virou-se,
apoiou-se em um joelho e cortou cada
um deles, antes que tivessem a menor
chance de ficar de pé.
Seus irmãos da Legião lutavam ao
redor dele, corpo a corpo a luta ficou
mais feroz. Os soldados do Império
estavam surpresos e pareciam temerosos de perder a espada, sua intenção era
cruzar o Canyon com ela e eles haviam
sido distraídos por aquela luta, então
eles lutavam de maneira protetora em
torno da rocha. O seu cansaço era
bastante evidente, já que eles haviam
estado carregando a rocha até aquele
momento, isso dava a Reece e seus
homens uma vantagem.
Reece lutava com tanta dedicação

por sua vida; pela vida de Thor; pela
vida da espada e pela vida do Anel. Ele
nunca tinha lutado com tal entrega,
desferindo e bloqueando golpes
enquanto abatia vários soldados.
Conven ao lado dele, fazia o mesmo,
lutando com uma raiva imprudente.
Elden usava sua força enorme para dominá-los empunhando um machado de
batalha e usando suas pernas fortes para
chutar vários soldados no peito e nas
costas. O'Connor disparava uma flecha
após outra e a maioria delas encontrava
o seu alvo. Indra também era uma força
a ser reconhecida, ela se metia no meio
dos homens e os feria com o seu punhal.
Serna e Krog eram uma adição
impressionante ao grupo, Serna
empunhava um mangual e com ele
arrancava as espadas das mãos dos
soldados do Império antes que eles
atacassem. Krog, a sua vez, usava seu
escudo como arma e bloqueava os
golpes que eram destinados aos outros,
ele também golpeava os soldados no
rosto e na garganta, derrubando-os no chão. Ele continuava golpeando com a

sua enorme manopla cravejada de puas,
abatendo os soldados de uma vez por
todas.
Logo os dois grupos estavam em
igualdade de condições. Agora eram
eles sete contra sete homens do Império,
todos eles estavam cobertos de sangue e
respiravam com dificuldade.
Um soldado do Império gritou um
comando para outro, em uma linguagem
que Reece não entendia. Ele estava
olhando para a espada e gesticulando
para ela. Foi então que Reece percebeu:
ele estava ordenando seus soldados que
destruíssem a espada.
Os olhos de Reece se arregalaram, ele viu quando três dos maiores
soldados do Império levantaram a pedra
do chão com todas as suas forças,
enquanto os outros quatro circulavam em
torno deles, formando uma parede para
defendê-los.
Reece e os outros lutaram corpo a
corpo com os quatro soldados, tentando
abrir caminho para chegar aos três
soldados que iam carregando a espada

em direção a borda da ponte. Eles
avançavam golpe a golpe, mas não era
fácil, aqueles quatro soldados eram
melhores do que os outros e muito mais
determinados. Reece e seu grupo
estavam perdendo um tempo precioso.
Conven avançou e investiu contra o líder dos soldados derrubando-o e
imobilizando-o no chão. Foi uma jogada
que ninguém esperava e isso virou a
maré a seu favor. Enquanto os outros
soldados do Império, distraídos,
viraram-se para neutralizar Conven,
Reece e os outros atacaram sem medo.
Os sete lutavam como se fossem um só,
dominando os quatro soldados do
Império e matando-os de imediato.
Reece ajoelhado sobre um soldado
que tinha acabado de matar, olhou para
cima e viu que a rocha estava a poucos
centímetros da borda. Os três soldados
do Império a estavam levantando cada
vez mais e preparando-se para lançá-la,
para atirá-la pelo precipício. Eles já
tinham situado a rocha na borda do parapeito de pedra, ela oscilava
enquanto estava prestes a ser empurrada.

Em poucos instantes a Espada estaria perdida para sempre. Reece não poderia deixar que isso acontecesse.

“NÃO!” Reece gritou.

Reece avançou seguido pelos demais, ele levantou a espada e atacou os quatro soldados. Eles se viraram e levantaram suas espadas, mas já tarde demais. Reece habilmente matou dois deles sozinho; antes que os outros soldados pudessem levantar uma defesa, Elden, com seu machado e Conven, empunhando uma lança curta, se adiantaram e os eliminaram

Os homens do Império estavam todos mortos, mas não havia tempo para que Reece e os outros descansassem. A pedra estava oscilando e inclinando-se sobre a borda, a espada balançava para um lado e para o outro.

Reece e os outros correram para a frente, todos eles agarram a pedra. Ela era muito pesada e já estava inclinada precariamente sobre a borda.

Eles agarravam a rocha com todas as

suas forças, os nós dos seus dedos
ficaram totalmente brancos, porém a
rocha começou a deslizar sobre a borda;
Reece agarrou o punho da espada,
enquanto os outros agarravam a rocha.
Ele puxou com todas as forças, com
tanta força que ele sentiu os músculos
das costas e do estômago desgarrar-se.
Todos os outros puxavam com bastante
força, enquanto enchiam o céu com o
som de seus gritos. Até mesmo Elden,
com toda a sua força, segurava com as
duas mãos e gemia.
Mas suas mãos estavam
escorregadias com o sangue dos homens
e todos eles estavam além da exaustão.
Eles puxavam com toda a força que lhes
restava, mas sem importar com quanta
força eles puxavam o rochedo, ele
simplesmente continuava a descer mais
e mais.
Finalmente, depois de um último
esforço desesperado, Reece assistiu
horrorizado, quando o punho da espada
deslizou de sua mão e a pedra soltou-se de todas as mãos.

“NÃO!” Gritou Reece.

Ele olhou para baixo e viu, com os olhos arregalados, como se estivesse em um pesadelo, quando a pedra, com a espada ainda alojada nela, despencou ao longo da borda da ponte Canyon. Ela girava e girava, caindo dentro da névoa, indo direto para o fundo da garganta. Reece sentiu toda a sua vida desmoronando e toda a esperança se perder enquanto ele observava tudo o que ele mais prezava no mundo, deslizando diante de seus olhos. A espada estava despencando para o nada, agora ela estava perdida para sempre. O Anel, ele soube, estava acabado.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Thor abriu os olhos de repente, ele sentiu que estava sendo arrastado pelos pulsos, seus braços estavam levantados sobre sua cabeça e ele percebeu que estava sendo puxado para cima. Thor perdia e recobrava a consciência enquanto o seu corpo raspava contra a

parede do poço, contra o barro, as raízes e as pedras.

Thor abriu seu olho bom, o outro olho ainda estava fechado devido ao inchaço, ele encontrava-se, deitado de bruços com o rosto contra o chão frio do inverno. Ele entrecerrou o olho protegendo-se da forte luz do dia e estremeceu quando uma rajada de vento frio atingiu suas costas e peito nu. Ele olhou para cima e viu um soldado do Império de pé, por cima dele, olhando-o com desprezo.

“O Grande Andronicus deseja vê-lo agora.” Disse o homem, friamente.

Thor sentiu vários pares de mãos fortes agarrando por trás e levantando-o. Thor estava com as pernas bambas, seus pulsos ainda estavam algemados com os grilhões Akdon, ele ainda se sentia muito fraco e se perguntava por quanto tempo ele havia estado desmaiado.

Thor sentiu que o empurravam com força por trás e ele cambaleou para a frente enquanto era levado por vários homens, através do acampamento do

Império. Milhares de soldados o observavam divertidos enquanto ele prosseguia a duras penas. Ele sentia cada solavanco e contusão em seu corpo, parecia que ele pesava uma tonelada a cada passo que dava. Thor sentia-se mais morto do que vivo.

Thor olhou ao redor e viu que ele estava sendo levado até uma pequena estrutura antiga em forma de octógono, decorada com colunas de mármore, caneladas. Eram as ruínas de um templo antigo. Suas enormes portas de ferro estavam fechadas e aparafusadas, Thor podia sentir uma intensa energia maligna vindo de dentro daquele lugar. Logo um atendente abriu a porta e Thor foi deixado sozinho no acampamento, os soldados do Império mantinham uma distância segura dele.

Thor foi empurrado para dentro e a porta bateu atrás dele, ecoando no silêncio. Estava mais frio ali do que no exterior e alguma coisa no ar fez com que seus cabelos ficassem arrepiados.

Thor estava sozinho no edifício em forma de octógono; era escuro ali, o

lugar estava iluminado apenas por uma abertura circular no teto, através da qual entrava um raio de sol tingido de púrpura, típico do fim do dia.

Thor sentiu a presença de alguém ali com ele. Ele olhou para cima e viu com horror que de pé, no centro do círculo vazio, estava seu pai: Andronicus.

Andronicus estava de pé ali, sozinho, tão alto quanto uma montanha, sorrindo para Thor justo a sua frente.

Apenas eles dois se encontravam ali, encarando um ao outro nas ruínas vazias daquele antigo templo. Thor mal podia acreditar que ele descendia daquele homem. Era como um pesadelo que não queria deixá-lo.

“Você experimentou a força do Grande Andronicus...” Ele começou a falar com sua voz antiga e retumbante, a qual ecoou pelas paredes. “... Você começou a pagar o preço por me desafiar.”

Thor sentiu que seu ombro latejava e ardia no lugar onde ele tinha sido

marcado por Andronicus. Thor odiava
aquele homem com um ódio maior do que ele jamais imaginou ser possível.
Ele pensou em Gwendolyn e no que
Andronicus tinha feito com ela e ele
ansiava por vingança por ela também.
Ele estava tão furioso que mal podia
respirar.
“Eu posso sentir o seu ódio por
mim.” Disse Andronicus. “Isso é bom.
Seu ódio lhe será muito útil nesta vida.”
Thor se sentia exausto por seu
próprio ódio, ele sentia que já quase não
podia suportar mais. Ele sentia como se
estivesse sendo quebrado por aquele
homem.
“Thorgrin.” Disse uma voz.
Thor olhou para cima, surpreso com
a voz, então ele viu que agora quem
estava ali de pé na sua frente era Argon.
Era uma voz que ele amava, a voz de um
homem de quem ele sentia muita falta.
Argon olhava para ele, seus olhos
brilhavam com um amor paternal. Era
um amor que Thor nunca tinha
experimentado em sua vida.

“Una-se a Andronicus.” Argon disse.

“Ele é seu pai. Aceite quem você é.

Aceite seu destino.”

Thor abanou a cabeça, confuso. Ele

deu um passo à frente.

“Argon?” Perguntou ele. “Não pode

ser você.”

Thor piscou os olhos e a figura

diante dele se transformou em outra

pessoa. Era sua mãe.

“Thorgrin.” Disse ela com ternura.

“Seu tempo no Anel acabou. É hora de

você ir para um lugar maior. Escolha a

vida. Ninguém vai criticá-lo por isso.

Junte-se a ele. Eu quero que você junte a

ele.”

Thor tropeçou na direção dela.

“Mãe!” Gritou ele.

Thor piscou mais uma vez e

encontrou Andronicus de pé, diante dele

novamente. Thor sacudiu a cabeça,

tentando livrar-se das visões. Thor sabia

que Andronicus estava usando algum

tipo de magia negra para brincar com a

sua mente. Mas ele não conseguia

entender como.

“Esses grilhões.” Disse Andronicus.

“Existe uma maneira fácil de tirá-los e

recuperar toda a sua força, para que você possa se tornar o guerreiro que

uma vez foi.”

“Como?” Thor perguntou com voz

fraca.

“Junte-se a mim. Isso é tudo o que

você precisa fazer. Junte-se a mim e nós

dois governaremos o Império juntos.

Junte-se a mim e você será mais forte do

que nunca. Forte o suficiente, até mesmo

para me matar, se você desejar. Isso é o

que você quer, não é? Matar-me? Sim,

você quer... Eu posso sentir isso. Junte-

se a mim e você será forte o suficiente

para poder fazer isso.”

Thor respirou fundo, sua mente

estava confusa, tentando encontrar o

sentido de tudo aquilo. Forte o suficiente para matar Andronicus?

“Tudo que você tem a fazer é

decidir, dentro de seu coração, que você

é meu filho. Que você está pronto para

abraçar quem você é. Uma vez que você

fizer isso, essas algemas em seus pulsos

cairão por si mesmas. É a única maneira de livrar-se delas. Você vai renascer como um de *nós*. Como meu filho. E você vai alcançar um nível de força que jamais poderia compreender. Você vai se tornar o maior guerreiro de todos os tempos. Tudo que você tem a fazer é aceitar-me. Aceitar-me como o seu pai."

Thor balançava a cabeça uma e outra vez, tentando fazer com que as vozes se calassem. Elas pareciam girar em seu cérebro e se alojavam profundamente em sua mente como uma entidade estranha que ele não podia afastar. Thor sentia que alguma força estava invadindo seus pensamentos e tornando-o incapaz de pensar ou decidir por si mesmo.

Era tudo verdade? Andronicus era realmente seu pai? Será que Thor estava realmente errado ao desafiar seu próprio pai? Ele estava começando a sentir que se ele dissesse que não, de alguma forma, ele estaria traindo seu pai.

Traindo a si mesmo. Ele não conseguia entender seus próprios pensamentos. Era

como se eles estivessem voltando-se
contra ele, como se tudo que Andronicus
tinha dito estivesse começando a fazer sentido.
“Thorgrin.” Disse Andronicus,
aproximando-se dele e colocando-se a
menos de meio metro de distância.
Andronicus estendeu a mão e colocou
uma mão no ombro de Thor.
“Você sabe que eu falo a verdade...”
Continuou ele. “Você nunca teve um pai
neste mundo. E, além de mim, você
nunca terá outro. Eu sou o único que
reclama você. Agora você deve
vindicar-me. Eu sou uma parte de você.
Uma parte que nunca vai deixar você. Se
você quiser fazer tudo isso, ir embora e
silenciar essa voz em sua cabeça, você
deve vindicar-me. Vindique-me como eu
vindico você.”
“NÃO!” Thor gritou, caindo de
joelhos, tentando levar as mãos à cabeça
para apagar tudo aquilo.
As palavras de Andronicus davam
voltas dentro da cabeça de Thor,
impossibilitando-o de pensar com

clareza.

“Junte-se a mim e juntos, nós vamos aniquilar o Anel. O Anel que nunca lhe abraçou. Junte-se a mim e torne-se invencível.”

“NÃO!” Thor gritou com força, sua voz estridente ecoou nas paredes, apagando todos os seus pensamentos.

Ele inclinou-se para trás e rugiu em agonia.

Thor ouviu um barulho, ele sentiu alguma coisa se desprender, ele ergueu os punhos e olhou para eles em estado de choque: os grilhões Akdon haviam se soltado.

Eles caíram inofensivamente de seus pulsos e foram parar no chão, causando um estrondo.

Thor olhou para Andronicus e encontrou seus próprios olhos olhando para ele.

“Pai.” Disse Thor enquanto sentia uma nova força começar a brotar dentro dele.

Andronicus sorriu largamente com satisfação.

“Meu filho.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Kendrick sentia um otimismo renovado enquanto cavalgava ao lado de Bronson e Erec. Desde a chegada de Bronson, eles tinham dizimado a divisão do Império. Todos tinham atravessado o vale juntos, seus milhares de homens se uniram perfeitamente uns aos outros. O tamanho das suas forças havia dobrado graças à Bronson e finalmente, as circunstâncias eram agora favoráveis para ele.

Kendrick sabia que eles tinham uma grande dívida para com Bronson. A partir de então, Bronson teria nele um amigo para toda a vida. Se acaso todos eles sobrevivessem a tudo aquilo, Kendrick se asseguraria de que Bronson fosse nomeado para um cargo de honra e poder. Ele ficou surpreso ao perceber como todos haviam se equivocado a respeito de Bronson. Ele deveria ter sabido o tempo todo que havia sido sua irmã, Luanda, quem o havia enganado.

Ela sempre tinha sido assim: conivente, sedenta de poder e não disposta a parar até satisfazer a sua vontade. De certa forma, ela era bastante similar a Gareth.

Com seu ímpeto renovado, Kendrick sentia que tinha uma nova oportunidade para irromper entre as linhas inimigas, resgatar Thorgrin e tirá-lo dali. Eles haviam enfraquecido o exército do Império, ou pelo menos uma pequena parte dele, uma parte grande o suficiente para permitir-lhes alcançar o seu objetivo. Seu plano estava funcionando.

Agora, antes que o Império pudesse reagrupar seu exército, tudo o que ele precisava era forçar a brecha que ele havia criado entre os seus homens.

Kendrick lembrou-se dos velhos tempos, quando o Rei MacGil estava vivo e ele e o Exército Prata tinham estado todos juntos; não havia nada no mundo que pudesse detê-los. Ele tinha a leve sensação de que os dias de outrora estavam retornando mais uma vez, ele sentia que todos estavam a ponto de alcançar uma das maiores conquistas de

suas vidas, uma que seria cantada e
aclamada por gerações.

O vale se estreitou, levando-os por um caminho entre dois penhascos íngremes e ao fazer uma curva, uma nova perspectiva se abriu diante deles, então o coração de Kendrick foi parar em seu estômago.

Bloqueando seu caminho no vale estreito, encarando-os em posição de combate e esperando para emboscá-los, havia dezenas de milhares de homens.

Era o maior número de soldados do Império que ele já tinha visto. Eles eram liderados por outros milhares de homens: homens que ele reconheceu de imediato, por suas armaduras e seus estandartes.

Eram os homens de Tirus.

A princípio, Kendrick estava confuso. Por que os homens do Império se juntariam aos de Tirus formando uma força unificada e o encarariam ali?

Então ele percebeu: eles tinham se vendido a Tirus.

Todos os seus homens se detiveram

subitamente, Kendrick ficou ali em seu cavalo, estupefato, mal conseguindo respirar. Tirus permanecia ali, sorrindo de volta com um olhar de enorme satisfação. O campo de batalha foi envolto em um silêncio tenso e ansioso.

Finalmente, Kendrick limpou a garganta e gritou para Tirus do outro lado do campo de batalha:

“Você traiu a melhor metade da MacGils.”

“Quem foi que disse que vocês são a melhor metade?” Tirus respondeu.

“Por que você nos traiu?” Perguntou Erec.

“Você MacGils sempre foram tolos...” Tirus retrucou. “... Você avalia os homens pela sua palavra. Você ainda acredita em cavalheirismo. E esse é o seu grande erro. Eu acredito no ouro, ele ainda não me falhou nem uma só vez.”

“Nós fomos benevolentes com você.” Erec exclamou. “Gwendolyn ofereceu-lhe o controle da metade Norte do Anel.”

Tirus sorriu largamente.

“Mas Luanda nos ofereceu *todo* o Reino Ocidental do Anel. Sua irmã mais velha, ao que parece, é a mais inteligente das duas.”

“Então sua palavra não vale nada?” Kendrick perguntou.

“Ela vale.” Respondeu Tirus. “Mas não vale tanto quanto o ouro.”

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Mycoples se debatia furiosamente, presa na rede de Akdon; ela estava impossibilitada de bater suas asas, de liberar suas garras, de arquear seu pescoço para trás e cuspir fogo. Ela se debatia furiosa, vez após vez, tentando fazer o possível para soprar ou pelo menos agarrar seus manipuladores. Dezenas de soldados do Império agarravam a corda e arrastavam a rede em direção à longa prancha que levava até o navio.

Mycoples era arrastada contra a areia branca da praia do Império, sentindo-se impotente, pela primeira vez

em sua vida. O navio do Império aparecia ameaçadoramente diante seus olhos e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Mycoples fechou os olhos e viu Thorgrin, seu amo. A única pessoa no mundo a quem ela estimava. Ela tentou chamá-lo e compartilhar seus pensamentos com ele, como ela sempre fazia.

Mas quando ela fechou os olhos, ela viu Thorgrin em um prédio escuro, ao lado de seu pai. Ela o viu transformando-se. Ele estava tornando-se algo mais. Ele não era mais o mesmo homem que ela havia conhecido.

O coração de Mycoples ficou despedaçado. Thorgrin, aquele por quem ela estava disposta a morrer, estava desvanecendo e distanciando-se dela.

Mycoples arqueou seu pescoço para trás e gritou para os céus uma e outra vez. Seus gritos eram tão agudos que quebraram o mastro do navio. Mas por mais que ela gritasse, nada poderia impedi-la de ser arrastada a bordo, amarrada a aquele navio e levada para

longe, muito longe dali.

Thor, ela pensou. *Salve-me*.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Gwendolyn estremeceu com o frio, ela baixou a cabeça tentando proteger-se da neve enquanto caminhava com Steffen, Aberthol e Alistair. Krohn choramingava ao seu lado, o grupo penetrava cada vez mais na floresta. Uma tempestade de neve os havia surpreendido, chicoteando grandes flocos em seu rosto, Gwen enrolou-se em suas peles, apertando-as bem ao redor de seus ombros, todos eles tremiam violentamente contra o vendaval gélido. A Neve gelada aderia-se a tudo e andar se tornava um verdadeiro esforço. Quanto mais eles avançavam, mais Gwendolyn se perguntava se Aberthol não havia estado com a razão durante todo o tempo e se aquela não seria uma viagem que eles nunca poderiam cumprir.

À medida que a neve aumentava e

ficava mais espessa, as pernas de Gwendolyn ficavam mais pesadas. O vento era tão forte que ela mal podia ouvir a respiração ofegante de Krohn ao seu lado. Finalmente, eles viraram uma curva e Gwen viu uma luz mais adiante, através da floresta espessa. Com esperança renovada, eles marcharam mais rápido e todos eles chegaram até o fim da floresta.

Eles se aproximaram saíram para o espaço aberto e foram recebidos com um vendaval ainda mais forte. O mundo se abriu diante deles, um mundo branco, desolado e sem fim.

Diante deles estava a grande divisão do Canyon e atravessando-a estava a Travessia do Norte. Era um lugar do qual Gwendolyn tinha ouvido falar, mas nunca tinha visitado. Ele estava atravessado por uma passarela estreita, larga o suficiente para suportar uma pessoa por vez e tinha a forma de um grande arco, a passarela elevava-se sobre a garganta como um arco-íris. Do outro lado do Canyon, havia uma parede

totalmente branca. A neve fustigava em
um frenesi, misturado com as ondas de
névoa que se levantavam. De fato, a
passarela que se arqueava em direção
ao outro lado, estava totalmente coberta de gelo, ele formava estacas que
pendiam para baixo, de cada um dos
seus lados.
Todos pararam e olharam
maravilhados. Krohn gemia.
“O Mundo Inferior.” Disse Aberthol.
“Um mundo de gelo, neve e desolação.
Um mundo de ilusões e armadilhas.”
Gwendolyn engoliu em seco.
“Nenhum dos que nele entrou, jamais
regressou.” Aberthol acrescentou.
Gwendolyn olhou e testemunhou a
desolação do lugar e ela soube que seria
uma missão longa e difícil. Talvez até
mesmo impossível. Ela não sabia se
seria capaz de encontrar Argon, e se
fosse, ela não sabia dizer como poderia
libertá-lo. Acima de tudo, Gwen sabia que era pouco provável que ela mesma
sobrevivesse àquela jornada.
No entanto, apesar de tudo isso,
Gwendolyn não tinha nenhuma dúvida

em sua mente. Ela só pensava em Thorgrin. Ela tinha de salvá-lo. Tinha de fazer o que fosse preciso para isso. Mesmo que suas chances fossem remotas, mesmo que fossem impossíveis.

“Bem…” Ela disse, virando-se para Aberthol. “Sempre haverá alguém que será o primeiro.”

Aberthol virou-se para ela.

“Tem certeza de que deseja fazer isso, minha senhora?” Ele perguntou baixinho.

Todos eles olhavam fixamente para ela, aguardando sua resposta.

Ela colocou as mãos em seus quadris e olhou para eles com confiança.

“Eu nunca tive tanta certeza de algo em minha vida.” Gwendolyn replicou.

Com isso, ela deu seu primeiro passo, atravessando o terreno vazio, metendo-se entre os ventos uivantes e caminhando em direção à passarela coberta de gelo, totalmente preparada para entrar no abismo do Mundo Inferior.

CAPÍTULO QUARENTA

Thorgrin estava livre de seus grilhões e novamente vestido. Ele se sentia mais forte do que nunca enquanto caminhava junto com Andronicus sobre uma pequena colina, os dois dirigiam-se para o ponto mais alto do acampamento.

Ao alcançar o topo, os dois olharam e diante deles estava o exército do Império, meio milhão de soldados olhando de volta para eles.

Os soldados do Império olhavam para eles em suspense, expectantes.

Andronicus ficou ao lado de Thorgrin, pai e filho juntos. Thor agora estava totalmente vestido com as roupas do Império, ele vestia o mesmo uniforme dourado e negro que o seu pai estava usando, seu peitoral estava adornado com o emblema característico: um leão com uma águia em sua boca. Os olhos de Thor eram frios e duros e enquanto ele olhava ao redor, ele parecia com o pai mais do que nunca. Ele estava irreconhecível, já não era o garoto que uma vez havia sido.

Thor ficou no topo da colina segurando sua espada nova, a mesma que tinha pertencido a seu pai; uma espada maligna, longa e preta com um punho de prata. A espada brilhava sob o sol escarlate, como uma serpente pronta para atacar.

“HOMENS DO IMPÉRIO!” Andronicus exclamou. “Apresento-lhes o seu novo comandante. Meu filho. Thornicus!”

Thorgrin deu um passo à frente e olhou para baixo. Então, ele levantou a espada nova, bem alto, acima de sua cabeça.

Houve um enorme grito de aprovação e Thor se sentiu absorvido por ele. Ele estava pronto para liderar aqueles homens, pronto para esmagar o Anel. Ele estava pronto para aceitar quem ele realmente era. Ele estava pronto para fazer o que seu pai lhe ordenasse. Ele estava pronto para a destruição final do Anel.

“Thornicus!” repetiu o exército, era

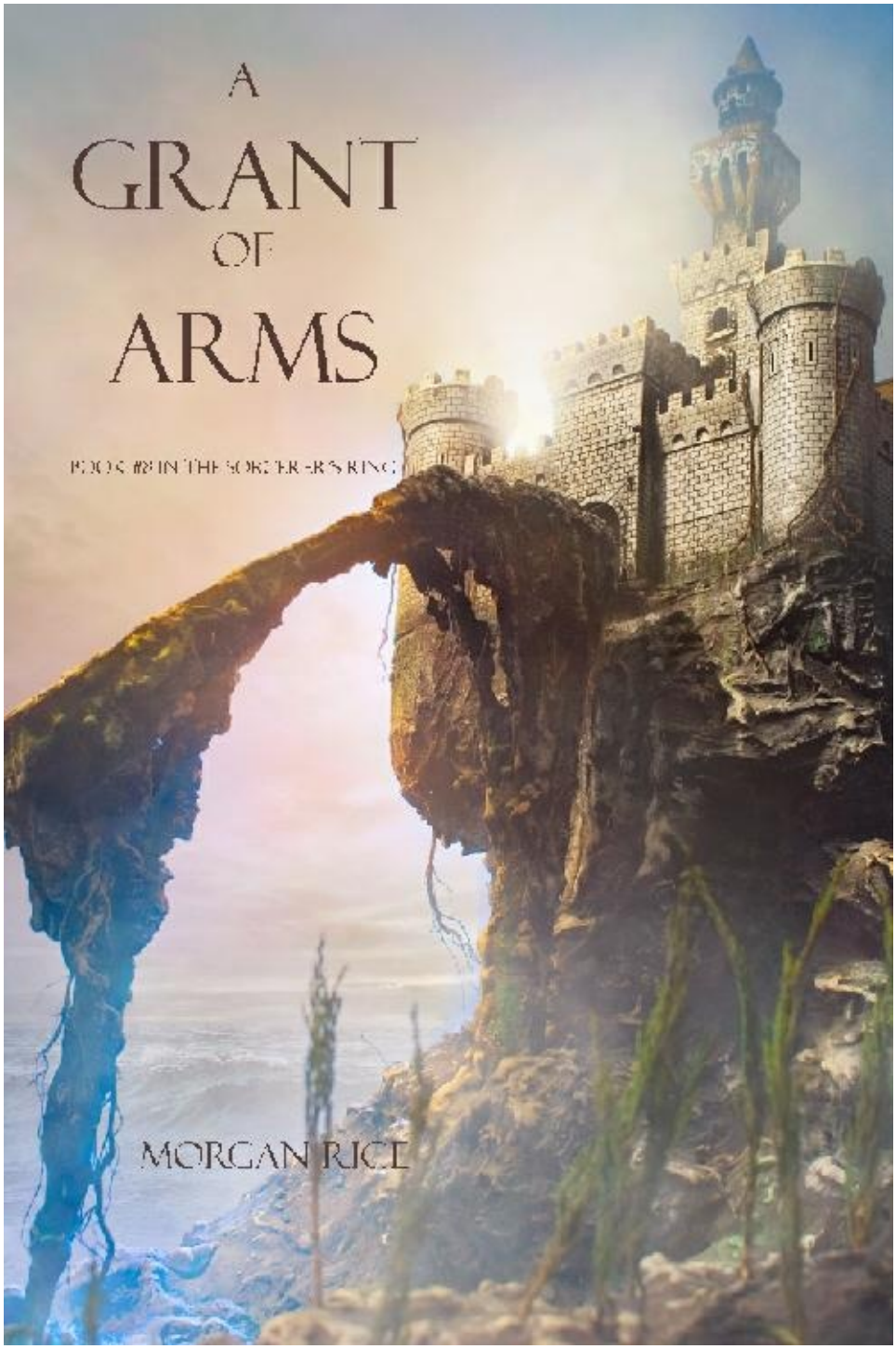
um coro de meio milhão de vozes,

elevando-se até os céus.

Thor girou lentamente, levantando a espada cada vez mais alto.

“THORNICUS!”

“THORNICUS!!”



JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!

UM ESCUDO DE ARMAS

Livro #8 da série: O Anel do Feiticeiro

Em UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8 da série: O Anel do Feiticeiro), Thor se encontra preso entre as forças titânicas do bem e do mal, enquanto Andronicus e Rafi usam toda a sua magia negra para tentar destruir a identidade de Thor e assumir o controle de sua própria alma. Sob o efeito de seus feitiços, Thor terá de travar a maior batalha de sua vida, enquanto ele luta para desfazer-se de seu pai e libertar-se de suas correntes. Mas talvez já seja tarde demais.

Gwendolyn, junto com Alistair, Steffen e Aberthol, se aventura profundamente no Mundo Inferior em sua busca para encontrar Argon e libertá-lo de sua armadilha mágica. Ela o vê como a única esperança para salvar Thor e o Anel, mas o Mundo Inferior é vasto e traiçoeiro e até mesmo encontrar Argon pode ser uma causa perdida.

Reece conduz os membros da Legião enquanto eles embarcam em uma missão

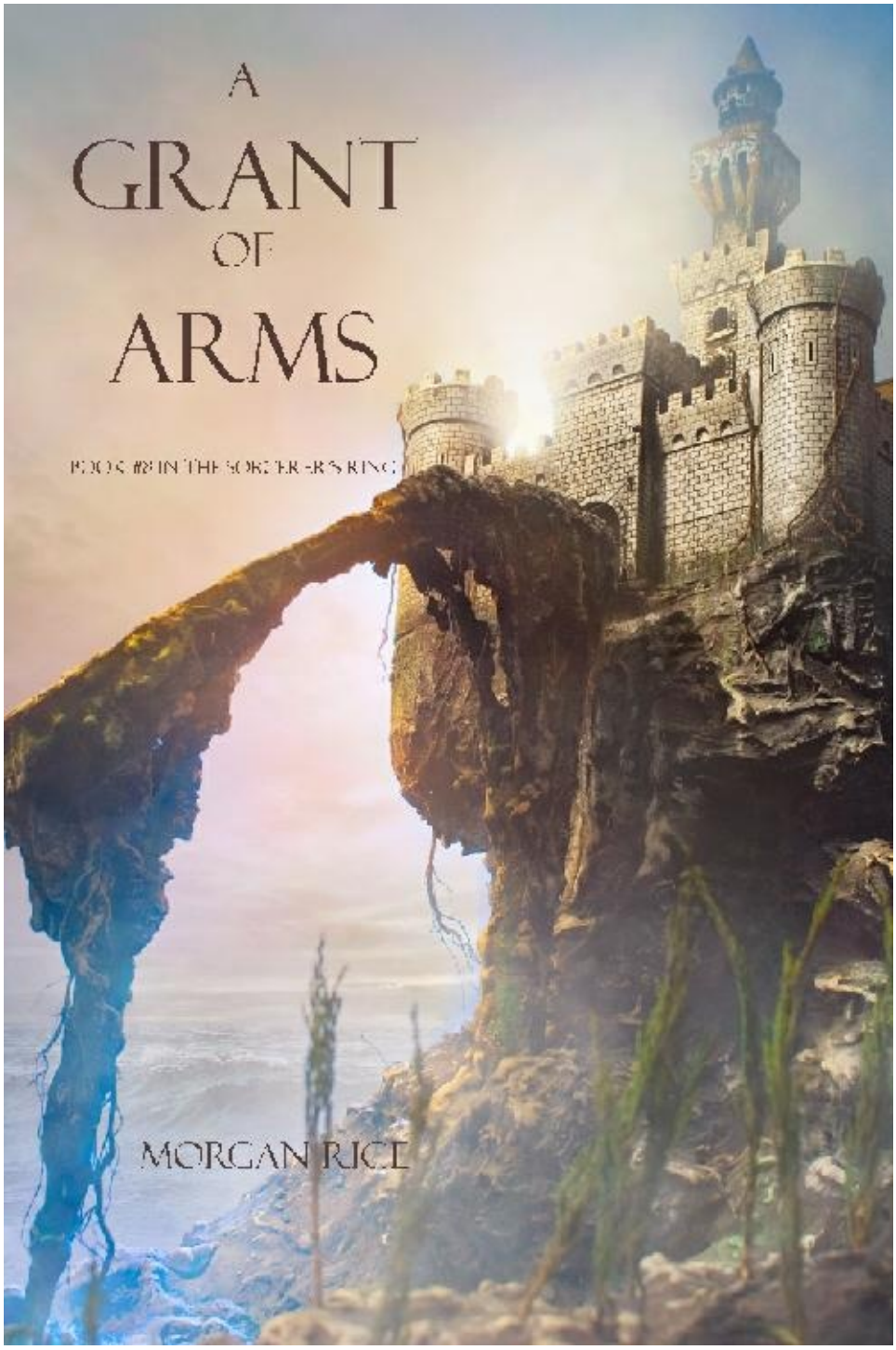
quase impossível: fazer o que nunca foi feito antes: descer às profundezas do Canyon, encontrar e recuperar a espada perdida. Ao descer ali, eles entram em outro mundo, repleto de monstros e raças exóticas e todos estão empenhados em conservar a espada para cumprir com seus próprios propósitos.

Romulus, armado com o seu manto mágico, prossegue com seu plano sinistro para ingressar no Anel e destruir o escudo; Kendrick, Erec, Bronson e Godfrey lutam para libertar-se da traição; Tirus e Luanda aprendem o que significa serem traidores e servir a Andronicus; Mycoples luta para se libertar; e em uma reviravolta final chocante, o segredo de Alistair finalmente é revelado.

Thor voltará a ser quem ele era antes? Gwendolyn encontrará Argon? Reece encontrará a Espada? Romulus terá êxito com seu plano? Kendrick, Erec, Bronson e Godfrey terão êxito diante das enormes adversidades que terão de enfrentar? Mycoples retornará? Será que

o Anel sofrerá uma completa e definitiva destruição?

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de



época, UM ESCUDO DE ARMAS é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e

dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioridade, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros.

UM ESCUDO DE ARMAS

Livro #8 da série: O Anel do Feiticeiro





Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO

em formato audiobook!!

Agora disponível em:

Amazon

Audible

iTunes

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS

(Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

DESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)

JURADA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1

DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada

a jovens adultos composta por onze livros

(mais em progresso); da série #1 e best-seller -

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); da série #1 e best-seller - O ANEL DO FEITICEIRO, composta por quatorze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: Alemão, Francês, Italiano, Espanhol, Português, Japonês, Chinês, Sueco, Holandês, Turco, Húngaro, Checo e Eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

TRANSFORMADA (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com, faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter e permaneça em contato!

Document Outline

- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS
- CAPÍTULO TRÊS
- CAPÍTULO QUATRO
- CAPÍTULO CINCO
- CAPÍTULO SEIS
- CAPÍTULO SETE
- CAPÍTULO OITO
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO QUATORZE
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE
- CAPÍTULO VINTE E UM
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- CAPÍTULO TRINTA
- CAPÍTULO TRINTA E UM
- CAPÍTULO TRINTA DOIS
- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
- CAPÍTULO TRINTA E CINCO
- CAPÍTULO TRINTA E SEIS
- CAPÍTULO TRINTA E SETE
- CAPÍTULO TRINTA E OITO
- CAPÍTULO TRINTA E NOVE
- CAPÍTULO QUARENTA